Universalismo

A Doutrina Predominante

da Igreja Cristã Durante seus Primeiros **Quinhentos Anos**

Com autoridades e extratos

Por

John Wesley Hanson D.D.

I Coríntios 15:28

Boston e Chicago
Editora Universalista

1899

CONTEÚDO.

Para
Rev. J.S. Cantwell, DD
Como um símbolo de amizade de muitos anos e como um reconhecimento merecido, embora inadequado, do serviço valioso e vitalício prestado à grande verdade à qual este livro é dedicado, ele é carinhosamente homenageado pelo autor.

PREFÁCIO.

O propósito deste livro é apresentar algumas das evidências da prevalência, nos primeiros séculos da igreja cristã, da doutrina da santidade final de toda a humanidade. O autor esforçou-se por

apresentar a linguagem dos primeiros cristãos, em vez de parafrasear as suas palavras ou expor os sentimentos deles na linguagem do autor. Ele também citou copiosamente as declarações de estudiosos, historiadores e críticos modernos, de todos os lados de opinião, em vez de condensá-las com sua própria pena.

O grande número de extratos necessários para este curso dá às suas páginas uma aparência um tanto mosaica, mas ele preferiu sacrificar a mera forma literária ao que parece ser de maior utilidade.

Ele pretendeu apresentar provas irrefutáveis de que a doutrina da Salvação Universal era o sentimento predominante da igreja cristã primitiva. Ele acredita que sua investigação foi um tanto completa, pois se esforçou para consultar não apenas todos os pais, mas também os mais ilustres escritores modernos que consideraram o assunto.

A primeira forma de seu manuscrito continha mil notas copiosas, com citações do grego e do latim originais, mas tal

conjunto foi considerado por amigos criteriosos muito formidável para atrair o leitor médio, bem como muito volumoso, e ele, portanto, reteve apenas um fração das notas que ele havia preparado.

As opiniões dos cristãos dos primeiros séculos deveriam predispor-nos a acreditar na sua veracidade, na medida em que estavam mais próximas da Fonte divina da nossa religião. A doutrina da Salvação Universal não era ensinada em parte alguma (em outras religiões próximas) até que a inculcaram. Onde poderiam tê-la obtido senão da fonte de onde afirmam tê-lo derivado – o Novo Testamento?

O autor acredita que as páginas seguintes mostram que a Restituição Universal foi a fé dos primeiros cristãos pelo menos durante os primeiros quinhentos anos da Era Cristã.

John Wesley Hanson.
Chicago, outubro de 1899

INTRODUÇÃO.

Os escritos sobreviventes dos Pais Cristãos, dos primeiros quatro ou cinco séculos da Era Cristã, estão repletos de evidências da prevalência da doutrina da salvação universal durante aqueles anos. Este fato importante na história da escatologia cristã foi destacado pela primeira vez em um volume muito valioso e muito completo para a época: "Ancient History of Universalism" de Hosea Ballou (Boston, 1828, 1842, 1872) (traduzido para o português, pode ser encontrado na internet em PDF com o título "História Antiga do Universalismo") . O trabalho do Dr. Ballou tem sido chamado de "luz em um lugar escuro", mas as citações que ele faz são apenas uma fração do que pesquisas subsequentes descobriram. Referindo-se à terceira edição do Dr. Ballou com "Notas" do Rev. (1872), Thomas B. Thayer, D.D., observa no *Universalist Quarterly*, abril de 1872: "No que diz respeito aos acréscimos ao trabalho feitos pelos editores, devemos dizer que eles não são tão numerosos nem

tão extensos quanto esperávamos que fossem. ... Pareceria que os estudos de nossos próprios estudiosos durante mais de quarenta anos desde a primeira edição, e os muitos trabalhos novos e elaborados sobre a história da igreja e suas doutrinas, escritos por eminentes teólogos e críticos, deveriam ter fornecido mais testemunhos para a verdade, e extratos maiores da literatura primitiva da igreja, do que os encontrados nas 'Notas'. Com exceção de três ou quatro deles, nenhum acréscimo importante é feito ao conteúdo do trabalho. Se as Notas devem ser consideradas como finais, ou como as últimas informações do campo, isso mostra quão minuciosamente o Dr. Ballou fez seu trabalho, apesar da pobreza de seus recursos e das muitas e grandes desvantagens que acompanham seus primeiros esforços. Mas não podemos deixar de pensar que ainda resta algo a ser dito a respeito de alguns dos pais apostólicos e Crisóstomo, Agostinho e outros; bem como a respeito das seitas gnósticas , cujo relato de opiniões, deve ser lembrado, vem até nós principalmente

de seus inimigos, ou pelo menos daqueles que não são amigáveis com eles. A necessidade aqui indicada que este volume pretende suprir.

(N.T. = Nota do Tradutor) Livros de Hosea Ballou, Edward Beecher, Thomas Allin, Thomas Thayer, etc. sobre Universalismo podem ser encontrados na internet em português e em PDF gratuito em sites como archive.org, academia.edu, etc.

O trabalho do Dr. Ballou foi seguido em 1878 pela "História da Doutrina da Retribuição Futura" do Dr. Edward Beecher, um volume muito verdadeiro e sincero, que acrescenta muito material valioso ao contido no trabalho do Dr. Ballou. Mais ou menos na mesma época, Frederic Farrar publicou “Eternal Hope” (1878) e “Mercy and Judgment” (1881), contendo testemunho adicional mostrando que muitos dos escritores cristãos nos séculos imediatamente seguintes a nosso Senhor e seus apóstolos, eram universalistas. Além disso, uma contribuição à literatura sobre o assunto

foi feita pelo Rev. Thomas Allin, clérigo da Igreja Episcopal Anglicana, em uma obra intitulada "Universalismo Afirmado". O Sr. Allin foi levado ao estudo da literatura patrística ao encontrar uma cópia do trabalho do Dr. Ballou no Museu Britânico. Incitado por seu conteúdo, ele examinou microscopicamente os pais e encontrou muitas declarações valiosas que provam incontestavelmente que o maior e o melhor dos sucessores dos apóstolos inculcaram a doutrina da salvação universal. Os defeitos do trabalho muito acadêmico do Sr. Allen, do ponto de vista deste escritor, são que ele escreve como episcopal, meramente do ponto de vista do credo niceno, para mostrar pelo exemplo dos escritores patrísticos que alguém pode permanecer episcopal e acalente a esperança da salvação universal; e que ele considera a doutrina apenas como uma esperança, e não um ensino distinto da religião cristã. Enquanto isso, o fato da prevalência inicial da doutrina foi revelado incidentalmente em obras como o “Dicionário de Biografia Cristã”, “Vidas

dos Pais” de Farrar e outros livros, as declarações e fatos salientes em todos os que serão encontrados nestas páginas, que mostram que o maior, o melhor e o mais capaz dos primeiros pais encontraram a libertação de toda a humanidade do pecado e da tristeza especificamente revelada nas Escrituras Cristãs. O autor não apenas citou as palavras dos próprios pais, mas esforçou-se cuidadosamente, em vez de usar suas próprias palavras, em reproduzir a linguagem de historiadores, biógrafos, críticos, estudiosos e outros escritores de todas as escolas de pensamento, e demonstrar por estes testemunhos irrefutáveis de que o Universalismo era o Cristianismo primitivo.

As citações, índices e demais referências indicadas em notas de rodapé mostrarão ao leitor que um grande número de volumes foi consultado, e o autor acredita que nenhuma obra importante na copiosa literatura sobre o tema foi omitida.

O plano deste trabalho não contempla a

apresentação da evidência bíblica – que para os universalistas é demonstrativa – de que nosso Senhor e seus apóstolos ensinaram a prevalência final e universal da santidade e da felicidade. Esse trabalho é minuciosamente realizado em uma biblioteca de volumes da literatura da Igreja Universalista. Nem é propósito do autor deste livro escrever uma história da doutrina; mas seu único objetivo é mostrar que aqueles que obtiveram sua religião quase diretamente dos lábios de seu autor, entenderam que ela ensinava a doutrina da salvação universal.

Não são apenas copiosas citações dos próprios antigos universalistas, mas resumos e compêndios de suas opiniões, e depoimentos quanto à sua erudição e santidade, são apresentados pelos mais eminentes autores que escreveram sobre eles. Nenhum número igual dos primeiros santos da igreja recebeu elogios tão brilhantes de tantos estudiosos e críticos como os antigos universalistas extorquiram de autores como Sócrates, Neander, Mosheim, Huet, Dorner,

Dietelmaier, Beecher, Schaff, Plumptre, Bigg, Farrar, Bunsen, Cave, Westcott, Robertson, Butler, Allen, De Pressense, Gieseler, Lardner, Hagenbach, Blunt e outros, não universalistas professos. Os elogios encontrados nestas páginas por si só justificariam a publicação deste volume.

Capítulo 1. Os primeiros credos.

1.1 Ensinamento dos Doze Apóstolos.

Um exame dos primeiros credos cristãos e das declarações de opinião cristã revela o fato de que nenhum formulário (credo) da crença cristã durante vários séculos depois de Cristo continha algo incompatível com a ampla fé do Evangelho – a redenção universal da humanidade do pecado. O mais antigo de todos os documentos relativos a este assunto é o “Ensinamento dos Doze Apóstolos”. [1] Esta obra foi descoberta em manuscrito na biblioteca do Santo Sepulcro, em Constantinopla, por

Philotheos Bryennios, e publicada em 1875. Estava encadernada junto com a "Sinopse das Obras do Antigo Testamento" de Crisóstomo, a "Epístola de Barnabé". ," 70-120 d.C. - duas epístolas de Clemente e obras menos importantes. O “Ensinamento” foi citado por Clemente de Alexandria, por Eusébio e por Atanásio, de modo que deve ter sido reconhecido já em 200 d.C. Foi, sem dúvida, composto entre 120 e 160 d.C. A tradução foi publicada em Nova York em 1884, com notas de Roswell D. Hitchcock e Francis Brown, professores no Union Theological Seminary, Nova York, dos quais citamos. É totalmente omisso quanto à duração da pena. Ele descreve os dois caminhos da vida e da morte, em seus dezesseis capítulos, e indica as recompensas e as penalidades do bom caminho e do mau caminho, como qualquer universalista faria – como Orígenes e Basílio fizeram. Agradecemos a Deus por dar comida e bebida espirituais e "vida eônica". O último capítulo exorta os cristãos a vigiarem contra os terrores e julgamentos que virão "quando a terra for entregue às

suas mãos (do enganador do mundo). Então todos os homens criados entrarão no fogo da provação, e muitos serão levados a tropeçar e perecerão. Mas aqueles que perseverarem em sua fé serão salvos desta maldição. E então aparecerão os sinais da verdade; primeiro, o sinal de uma abertura no céu; depois, o sinal do som da trombeta; e, em terceiro lugar, a ressurreição dentre os mortos, mas não de todos, mas como foi dito: 'O Senhor virá e todos os seus santos com ele. Então o mundo verá o Senhor vindo sobre as nuvens do céu.'" Esta ressurreição deve ser considerada como moral, pois não é "de todos os mortos", mas apenas dos santos. Não há um sussurro neste antigo documento de punição sem fim, e seu testemunho, portanto, é que esse dogma não era considerado no século II como parte do "ensinamento dos apóstolos". Ao descrever a infinitude do ser, usa a palavra *atanásias (ἀθανασία imortalidade)*, mas descreve a glória de Cristo, como fazem as Escrituras, como durante séculos (*cis tous aionas*). No Capítulo XI ocorre esta linguagem: "Todo

pecado será perdoado, mas este pecado não será perdoado” (o pecado de um apóstolo pedindo dinheiro por seus serviços); mas essa forma de expressão está claramente de acordo com o método bíblico de adicionar força a uma afirmativa por meio de uma negativa, e vice-versa, como na palavra (Mateus 18:22): "Não digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete." Em suma, o “Ensinamento” mostra do começo ao fim que a doutrina mais antiga da Igreja, depois dos apóstolos, estava em perfeita harmonia com a salvação universal. Cipriano, 250 d.C., em uma carta a seu filho Magnus, nos conta que, além da fórmula batismal, foi perguntado aos conversos: “Você crê na remissão de pecados e na vida eterna por meio da santa igreja?”

1.2 O Credo dos Apóstolos.

O "Credo dos Apóstolos", assim chamado, a mais antiga declaração autorizada de fé cristã existente na forma

de um credo, provavelmente já existia em várias formas modificadas por cerca de um século antes do início do século IV, quando tomou sua forma atual, possívelmente entre 250 e 350 d.C.. É encontrado pela primeira vez em Rufino, que escreveu no final do século IV e início do século V. Nenhuma alusão é feita a isso antes dessas datas por Justino Mártir, Clemente, Orígenes, o historiador Eusébio ou qualquer um de seus contemporâneos, todos os quais fazem declarações de crença cristã, nem há qualquer indício na literatura anterior de que tal documento existisse. Declarações individuais de fé foram feitas, no entanto, bem diferentemente do pseudo Credo dos Apóstolos, por Ireneu, Tertuliano, Cipriano, Gregório Taumaturgo, etc.

Hagenback [2] nos assegura que foi "provavelmente inspirado em várias confissões de fé usadas pela igreja primitiva no serviço batismal. Mosheim declarou:" Todos os que têm algum conhecimento da antiguidade confessam unanimemente que a opinião (de que os

apóstolos compuseram o Credo dos Apóstolos) é um erro e não tem fundamento. [3]"

As cláusulas “a Santa Igreja Católica”, “a comunhão dos santos”, “o perdão dos pecados”, foram acrescentadas depois de 250 d.C.. “Ele desceu ao inferno” foi posterior à compilação do credo original – tão tarde quanto 359 dC. O documento é apresentado aqui. A porção em letras romanas foi provavelmente adotada no início ou meados do século II [4] e em grego (só o alfabeto era romano); a porção *Itálica* foi adicionada posteriormente pela Igreja Romana e esta sim em latim:

"Creio em Deus Pai Todo-Poderoso (criador do céu e da terra) e em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor, que foi (concebido) pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado (morto) e sepultado, (Ele desceu ao inferno). No terceiro dia ele ressuscitou dos mortos; ele subiu ao céu e está sentado à direita de (Deus) o Pai (Todo-Poderoso). De lá ele

virá para julgar os vivos e os mortos. Eu creio no Espírito Santo, na Santa Igreja (Católica); (na comunhão dos santos), no perdão dos pecados; na ressurreição do corpo; (e na vida eterna) [5]. Amém."

Ver-se-á que nenhuma palavra é proferida aqui sobre a duração da punição. A forma posterior fala de “vida aioniana”, mas não se refere à morte ou punição aioniana. É incrível que esta declaração de fé, feita numa época em que o mundo ignorava o que constituía a crença cristã, e que foi feita com o propósito de informar o mundo, não transmita uma sugestão de uma doutrina tão vital como a de punição sem fim, se naquela época esse dogma fosse um princípio da igreja.

1.3 A declaração de credo mais antiga.

A declaração de credo mais antiga da Igreja de Roma diz que Cristo “virá julgar os vivos e os mortos” e anuncia a crença na ressurreição do corpo. A mais antiga

das constituições gregas declara a crença na “ressurreição da carne, na remissão dos pecados e na vida aioniana”. E a declaração Alexandrina fala da “vida”, mas não há uma palavra de morte eterna ou punição em nenhuma delas. E isto é tudo o que os credos mais antigos contêm sobre o assunto. [6]

Numa forma germinal do Credo Apostólico, Irineu, 180 d.C., diz que o juiz, no julgamento final, lançará os ímpios no fogo aioniano. Supõe-se que ele tenha usado a palavra *aionian,* pois o texto grego que ele escreveu pereceu, e a tradução latina diz “ignem *aeternum*”.

Como Orígenes usa a mesma palavra e diz expressamente que denota duração limitada, o testemunho de Irineu não ajuda a doutrina do castigo sem fim, nem pode ser citado para reforçar a da salvação universal. Dr. Beecher pensa que Irineu ensinou "uma restituição final de todas as coisas à unidade e à ordem pela aniquilação de todos os finalmente impenitentes" [7] - um pseudo-

Universalismo.

1.4 A Crença de Tertuliano.

Mesmo Tertuliano, nascido por volta de 160 d.C., embora a sua crença pessoal fosse terrivelmente parcialista, não podia afirmar que a sua doutrina de origem pagã era geralmente aceite pelos cristãos, e quando formou um credo para aceitação geral, omitiu inteiramente a sua teologia sinistra. Veremos que o credo de Tertuliano, como o de Irineu, é uma das primeiras formas do chamado Credo dos Apóstolos: [8] "Cremos em um só Deus, onipotente, criador do mundo, e em seu filho Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, crucificado sob Pôncio Pilatos, ressuscitado dos mortos ao terceiro dia, recebido nos céus, agora sentado à direita do Pai, e que virá para julgar os vivos e os mortos, através da ressurreição da carne." Tertuliano não colocou sua crença particular em seu credo, e naquela época ele não havia descoberto o pior dos dogmas relativos ao homem, a depravação

total. Na verdade, ele afirma o contrário. Ele diz: “Há uma porção de Deus na alma. Na pior há algo de bom, e na melhor há algo de ruim”. Neander diz que Tertuliano “considerava a bondade original indelével”.

1.5 O Credo Niceno.

O próximo credo mais antigo, a primeira declaração autorizada por consenso de toda a igreja, foi o Niceno, em 325 d.C.; concluído em 381 em Constantinopole. Sua única referência ao mundo futuro está nestas palavras: "Procuro a ressurreição dos mortos e a vida do mundo (æon) que está por vir." Não contém uma sílaba referente ao castigo sem fim, embora a doutrina fosse então professada por uma parte da igreja, e fosse insistida por alguns, embora não fosse geralmente considerada o suficiente para ser declarada como a crença comum.

Tão dominante foi a influência dos pais gregos, que aprenderam o cristianismo na

sua língua nativa, na língua em que foi anunciado, e tão pouco prevaleceram as ideias cruéis de Tertuliano, que nem sequer se tentou fazer com que esse sentimento horrível fosse parte do credo da igreja. Além disso, Gregório Nazianzeno presidiu o concílio de Constantinopla, no qual o credo de Nicéia foi finalmente moldado - o credo de Nicéia-Constantinopolitano - e como ele era um universalista, e como a cláusula: "Eu acredito na vida do mundo por vir”, foi acrescentado por Gregório de Nissa, um “defensor inabalável do universalismo extremo e da própria flor da ortodoxia”, deve ser evidente que o consenso do sentimento cristão ainda não era anti-universalista.

1.6 Sentimento Geral no Século IV.

Este sentimento geral na igreja de 325 d.C. a 381 d.C. exigia que a vida além-túmulo fosse declarada, e como não há nenhum indício da existência de um mundo de tormento, como se pode

escapar à conclusão de que a fé cristã de então não incluia o pensamento de uma desgraça sem fim? Será que um concílio, composto mesmo em parte por crentes em tormento sem fim, permitiria que um universalista presidisse e outro moldasse o seu credo, e nem sequer tentasse dar expressão a essa ideia? Não é o Credo Niceno um testemunho, naquilo que não diz, da fé mais ampla que deve ter sido a religião do século que o adoptou?

É histórico (ver História Eclesiástica de Sócrates) que os quatro grandes Concílios Gerais realizados nos primeiros quatro séculos - aqueles em Nice, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia - não tenham dado expressão a nenhuma condenação da restauração universal, embora, como será mostrado , a doutrina prevaleceu o tempo todo.

(N.T.) "Sócrates de Constantinopla, também conhecido como Sócrates Escolástico (380 dC. – ???) foi um historiador bizantino conhecido por sua obra "A *História Eclesiástica*" que cobre o período entre 305 e

439.”

No Credo Niceno, adotado em 325 d.C., por trezentos e vinte a duzentos e dezoito bispos, a única referência ao mundo futuro é onde se diz que Cristo “virá novamente para julgar os vivos e os mortos”. Esta é a forma original, posteriormente alterada. Em 341 d.C., os bispos reunidos em Antioquia fizeram uma declaração de fé na qual ocorrem estas palavras: “O Senhor Jesus Cristo virá novamente com glória e poder para julgar os vivos e os mortos”. Em 346 d.C., os bispos apresentaram uma declaração ao imperador Constante afirmando que Jesus Cristo “virá na consumação dos tempos, para julgar os vivos e os mortos, e dar a cada um segundo as suas obras”. O sínodo de Rimini, em 359 d.C., afirmou que Cristo “desceu às partes mais baixas da terra, e ali resolveu assuntos, à vista de quem os porteiros tremeram – e no último dia ele virá na glória de seu Pai” para retribuir a cada um segundo as suas obras." Esta declaração abre as portas da misericórdia ao reconhecer a proclamação do

Evangelho aos mortos, e, como se acreditava que quando Cristo pregou no Hades as portas foram abertas e todos os que estavam ali foram libertados, as palavras recitadas em Rimini que ele "resolveu assuntos lá", são muito significativas.

Os credos Niceno e Constantinopolitano, impressos em um, exibirão a natureza das mudanças feitas em Constantinopla e mostrarão que a "vida futura" e não a desgraça post-mortem dos pecadores, era o principal entre os primeiros cristãos. (O Niceno é aqui impresso em tipo romano, e o Constantinopolitano em itálico.)

1.7 O Credo Niceo-Constantinopolitano.

"Cremos em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador (*do céu e da terra, e*) de todas as coisas visíveis e invisíveis, e em um só Senhor Jesus Cristo, (*o Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os mundos,*) único gerado, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, Luz da

Luz, verdadeiro Deus do Verdadeiro Deus, gerado, não feito; sendo de uma substância com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas, [transpostas para o princípio] as coisas no céu e as coisas na terra. O qual por nós homens e para nossa salvação desceu (*do céu*) e se encarnou (*do Espírito Santo e da Virgem Maria*) e se fez homem (*e foi crucificado por nós sob Pôncio Pilatos*) , e sofreu (*e foi sepultado*), e ressuscitou ao terceiro dia (*de acordo com as Escrituras*), que ascendeu ao céu (*e está sentado à direita do Pai*) e volta (*em glória*) para julgar os vivos e os mortos (*cujo reino não terá fim*) E no Espírito Santo, (*o Senhor e doador da vida, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho, juntamente é adorado e glorificado; quem falou pelos profetas; em uma santa Igreja Católica Apostólica; reconhecemos um batismo para a remissão dos pecados; e aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro.*)" [9]

Esta última cláusula não estava no credo Niceno original, mas foi

acrescentada no Constantinopolitano. A tradução literal do grego é “a vida da era que está por vir”. [10]

Os primeiros cristãos, como se verá, disseram em seus credos: “Eu acredito na vida aioniana”; mais tarde, eles modificaram a frase “vida aioniana” para “a vida do *aiôn* vindouro” (da era vindoura), mostrando que as frases são equivalentes. Mas nem uma palavra de punição sem fim. "A vida do século vindouro" foi o primeiro credo cristão e, mais tarde, o próprio Orígenes declara sua crença na punição aioniana e na vida aioniana no além. Como, então, poderia a punição aioniana ter sido considerada interminável?

As diferenças de opinião que existiam entre os primeiros cristãos são facilmente explicadas, quando lembramos que eles eram judeus ou pagãos, que trouxeram de suas associações religiosas anteriores todos os tipos de idéias, e estavam dispostos a mantê-las e reconciliá-las com sua nova religião. A fé em Cristo e a

aceitação de seus ensinamentos não puderam erradicar imediatamente as antigas opiniões, que, em alguns casos, permaneceram por muito tempo e fizeram com que os cristãos honestos divergissem uns dos outros. Como será mostrado, enquanto os Oráculos Sibilinos predispuseram alguns dos pais do Universalismo, Fílon deu a outros uma tendência à doutrina da aniquilação, e Enoque ao castigo sem fim.

1.8 Declarações dos Primeiros Concílios.

Assim, as declarações de credos da igreja cristã durante quase quatrocentos anos são inteiramente desprovidas da doutrina sinistra com a qual posteriormente brilharam durante mais de mil anos. Os primeiros credos não contêm nenhum indício disso, e nenhum sussurro de condenação da doutrina da restauração universal ensinada por Clemente, Orígenes, os Gregórios, Basílio, o Grande, e multidões além disso. Discussões e declarações sobre a Trindade, e disputas

sobre *homoousion* (consubstancial) e *homoiousion* (de substância semelhante) absorveram a energia dos disputantes e encheram bibliotecas de volumes, mas a doutrina dos grandes pais permaneceu incontestada. Nem o Concilium Nicæum, de 325 d.C., nem o Concilium Constantinopolitanum, de 381 d.C., nem o Concilium Chalcedonenese, de 451 d.C., balbuciaram uma sílaba da doutrina da desgraça final do homem. A reticência de todos os antigos formulários de fé em relação ao castigo sem fim, ao mesmo tempo em que os grandes pais proclamavam a salvação universal, como apareceu mais adiante nestas páginas, é uma forte evidência de que a doutrina anterior não era então aceita. É evidente que a igreja cristã primitiva não dogmatizava o destino final do homem. Estava empenhada em estabelecer entre os homens a grande verdade da Paternidade universal de Deus, conforme revelada na encarnação: “Deus em Cristo, reconciliando consigo o mundo”. Alguns ensinaram punições sem fim para uma parte da humanidade; outros, a

aniquilação dos ímpios; outros não tinham opinião definida sobre o destino humano; mas a maior parte, especialmente a partir de Clemente de Alexandria durante trezentos anos, ensinou a salvação universal. É insustentável que a punição sem fim fosse uma doutrina da igreja primitiva, quando se vê que nenhum dos primeiros credos a incorporou" [11]

Referências do capítulo 1:

[1] “διδαχη των δωδεκα αποστολων”, Ensinamentos dos Doze Apóstolos (conhecido como Didaquê).

[2] Livro-texto de Doutrina Cristã: Livro-texto de Gieseler: Neander.

[3] Mosheim Inst. de Murdoch, Eccl. História.

[4] Hipólito de Bunsen e sua idade.

[5] Aioniano, o original de “eterno”.

[6] O Credo dos Apóstolos inicialmente

omitiu a Paternidade de Deus e, em suas formas posteriores, não mencionou o amor de Deus pelos homens, seu reinado, arrependimento ou a nova vida. Athanase Coquerel, o Jovem, Primeira Hist. Transformações do Cristianismo, página 208.

[7] História, Doc. Fut. Ret., páginas 108-205.

[8] Veja a Igreja dos Primeiros Três Séculos de Lamson.

[9] Duas Dissertações de Hort, pp. 106, 138-147.

[10] “και ζωην του μελλοντος αιωνος”

[11] O germe de todas as declarações de fé anteriores foi formulado antes mesmo de 150 d.C. O leitor pode consultar aqui o original grego da declaração de fé mais antiga, conforme fornecido em Outlines of the History of Dogma de Harnack, na edição de Funk & Wagnall de 1893 páginas 44,45:

“ Πιστεύω εις θεὸν πατέρα παντοκράτορα· καὶ εις Χριστὸν Ιησουν, τὸν υιὸν αυτου τὸν μονογενη, τ ὸν κύριον ημων, τὸν γεννηθέντα εκ πνεύματος αγίου καὶ Μαρίας της παρθένου, τὸν επὶ Πονίτ υ Πιλάτου σταυρωθέντα καὶ ταφέντα καὶ τη τρίτη ημέρα αναστάντα εκ των νεκρων, αναβάντα εις τους ουρανούς καὶ καθήμενον εν δεξια του πατρός, οθεν ερχεται κρινειν ζωντας καὶ νεκρούς· καὶ εις πνευμα αγιον, αγίαν εκκλησίαν, αφεσιν αμαρτιων, σαρκὸς ανάστασιν· ”

“Acredito em Deus Pai todo-poderoso;
e em Cristo Jesus, seu único Filho, nosso Senhor, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, que sob Pôncio Pilatos foi crucificado e sepultado, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai, de onde virá julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo, a santa Igreja, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne.”

Capítulo 2. O Cristianismo Primitivo: Uma Religião Alegre.

2.1 Trevas no Advento.

Quando nosso Senhor anunciou sua religião, este mundo estava em uma condição de indescritível corrupção, miséria e escuridão. A escravidão, a pobreza, os vícios que a pena não quer nomear, prevaleciam quase universalmente, e até a religião participou da degradação geral. [1] Decadência, despovoamento, insegurança de propriedade, pessoa e vida, segundo Taine, estavam por toda parte. A filosofia ensinou que seria melhor que o homem nunca tivesse sido criado. No primeiro século, Roma detinha o domínio supremo. [2] As nações foram destruídas aos montes e o mundo civilizado perdeu metade da sua população pela espada. No primeiro século, quarenta dos setenta anos foram anos de fome, acompanhados de peste e pestilência. Houve depressão universal e melancolia mais profunda.

Quando os homens foram assim dominados pela escuridão e pelo horror do erro e do pecado, em sua noite de trevas surgiu a religião de Cristo. Seus anúncios foram todos de esperança e alegria. Sua linguagem era: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mat. 11:28). "Alegrai-vos sempre no Senhor; novamente direi: alegrai-vos." (Flp. 4:4) "Regozijamo-nos com alegria indescritível e cheia de glória." (??? ??:??) Os homens foram convidados a aceitar as novas de grande alegria. João, o arauto de Jesus, era em corpo e espírito recluso e mortificante, mas Jesus disse: “João veio nem comendo nem bebendo, mas o Filho do Homem veio comendo e bebendo” (Mat. 11:18-19). Ele proibiu toda ansiedade e cuidado entre seus seguidores e exortou todos a serem tão confiantes quanto os lírios do campo e as aves do céu (Mat. 6:26,28). Diz Matthew Arnold: “Cristo professou trazer felicidade. Todas as palavras que pertencem à sua missão, Evangelho, reino de Deus, Salvador, graça, paz, água viva, pão da vida, estão repletas de promessa e

alegria”. E a sua religião feliz e alegre conquistou imediatamente o seu espaço através das suas mensagens de paz e tranquilidade, e durante algum tempo os seus convertidos foram em toda a parte caracterizados pela sua alegria e animação. Haweis escreve: “Os três primeiros séculos da igreja cristã são quase idílicos em sua simplicidade, sinceridade e pureza. Há menos mistura do mal, menos intrusão do mundo, da carne e do diabo, mais bondade de coração simples, sinceridade e realidade a ser encontrada no espaço entre Nero e Constantino que em quaisquer outros três séculos, de 100 d.C. a 1800 d.C.." [3] De Pressense chama o início da igreja de sua "infância abençoada, toda calma e simplicidade". [4] Cave, em “Vidas dos Pais”, afirma: “A porção mais nobre da história da igreja *** a idade mais considerável da igreja, os anos de Eusébio a Basílio, o Grande”.

2.2 “Doçura e Luz”.

No início, o cristianismo estava em toda parte, uma religião de “doçura e luz”. Os pais gregos exemplificaram todas essas qualidades, e Clemente e Orígenes foram ideais de seu espírito perfeito. Mas, de Agostinho para baixo, a reação latina, motivada pela tendência dos homens de todas as épocas de escapar das exigências impostas à alma pelo pensamento, e que fogem para a autoridade externa para evitar as exigências da razão, esteve longe do gênio do Cristianismo, até que o agostinianismo amadureceu e se tornou o papado, e o belo sistema dos pais gregos foi sucedido pelo pesadelo da teologia dos séculos medievais e, mais tarde, do calvinismo e do puritanismo. [5] Se a Igreja tivesse seguido o espírito predominante dos Pais pré-Nicenos, teria conservado o melhor pensamento da Grécia, os ideais divinos de Platão, e unido-os à verdadeira interpretação do Cristianismo, e podemos aventurar-nos a declarar que teriam assim continuado a carreira de progresso que tornou os primeiros três séculos tão maravilhosos em seu caráter; um progresso que teria

continuado com velocidade acelerada, e a cristandade teria alargado as suas fronteiras e aprofundado o seu domínio incomensuravelmente. Com a prevalência da língua latina, o Oriente e o Ocidente separaram-se, e este último, cada vez mais descartando a razão e controlado pela inflexibilidade férrea de um governo secular semi-pagão, deu ao catolicismo romano a sua oportunidade.

2.3 Ascetismo Oriental.

A influência das religiões ascéticas dos países asiáticos, especialmente o budismo, contaminou o cristianismo, resultando mais tarde no celibato, nos mosteiros, nos conventos, nos eremitas e em todos os piores elementos do catolicismo na Idade Média. [6] No primeiro contato, o Cristianismo absorveu mais do que modificou, até que nas épocas posteriores a força estranha se tornou suprema. Na verdade, o orientalismo já começava a estragar a bela simplicidade do cristianismo quando João escreveu o seu

Evangelho para o contrariar. Schaff, em sua “História da Igreja Cristã”, comenta:

Todos os germes do ascetismo (cristão) aparecem no século III. *** Os dois primeiros eremitas cristãos só existiram quando Paulo de Tebas, em 250 d.C., e Antônio do Egito, em 270 d.C., apareceram. O ascetismo já existia muito antes de Cristo. Judeus, nazireus, essênios, terapeutas, persas, indianos, budistas, todos originaram este paganismo oriental. *** A religião dos chineses, o budismo, o bramanismo, a religião de Zoroastro e dos egípcios, mais ou menos fermentou o cristianismo em seus primeiros estágios. O mesmo aconteceu com o paganismo grego e romano, com o qual os apóstolos e seus seguidores tiveram contato direto.

As doutrinas da expiação substitucional, da ressurreição do corpo, da depravação nativa e da punição sem fim não são mencionadas nos primeiros credos ou fórmulas. [7] Os primeiros cristãos (Allen: Pensamento Cristão) ensinavam que o

homem é a imagem de Deus e que a Deidade que habita nele o conduzirá à santidade.

Em Alexandria, o centro da cultura grega e do pensamento cristão, "mais completamente grego do que Atenas nos seus dias de renome", a atmosfera teológica era mais próxima da da Igreja Universalista dos dias de hoje do que de qualquer outro ramo da igreja Cristã durante os últimos quinze séculos. [8]

2.4 Maravilhoso Progresso do Cristianismo no Início.

O maravilhoso progresso alcançado durante os primeiros três séculos pela fé simples, pura e alegre do cristianismo primitivo mostra-nos o que o seu crescimento poderia ter sido se o espírito taciturno de Tertuliano, reforçado pela "sombra escura de Agostinho", não o tivesse transformado. Já no início do século II, o pagão Plínio, proprietário da Bitínia, relatou ao imperador que sua

província estava tão cheia de cristãos que a adoração das divindades pagãs quase cessara. E não pertenciam apenas aos pobres e desprezados, mas a todas as condições de vida – omnis ordinis. Milner pensa que a Ásia Menor foi nesta época completamente evangelizada. Já no final do século II, não só houve muitos convertidos das classes mais humildes, mas "a principal força do cristianismo estava no meio, talvez nas classes mercantis". Gibbon diz que os cristãos não representavam um vigésimo do Império Romano, até que Constantino lhes deu a sanção de sua autoridade, mas Robertson os estima como um quinto do total, e em alguns distritos como a maioria. [9] Orígenes: "Contra Celso" diz: "Nos dias atuais (240 d.C.) não apenas homens ricos, mas pessoas de posição, e senhoras delicadas e bem-nascidas, recebem os professores do Cristianismo; e a religião de Cristo é mais conhecida do que os ensinamentos dos melhores filósofos." E Arnóbio testifica que os cristãos incluíam oradores, gramáticos, retóricos, advogados, médicos e filósofos. E foram

precisamente as suas visões brilhantes e alegres da vida e da morte, da paternidade universal de Deus e da fraternidade universal do homem – a divindade dos seus princípios éticos e a pureza dos seus professores, que explicam o maravilhoso progresso do Cristianismo durante os três séculos que se seguiram à morte de nosso Senhor. O pessimismo das religiões orientais; a corrupção e a loucura da mitologia grega e romana; a indescritível maldade da massa da humanidade e a depressão universal da sociedade convidaram o seu avanço e cederam diante dele. Justino Mártir escreveu que em sua época orações e ações de graças eram oferecidas "em nome do Crucificado, entre todas as raças de homens, gregos ou bárbaros". Tertuliano afirma que todas as raças e tribos, até mesmo a mais distante Grã-Bretanha, ouviram as notícias da salvação. Ele declarou: "Somos apenas de ontem, e eis que preenchemos todo o império - suas cidades, suas ilhas, suas fortalezas, seus municípios, seus conselhos, e até mesmo o acampamento, o tribuno, o decoro, o

palácio, o senado , o Fórum." [10] Crisóstomo testifica que "as ilhas da Grã-Bretanha nos limites do oceano foram convertidas".

2.5 Paternidade de Deus.

A palavra talismânica dos pais alexandrinos, como no Novo Testamento, era PAI. Esta palavra, como agora, desvendou todos os mistérios, resolveu todos os problemas e explicou todos os enigmas do tempo e da eternidade. Considerando Deus como Pai, a punição era considerada corretiva e, portanto, restauradora e a recuperação final do pecado universal. Foi somente quando o Pai foi perdido de vista como juiz e tirano, sob o reinado funesto do agostinianismo, que a Divindade foi odiada, e que os católicos foram transferidos para Maria e, mais tarde, os protestantes deram a Jesus aquele amor supremo que só é devido ao Pai Universal. Durante séculos, na cristandade, depois do declínio da forma alexandrina do cristianismo, a

Paternidade de Deus era uma verdade perdida, e a maioria dos piores erros dos credos modernos devem-se a esse único fato, mais do que a todas as outras causas.

Foi durante aqueles anos felizes, mais do que em quaisquer três séculos subsequentes, que, como observou Jerônimo, “o sangue de Cristo ainda estava quente no peito dos cristãos”. Diz o historiador preciso Cave, em seu “Cristianismo Primitivo”: “Aqui ele encontrará uma piedade ativa e zelosa, brilhando através das nuvens mais negras de malícia e crueldade; a inocência aflita triunfante, apesar de todas as tentativas poderosas ou políticas de homens ou demônios ; uma paciência invencível sob as maiores tentações; uma caridade verdadeiramente católica e ilimitada; uma simplicidade e conduta correta em todas as transações; uma sobriedade e temperança notável para a admiração de seus inimigos; e, em suma, ele verá os divinos e santos preceitos da religião cristã colocada em ação, e o mais excelente gênio e espírito do Evangelho

respirando nos corações e nas vidas desses bons e velhos cristãos."

2.6 Cristianismo, uma religião grega.

“O Cristianismo”, diz Milman, “foi quase desde o início uma religião grega. Seus registros primordiais foram todos escritos em língua grega; foi promulgado com a maior rapidez e sucesso entre as nações de ascendência grega ou aquelas que foram helenizadas pela conquista de Alexandre. Em seu governo, as igrejas gregas eram uma federação de repúblicas. No início, a arte, a literatura, a vida eram gregas, alegres, ensolaradas, serenas. O tipo de caráter latino era taciturno, sombrio, caracterizado pela "adesão à forma legal,” diz Milman; “severa subordinação à autoridade. O Império Romano se estendeu pela Europa por um código universal e pela subordinação a um César espiritual tão absoluto quanto era na obediência civil. Assim, a simplicidade original da política cristã foi totalmente subvertida; sua democracia pura tornou-

se uma autocracia espiritual. Os presbíteros transformaram-se em bispos, o bispo de Roma tornou-se papa e a cristandade refletiu Roma." Mas durante os primeiros três séculos esta mudança não ocorreu. “É lá, portanto, entre os Pais Alexandrinos que devemos procurar encontrar o Cristianismo em sua pureza imaculada. A língua, a organização, os escritores e as Escrituras da igreja nos primeiros séculos eram todos gregos. Grego, a língua comercial e literária do Império. Os livros eram em grego, e mesmo na Gália e em Roma, o grego era a língua litúrgica. Otávio de Minúcio Félix e Novaciano sobre a Trindade, foram as primeiras obras conhecidas da literatura cristã latina. .[11]

2.7 Um pensamento impressionante.

Os Pais Gregos derivaram o seu Universalismo direta e exclusivamente das Escrituras Gregas. Não há nada que sugira que a doutrina existisse na literatura, mitologia ou teologia grega ou

latina; todo o pensamento da época sobre questões de escatologia se opunha totalmente a visão universalista do destino humano. E, além disso, a indescritível maldade, degradação e miséria que enchiam o mundo teriam inclinado os primeiros cristãos à visão mais pessimista do futuro, consistente com os ensinamentos da religião que tinham adotado. Saber que, naqueles tempos terríveis, eles derivaram o otimismo divino da libertação universal do pecado e da tristeza dos ensinamentos de Cristo e dos seus apóstolos, deveria predispor todos os modernos a concordar com eles. Sobre este ponto, Thomas Allin, em “Universalismo Afirmado”, diz eloquentemente:

"A Igreja nasceu em um mundo de cuja podridão moral poucos têm ou podem ter alguma ideia. Mesmo os historiadores sóbrios do Império Romano posterior têm suas páginas contaminadas com cenas impossíveis de traduzir. A luxúria mais suja, a devassidão para nós felizmente inconcebível, grassava-se por todos os

lados. Afirmar, ainda que vagamente, a redenção final de toda essa podridão, cujas profundezas não ousamos tentar sondar, exigia a mais firme fé na esperança maior, como parte essencial do Evangelho. Mas isso não é tudo; em um sentido peculiar, a igreja era militante nos primeiros séculos. Ela estava envolvida, às vezes, em uma luta, de vida ou morte, com uma perseguição implacável. Portanto, deve ter parecido naquela época quase um ato de traição à cruz ensinar que, embora morrendo sem arrependimento, o perseguidor amargo, ou o devoto de concupiscências abomináveis, ainda deveria nos séculos vindouros encontrar a salvação. Tais considerações nos ajudam a ver o peso extremo atribuído até mesmo à menor expressão nos pais que envolve simpatia para com a esperança maior, *** especialmente quando consideramos que a ideia de misericórdia era então pouco conhecida, e que a verdade, tal como a concebemos, não era então considerada um dever. Assim como os vícios dos primeiros séculos eram grandes, seus castigos também eram cruéis. Os

primeiros pais escreveram quando as feras da arena dilaceravam igualmente os inocentes e os culpados, membro por membro, em meio aos aplausos até mesmo de mulheres educadas para a delicadeza; eles escreveram quando a cruz, com seu fardo vivo de agonia, era uma visão comum e não suscitava protestos. Eles escreveram quando todo ministro da justiça era um torturador e quase todo tribunal criminal uma pequena inquisição; quando todas as famílias da classe melhor, mesmo entre os cristãos, fervilhavam de escravos sujeitos à tortura, ao açoite, à mutilação, por capricho de um senhor ou pela carranca de uma amante. Se todos estes fatos forem totalmente ponderados, surge irresistivelmente a convicção de que, numa época como esta, nenhuma ideia de Universalismo poderia ter surgido a menos que fosse inspirada de cima. Se, agora, quando os criminosos são protegidos do sofrimento com um cuidado quase mórbido, os homens, os melhores dos homens, pensam com muito pouca preocupação na indescritível desgraça dos perdidos, como, pergunto eu, poderia o

Universalismo ter surgido por si mesmo numa época como a dos pais? Considere mais. A esperança maior (Universalismo) não está na Bíblia, segundo somos informados; sabemos que não está naturalmente no coração do homem; muito menos existia em dias como os que descrevemos, quando a misericórdia era desconhecida, quando o interesse mais querido da igreja proibia sua confissão. Mas é encontrado em muitos, muitos pais antigos, e muitas vezes, na forma mais ampla, abrangendo todos os espíritos caídos. Onde, então, eles o encontraram? De onde eles importaram essa ideia? Podemos duvidar que os pais só poderiam ter tirado isso, como testemunham seus escritos, da própria Bíblia?”

2.8 Testemunho das Catacumbas.

Uma luz lateral esclarecedora é lançada sobre as opiniões dos primeiros cristãos pelas inscrições e emblemas nos monumentos das Catacumbas Romanas. [12] É bem sabido que desde o final do

século I até ao final do século IV, os primeiros cristãos enterraram os seus mortos, provavelmente com o conhecimento e autorização das autoridades responsáveis, em galerias subterrâneas escavadas na rocha macia (tufo). que está subjacente a Roma. Esses cemitérios antigos foram descobertos pela primeira vez em 1578 d.C. Já foram feitas sessenta escavações, estendendo-se por quinhentos e oitenta e sete milhas. Sabe-se que mais de seis, algumas estimativas dizem que oito milhões de corpos foram enterrados entre 72 d.C. e 410 d.C.. Onze mil epitáfios e inscrições foram encontrados; poucos dados estão entre 72 e 100 d.C.; a maioria vai de 150 d.C. a 410 d.C. As galerias têm de um metro e meio de largura e 2,5 metros de altura, e os nichos para os corpos têm níveis de profundidade, cinco níveis um acima do outro, cada inquilino silencioso em uma cela separada. Na entrada de cada cela há uma cerâmica ou placa de mármore, cimentada firmemente e com a inscrição de um nome, epitáfio ou emblema. [13] Haweis diz lindamente em sua “Cruz da

Conquista”: “A vida pública do cristão primitivo era a perseguição acima da terra; sua vida privada era a oração subterrânea”. Os emblemas e inscrições são muito sugestivos. O emblema principal, riscado em lajes, esculpido em utensílios e argolas, e visto em quase toda parte, é o Bom Pastor, rodeado de seus rebanhos e carregando um cordeiro. Mas o mais impressionante de tudo é que ele é encontrado com uma cabra no ombro; o que nos ensina que mesmo os ímpios foram inicialmente considerados objetos da solicitude do Salvador, após partirem desta vida. [13]

Matthew Arnold preservou esta verdade em seu verso imortal: [14]

"Ele salva as ovelhas, as cabras ele não salva!"
Assim dizia a frase de Tertuliano ao lado
daquela impiedosa seita frígia que clamava:
"Ele não pode encontrar nenhuma fonte de perdão novo,
A quem os pecados uma vez foram lavados pela onda batismal!"
Assim falou o terrível Tertuliano. Mas ela suspirou,
A Igreja nascente, — de amor ela sentiu a maré
Transmita para ela do túmulo ainda recente de seu Senhor,
E então ela convidou, e nas Catacumbas,

Com os olhos cheios, mas o coração inspirado de verdade,
Naquelas paredes subterrâneas, onde ela se escondeu
Sua cabeça em ignomínia, morte e tumbas,
Ela desenhou a imagem apressada do seu Bom Pastor
E nos ombros não um cordeiro, mas uma criança!

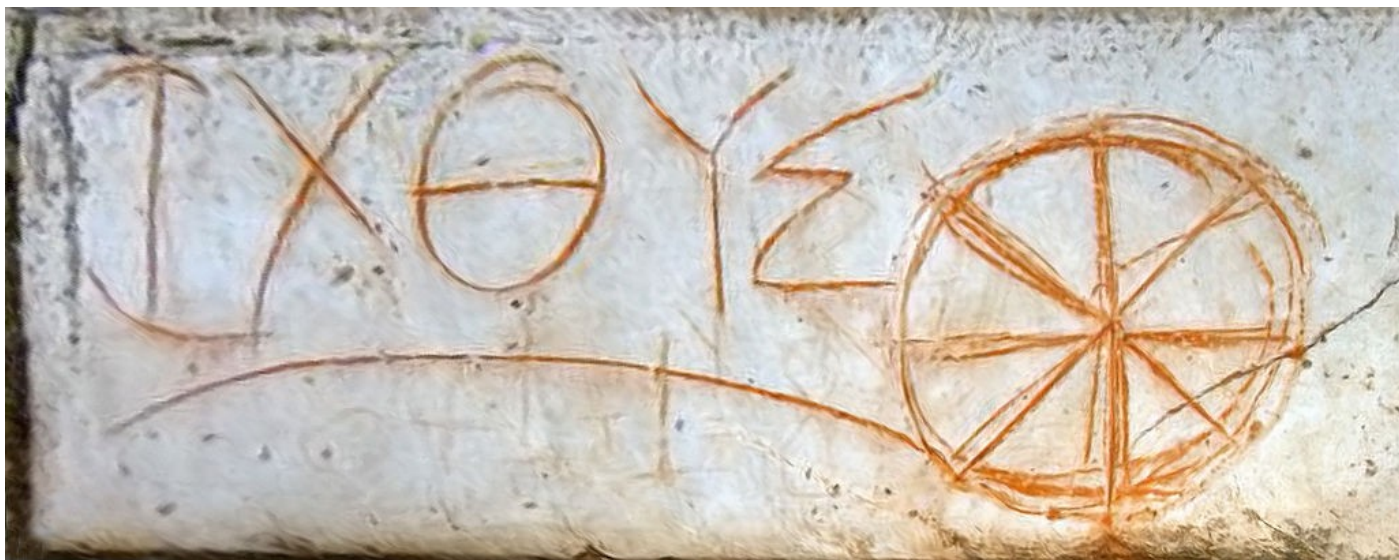
Esta imagem é um “protesto distinto” contra o sentimento não-cristão que já se insinuava na igreja vinda do paganismo.

Em todas as partes das Catacumbas está a esperança, emblema daquela esperança que separou o Cristianismo do Paganismo. Outro símbolo é o peixe, que desempenha um papel importante no simbolismo cristão. É curioso e instrutivo dar conta deste ideograma. É usado como um criptograma de Cristo. A palavra é uma espécie de acróstico do nome e ofício de nosso Senhor.

2.9 Emblemas Funerais Antigos.

A palavra grega peixe, em maiúsculas – ΙΧΘΥΣ (ichthus) – seria uma cifra secreta que representaria o nome de nosso Senhor, quando os homens não ousavam

escrevê-lo ou pronunciá-lo; e a palavra ou imagem de um peixe significava para o cristão o nome de seu Salvador; e ele usava como amuleto um peixe cortado em marfim, ou madrepérola, em seu pescoço vivo, e levou até seu túmulo para ser exumado séculos após sua morte uma efígie de um peixe para simbolizar sua fé. Estes e a videira, a ovelha, a pomba, a arca, a palmeira e outros emblemas nas Catacumbas expressam apenas esperança, fé e alegre confiança. As horríveis invenções de Agostinho, as monstruosidades cruéis de Ângelo e Dante e as abominações da teologia medieval eram todas impensadas na época e não têm nenhum indício nas Catacumbas.

(N.T.): ΙΧΘΥΣ, "Ἰησοῦς Χρῑστός Θεοῦ Υἱός Σωτήρ", 'Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador'.

Na foto acima de uma inscrição em Éfeso, a roda com 8 aros é composta pelas letras ΙΧΘΥΣ.

Ainda mais instrutivas são as inscrições. Como observa De Rossi, as inscrições mais antigas diferem das dos pagãos "mais pelo que não dizem do que pelo que dizem". Enquanto os pagãos denotam a posição social de seus mortos como *clarissima femine*, ou senhora de posição senatorial, a epigrafia cristã é destituída de qualquer menção a distinções. Apenas o nome e alguma expressão de carinho e confiança estão inscritos. Diz Northcote: “Eles partem do pressuposto de que existe um intercâmbio incessante de ofícios bondosos entre este mundo e o próximo, entre os vivos e os mortos”. A humanidade é uma irmandade, e não se encontra uma

palavra que demonstre qualquer pensamento sobre a mutilação da grande fraternidade e a entrega de qualquer parte dela ao desespero final. Estas são as inscrições: "*Pax tecum, Urania";* "Paz contigo, Urânia;" *"Sempre em D. vivas, dulcis anima;*" "Sempre em Deus você pode viver, doce alma;" "Que você viva no Senhor e ore por nós." Eles “emigraram”, foram “traduzidos”, “nascidos para a eternidade”, mas não se encontra uma palavra que expresse dúvida ou medo, horror e tristeza, como nas gerações subsequentes que formaram a base da literatura da morte e do túmulo. , e tornou o cemitério cristão, até o início do século XVII, um lugar horrível. Os primeiros cristãos consideravam a sepultura como a porta de entrada para um mundo melhor e expressavam apenas esperança e confiança nos seus emblemas e inscrições.

A seguir estão exemplares de epitáfios adicionais: "Irene in Pace". "Aqui jaz Márcia descansada num sonho de paz." "Victoria dorme", "Victoria dorme"; “Zoticus hic ad dormiendum”, “Zoticus

colocado aqui para dormir; “Raptus eterne domus”, “arrebatado para casa eternamente”. “Em Cristo; Alexandre não está morto, mas vive além das estrelas, e seu corpo repousa nesta tumba." Compare isso com o tom das inscrições fúnebres pagãs. Em geral, os epitáfios pagãos eram como aquele que Sófocles expressa em Édipo, em Colomus:

"Mais feliz sem comparação
Nunca provar a vida;
Mais feliz em ordem a seguir,
Nascendo, mais rapidamente,
Para lá novamente voltar,
De onde viemos."

"Em um monumento romano que tive a oportunidade de publicar não muito tempo atrás, um pai (de nome Calus Sextus) é representado se despedindo de sua filha, e duas palavras - 'Vale AEternam', adeus para sempre - dão uma expressão expressiva ao sentimento de separação vazia e sem esperança com que gregos e romanos foram sobrecarregados quando a realidade da morte estava diante de seus olhos." (Mariott, p. 186.) A morte era um

acontecimento alegre aos olhos dos primeiros cristãos. Foi chamado de nascimento. Âncoras, harpas, palmeiras, coroas cercavam o túmulo. Eles descartaram lamentações e tristezas extravagantes. As orações pelos mortos eram ações de graças pela bondade de Deus. (Schaff, Hist. Christ. Church, Vol. 1. p. 342.) Sua linguagem é tal que não poderia ter sido usada por eles se tivessem mantido os pontos de vista que prevaleceram do século VI ao século XVIII, entre a maioria dos cristãos. ; e todos os seus restos mortais testemunham a alegria do cristianismo primitivo.

2.10 Fé alegre dos primeiros cristãos.

"Os pais da Igreja vivem em suas volumosas obras; as classes inferiores são representadas apenas por esses registros simples, dos quais, com poucas exceções, a tristeza e as reclamações são banidas; a ostentação do sofrimento ou o apelo às paixões vingativas não estão em lugar nenhum. Um expressa fé, outro

esperança, uma terceira caridade. O gênio do cristianismo primitivo - acreditar, amar e sofrer - nunca foi melhor ilustrado. Esses 'sermões em pedras' são dirigidos ao coração e não à cabeça - aos sentimentos e não ao paladar. *** Em todas as imagens e escrituras da história de nosso Senhor, nenhuma referência é encontrada aos seus sofrimentos ou morte. Nenhum assunto sombrio ocorre no ciclo da arte cristã ." (Maitland.) Crisóstomo diz: "Por esta causa, também, o próprio lugar é chamado de cemitério (de *koimeterion* = dormitório); para que vocês saibam que os mortos ali depositados não estão mortos, mas em repouso e dormindo. Pois antes da vinda de Cristo a morte costumava ser chamada de morte, e não apenas isso, mas Hades, mas depois de sua vinda e morte pela vida do mundo, a morte passou a ser chamada não mais de morte, mas de sono e repouso. A palavra cemitérios, dormitórios, mostra-nos que a morte era considerada um estado de repouso e, portanto, uma condição de esperança. Na verdade, "neste mundo auspicioso, [15]

agora aplicado pela primeira vez ao túmulo, manifesta-se um sentimento de esperança e imortalidade, resultado de uma nova religião. Uma estrela surgiu nas bordas do túmulo, dissipando o horror da escuridão que até então reinava ali; a perspectiva além estava agora esclarecida, e tão deslumbrante era a vista de uma “cidade eterna esculpida no céu”, que muitos deles eram encontrados ansiosos para atravessar o portão do martírio, para a esperança de entrar em seus portais estrelados." [16] Diz Ruskin: "Não é uma cruz como símbolo nas Catacumbas. A cruz latina mais antiga está no túmulo da Imperatriz Galla Placidia, 451 DC. Nenhuma imagem da crucificação até o século 9, nem qualquer crucifixo portátil até muito depois. Para os primeiros cristãos, Cristo estava vivo, a única hora de agonia foi perdida no pensamento de sua glória e triunfo. A queda da teologia e do pensamento cristão data do erro de insistir em sua morte em vez de em sua vida. [17] Farrar acrescenta: "Os símbolos das Catacumbas, como qualquer outra indicação dos

primeiros ensinamentos, mostram o caráter alegre, brilhante e amoroso da fé cristã. Era uma religião de alegria e não de tristeza, de vida e não de morte, de ternura e não de severidade.*** Vemos neles, como nos atos dos apóstolos, que as notas tônicas da música da vida cristã eram 'exultação' e 'simplicidade'. E quão superiores em beleza e significado eram esses símbolos cristãos primitivos à falta de sentido e às colunas pagãs quebradas e aos botões de rosa quebrados e aos crânios e às mulheres chorando e às tochas invertidas de nossos cemitérios. Não encontramos nas Catacumbas nem a cruz do quinto e do sexto séculos, nem os crucifixos do século 12, nem as tochas e martírios do século 17, nem os esqueletos do século 15, nem os ciprestes e as caveiras do século 18. Em vez disso, os símbolos da beleza, da esperança e da paz. [18]

2.11 Testemunho de Dean Stanley.

Desde 70 d.C., data da queda de

Jerusalém, até cerca de 150 d.C., há muito pouca literatura cristã. Somente a partir de Justino Mártir, que foi executado em 166 d.C., é que existe alguma literatura considerável da igreja. Os pais anteriores a Justino são “sombras, fantasmas informes, cujos escritos são incertos e apenas parcialmente genuínos”. Falando da escassez de literatura referente àquela época e das mudanças experimentadas pelo Cristianismo, diz Dean Stanley (1815-1881): “Nenhuma outra mudança igualmente importante afetou suas características, mas nenhuma jamais foi tão silenciosa e secreta. O momento de sua passagem das colinas eternas para a planície abaixo se perde de nossa vista no ponto exato onde estamos mais ansiosos para observá-lo. Podemos ouvir as suas lutas sob as rochas abrangentes; podemos captar seus respingos nos galhos que se sobrepõem ao seu curso, mas não vemos a torrente em si ou a vemos apenas por vislumbres imperfeitos. *** Um fragmento aqui, uma alegoria ali; romances de autoria desconhecida; um punhado de cartas cuja autenticidade de cada porção

é contestada centímetro por centímetro; a explicação sumária de um magistrado romano; as súplicas de dois ou três apologistas cristãos; costumes e opiniões no próprio ato da mudança; por último, mas não menos importante, as pinturas desbotadas, as esculturas quebradas, os rudes epitáfios na escuridão das Catacumbas - estes são os materiais escassos, embora atraentes, a partir dos quais a imagem da igreja primitiva deve ser produzida, à medida que avançava, no sentido literal da palavra, debaixo da terra, sob o acampamento e o palácio, sob o senado e o fórum. " [19]

Passaram-se oitenta anos entre a última epístola de Paulo e o primeiro dos escritos dos pais cristãos. Além dos escritos de Tácito e Plínio, o longo hiatus é preenchido apenas pelos emblemas e inscrições das Catacumbas. Que história eloquente contam sobre a alegria do cristianismo primitivo! [20]

Referências do capítulo 2:

[1] Marcial, Juvenal, Tácito, Plínio, Suetônio e outros escritores pagãos descrevem a depravação e depressão quase universais do chamado mundo civilizado. Em Corinto, o Acrocorinthus era ocupado por um templo à deusa da luxúria.

[2] Conflito entre Cristianismo e Paganismo de Uhlhorn.

[3] Cruz Conquistadora. Prefácios.

[4] Primeiros anos da Igreja Cristã.

[5] Continuidade do Pensamento Cristão de Allen.

[6] O Cristianismo Latino de Milman.

[7] História da Doutrina Cristã de Shedd.

[8] Os primeiros cristãos nunca transferiram a rigidez do sábado judaico para o domingo. Tanto o sábado quanto o domingo foram observados religiosamente até o final do século II - então apenas o

domingo foi guardado. Jejuar e até mesmo ajoelhar-se em oração eram proibidos no domingo entre os primeiros cristãos. Os antigos escritores cristãos sempre queriam dizer sábado com a palavra "shabat".

[9] O Imperador Maximino, em um de seus éditos, diz que "Quase todos abandonaram o culto aos seus ancestrais pela nova fé."

[10] Hesterni summus et vestra omnes implevimus urbes, insulas, castella, municipia, conciliabula, castra ipsa, tribus, decurias, palatium, senatum, forum. Apolo. c. XXXVII. Moshein, porém, pensa que o "orador africano, que tem tendência ao exagero," retórica "um pouco aqui. Os cristãos primitivos exultavam com o maravilhoso progresso e difusão do Evangelho.

[11] O Cristianismo Latino de Milman. "A amplitude dos melhores Pais Gregos, como Orígenes, ou Clemente de Alexandria, é mil vezes superior à estreiteza árida e dura dos Latinos."

Athanase Coquerel, o Jovem, primeiro dele. Trad. do Cristianismo, pág. 215.

[12] Cutts, Momentos decisivos na história da Igreja

[13] Veja DeRossi, Northcote, Withrow, etc., nas Catacumbas.

[14] Um pensamento sugestivo a esse respeito é que nosso Senhor (Mateus 25:33) chama aqueles que estão à sua esquerda de "crianças", "criancinhas", um termo para ternura e consideração.

[15] Igreja de Maitland e as Catacumbas.

[16] Maitland.

[17] Bíblia de Amiens.

[18] Vidas dos Pais.

[19] Instituições Cristãs.

[20] "Horas de pensamento" de Martineau, p.155. "No ciclo dos emblemas

cristãos a morte de Cristo não ocupa lugar; só seis séculos depois da sua morte é que os artistas começaram a aventurar-se na representação de Cristo crucificado. " -- Athanase Coqueral.

Capítulo 3. Origem do Castigo Sem Fim.

Quando nosso Senhor ensinou, muitos daqueles que ouviram suas palavras acreditavam na doutrina do tormento sem fim, e eles a declararam em palavras e empregaram outras, de forma totalmente diferente, na descrição da duração da punição, das palavras usados posteriormente por aqueles que ensinaram a salvação universal e a aniquilação, e assim deram às palavras em questão o sentido de duração ilimitada.

(N.T.): palavras para "sem fim"
1) akatalutos G0179 ακαταλυτου (Adj.-Genit.); 2) amarantinos G0262 αμαραντινον (Adj.-Acusat.); amarantos G0263 αμαραντον (Adj.-Acusat.); 3) aftharsia G0861

αφθαρσιαν (Subs.- Acusat.); 4) athanasia G0110 αθανασιαν (Subs.- Acusat.);

Por exemplo, os fariseus, segundo Josefo, consideravam a pena do pecado como um tormento sem fim e declaravam a doutrina em termos inequívocos. Eles o chamaram de *eirgmos aidios* (prisão eterna) e *timorion adialeipton* (tormento sem fim), enquanto nosso Senhor chamou a punição do pecado de *kolasin aionion* (castigo eterno).

3.1 Significado dos Termos Bíblicos.

A linguagem de Josefo é usada pelos gregos profanos, mas nunca é encontrada no Novo Testamento relacionada com punição. Josefo, escrevendo em grego aos judeus, emprega frequentemente a palavra que nosso Senhor usou para definir a duração do castigo (aionios), mas aplica-a a coisas que terminaram ou que terminarão. [1] Pode-se duvidar que nosso Senhor proibiu a doutrina que os judeus derivaram dos pagãos por nunca usar seus

termos para descrevê-la, e que ele ensinou uma punição limitada ao empregar palavras para defini-la que significavam apenas duração limitada na literatura de seu tempo? Josefo usou a palavra aionos com seu significado de duração limitada. Ele aplica-a à prisão de João, o Tirano; à reputação de Herodes; à glória adquirida pelos soldados; à fama de um exército como uma "vida feliz e glória aioniana". Ele usou as palavras como fazem as Escrituras para denotar duração limitada, mas quando ele descreveu a duração infinita ele usou termos diferentes. Da doutrina dos fariseus ele diz:

"Eles acreditam *** que os espíritos maus serão mantidos em uma prisão eterna (eirgmon aidion). Os fariseus dizem que todas as almas são incorruptíveis, mas enquanto as dos homens bons são removidas para outros corpos, as dos homens maus estão sujeitas ao castigo eterno " (aidios timoria). Em outro lugar ele diz que os essênios “destinam às almas más um lugar escuro e tempestuoso, cheio de tormento incessante (timoria

adialeipton), onde sofrem um tormento imortal” (athanaton timorion). Aidion e athanaton são seus termos favoritos para duração, e timoria (tormento) para punição.

3.2 O uso das palavras por Fílon.

Philo, que era contemporâneo de Cristo, geralmente usava aidion para denotar duração de tempo infinita e aionion para tempo finito. Ele usa a fraseologia exata de Mat. 25:46, precisamente como Cristo o usou: “É melhor não prometer do que não cumprir logo a promessa, pois nenhuma culpa segue no primeiro caso, mas no último há insatisfação da classe mais fraca, e um profundo ódio e punição aeoniana (castigo) da parte dos que são mais poderosos." Aqui temos os termos precisos empregados por nosso Senhor, que mostram que aioniano não significava infinito, mas sim duração limitada no tempo de Cristo. Philo adota athanaton, ateleuteton ou aidion para denotar

duração de tempo infinita e aionian para temporária (finita). Em um lugar ocorre esta frase a respeito dos ímpios: “ζην αποθνησκοντα αει και τροπον τινα θανατον αθανατον ωπομεινων και ατελευτητον” “viver sempre morrendo e sofrer, por assim dizer, uma morte imortal e interminável” . [2] Stephens, em seu valioso “Thesaurus”, cita uma obra judaica: “Eles chamavam aionios, ouvindo que eles haviam realizado os ritos sagrados por três gerações inteiras”. [3] Isto mostra conclusivamente que a expressão "três gerações" era então um equivalente completo de aioniano. Ora, esses eminentes estudiosos eram judeus que escreveram em grego e que certamente conheciam o significado das palavras que empregavam, e dão às palavras aeonianas o sentido de duração indefinida, a ser determinada em qualquer caso pelo escopo do assunto. Se nosso Senhor tivesse pretendido inculcar a doutrina dos fariseus, ele teria usado os termos pelos quais eles a descreveram. Mas sua palavra que define a duração da punição era aionion, enquanto as palavras

deles são aidion, adialeipton e athanaton. Em vez de dizer com Filo e Josefo, *thanaton athanaton,* morte imortal ou imortal; *eirgmon aidion,* prisão eterna; *aidion timorion,* tormento eterno; e *thanaton ateleuteton,* morte interminável, ele usou *aionion kolasin,* um adjetivo de uso universal para duração limitada, e um substantivo que denota sofrimento que produz uma emenda. A palavra pela qual nosso Senhor descreve o castigo é a palavra kolasin, que é assim definida: "Castigo, punição". "A poda dos ramos luxuriantes de uma árvore ou videira para melhorá-la e torná-la frutífera". "O ato de cortar ou podar - contenção, restrição, reprovação, verificação, castigo." "O tipo de punição que tende ao aperfeiçoamento do criminoso é o que o filósofo grego chamou de kolasis ou castigo." "Poda, verificação, punição, castigo, correção." "Queremos saber o que estava na mente daqueles que formaram a palavra para punição no começo? O latim *poena* ou *punio,* punir, a raiz *pu* em sânscrito, que significa limpar, purificar, nos diz que a derivação latina foi originalmente

formada, não para expressar meros golpes ou torturas, mas para purificar, corrigir, libertar da mancha do pecado." [4] Que tinha este significado no uso grego, veja Platão: "Pelos males naturais ou acidentais dos outros, ninguém se irrita, ou os admoesta, ou ensina, ou pune (kolazei), mas temos pena daqueles que sofrem com tal infortúnio *** pois se, ó Sócrates, você considerar qual é o propósito de punir (kolazein) os ímpios, isso por si só lhe mostrará que os homens consideram a virtude algo que pode ser adquirido; pois ninguém pune (kolazei) os ímpios , olhando para o passado simplesmente para ver o mal que cometeu - isto é, ninguém faz isso se não agir como uma fera; desejando apenas vingança, sem pensar. Portanto, aquele que procura punir (kolazein) com a razão não pune por causa de uma ação errada passada, mas por causa do futuro, para que nem o próprio homem que é punido possa cometer erros novamente, nem qualquer outro que o tenha visto castigado. E aquele que entretém este pensamento deve acreditar que a virtude pode ser

ensinada, e ele pune (kolazei) com o propósito de dissuadir a maldade?” [5]

3.3 Uso da Geena.

Assim, os judeus da época de Cristo nunca entenderam que o lugar de punição (geena) denotasse punição sem fim. O leitor de "Misericórdia e Julgamento" e "Esperança Eterna" de Farrar e "*De Vita functorum statu*" de Windet encontrará inúmeras declarações das autoridades talmúdicas e de outras autoridades judaicas, afirmando na linguagem mais explícita que a Geena era entendida pelas pessoas a quem nosso Senhor dirigiu a palavra como um lugar ou condição de duração temporária. Eles empregaram termos como estes: "Os ímpios serão julgados na Geena até que os justos digam a respeito deles: 'Já vimos o suficiente.'" [5] "A Geena nada mais é do que um dia em que os ímpios serão queimados." "Depois do julgamento final, a Gehenna não existe mais." "De agora em diante não haverá Gehenna." [6] Essas citações

podem ser multiplicadas indefinidamente para demonstrar que os judeus a quem nosso Senhor falou consideravam a Geena como de duração limitada, assim como os Pais Cristãos. Orígenes, em sua resposta a Celso (VI, xxv), faz uma exposição da Geena, explicando seu uso em sua época. Ele diz que é um análogo do conhecido vale do Filho de Hinom e significa o fogo da purificação. Agora observe: Cristo evitou cuidadosamente as palavras com as quais seus ouvintes expressavam punição sem fim (*aidios, timoria* e *adialeiptos*), e usou termos que eles não usaram com esse significado (*aionios kolasis*), e empregou o termo que por consenso universal entre os judeus não existe tal significado (Geena); e como seus seguidores imediatos e os primeiros dos Pais seguiram exatamente o mesmo caminho, não está demonstrado que eles pretendiam ser compreendidos como ele foi compreendido? [7]

O professor Plumptre, numa carta sobre os sermões do Cônego Farrar, diz: “Havia duas palavras que os evangelistas

poderiam ter usado – kolasis, timoria. Destes, *kolasis* traz consigo, por definição do maior dos escritores éticos gregos, a ideia de um processo reformatório (Aristóteles, Rhet. I, X, 10-17). É infligido "por causa daquele que o sofre". *Timoria,* por outro lado, descreve uma pena puramente vingativa ou retributiva. São Mateus escolheu - se acreditamos que nosso Senhor falava grego, ele mesmo escolheu - a primeira palavra, e não a última.

Todas as evidências mostram conclusivamente que os termos que definem a punição – "eterna", "para sempre", "Geena", etc., nas Escrituras ensinam sua duração limitada, e foram assim considerados por autores sagrados e profanos, e que aqueles fora da Bíblia que ensinaram o tormento sem fim sempre empregaram outras palavras além daquelas usadas pelo Senhor e seus discípulos.

O professor Allen admite que a grande importância dada ao "fogo do inferno" na

pregação cristã é uma inovação moderna. Ele diz: “Há mais ‘teologia do sangue’ e ‘fogo do inferno’, isto é, a exposição vívida do tormento eterno para aterrorizar a alma, em um sermão de Jonathan Edwards, ou em uma arenga em um moderno ‘avivamento’. ,' do que pode ser encontrado em todo o conjunto de homilias e epístolas através de todas as idades das trevas juntas. *** Colocada ao lado de dispensações mais modernas, a posição católica deste período (Idade Média) é surpreendentemente misericordiosa e branda." [8] De onde veio a doutrina?

3.4 De origem pagã.

Quando fazemos a pergunta: Onde é que aqueles da igreja cristã primitiva que ensinavam o castigo sem fim o encontraram, senão na Bíblia? - nos deparamos com estes fatos: - 1. O Novo Testamento não existia, pois o cânon não havia sido organizado. 2. O Antigo Testamento não continha a doutrina. 3. As

religiões pagã e judaica, esta última corrompida por acréscimos pagãos, ensinaram-no (Hagenbach, I, Primeiro Período; Clark's Foreign Theol. Lib. I, nova série.) Westcott nos diz: "O Evangelho escrito do primeiro período da era apostólica foi o Antigo Testamento, interpretado pela vívida lembrança do ministério do Salvador. *** O conhecimento dos ensinamentos de Cristo *** até o final do século II, geralmente derivava da tradição, e não dos escritos. O Antigo Testamento ainda era o grande armazém do qual os professores cristãos extraíam as fontes de consolo e convicção." [9] Portanto, as ideias falsas devem ter sido trazidas por convertidos do Judaísmo ou do Paganismo. Os seguidores imediatos dos apóstolos de nosso Senhor não tratam explicitamente de questões de escatologia. Foi a era da apologética e não da polêmica. [10] A nova revelação da Paternidade Divina através do Filho ocupou a principal atenção dos cristãos, e os esforços parecem ter sido quase exclusivamente dedicados a estabelecer a verdade da Encarnação, "Deus em Cristo

reconciliando consigo o mundo". Podemos razoavelmente concluir que se esta grande verdade tivesse sido mantida constantemente em primeiro plano, não corrompida pelo erro pagão e pela invenção humana, não teria havido nenhuma daquelas falsas concepções de Deus que deram origem aos horrores dos tempos medievais - e nenhuma ocasião nos séculos XVIII e XIX para o renascimento do Cristianismo original na forma do Universalismo. Os primeiros cristãos, no entanto, naturalmente trouxeram incrementos pagãos à sua nova fé, de modo que muito cedo a doutrina da aniquilação dos ímpios, ou do seu tormento sem fim, começou a ser adotada. Aqui e ali essas doutrinas apareceram desde o início, mas os primeiros escritores geralmente declaram as grandes verdades que resultam legitimamente no bem universal, ou em termos inequívocos reconhecem a doutrina como uma verdade revelada das Escrituras Cristãs. "Números se aglomeraram na igreja e trouxeram consigo seus costumes pagãos." (Terceiro Século, "Neoplatonismo", de C. Bigg, D.D.,

Londres: 1895, p. 160.)

No início, o Cristianismo era como um fermento enterrado em elementos estranhos, modificando e sendo modificado. Os primeiros cristãos tinham opiniões e idiossincrasias individuais, que a princípio a sua nova fé não erradicou; eles ainda mantiveram alguns de seus erros anteriores. Isso explica suas diferentes visões do mundo futuro. Na época do advento de nosso Senhor, o Judaísmo estava grandemente corrompido. Durante o cativeiro [11], as doutrinas caldeias, persas e egípcias e outras idéias orientais tingiram a religião mosaica, e em Alexandria, especialmente, havia uma grande mistura de opiniões e sistemas de fé emprestados, supondo-se que ninguém formasse sozinho era completo e suficiente, mas que cada sistema possuía uma porção da verdade perfeita. “O tom de espírito predominante era eclético”, e o cristianismo não escapou à influência.

3.5 O Livro Apócrifo de Enoque.

Mais de um século antes do nascimento de Cristo [12] apareceu o Livro apócrifo de Enoque, que contém, até onde se sabe, a declaração mais antiga existente da doutrina do castigo sem fim em qualquer obra de origem judaica. Tornou-se muito popular durante os primeiros séculos cristãos e modificou, pode-se supor com segurança, as opiniões de Taciano, Minúcio Félix, Tertuliano e seus seguidores. É referido ou citado por Barnabé, Justino, Clemente de Alexandria, Irineu, Orígenes, Tertuliano, Eusébio, Jerônimo, Hilário, Epifânio, Agostinho e outros. Judas cita-o nos versículos 14 e 15, e refere-se a ele no versículo 6, motivo pelo qual alguns dos pais consideraram Judas apócrifo; mas é provável que Judas cite Enoque assim como Paulo cita os poetas pagãos, não para endossar sua doutrina, mas para ilustrar um ponto, como os escritores de hoje em dia citam fábulas e lendas. Cave, em "Vidas dos Pais", atribui a prevalência da doutrina dos anjos caídos a uma perversão do

relato (Gênesis 6:1-4) dos “filhos de Deus e das filhas dos homens”. Ele refere a prevalência da doutrina à "autoridade do 'Livro de Enoque' (altamente valorizado por muitos naquela época) onde esta história é relatada, como aparece nos fragmentos dela ainda existentes". Todo o trabalho está agora acessível através da descoberta moderna.

Um pouco depois de Enoque apareceu o Livro de Esdras, defendendo a mesma doutrina. Esses dois livros eram populares entre os judeus antes da época de Cristo, e supõe-se, como o Antigo Testamento silencia sobre o assunto, que as tradições corruptas dos fariseus, das quais nosso Senhor advertiu seus discípulos a tomarem cuidado, [13] foram obtidos em parte desses livros, ou de fontes egípcias e pagãs de onde derivaram. De qualquer forma, embora o Antigo Testamento não contenha a doutrina, [14] Josefo, como foi visto, assegura-nos que os fariseus do seu tempo a aceitaram e ensinaram. É claro que eles devem ter obtido a doutrina de fontes não inspiradas. Como estes e

possivelmente outros livros semelhantes já haviam corrompido a fé dos judeus, parece que mais tarde eles infundiram o seu vírus na fé de alguns dos primeiros cristãos. Nada está melhor estabelecido na história do que o fato de que a doutrina da punição sem fim, defendida pela igreja cristã nos tempos medievais, era de origem egípcia, [15] e que, para fins de afirmação, ela e seus acessórios foram adotados pelos gregos e romanos. Montesquieu afirma que "Rômulo, Tácio e Numa escravizaram os deuses à política" e fizeram a religião para o Estado.

3.6 Inferno Católico Copiado de Fontes Pagãs.

Os estudiosos clássicos sabem que o inferno pagão foi copiado cedo pela igreja Católica, e que quase todos os seus detalhes posteriormente entraram nos credos das igrejas Católica Romana e Protestantes até um século atrás. Qualquer leitor pode ver isto se consultar literatura pagã [16] e escritores sobre as

opiniões dos antigos. E não apenas isso, mas os escritores pagãos declaram que a doutrina foi inventada para assustar e controlar a multidão. Políbio escreve: “Como a multidão é sempre inconstante, não há outra maneira de mantê-la em ordem, a não ser pelo medo do mundo invisível; por esse motivo, nossos ancestrais me parecem ter agido judiciosamente, quando planejaram trazer a crença popular essas noções dos deuses e das regiões infernais." Sêneca diz: “Aquelas coisas que tornam terríveis as regiões infernais, as trevas, a prisão, o rio de fogo flamejante, o tribunal, etc., são todas uma fábula”. Tito Lívio declara que Numa inventou a doutrina, "um meio muito eficaz de governar uma população ignorante e bárbara". Estrabão escreve: “A multidão é impedida de cometer vícios pelas punições que se diz que os deuses infligem aos infratores, *** pois é impossível governar a multidão de mulheres e toda a turba comum pelo raciocínio filosófico: essas coisas os legisladores usaram como espantalhos para aterrorizar a multidão infantilizada."

Linguagem semelhante é encontrada em Dionísio Halicarnasso, Platão e outros escritores. A história não registra nada mais claramente do que o fato de que os pagãos gregos e romanos tomaram emprestado dos egípcios, e que alguns dos primeiros cristãos absorveram inconscientemente, ou se apropriaram cuidadosamente, das doutrinas dos egípcios, gregos e romanos a respeito da punição post-mortem, e gradualmente corromperam o "simplicidade que há em Cristo" [17] pelas invenções da antiguidade, visto que pelas mesmas fontes os judeus da época de Cristo já haviam corrompido sua religião. [18] O que seria mais natural do que que o pequeno reservatório da verdade cristã fosse contaminado pelas opiniões que os convertidos de todas essas fontes trouxeram consigo para sua nova religião, a princípio, e mais tarde que os padres católicos romanos e os legisladores pagãos os considerassem como motores de poder pelos quais controlar o mundo?

Coquerel descreve o efeito da irrupção

dos pagãos na igreja cristã primitiva: “A entrada inicialmente gradual e logo a rápida irrupção de uma multidão idólatra no seio do cristianismo não foi efetuada sem detrimento da verdade. O Cristianismo de Jesus era demasiado elevado, demasiado puro, pois esta multidão escapou dos cultos degradantes do Olimpo. Os pagãos não puderam entrar em massa na igreja sem trazer para ela seus hábitos, seus gostos e algumas de suas idéias. [19] Milman e Neander pensam [20] que os antigos preconceitos judaicos não poderiam ser extirpados dos prosélitos da igreja nascente, e que o judaísmo latente se escondia nela e continuou nas eras mais sombrias. Crisóstomo reclama que os cristãos de sua época (século IV) eram “meio judeus”. Enfield [21] declara que os convertidos das escolas da filosofia pagã entrelaçaram seus velhos erros com as verdades simples do Cristianismo até que "as doutrinas pagãs e cristãs foram ainda mais intimamente misturadas *** e ambas foram quase inteiramente perdidas nas espessas nuvens da ignorância e barbárie

que cobriu a terra. *** Os pais da igreja afastaram-se da simplicidade da igreja apostólica e corromperam a pureza da fé cristã. Hagenbach nos lembra que [22] "Havia dois erros contra os quais o cristianismo recém-nascido teve que se proteger para não perder suas características religiosas peculiares e desaparecer em uma das religiões já existentes: contra uma recaída no judaísmo, por um lado , e contra uma mistura com o paganismo e especulações dele emprestadas, e uma tendência mitologizante por outro." Os Oráculos Sibilinos, defendendo a restauração universal; Filo, que ensinou a aniquilação, e Enoque e Esdras, que ensinaram o castigo sem fim, foram todos lidos pelos primeiros cristãos e, sem dúvida, exerceram influência na formação das primeiras opiniões.

3.7 Cristianismo Primitivo Adulterado.

A Edinburgh Review admite que “após uma inspeção completa, verá que a

corrupção do Cristianismo foi em si o efeito do estado viciado da mente humana, do qual os vícios do governo foram a grande e principal causa”. “É inquestionável que a religião cristã sofreu muito com a influência da filosofia gentia.” Middleton, em uma famosa "Carta de Roma", mostra que desde o panteão até os templos pagãos, santuários e altares foram tomados pela igreja primitiva, e usados de tal forma que os pagãos pudessem empregá-los tão bem quanto os cristãos, e retêm as suas antigas superstições e erros enquanto professam o cristianismo. Em outras palavras, grande parte do Paganismo, depois de um ou dois séculos, permaneceu e corrompeu o Cristianismo. Mosheim escreve que "ninguém se opôs (no século V) a que os cristãos mantivessem as opiniões de seus ancestrais pagãos"; e Tytler descreve a confusão que resultou da mistura da filosofia pagã com as doutrinas claras e simples da religião cristã, da qual a igreja em seu estado infantil "sofreu da maneira mais essencial". O reverendo T.B. Thayer, DD, [24] pensa que a fé da igreja cristã

primitiva "do partido ortodoxo era metade cristã, um quarto judia e um quarto pagã; enquanto a do partido gnóstico era cerca de um quarto de paganismo cristão e três quartos filosófico." O propósito de muitos dos pais parece ter sido aterrar o abismo entre o paganismo e o cristianismo e, para o bem dos prosélitos, tolerar a doutrina pagã. Diz Merivale: No século V, o paganismo foi assimilado, não extirpado, e a cristandade tem sofrido com isso mais ou menos desde então. *** A igreja *** contentou-se em aceitar o que sobreviveu do paganismo, contentou-se em perder ainda mais do que ganhou numa aliança profana com a superstição e a idolatria; atraindo, sem dúvida, muitos dos vulgares, e alguns até dos mais inteligentes, a uma aceitação nominal da fé cristã, mas conivente com a rendição, pela grande massa de seus próprios membros batizados, das mais elevadas e puras de suas aquisições espirituais ." [25] É difícil saber o quanto as influências circundantes afetaram os cristãos antigos ou modernos, pois, como diz Schaff (Hist. Apos. Cap. p. 23): "As visões teológicas

dos Pais Gregos foram modificadas em grande medida pelo platonismo; as dos escolásticos medievais, pela lógica e dialética de Aristóteles; as dos últimos tempos pelo sistema de Descartes, Spinoza, Bacon, Locke, Leibnitz, Kant, Fries, Fichte, Schelling e Hegel. Poucos teólogos científicos podem emancipar-se absolutamente da influência da filosofia e da opinião pública de sua época, e quando o fazem, geralmente têm sua própria filosofia, etc."

3.8 Novo Testamento Grego Original.

Que o Antigo Testamento não ensina nem mesmo o castigo post-mortem é universalmente reconhecido pelos estudiosos, como foi visto (que dirá castigo eterno); e o que os egípcios, e os pagãos gregos e romanos sim ensinavam, já foi mostrado. Que a doutrina estava no início da igreja cristã é igualmente evidente. Como os primeiros cristãos não a obtiveram do Antigo Testamento, que não a contém, e como já era uma doutrina

pagã, onde poderiam tê-la obtido, exceto em fontes pagãs? E como o universalismo não foi ensinado em parte alguma, e como os primeiros cristãos universalistas depois dos apóstolos eram gregos, perfeitamente familiarizados com a linguagem do Novo Testamento, onde mais poderiam ter encontrado a sua fé senão onde declaram que a encontraram, no Novo Testamento? Como se pode supor que os latinos estavam corretos ao afirmar que as Escrituras Gregas ensinam uma doutrina que os próprios gregos não encontraram nelas? E como podem os pais gregos da igreja primitiva se enganar quando entendem que nosso Senhor e seus apóstolos ensinam a restauração universal? “Pode ser bom notar aqui que, após o terceiro século, a queda da igreja em erros de doutrina e prática cresceu mais rapidamente. A adoração de Jesus, de Maria, de santos, ou relíquias, etc., seguiu-se uma à outra. Maria foi chamada de 'a Mãe de Deus', 'a Rainha dos Céus'. À medida que Deus começou a ser representado de forma mais severa, implacável e cruel, o povo adorou Jesus

para induzi-lo a aplacar a ira de seu Pai; e então, quando o Filho foi considerado o juiz severo dos pecadores e o executor da vingança do Pai, os homens oraram a Maria para apaziguar a ira de seu afilhado; e quando ela se tornou insensível ou carente de influência, eles se voltaram para José e outros santos, e para mártires, para interceder junto a seus superiores frios e implacáveis. Assim, a teologia tornou-se mais dura e impiedosa - o inferno foi intensificado, ampliado e eternizado - o céu encolheu, recuou e perdeu sua compaixão - a mulher (apesar da deificação de Maria) foi considerada fraca e desprezível - o Ágape foi abolido e a Eucaristia deificada, e seu cálice negado ao povo - e a mulher considerada impura demais para tocá-lo! Assim como entre os romanos pagãos, a fé e a reverência diminuíam à medida que seus deuses se multiplicavam, também aqui, à medida que os objetos de adoração aumentavam, a familiaridade gerou apenas sensualidade, e a adoração sensual expulsou a virtude e a veneração, até que, na linguagem das "Lendas da Madonna"

da Sra. Jameson (Int. pág. xxxi): Um dos afrescos do Vaticano representa Giulia Farnese (uma notável mulher impura e amante do papa!) na personagem de Nossa Senhora, e do Papa Alexandre VI. (o bêbado, impuro, bestial!) ajoelhado a seus pés no caráter de um devoto! Sob a influência dos Médici, as igrejas de Florença encheram-se de imagens da Virgem nas quais o único objetivo era uma beleza meretriz. Savonarola trovejou do seu púlpito no jardim de S. Marco contra essas impiedades." [26]

Referências do capítulo 3:

[1] Veja meu "Aion-Aionios", pp. 109-114; também Josefo, "Antiq". e "Guerras Judaicas".

[2] "De Præmiis" e "Poenis" Tom. II, pp. Edição de Mangey. Dollinger citado por Beecher. Philo era instruído em filosofia grega e reverenciava especialmente Platão. Seu uso do grego é da mais alta autoridade.

[3] "Salom. Parab."

[4] Donnegan, Grotius, Liddel, Max Muller, Beecher, Hist. Doutor. Fut. Ret. pp. 73-75.

[5] A passagem importante pode ser encontrada mais detalhadamente citada em "Aion-Aionios".

[6] Targum de Jonathan em Isaías, xvi: 24. Veja também "Aion-Aionios" e "Bible Hell".

[7] "Misericórdia e Julgamento" de Farrar. pp. 380-381, onde são dadas citações do século IV, afirmando que a punição deve ser limitada porque a correção aioniana (*aionian kolasin*), como em Mat. 25:46, deve ser terminável.

[8] "História Cristã em seus Três Grandes Períodos." págs. 257-8.

[9] Introdução aos Evangelhos. pág. 181

[10] As opiniões dos judeus foram modificadas inicialmente pelo cativeiro no

Egito quinze séculos antes de Cristo, e mais tarde pelo cativeiro babilônico, terminando quatrocentos anos antes de Cristo, de modo que muitos deles, especialmente os fariseus, não mais mantinham o poder. doutrinas simples de Moisés.

[11] História da Igreja Cristã de Robertson, vol. 1. pp. 38-39.

[12] O Livro de Enoque, traduzido do etíope, com introdução e notas. Pelo Rev.

[13] Marcos 7:13; Mateus 16:6,12; Lucas 21:1; Marcos 8:15.

[14] Milman Hist. Judeus; Legação Divina de Warburton; Jahn, Arqueologia.

[15] Warburton. A necessidade da revelação divina de Leland.

[16] Eneida de Virgílio. Apolodoro, Hesíodo, Heródoto, Plutarco, Diodoro da Sicília, etc.

[17] 2ºCor. 12:3.

[18] Gibbon de Milman, Mosheim de Murdock, Hist de Enfield. Philos., Expositor Universalista, 1853.

[19] As primeiras transformações históricas do cristianismo de Coquerel.

[20] Veja "Paul" de Conybeare, vol. I, Capítulos 14,15.

[21] Veja também "Corrupções do Cristianismo" de Priestley.

[22] Hist. Doct. 1 Sec. 22.

[23] Causas da Corrupção do Cristianismo de Vaughan; também "Vestígios" de Casaubon e Blunt.

[24] Hist. Doct. Punição Sem Fim, pp. 192-193.

[25] História da Igreja Primitiva, pp. 159-160.

[26] Universalista Trimestral, janeiro de 1883.

Capítulo 4. Doutrinas de “Mitigação” e de “Reserva”.

Não houve controvérsia entre os cristãos sobre a duração da punição dos ímpios durante pelo menos trezentos anos após a morte de Cristo. Termos bíblicos foram usados com seus significados bíblicos, e embora não seja provável que a restauração universal tenha sido anunciada polêmica ou dogmaticamente, é igualmente provável que a duração infinita da punição não tenha sido ensinada até que as corrupções pagãs tivessem adulterado a verdade cristã. A paternidade e o amor ilimitado de Deus, e a obra de Cristo em favor do homem foram abordados, acompanhados pelo anúncio das terríveis consequências do pecado; mas quando essas consequências, através de influências pagãs, passaram a ser consideradas como de duração infinita, então a verdade antídoto da

salvação universal assumiu proeminência através de Clemente, Orígenes e outros pais Alexandrinos. Mesmo quando alguns dos primeiros cristãos tinham sido até então vencidos pelo erro pagão a ponto de aceitarem o dogma do tormento sem fim para os ímpios, eles não tinham palavras duras para aqueles que acreditavam na restauração universal, e nem sequer controvertiam os seus pontos de vista. As doutrinas da Oração pelos Mortos, da Pregação de Cristo aos que estavam no Hades e da Mitigação eram ensinamentos humanos dos cristãos primitivos que foram posteriormente descartados.

4.1 “Mitigação” explicada.

A doutrina da Mitigação era que, por alguma boa ação na terra, os condenados no inferno seriam ocasionalmente liberados para uma pausa ou licença e teriam o fim do tormento. Esta doutrina de mitigação era bastante geral entre os pais quando passaram a defender o dogma pagão. Na verdade, o castigo sem fim em

toda a sua enormidade, destituído de todas as características benevolentes, não foi totalmente desenvolvido até o nascimento do protestantismo, e as orações pelos mortos, a mitigação da condição dos “perdidos” e outras características suavizantes foram repudiadas. [1]

Foi ensinado que os piores pecadores - até mesmo o próprio Judas - tinham licenças do inferno por boas ações praticadas na Terra. Matthew Arnold incorpora uma das lendas em seu poema de Saint Brandan (Brandon, Brendan). Certa vez, o santo conheceu, em um iceberg no oceano, a alma de Judas Iscariotes, libertado do inferno por um tempo, e ele, Judas, explica sua trégua. Certa vez, ele deu uma capa a um leproso em Jope, e então ele diz:

"Uma vez por ano, quando as canções de natal acordam
Na terra o repouso da noite de Natal,
Surgindo do lago do pecador'
Eu viajo para essas neves curativas.

"Eu estou com gelo em meu peito ardente,
Com o silêncio acalma o cérebro em chamas;

Ó Brendan, esta hora de descanso, é
Por amenizar a dor daquele leproso de Joppan.

Coube ao protestantismo descartar todas as características suavizantes que o catolicismo havia acrescentado ao legado do paganismo ao cristianismo, e dar ao mundo o horror absoluto que o protestantismo ensinou do século XVI ao século XIX.

4.2 A Doutrina da “Reserva”.

Não podemos ler a literatura patrística com compreensão, a menos que tenhamos constantemente em mente a doutrina dos primeiros pais da "OEconomia" ou "Reserva". [2] Platão ensinou isso claramente, [3] e diz que o erro pode ser usado como remédio. Ele justifica o uso da “mentira medicinal”. O recurso dos primeiros pais ao esotérico (N.T.) deriva sem dúvida de Platão. Orígenes quase o cita quando diz que às vezes são necessárias ameaças fictícias para garantir a obediência, como quando Sólon deu propositalmente leis imperfeitas.

Muitos, dentro e fora da igreja, sustentavam que o sábio possuidor da verdade poderia mantê-la em segredo. quando sua transmissão aos ignorantes pareceria repleta de perigos, e esse erro poderia ser adequadamente substituído. O objetivo era salvar os “cristãos do tipo mais simples” de águas profundas demais para eles. É possível defender a prática se ela for considerada como representando o método de um professor habilidoso, que não confundirá o aluno com princípios além de sua compreensão. [4] Gieseler observa que "os alexandrinos consideravam necessária uma certa acomodação, que se atreve a fazer uso até mesmo da falsidade para atingir um bom fim; ou melhor, que era até obrigado a fazê-lo." Neander declara que “os orientais, de acordo com a sua teologia da economia, permitiram-se muitas liberdades que não se conciliavam com as estritas leis da veracidade”. [5]

(N.T.) Esotérico: A verdade é reservada para os membros de uma fraternidade enquanto para os externos é contada uma versão mais

simples. O oposto é chamado Exotérico.

Alguns dos pais que alcançaram a fé no universalismo foram influenciados pela noção maliciosa de que ele deveria ser mantido esotericamente, valorizado em segredo ou apenas comunicado a uns poucos escolhidos - ocultado da multidão, que não o apreciaria. , e até mesmo que o erro oposto seria, para alguns pecadores, mais benéfico do que a verdade. Clemente de Alexandria admite que não escreve nem fala certas verdades. Orígenes afirma que existem doutrinas que não devem ser comunicadas aos ignorantes. Clemente diz: “Eles não são, na realidade, mentirosos que usam a circunlocução [6] por causa da economia da salvação”. Orígenes disse que "tudo o que pode ser dito sobre este tema não é conveniente para ser explicado agora, ou para todos. Pois a massa não precisa de mais ensinamentos por conta daqueles que dificilmente, através do medo da punição aeoniana, restringem sua imprudência". [7?] O leitor da literatura patrística vê

esta opinião com frequência e, inquestionavelmente, fez com que muitos fizessem ameaças à multidão a fim de contê-la; ameaças que eles próprios não acreditavam que seriam executadas. [8]

A interpretação grosseira e carnal dada a partes do Evangelho, fazendo com que alguns, como disse Orígenes, "acreditassem em Deus naquilo que não seria acreditado no mais cruel da humanidade", levou-o a insistir no dever de reserva, o que ele faz em muitas de suas homilias. Ele diz que não consegue expressar-se plenamente sobre o mistério do castigo eterno numa declaração exotérica. [9] A reserva defendida e praticada por Orígenes e pelos Alexandrinos era, diz Bigg, “a tela de uma crença esotérica”. Beecher lembra a seus leitores que embora fosse comum entre os filósofos pagãos ensinar falsas doutrinas às massas com a ideia equivocada de que elas eram necessárias, "os pais da igreja cristã não escaparam da infecção da lepra da fraude piedosa"; e ele cita Neandro para mostrar que Crisóstomo era culpado

disso, e também Gregório Nazianzeno, Atanásio e Basílio, o Grande. A prevalência desta *fraus pia* nos primeiros séculos é bem conhecida pelos estudiosos. Depois de dizer que os Oráculos Sibilinos foram provavelmente forjados por um gnóstico, Mosheim diz: “Não posso ainda assumir a responsabilidade de absolver os mais estritamente ortodoxos de toda participação nesta espécie de criminalidade; pois parece, a partir de evidências superiores a todas as exceções, que uma perniciosa máxima era corrente, *** a saber, que aqueles que faziam questão de enganar com o objetivo de promover a causa da verdade, mereciam mais elogios do que censura.

4.3 O que foi defendido em relação à doutrina.

Parece ter sido sustentado que "a fé, o fundamento do conhecimento cristão, era adequada apenas para a massa rude, os homens animais, que eram incapazes de coisas superiores. Muito acima deles

estavam as naturezas privilegiadas, os homens de intelecto, ou os homens espirituais, cuja vocação não era acreditar, mas conhecer”. [10]

Os historiadores eclesiásticos classificam como crentes esotéricos Crisóstomo e Gregório Nazianzeno; e Beecher nomeia Atanásio e Basílio, o Grande, na mesma categoria; e Beecher observa: "Não podemos compreender completamente tal proclamação de punição futura sem fim como foi descrita, embora não tenha sido acreditada, até considerarmos a influência de Platão na época. *** Sócrates é apresentado como dizendo no Platão de Grote: 'É indispensável que esta ficção seja divulgada e credenciada como o credo fundamental, consagrado e inquestionável de toda a cidade, de onde brota o sentimento de harmonia e fraternidade entre os cidadãos.' Tais princípios, como a lepra, corromperam toda a comunidade, e especialmente os líderes. No Império Romano, magistrados e sacerdotes pagãos apelaram à retribuição no Tártaro, na qual

não acreditavam, para afetar as massas. Isto não desculpa, mas explica a pregação do castigo eterno por parte de homens que não acreditaram nela. Eles não ousaram confiar a verdade às massas, e assim a mantiveram em reserva – para dissuadir os homens do pecado.”

Por mais geral que tenha sido a confissão de uma crença na salvação universal nos primeiros e melhores três séculos da Igreja, há amplas razões para acreditar que era a crença secreta de mais gente do que parecia e confessava, e que muitos dos que proclamaram uma salvação parcial, em seu “coração”, secretamente concordavam com os maiores dos pais da igreja durante os primeiros quatrocentos anos de nossa era, que Cristo alcançaria um triunfo universal e que Deus finalmente reinaria em todos os corações.

4.4 Teólogos Modernos Equívocos.

Não pode haver dúvida de que muitos

dos Pais ameaçaram penas mais severas do que acreditavam que seriam impostas aos pecadores, impelidos a pronunciá-las porque as consideravam mais salutares para as massas do que a própria verdade. Para que possamos acreditar que alguns dos escritores patrísticos que parecem ensinar o castigo sem fim não acreditaram nisso. Sabemos que outros que aceitaram a restauração universal empregaram, para dissuadir os pecadores, ameaças que são inconsistentes, interpretadas literalmente, com essa doutrina. Esta disposição para ocultar a verdade tem motivado muitos teólogos modernos. No Sermão 35, sobre a eternidade dos tormentos do inferno, o Arcebispo Tillotson, embora defenda a duração infinita da punição, sugere que o Juiz tem o direito de omitir infligi-la se considerar que é inconsistente com a justiça ou a bondade tornar os pecadores miseráveis para sempre, e Burnet insiste: "Qualquer que seja a sua opinião dentro de você e em seu peito, a respeito dessas punições, sejam elas eternas ou não, ainda assim, sempre com o povo, e quando você pregar ao povo, use a doutrina recebida e

as palavras recebidas no sentido em que as pessoas as recebem”. É certamente aceitável pensar que muitos professores antigos e tímidos descobriram a verdade sem ousar confiá-la à massa da humanidade.

4.5 Até mesmo a mentira é defendida.

Teófilo de Alexandria propôs fazer Sinésio de Cirene bispo. Este último disse: “A inteligência filosófica, em suma, enquanto contempla a verdade, admite a necessidade de mentir. A luz corresponde à verdade, mas o olho está embotado de visão; é mais confortável para os olhos, assim como, acredito, a falsidade é para o povo comum. A verdade só pode ser prejudicial para aqueles que são incapazes de contemplar a realidade. Se as leis do sacerdócio me permitirem manter esta posição , então poderei aceitar a consagração, guardando minha filosofia para mim mesmo em casa e pregando fábulas ao ar livre." [11]

Referências do capítulo 4:

[1] História Cristã em Três Grandes Períodos. pág. 257,8.

[2] Platônicos de Alexandria de Bigg. pág. 58.

[3] Platão de Grote, vol. III, xxxii. págs. 56, 7.

[4] J. H. Newman, arianos; Apologia Pro Vita Sua

[5] Allin, Universalismo Afirmado, mostra detalhadamente a prevalência da doutrina da “reserva” entre os primeiros cristãos.
((N.T.) Este livro pode ser encontrado em PDF em português.)

[6] Stromata.

[7] Contra Celso I, vii; e em Romanos 2.

[8] "São Basílio distingue no Cristianismo entre o que é proclamado abertamente e o que é mantido em segredo." Max Muller,

Teosofia da Psicologia, Palestra. XIV.

[9] Ag. Cels. De Prin.

[10] Heresias Gnósticas do Primeiro e Segundo Séculos de Dean Mansell. Introdução, pág. 10.

[11] Neoplatonismo, por C. Bigg, D.D. Londres: 1895, pág. 339.

Capítulo 5. Dois tópicos semelhantes.

5.1 Evangelho Pregado aos Mortos.

A igreja cristã primitiva acreditava quase, se não totalmente, universalmente que Cristo proclamou o Evangelho aos mortos no Hades. Diz Huidekoper: “No segundo e terceiro séculos, todos os ramos e divisões dos cristãos acreditavam que Cristo pregava aos que partiram”. [1] Dietelmaier declara [2] que esta doutrina era acreditada por todos os cristãos. É claro que, se as almas fossem colocadas onde a sua condenação fosse

irrecuperável, a salvação não lhes seria oferecida; daí se segue que os primeiros cristãos acreditavam na provação post-mortem. Allin diz que "alguns escritores ensinam que os apóstolos também pregaram no Hades. Alguns dizem que a Santíssima Virgem fez o mesmo. Alguns até dizem que Simeão foi antes de Cristo para o Hades". Todos esses testemunhos mostram que os primeiros pais não consideravam a sepultura como o prazo que o amor de Deus não poderia ultrapassar, mas que a porta da misericórdia está aberta no futuro como aqui. "A doutrina platônica de um estado separado, onde os espíritos dos falecidos são purificados, e na qual a doutrina posterior do purgatório foi fundada, foi aprovada por todos os expositores do Cristianismo que eram da escola Alexandrina, como era costume realizar serviços religiosos nos túmulos dos mortos. Nem havia muita diferença entre eles e Tertuliano nestes detalhes."

Nos primeiros tempos da igreja, grande ênfase foi colocada em 1 Pedro 3:19: "Ele

(Cristo) foi e pregou aos espíritos em prisão." Que esta doutrina prevalecia até aos dias de Agostinho é evidente pelo fato de a doutrina ser anatematizada na sua lista de heresias – número 79. E mesmo no século 9 foi condenada pelo Papa Bonifácio VI. Acreditava-se que nosso Senhor não apenas proclamou o Evangelho a todos os mortos, mas também os libertou a todos. Como seria possível para um cristão nutrir o pensamento de que todos os ímpios que morreram antes do advento de nosso Senhor foram libertados da escravidão, e que qualquer um que morresse após seu advento sofreria uma desgraça sem fim? Eusébio diz: “Cristo, zelando pela salvação de todos os ***, abriu um caminho de retorno à vida para os mortos presos nas cadeias da morte”. Atanásio: “O diabo *** expulso do Hades, vê todos os seres acorrentados conduzidos pela coragem do Salvador”. [3] Orígenes em 1 Reis 28:32: "Jesus desceu ao Hades, e os profetas antes dele, e eles proclamaram de antemão a vinda de Cristo." Dídimo observa “Na libertação de todos ninguém permanece cativo; no

momento da paixão do Senhor só ele (Satanás) foi ferido, que perdeu todos os cativos que mantinha”. Cirilo de Alexandria: "E vagando até o Hades, ele esvaziou os tesouros escuros, secretos e invisíveis." Gregório de Nazianzo: [4] "Até que Cristo libertou com seu sangue todos os que gemiam sob as correntes tártaras." Jerônimo sobre Jonas 2:6: "Nosso Senhor foi encerrado em grades aeonianas para que pudesse libertar todos os que estavam encarcerados."

Tais passagens poderiam ser multiplicadas, demonstrando que a igreja primitiva considerava a conquista dos falecidos por Cristo como universal. Ele libertou das amarras todos os mortos no Hades. Se os cristãos primitivos acreditavam que todos os ímpios de todos os æons anteriores à morte de Cristo foram libertados, como podemos supor que eles considerassem os ímpios subsequentes à sua morte como destinados a sofrer tormentos intermináveis? Clemente de Alexandria é explícito ao declarar que o Evangelho foi

pregado a todos, tanto judeus como gentios, no Hades; – que “a única causa da descida do Senhor ao submundo foi pregar o evangelho”. (Strom. VI.) Orígenes diz: “Não só enquanto Jesus estava no corpo ele conquistou não apenas alguns, *** mas quando ele se tornou uma alma, sem a cobertura do corpo, ele habitou entre essas almas (no Hades) que estavam sem cobertura corporal, convertendo aqueles que estavam aptos para isso."

5.2 O Evangelho de Nicodemos.

Cerca de um século após a morte de João apareceu o Evangelho apócrifo de Nicodemos, valioso por apresentar a escatologia atual. Descreve o efeito da pregação de Cristo no Hades: “Quando Jesus chegou ao Hades, as portas se abriram e, tomando Adão pela mão, Jesus disse: “Venham todos comigo, todos os que morreram através da árvore que ele tocou, pois eis que eu levanto todos vocês através do madeiro da cruz.'" Este livro

mostra conclusivamente que os cristãos daquela época não consideravam o castigo eônico (aiônico) como interminável, na medida em que aqueles que haviam sido sentenciados a essa condição eram libertados. "Se Cristo pregasse aos homens mortos que já foram desobedientes, então as Escrituras nos mostram que o momento da morte não envolve necessariamente um tormento final e sem esperança para cada alma pecadora. De todas as armas contundentes da controvérsia ignorante empregadas contra aqueles a quem foi revelada a possibilidade de uma esperança maior do que a deixada à humanidade por Agostinho ou por Calvino, a mais contundente é a acusação de que tal esperança torna nula a necessidade da obra de Cristo. *** Resgatamos assim a obra da redenção da aparência de não ter conseguido atingir o seu fim para a grande maioria daqueles por quem Cristo morreu. *** Nestas passagens, como foi verdadeiramente dito, 'podemos ver uma paráfrase expansiva e uma variação exuberante do tema paulino original do

universalismo da embaixada evangélica de Cristo e de sua soberania sobre o mundo;' e especialmente da passagem em Filipenses (2:9-11), onde todos os que estão no céu, na terra e debaixo da terra, são enumerados como classes de súditos do exaltado Redentor." [5] E Alford observa: “A conclusão que todo leitor inteligente tirará do fato aqui anunciado: não é purgatório; não é uma restituição universal; mas é aquele que lança luz abençoada sobre um dos enigmas mais sombrios da justiça divina." Timótheus II., patriarca dos Nestorianos, escreveu que "pelas orações dos santos, as almas dos pecadores podem passar da Geena para o Paraíso" (Asseman. IV. p. 344). Veja "Espíritos na Prisão" do Prof. Plumptre, p. 141; Dict. Christ. Biog. Art. Escatologia, etc. Diz Uhlhorn (Livro I, cap. iii): "Para pessoas falecidas seus parentes trouxeram presentes no aniversário de sua morte, um belo costume que exibia vividamente a conexão entre a igreja de cima e a igreja de baixo”.

"Um fato se destaca muito claramente

nas passagens da literatura patrística, a saber: que todas as seitas e divisões dos cristãos nos séculos II e III se uniram na crença de que Cristo desceu ao Hades, ou ao Submundo, após sua morte na cruz, e permaneceu lá até sua ressurreição. É claro que era natural que a pergunta surgisse: O que ele fez lá? Quando ele desceu da terra para pregar o Evangelho e salvar os vivos, foi fácil inferir que ele desceu ao Hades para pregar as mesmas boas novas ali, e mostrar o caminho da salvação para aqueles que morreram antes de seu advento". [6]

5.3 Orações pelos Mortos.

Não é necessário afirmar aqui que a doutrina de que Cristo literalmente pregou aos mortos no Hades é verdadeira, ou que tal é o ensino de 1ºPedro. 3:19, mas é perfeitamente evidente que se os cristãos primitivos se apegassem à doutrina, não poderiam ter acreditado que a condição da alma é fixada na morte. Essa é comparativamente uma doutrina

moderna.

(N.T.) (1Pe 3:19) … mortificado, na verdade, na carne, porém vivificado pelo espírito; (1Pe 3:19) No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; (1Pe 3:20) Os quais antigamente foram rebeldes, ...

Não pode haver dúvida de que a doutrina católica romana do purgatório é uma corrupção da doutrina bíblica do caráter disciplinar de todos os castigos de Deus. Nunca se ouviu falar do Purgatório nos séculos anteriores. [7] Foi declarado pela primeira vez pelo Papa Gregório I, 'seu inventor', no final do século 6: "Para algumas falhas de luz, devemos acreditar que antes do julgamento existe um fogo purgatorial." Esta teoria é uma perversão da ideia antigamente sustentada de que todos os castigos de Deus são purgativos; o que o católico considera verdadeiro em relação aos erros dos bons é igualmente verdadeiro em relação aos pecados dos piores - na verdade, de todos. A palavra traduzida como punição em Mateus. 25:46, (kolasin) implica tudo isso.

(N.T.) O Purgatório foi anunciado no final do século 6, não muito depois de 553 e o decreto do imperador Justiniano impondo a doutrina da punição sem fim.

5.4 A Condição dos Mortos não é Final.

Que a condição dos mortos não era considerada inalteravelmente fixa é evidente pelo fato de que as orações pelos mortos eram costumeiras antigamente, e isso, também, antes da formulação da doutrina do purgatório. Os vivos acreditavam – e nós também deveríamos acreditar – que os mortos migraram para outro país, onde os bons ofícios dos supervisores na terra valem. Perpétua implorou a ajuda de seu irmão, filho de pai pagão, que morreu sem ser batizado. Em Tertuliano, a viúva ora pela alma de seu falecido marido. O arrependimento dos mortos é concedido por Clemente, e as orações dos bons na terra os ajudam.

O dogma do caráter purificador da

punição futura não degenerou na doutrina da punição apenas para os crentes, até o século IV; nem esse erro se cristalizou no purgatório católico até mais tarde. Hagenbach diz: “Comparando a doutrina de Gregório com as noções anteriores e mais espirituais relativas à eficácia do fogo purificador do estado intermediário, podemos adotar a afirmação de Schmidt de que a crença num desejo duradouro de perfeição, que a própria morte não pode extinguir, degenerou em uma crença no purgatório."

Plumtre ("Spirits in Prison", Londres, p. 25) tem uma declaração valiosa: "Em todas as formas; desde as solenes liturgias que incorporaram a crença de seus mais profundos pensadores e verdadeiros adoradores, até as simples palavras de esperança e amor que foram traçada sobre os túmulos dos pobres, a sua voz (a igreja dos primeiros tempos) subiu sem dúvida ou receio, em orações pelas almas dos falecidos;" mostrando que eles não poderiam ter considerado sua condição inalteravelmente fixada no momento da

morte. O professor Plumptre cita a "Doutrina Cristã de Oração pelos Infiltrados" de Lee, para mostrar a crença dos primeiros cristãos de que as intercessões pelos mortos seriam úteis para eles. Até Agostinho aceitou a doutrina. Ele orou após a morte de sua mãe, para que seus pecados fossem perdoados e que seu pai também recebesse perdão. ("Confissões", ix, 13.) [8]

A doutrina platônica de um estado separado onde os espíritos dos falecidos são purificados, e na qual a doutrina posterior do purgatório foi fundada, foi aprovada por todos os expositores do Cristianismo que eram da escola Alexandrina, como era o costume de realizar serviços religiosos. nos túmulos dos mortos. Uhlhorn dá testemunho semelhante: "Para as pessoas falecidas, seus parentes traziam presentes no aniversário de sua morte, um belo costume, que exibia vividamente a conexão entre a igreja de cima e a igreja de baixo". O princípio da Catarse da

Purificação de Orígenes foi absorvido pela crescente crença no purgatório. [9]

5.5 Pensamentos importantes.

Deixe o leitor refletir: (1.) que os cristãos primitivos desconfiavam tanto do efeito da verdade na mente popular que a negavam, e apenas a valorizavam esotericamente, e sustentavam terrores para causar efeito, nos quais não tinham fé; (2.) que eles oraram pelos ímpios mortos para que pudessem ser libertados do sofrimento; (3.) que eles sustentavam universalmente que Cristo pregou o Evangelho aos pecadores no Hades; (4.) que os primeiros credos são totalmente silenciosos quanto à ideia de que os ímpios mortos estavam em tormento irrecuperável e sem fim; (5.) que os termos usados por alguns que são acusados de ensinar tormento sem fim eram precisamente aqueles empregados por aqueles reconhecidos como universalistas; (6.) que os primeiros cristãos eram as pessoas mais felizes e

infundiram uma alegria maravilhosa em um mundo de tristeza e melancolia; (7.) que não há sombra de escuridão nem nota de desespero em nenhum dos milhares de epitáfios nas Catacumbas; (8.) que a doutrina da redenção universal foi destacada pela primeira vez por aqueles para quem o grego era sua língua nativa, e que eles declararam que a derivaram das Escrituras Gregas, enquanto a punição sem fim foi ensinada pela primeira vez por africanos e latinos, que derivaram de uma língua estrangeira que o grande professor confessa ignorar. (Ver “Agostinho” mais adiante.) Deixe o leitor dar a essas considerações seu peso pleno e adequado, e será impossível acreditar que os pais consideravam o impenitente como condenado à morte a uma miséria sem esperança e sem fim.

Observação. - Depois de apresentar a linguagem enfática de Clemente e Orígenes e de outros cristãos antigos declarativos da santidade universal, o Dr. Bigg, em seu valioso livro, "Os Platônicos Cristãos de Alexandria", frequentemente

citado nestas páginas, comenta (páginas 292-293) : "Nem Clemente nem Orígenes são, propriamente falando, universalistas. Nem o universalismo é o resultado lógico de seus princípios." As razões que ele apresenta são duas: (1.) Eles acreditavam na liberdade da vontade (livre arbítrio); e (2.) eles não negaram a eternidade do castigo, porque a alma que pecou além de certo ponto nunca poderá se tornar o que poderia ter sido! Ao que é apenas necessário replicar (1.) que os universalistas geralmente aceitam a liberdade da vontade, e (2.) nenhuma alma que tenha pecado, como todos pecaram, pode jamais se tornar o que poderia ter sido, então as premissas do Dr. Bigg necessitariam de universalismo, mas de condenação universal!

E, como que para contradizer suas próprias palavras, o Dr. Bigg acrescenta no parágrafo seguinte: "A esperança de uma restituição geral de todas as almas através do sofrimento à pureza e à bem-aventurança, permaneceu no Oriente por algum tempo"; e as últimas palavras de

seu livro são estas: "É o ensinamento de São Paulo: - Então virá o fim, quando ele tiver entregue o Reino a Deus, o Pai. Então o próprio Filho também estará sujeito àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”. E estas são as últimas palavras da sua última nota: “No final, todos serão um, porque a vontade do Pai é tudo em todos e tudo em cada um. Cada um preencherá o lugar que o mistério da economia lhe atribui”.

Seria interessante saber que tipo de monstruosidade o Dr. Bigg construiu e rotulou com a palavra (universalista) que ele declara não poder ser aplicada a Clemente e Orígenes.

Referências do capítulo 5:

[1] Um excelente resumo das opiniões dos pais sobre a descida de Cristo ao Hades e a pregação do evangelho aos mortos é "A Crença dos Primeiros Três Séculos sobre a Missão de Cristo no Submundo" de Huidekoper; também o "Testemunho

Indireto aos Evangelhos" de Huidekoper; também "Spirits in Prison", de Dean Plumptre. Londres: 1884.

[2] *Historia Dogmatis do Descensu Christi ad Inferos*. J. A. Dietelmaier.

[3] *De Passione et Cruce Domini.* Migne, XXVIII, 186-240.

[4] Carm. XXXV, v.9.

[5] "Primeiros Dias do Cristianismo" de Farrar. CH. vii.

[6] Universalista Trimestral.

[7] Arcos. Usher e Wake, citado por Farrar, "Mercy and Judgment".

[8] Que essas idéias eram gerais na igreja primitiva, veja Nitzsch, "Christian Doctrine", Sec. III; Dorner, "Sistema de Doutrina Cristã", Vol. IV (Escatologia). Também “Causas da Corrupção do Cristianismo” de Vaughan, p. 319.

[9] "Neoplatonismo", por C. Bigg, p. 334.

Capítulo 6. Os sucessores imediatos dos apóstolos.

6.1 Os primeiros cristãos não são explícitos em questões escatológicas.

Ao lermos os escritos dos sucessores imediatos dos apóstolos, descobrimos que questões de escatologia não ocupam o seu pensamento. Eles se debruçam sobre o advento de nosso Senhor e falam sobre suas bênçãos para o mundo; eles dão provas de sua divindade e apelam aos homens para que aceitem sua religião. A maioria dos documentos sobreviventes do primeiro século são exortatórios. Foi uma época apologética e não polêmica. Um autor muito partidário, ansioso por mostrar que a doutrina do castigo sem fim foi legada aos seus sucessores imediatos pelos apóstolos, admite isto. Ele diz que os primeiros cristãos "tocaram levemente e

incidentalmente em pontos de doutrina", mas deram "as doutrinas do Cristianismo nas próprias palavras das Escrituras, não nos dando muitas vezes nenhuma pista certa para suas interpretações da linguagem". os primeiros cristãos foram convertidos judeus, gregos, egípcios, romanos, diferindo em suas teologias, e apenas concordando em aceitar Cristo e o cristianismo; suas idéias sobre os ensinamentos de nosso Senhor a respeito do destino humano e sobre outros assuntos foram influenciadas por suas predileções anteriores.

Suas doutrinas em muitos pontos foram influenciadas por erros judaicos e pagãos, até que suas mentes foram esclarecidas, quando vieram os professores mais sistemáticos - Clemente, Orígenes e outros, que eliminaram os erros que os convertidos cristãos trouxeram consigo de associações anteriores, e apresentaram Cristianismo como Cristo o ensinou. As medidas de farinha eram mais ou menos impuras até que o fermento do cristianismo genuíno as transformou. Mas

admite-se que pouco resta desta era apostólica, fora do Novo Testamento, para nos dizer quais eram as suas ideias sobre o destino humano.

É provável, porém, que a noção farisaica de uma ressurreição parcial e da aniquilação dos ímpios fosse defendida por alguns, e as ideias pagãs de punição sem fim, por outros. Sabemos que mesmo enquanto os apóstolos viveram, alguns dos primeiros cristãos aceitaram erros novos ou mantiveram erros antigos, pelos quais foram repreendidos pelos apóstolos. "Falsos mestres" e "filosofia e vão engano" foram alegados contra eles, e é testemunho de estudiosos que abundavam erros entre eles, erros que o Cristianismo a princípio não exorcizou. Mas as questões relativas ao destino humano não foram levantadas inicialmente. Sem dúvida, prevaleceram as opiniões verdadeiras e as falsas, trazidas para a nova comunhão a partir de associações anteriores. E admite-se que, embora reste muito pouca literatura sobre este assunto, há o suficiente para mostrar que eles

difeririam, no início, e até que professores mais sábios sistematizaram a nossa religião e separaram o joio do trigo.

6.2 Vistas de Clemente de Roma.

O primeiro dos pais apostólicos foi Clemente de Roma, que foi bispo em 85 d.C. Eusébio e Origem pensavam que ele era colaborador de Paulo. Sua famosa (primeira) epístola de cinquenta e nove capítulos aproximadamente na extensão do Evangelho de Marcos. Ele apela à destruição das cidades das planícies para ilustrar o castigo divino, mas não dá nenhum indício da ideia de uma desgraça sem fim, embora dedique três capítulos à ressurreição. Acredita-se que ele tenha ensinado uma ressurreição parcial, pois pergunta: “Consideramos então algo grande e maravilhoso que o criador de todas as coisas ressuscite aqueles que orgulhosamente o serviram, na certeza de uma boa fé?" Mas isso não prova que ele defendia a aniquilação dos ímpios, pois Teófilo e Orígenes usam linguagem

semelhante. Ele diz: “Vamos refletir o quão livre ele está da ira para com todas as suas criaturas”. Deus "faz o bem a todos, mas mais abundantemente a nós que corremos em busca de refúgio em suas compaixões", etc. Deus é "o Pai todo misericordioso e beneficente". Neander afirma que Clemente tinha o espírito paulino", tendo o amor como motivo, e A. St. J. Chambre, DD, [2] pensa que "ele provavelmente acreditava na salvação de todos os homens", e Allin [3] refere-se a Rufino e diz: “do que podemos, penso eu, inferir, que Clemente, com outros pais, era um crente na esperança maior”. É provável que Chambre e Allin o tenham caracterizado corretamente. Ele escreveu uma epístola grega aos Coríntios que ficou perdida durante séculos, mas foi frequentemente citada por escritores subsequentes e cujo conteúdo era, portanto, conhecido apenas em fragmentos. Provavelmente foi escrita antes do Evangelho de João. Foi finalmente encontrada completa, encadernada com o códice alexandrino. Foi lida na igreja antes e na época de

Eusébio, e até mesmo no século I.

6.3 Policarpo, um Destrucionista.

Policarpo foi bispo da igreja em Esmirna, entre 108 e 117 d.C. Acredita-se que ele tenha sido discípulo de João. Irineu nos conta que ele e Inácio eram amigos de Pedro e João e relataram o que eles lhes contaram. Sua única epístola sobrevivente contém esta passagem: A Cristo “todas as coisas estão sujeitas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; a quem toda criatura vivente adorará; que virá para julgar os vivos e os mortos; cujo sangue Deus exigirá daqueles que não acreditam nele." Ele também diz no mesmo capítulo: “Aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos, também nos ressuscitará se fizermos a sua vontade”, o que implica que a ressurreição dependia, como ele pensava, da conduta nesta vida. Parece provável que ele fosse um dos que defendiam a doutrina farisaica de uma ressurreição parcial. E, no entanto, esta é

apenas a conjectura mais provável. Não há nada decisivo em sua linguagem. Quando o procônsul Estácio Quadrado escreveu a Policarpo, ameaçando-o de ser queimado, o santo respondeu: "Tu me ameaças com um fogo que arde por uma hora e depois se extingüe, mas ignoras, infelizmente! o fogo da condenação *aioniana*, e o julgamento por vir, reservado para os ímpios no outro mundo." Depois de Policarpo, não houve literatura que tenha chegado até nós durante vários anos, exceto algumas citações em escritos posteriores, que, no entanto, não contêm nada relacionado ao nosso tema, de Papias, Quadrato, Agripa, Castor, etc.

6.4 Os Martírios.

"O Martírio de Policarpo" pretende ser uma carta da igreja de Esmirna recitando os detalhes de sua morte. Mas embora seja o mais antigo dos relatos de martírio, supõe-se que tenha uma data muito posterior à alegada, e muito foi

interpolado pelos seus transcritores. Eusébio omite muito disso. Fala do fogo que é “castigo aionion”, e é provável que o escritor tenha dado a esses termos o mesmo sentido que lhes é dado pelas Escrituras, Orígenes, Gregório e outros escritos e autores universalistas.

Taciano afirma a doutrina da punição sem fim com muita veemência. Ele era mais um filosófico platônico do que um cristão. Ele foi um pagão convertido e repete as doutrinas pagãs em linguagem desconhecida no Novo Testamento, embora bastante comum em obras pagãs. Ele chama o castigo de “morte através do castigo na imortalidade”, [4] termos usados por Josefo e pelos pagãos, mas nunca encontrados no Novo Testamento. Seu “Diatessaron”, uma coleção dos Evangelhos, é de real valor para determinar a existência dos Evangelhos no Segundo Século.

6.5 O “Caminho da Morte” de Barnabé.

A Epístola de Barnabé foi escrita por um gnóstico Alexandrino, provavelmente por volta de 70 a 120 d.C., e não, como foi afirmado, pelo companheiro de Paulo, e ainda assim algumas das melhores autoridades pensam que o autor da Epístola era amigo de Paulo. Embora frequentemente citados pelos antigos, os primeiros quatro capítulos e meio da Epístola só eram conhecidos em versão latina até que todo o grego foi descoberto e publicado em 1863. É a única composição cristã escrita enquanto o Novo Testamento estava sendo escrito, exceto a "Sabedoria de Salomão". É de pequeno valor intrínseco e lança pouca luz sobre a escatologia. O primeiro manuscrito perfeito foi encontrado com o manuscrito Sinaítico de Tischendorf, cuja tradução é fornecida por Samuel Sharpe. (Williams & Norgate, Londres, 1880.) Foi o primeiro documento depois do Novo Testamento a aplicar aionios à punição; mas não há nada nesta conexão que mostre que foi usado em qualquer outro sentido que não o seu sentido bíblico, duração indefinida. É citado por Orígenes

em Cont. Cels., e por Clemente de Alexandria. É principalmente notável por ser o único entre os escritos contemporâneos do Novo Testamento. A frase, *eis ton aiona,* “em a era”, mal traduzida no Novo Testamento como “para sempre” (embora traduzida corretamente na margem da Revisão), é empregada por Barnabé e aplicada às recompensas do bem e às más consequências de fazer o mal. Ele diz: “O caminho das Trevas é um caminho eônico (aionios) de morte e punição”, mas a descrição que acompanha mostra que o Caminho e seus resultados estão confinados a esta vida, pois ele o precede negando todas as questões de escatologia. Ele diz: “Se eu lhe escrevesse sobre coisas futuras, você não entenderia”. E quando ele fala de Deus ele diz: “Ele é Senhor desde os séculos e pelos séculos, mas ele (Satanás) é o príncipe do tempo presente de maldade”. Parece que ele tinha em mente uma longa duração, mas não uma eternidade estrita, quando se referiu às consequências da maldade. Isto é confirmado pela seguinte linguagem:

“Aquele que escolhe essas coisas (más) será destruído junto com suas obras. Por causa disso, haverá uma ressurreição, por causa disso, um reembolso. Está próximo o dia em que todas as coisas perecerão juntamente com o maligno. O Senhor está próximo e sua recompensa." Barnabé provavelmente defendeu a visão bíblica da punição, duradoura, mas limitada, embora ele empregue *timoria* (tormento) em vez de *kolasis* (correção) para punição.

6.6 O Pastor de Hermas.

Em meados do segundo século, digamos, de 141 a 156 d.C., um livro intitulado “Pastor de Hermas” ou só “Pastor” foi lido nas igrejas e considerado quase igual às Escrituras. O autor foi contratado para escrevê-lo por Clemens Romanus. Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Atanásio citam-no e classificam-no entre os escritos sagrados. Clemente diz que é “divinamente expresso” e Origin o chama de “divinamente inspirado”. Irineu designa o

livro como “A Escritura”. De acordo com Rothe, Hefele e os editores da Bib. Máx. Patrum, Hermas ensina a possibilidade de arrependimento após a morte, mas parece implicar a aniquilação dos ímpios. Farrar diz que a parábola da torre "certamente ensinou uma possível melhoria após a morte: pois a possibilidade de arrependimento e, portanto, de ser incorporada à torre é concedida a algumas das pedras rejeitadas". O “Pastor” não confessa o Universalismo, mas está muito mais longe da escatologia da igreja dos últimos quinze séculos, do que da restauração universal. Apenas fragmentos desta obra foram preservados por muito tempo, e estavam em tradução latina, até 1859, quando um quarto do original grego foi descoberto. Isto, com os fragmentos anteriormente possuídos, e a versão etíope, dão-nos o texto completo deste antigo documento. O livro é uma espécie de Progresso do Peregrino Ante-Niceno – uma imitação incoerente do Apocalipse. [5] A teologia do "Pastor" pode ser avaliada a partir de sua linguagem: "Revesti-vos, portanto, da

alegria que sempre tem favor diante de Deus e é aceitável para ele, e deleita-te nela; pois todo homem que está alegre faz coisas boas, tem bons pensamentos, desprezando a tristeza”. Quão diferente é esse sentimento daquele que prevaleceu mais tarde, quando os santos mortificaram o corpo e a alma e fizeram da religião a apoteose da melancolia e do desespero.

Das cerca de quinze epístolas atribuídas a Inácio, os estudos modernos estabeleceram que sete são genuínas. Há passagens nestas que parecem indicar que ele acreditava na aniquilação dos ímpios. Ele provavelmente era um convertido do paganismo que não havia se livrado de suas opiniões anteriores. Ele diz: “Teria sido melhor para eles amarem para que pudessem ascender”. Se ele acreditasse numa ressurreição parcial, não poderia ter usado palavras que denotassem consequências infinitas para o pecado, assim como Orígenes, pois se a aniquilação se seguiria a essas consequências, elas teriam que ser limitadas. Quando Inácio e Barnabé falam

de castigo “eterno” ou morte, talvez pudéssemos supor que eles consideravam o castigo do pecado como interminável, se não encontrássemos que Orígenes e outros universalistas usavam os mesmos termos, e não soubéssemos que as Escrituras não o mesmo. Encontrar *aionion* ligado à punição não prova nada sobre sua duração. Em sua Epist. ad Trall., ele diz que Cristo desceu ao Hades e quebrou a barreira *aionion*.

6.7 Inácio era provavelmente um Aniquilacionista.

Parece, em geral, provável que, embora Inácio não tenha dogmatizado o destino humano, ele considerava a ressurreição como condicional. Mas aqui, como em outros lugares, o estudante deve lembrar-se de que a perniciosa doutrina da “reserva” ou “oeconomia” controlava continuamente as mentes dos primeiros professores cristãos, de modo que eles não apenas ocultavam as suas verdadeiras visões do futuro, temendo que pessoas

ignorantes tomassem vantagem da bondade de Deus, mas ameaçava as consequências do pecado para os pecadores, a fim de fornecer os incentivos que eles pensavam que as massas populares precisavam para dissuadi-los do pecado. O Dr. Ballou pensa que este pai sustentava que os ímpios “não serão ressuscitados dentre os mortos, mas existirão no futuro como espíritos incorpóreos”. Ele foi martirizado em 107 d.C.

6.8 Opiniões de Justino Mártir.

Justino Mártir, 89-166 d.C., é o primeiro estudioso produzido pela Igreja e o primeiro Pai notável, cuja autenticidade de escritos não é contestada. Suas obras sobreviventes são suas *Desculpas* e seu *Diálogo com Trifão.* É difícil determinar suas opiniões exatas. Cave diz: “Justino Mártir afirma que as almas dos homens bons não são recebidas no céu até a ressurreição *** que as almas dos ímpios são lançadas em uma condição pior, onde

esperam o julgamento do grande dia”. O próprio Justino diz que “o castigo é um castigo de uma era (*kolasin aionion*) e não por mil anos como diz Platão” (em *Fedra*). "É ilimitado; os homens são castigados por um período ilimitado, e o reino é *aionion* e o fogo disciplinador (*kolasis puros*) *aionion* também. *** "Deus atrasa a destruição do mundo, o que causaria anjos maus e demônios e os homens ímpios a deixarem de existir, a fim de dar tempo para que eles se arrependam. *** Alguns que pareciam dignos de Deus nunca morrem, outros são punidos enquanto Deus quiser que existam e sejam punidos. *** As almas morrem e são punidas." Ele chama o fogo da punição de inextinguível (*asbeston,* ασβεστον [G0762]). Ele às vezes parece ter ensinado um pseudo-universalismo, isto é, a salvação de todos os que terião permissão para ser imortais; em outras vezes punição sem fim. E volta a favorecer a salvação universal. Ele não apenas condenou aqueles que proibiram a leitura dos Oráculos Sibilinos, mas elogiou o livro. Sua linguagem é: "Nós não apenas os lemos sem medo, mas os oferecemos

para inspeção, sabendo que eles parecerão agradáveis a todos." Como os Oráculos defendem claramente a salvação universal, não é fácil acreditar que Justino tenha descartado seus ensinamentos. E ainda assim ele diz: "Se a morte dos homens ímpios terminasse em insensibilidade" (N.T. sono sem sonhos?), seria um "presente de Deus" para eles. Mas ao contrário, diz ele, a morte é seguida pela punição *aionion*. Se ele usou a palavra como Orígenes o fez, as duas declarações são conciliáveis entre si (salvação universal e punição *aionion*). Justino ensinou uma "ressurreição geral e eterna e julgamento. Corpo e alma serão ressuscitados e os ímpios com o diabo e seus anjos e demônios serão enviados para a Geena. [6] *** Cristo declarou que Satanás e seu exército, juntamente com aqueles homens que o seguem, serão enviados ao fogo e punidos por um período interminável.” [7] (N.T.) Mas pode ser que ele falava retoricamente e não literalmente. A opinião geral, porém, é que ele considerava a punição limitada, seguida de aniquilação. Ele mesmo diz: “A

alma, portanto, participa da vida, porque Deus quer que ela viva; e, conseqüentemente, ela não participará da vida sempre que Deus quiser que ela não viva". E ainda assim ele diz que os corpos são consumidos no fogo e ao mesmo tempo permanecem imortais.

(N.T.) Provavelmente Justino Mártir estava falando de Mateus 25:41 mas esta passagem usa a palavra *aionion* (εις το πυρ το αιωνιον)(Mat 25:41 "Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;")

Justino era um filósofo pagão antes de sua conversão, e seu cristianismo é do tipo mestiço. Ele vestia uma túnica de filósofo pagão (pálio) após sua conversão, chama-se platônico e sempre parece meio pagão. O seu esforço parece ser o de fundir o Cristianismo e o Paganismo, e não é fácil harmonizar as suas declarações. Suas idiossincrasias pagãs coloriram seu cristianismo. Mas, como diz Farrar, a

teologia dos primeiros um ou dois séculos não havia sido cristalizada, a "linguagem era fluida e pouco técnica, e não se deveria dar grande ênfase às expressões dos primeiros pais. Ele em nenhum lugar chama a punição de infinita, mas aionion; e ainda assim não pode ser provado que ele estivesse consciente do verdadeiro significado filosófico de aionios como uma palavra que expressa qualidade e exclui o tempo, ou melhor, é muitas vezes a antítese absoluta do tempo (N.T. um lugar onde o tempo não existe). Ele diz que demônios e os homens perversos serão punidos por uma era ilimitada (*aperanto aiona*), mas em algumas passagens ele parece estar pelo menos incerto se Deus não pode querer que as almas más deixem de existir." [8] Quando Justino diz que os transgressores devem permanecer imortais (*athanata*) enquanto são devorados pelo verme e pelo fogo, ele não pode querer dizer que eles não podem morrer *enquanto* expostos ao Geena? Assim, também, quando ele usou a palavra *aionios*, e disse que o pecador deve sofrer punição durante esse período, por que não

ler literalmente “por eras, e não como disse Platão, apenas por mil anos?”

Quando, portanto, esses termos são encontrados inexplicados, como em Justino Mártir, eles devem ser lidos à luz brilhante lançada sobre eles pelas interpretações de Clemente e Orígenes, que os empregam tão vigorosamente quanto Justino, mas que os explicam – “ fogo eterno" e "castigo eterno" - como em perfeita harmonia com o grande fato da restauração universal. O Doutor Farrar considera Justino Mártir como tendo “visões mais ou menos análogas ao Universalismo”. [9]

Não podemos fazer melhor aqui do que citar Hosea Ballou 2d, D.D.:

"A questão gira em torno da construção de uma única passagem. Justino argumentou que as almas não são, em sua própria natureza, imortais, desde que foram criadas, ou geradas; e tudo o que começa a existir, pode chegar ao fim. 'Mas , ainda assim, não digo que as almas

morrem completamente; pois isso seria realmente uma boa sorte para os maus. E então? As almas dos piedosos habitam em um lugar melhor; mas as dos injustos e ímpios, em um lugar pior , esperando o tempo do julgamento. Assim, aqueles que são julgados por Deus como dignos, não morrem mais; mas os outros são punidos enquanto Deus quiser que eles existam e sejam punidos. *** Pois, seja o que for, ou será, subsequente a Deus, tem uma natureza corruptível e é tal que pode ser abolido e deixar de existir. Somente Deus é ingênito e incorruptível e, portanto, ele é Deus; mas todo o resto, subsequente a ele, é gerado e corruptível. Por esta razão, as almas morrem e são punidas." [10]

6.9 A punição não é infinita.

A Epístola a Diogneto. – Esta carta foi atribuída por muito tempo a Justino Mártir, mas agora é geralmente considerada anônima. Foi escrito não muito longe de 100 d.C., talvez por Marcião, possivelmente por Justino

Mártir. É uma bela composição, cheia do espírito mais apostólico. Tem muito pouco a ver com o nosso tema, exceto que no final do Capítulo X fala de "aqueles que serão condenados ao fogo *aionion* que castigará aqueles que estão comprometidos com ele até o fim", [11] (*mechri telous, μεχρι τελους ; μεχρι [G3360]*). Mesmo que *aionion* geralmente signifique infinito, ele é limitado aqui pela palavra "até" que tem a força de até, como faz aidios em Judas 6, – "aidios acorrentados sob a escuridão, até (ou até) o julgamento do grande dia." Parece que tal castigo limitado só poderia ser acreditado por alguém que considerasse Deus como o correspondente de Diogneto, como alguém que "ainda é, sempre foi e sempre será gentil e bom, e livre de ira".

Esta breve passagem mostra-nos que no início do século II os cristãos insistiam na severidade das penalidades do pecado, mas complementavam-nas com a restauração sempre que tinham oportunidade de se referir ao resultado final. Alguns anos mais tarde (como

aparecerá mais adiante), quando o Cristianismo foi sistematizado por Clemente e Orígenes, isso foi plenamente demonstrado e explica as obscuridades e, às vezes, as aparentes incongruências dos escritores anteriores. O espírito encantador e a ética sublime desta epístola prenunciam a teologia cristã que logo será plenamente desenvolvida por Clemente e Orígenes. Bunsen considera (Hipp. and His Age, I, pp. 170, 171) a carta (Epístola a Diogneto) "indiscutivelmente, depois das Escrituras, o melhor monumento que conhecemos de sentimento cristão sólido, coragem nobre e eloqüência viril".

Irineu (120 d.C., falecido em 202) era amigo de Inácio e diz que em sua juventude viu Policarpo, contemporâneo de João. Ele conhecia vários que ouviram pessoalmente os apóstolos. Sua obra principal, "Contra as Heresias", foi escrita entre 182 e 188 d.C. Não existe nenhuma cópia completa dela no original grego: apenas uma tradução latina existe, embora uma parte do primeiro livro seja

encontrada em grego nas copiosas citações dela nos escritos de Hipólito e Epifânio. A sua autoridade é enfraquecida pelo péssimo latim em que se encontra a maior parte do texto. Um fato, entretanto, é incontestável: ele não considerava o Universalismo uma das heresias de sua época, pois em nenhum lugar o condena, embora a doutrina esteja contida nos "Oráculos Sibilinos", então de uso geral, e embora ele mencione a doutrina sem desaprovação em sua descrição da teologia dos Carpocratianos.

6.10 Interessante Exposição de Irineu.

Irineu foi citado como ensinando que o credo dos Apóstolos pretendia inculcar punição sem fim, porque numa paráfrase desse documento ele diz que o Juiz, no julgamento final, lançará os ímpios no fogo "eterno". Mas os termos que ele usa são “*ignem aeternum*” (*aionion pur*). Como acabamos de afirmar, embora ele repreenda os carpocratianos por ensinarem a transmigração

(reencarnação) das almas, ele declara sem protestar que eles explicam o texto “até que se pague o último centavo”, como inculcando a ideia de que “todas as almas estão salvas”. Irineu diz: “Deus expulsou Adão do Paraíso e o removeu para longe da árvore da vida, por compaixão a ele, para que ele não permanecesse sempre um transgressor, e para que o pecado em que ele estava envolvido não fosse imortal, nem ser sem fim e incurável. Ele evitou novas transgressões pela interposição da morte, e fazendo com que o pecado cessasse pela dissolução da carne *** para que o homem deixando de viver para o pecado, e morrendo para ele, pudesse começar a viver para Deus ."

6.11 O Credo ou Irineu.

Irineu declara o credo da igreja em sua época, 160 d.C., como uma crença em “um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e do mar, e de todas as coisas que neles há; e em um só Jesus Cristo, o Filho de Deus, que se encarnou

para nossa salvação; e no Espírito Santo que proclamou através dos profetas a dispensação de Deus, e os adventos, e o nascimento de uma virgem, e a paixão, e a ressurreição dos mortos, e a ascensão ao céu na carne do amado Cristo Jesus, nosso Senhor, e sua manifestação do céu na glória do Pai 'para reunir todas as coisas em uma' (Efésios 1:10) e ressuscitar toda a carne de toda a raça humana, para que a Cristo Jesus, nosso Senhor, e Deus, e Salvador, e Rei, de acordo com a vontade do Pai invisível, 'todo joelho se dobre, das coisas nos céus, e das coisas na terra, e coisas debaixo da terra, e que toda língua lhe confessasse' (Filipenses 2:10,11) e que ele executasse julgamento justo para com todos; para que ele possa enviar a 'maldade espiritual' (Efésios 6:12) e os anjos que transgrediram e se tornaram apóstatas, juntamente com os ímpios e injustos, e os ímpios e profanos entre os homens, para o fogo *aionion*; e possa, no exercício de sua graça, conferir a imortalidade aos justos e santos, e àqueles que guardaram seus mandamentos e perseveraram em seu amor, alguns desde

o início, e outros desde seu arrependimento, e possa cercá-los com a glória eterna."

O leitor não deve esquecer que o uso da frase fogo *aionion* não dá qualquer cor à ideia de que Irineu ensinou a punição *sem fim,* pois Orígenes, Clemente, Gregório Nyssen e outros universalistas transmitiram suas idéias de punição pelo uso do mesmos termos, e defendiam que a depois vem a salvação, e até mesmo *por meio* do fogo *aionion* e da punição.

6.12 Irineu, provavelmente um Universalista.

Schaff admite que as opiniões de Irineu são duvidosas do seu ponto de vista ortodoxo (de Schaff) e diz: [12] "No quarto fragmento Pfaffiano atribuído a ele (Stieren I, 889) ele diz que 'Cristo virá no fim dos tempos para destruir todo o mal ---- e reconciliar todas as coisas -- de Colossenses 1:20 -- para que haja um fim de toda impureza.' Esta passagem, como 1

Coríntios 15:28 e Colossenses 1:20, visa a restauração universal em vez da aniquilação", mas o bom e ortodoxo Dr. Schaff admite que ela, como as passagens paulinas, permite uma interpretação consistente com a punição eterna. (Veja a longa nota em Stieren.) O Dr. Beecher escreve que Irineu "ensinou uma restituição final de todas as coisas à unidade e à ordem pela aniquilação de todos os final e irreversivelmente impenitentes. *** A inferência disso é clara. Ele não entendia *aionios* no sentido de eterno; mas no sentido reivindicado pelo Prof. Lewis, isto é, 'pertencente ao mundo vindouro'", não infinito. Irineu pensava "que o homem não deveria durar para sempre como pecador e que o pecado que havia nele poderia não ser imortal, infinito e incurável".

6.13 Irineu na visão de Bunsen.

Diz Bunsen: "O decreto eterno da redenção é, para Irineu, do começo ao fim, um ato do amor de Deus. A expiação é,

segundo ele, uma satisfação paga, não a Deus, mas ao Diabo, sob cujo poder os seres humanos, mente e corpo, estavam submetidos. Mas o próprio Diabo serve apenas ao propósito de Deus, pois nada pode resistir até o fim, ao poder Todo-poderoso do amor divino, que atua não por constrangimento (o caminho do Diabo), mas por persuasão.
As diferentes declarações de Irineu são difíceis de conciliar entre si, mas uma inferência justa de sua linguagem parece ser que ele pairou entre as doutrinas da aniquilação e da punição sem fim, e ainda assim inclinou-se não pouco esperamos, para a doutrina da restauração universal. Ele certamente diz que a morte termina o pecado, o que exclui toda idéia de tormentos sem fim. É provável que os pais diferiram, como seus sucessores desde então diferiram, de acordo com influências antecedentes e circundantes, e com suas próprias idiossincrasias.

Dos escritores cristãos até agora vistos, todos afirmam punição futura, sete aplicam a ela a palavra traduzida “eterna”

(*aionios*); três, certamente não a consideravam interminável, dois defendem a aniquilação e um a restauração universal. Lembrando, no entanto, a doutrina da Reserva, não podemos de forma alguma ter certeza de que as palavras pagãs usadas para denotar a infinitude absoluta não foram usadas "pedagogicamente", para dissuadir os pecadores de pecar.

Quadratus. - Quadrato, 131 d.C., dirigiu um pedido de desculpas ao imperador Adriano, um fragmento do qual sobreviveu, mas não há nenhuma palavra nele relativa à condição final da humanidade.

As Homilias Clementinas, que se pensava terem sido escritas por Clemente de Roma, mas apropriadamente intituladas por Baur de "Pseudo Clementina", obra de algum cristão gnóstico - ensinam o triunfo final do bem. Uma passagem fala da destruição dos ímpios pela punição do fogo, "punidos com fogo aionion", mas isso é mais do que

cancelado por outras passagens nas quais é claramente ensinado que o Diabo é apenas um mal temporal, um servo do bem. , e agente de Deus, que, com todas as suas más obras, será finalmente transformado em bem. Por um lado, o Diabo não é propriamente um mal, mas um ser que serve a Deus; por outro, há uma transformação final do Diabo, do mal em bem. Os sentimentos das Homilias parecem, no entanto, um tanto contraditórios.

É uma consideração importante nem sempre percebida, ao estudar as opiniões que prevaleciam na igreja primitiva, que as primeiras cópias dos Evangelhos não existiram até 60 d.C.; que a primeira Epístola escrita por Paulo – 1ª Tessalonicenses – não foi escrita até 52 d.C.; que o cânon do Novo Testamento não foi concluído até 170 d.C.; que durante muito tempo a única Bíblia cristã foi o Antigo Testamento; [14] que o relato do julgamento em Mat. 25 nunca é mencionado nos escritos dos pais apostólicos, que provavelmente nunca

viram ou ouviram falar dele até o final do século II; e, portanto, ao considerarmos as opiniões dos pais durante pelo menos um século e meio, devemos em todos os casos interpretá-las pelo Antigo Testamento, que os estudiosos de todas as igrejas admitem não revelar a doutrina da desgraça sem fim. Provavelmente nem um único escritor cristão citado até agora viu uma cópia dos Evangelhos.

6.14 Atenágoras e Teófilo.

Atenágoras escreveu uma "Apologia", por volta de 178 d.C., e um "Tratado sobre a Ressurreição". Ele era um estudioso e filósofo e fez grandes esforços para converter os pagãos ao cristianismo. Declarou que haverá um julgamento, cuja sentença será distribuída de acordo com a conduta; mas ele em nenhum lugar se refere à duração da punição. Ele foi, no entanto, o chefe da escola catequética em Alexandria, antes de Pantænus, e deve ter compartilhado as visões universalistas de Pantænus, Clemente e Orígenes, seus

sucessores.

Teófilo (180 d.C.). Este autor deixou um "Tratado" em nome do Cristianismo, dirigido a Autolycus, um pagão erudito. Ele usa a linguagem atual sobre o assunto da punição, mas diz: “Assim como um vaso que, depois de feito, apresenta alguma falha, é refeito ou remodelado, para se tornar novo e correto, assim ele chega ao homem por meio de morte. Pois, de uma forma ou de outra, ele foi quebrado, para que pudesse ressurgir inteiro na ressurreição, quero dizer, imaculado, justo e imortal.

Os escritores anteriores eram "ortodoxos", mas havia ao mesmo tempo cristãos gnósticos, cujos escritos não permaneceram, exceto em citações contidas em autores ortodoxos, com exceção de alguns fragmentos. Eles parecem ter amalgamado o Cristianismo com o Orientalismo. Mas têm sido tão mal representados pelos seus oponentes que é muito difícil chegar às suas verdadeiras opiniões sobre todos os assuntos.

Felizmente, eles falam claramente sobre o destino humano.

Referências do capítulo 6:

[1] Dr. Alvah Hovey, Estado dos Mortos Impenitentes, pp.131-132

[2] Anc. História. Univ., Nota.

[3] Universalismo Afirmado, pág. 105.

[4] “θανατων δια τιμωριας εν αναστασια”

[5] Bunsen, Hipp. e sua idade, vol. 1, pág. 182

[6] Apolo. 1, 8.

[7] Mas Gregory Nyssen, o Universalista por excelência, diz que a Gehenna é uma agência purificadora. O mesmo acontece com Orígenes.

[8] Vidas dos Pais, p. 112.

[9] Esperança Eterna, p. 84.

[10] Universalismo Quadrimensal (revista)., julho de 1846, pp.299-300

[11] Migne, II, p. 1184.

[12] Vol. 1, pág. 490.

[13] Longfellow expressa o mesmo pensamento:

"É Lúcifer, Filho do Mistério
E já que Deus permite que ele seja,
Ele também é ministro de Deus
E trabalha para algum bem
Por nós não compreendido."

[14] Westcott Internacional. aos Evangelhos, pág. 181.

Capítulo 7. Três Seitas Gnósticas.

Três seitas gnósticas floresceram quase simultaneamente no século II, todas aceitando a salvação universal: os Basilidianos, os Valentinianos e os Carpocratianos.

7.1 Os Basilidianos.

Os Basilidianos eram seguidores de Basilides, que viveu por volta de 117-138 d.C. Ele era um cristão gnóstico e um filósofo egípcio. Ele escreveu um suposto Evangelho – exegético e não histórico – do qual não resta nenhum vestígio. Como algumas das suas teorias não concordavam com as geralmente defendidas pelos cristãos, ele e os seus seguidores foram considerados hereges e os seus escritos foram destruídos, embora não existam provas que demonstrem que a sua visão do destino humano era desagradável. A filosofia grega e a fé cristã misturam-se no eletismo dos Basilidianos. Basilides ensinou que a redenção universal do homem resultará do nascimento e da morte de Cristo. De acordo com o "Dicionário de Biografia Cristã", [1] Hipólito faz uma exposição da seita cristã mística. O próprio Basilides era um cristão sincero e "o primeiro professor gnóstico que deixou uma marca individual e pessoal na época". [2] Ele aceitou toda a narrativa do Evangelho e

ensinou que os ímpios serão condenados a migrar para corpos de homens ou animais até serem purificados, quando serão salvos com todo o resto da humanidade. Ele não fingiu que suas idéias sobre transmigração foram obtidas das Escrituras, mas afirmou que as derivou da filosofia. Ele sustentava que as doutrinas do Cristianismo têm um caráter duplo – uma frase simples, popular, obtida da leitura clara e literal do Novo Testamento; o outro, sublime, secreto, misteriosamente transmitido aos favorecidos. O seu sistema era uma espécie de metempsicose egípcia enxertada no cristianismo, um misticismo oriental que tentava assentar numa base cristã e, assim, resolver o problema do destino humano. O homem e a natureza são representados como esforçando-se para subir. “A restauração de todas as coisas que no princípio foram estabelecidas na semente do universo será restaurada em seu próprio tempo.”

Irineu acusa os Basilidianos de imoralidade, mas Clemente, que os conhecia melhor, nega e os defende. [3]

7.2 Os Carpocratianos.

Os Carpocratianos eram seguidores de Carpócrates, um filósofo platônico, que incorporou alguns dos elementos da religião cristã em seu sistema de filosofia. A seita floresceu no Egito e arredores no início do século II. Como os Basilidianos, eles se autodenominavam gnósticos e inculcaram um conjunto de teorias um tanto semelhante. Irineu diz que os Carpocratianos explicaram o texto: "Não sairás dali até que tenhas pago o último centavo", como ensinando "que ninguém pode escapar do poder daqueles anjos que fizeram o mundo, mas que ele deve passar de corpo a corpo até que ele tenha experiência de todo tipo de ação que pode ser praticada neste mundo, e quando nada mais lhe faltar, então sua alma liberada deverá elevar-se até aquele Deus que está acima dos anjos, os criadores do mundo ... Desta forma, todas as almas são salvas", etc. Mas embora Irineu chame os Carpocratianos de uma seita herética e

denuncie alguns de seus princípios, ele não tinha palavras duras para sua doutrina do destino final do homem.

7.3 Os Valentinianos.

Os Valentinianos (130 d.C.) ensinaram que todas as almas serão finalmente admitidas nos reinos da bem-aventurança. Eles negaram a ressurreição do corpo. Suas doutrinas foram amplamente divulgadas na Ásia, África e Europa, após a morte de seu fundador egípcio, Valentim. Assemelhavam-se aos ensinamentos de Basilides nos esforços para resolver filosoficamente o problema do destino humano. Valentim floresceu em Roma de 129 a 132 d.C. Cristão devoto e homem do mais alto gênio, ele nunca foi acusado de nada pior do que heresia. Ele foi "um pioneiro na teologia cristã". A sua tentativa foi de mostrar, de forma dramática, como "a obra da redenção universal prossegue para a glória cada vez maior do Pai inefável e insondável, e para a bem-aventurança cada vez maior das

almas”. Havia um germe de verdade na teogonia cristã híbrida e na filosofia helênica que constituía o valentianismo. Foi uma luta pela única visão do destino humano que pode satisfazer o coração humano.

Estas três seitas foram duramente combatidas pelos pais “ortodoxos” em alguns dos seus princípios, mas o seu Universalismo nunca foi condenado.

7.3 Fases do Gnosticismo.

Seria interessante fazer uma exposição do gnosticismo que durante alguns dos primeiros séculos agitou a Igreja Cristã; será suficiente para o nosso propósito aqui dizer que suas múltiplas fases foram tentativas de chegar a conclusões satisfatórias sobre os grandes temas das relações do homem com seu Criador, com seus semelhantes, consigo mesmo e com o universo - para resolver os problemas de tempo e eternidade. Os filósofos gnósticos da igreja mostram os resultados da

mistura das filosofias oriental, judaica e platônica com a nova religião. “O gnosticismo [4] era uma filosofia da religião”, e o gnosticismo cristão foi um esforço para explicar filosoficamente a nova revelação. Mas havia gnósticos e gnósticos. Alguns dos Pais Cristãos usaram o termo com reprovação, e outros se apropriaram dele como um termo de honra. Gnose, conhecimento, filosofia aplicada à religião, foi considerada muito importante por Clemente, Orígenes e os mais proeminentes dos Pais. Os meros gnósticos eram apenas filósofos pagãos, mas os gnósticos cristãos eram aqueles que aceitavam Cristo como o autor de uma revelação nova e divina, e a interpretavam de acordo com aqueles princípios que antecederam a religião de Jesus. [5] "Os gnósticos foram os primeiros comentaristas regulares do Novo Testamento. *** Os gnósticos também foram os primeiros praticantes da alta crítica. *** Ele (o gnosticismo) pode ser considerado uma casa de meio caminho, embora que muitos pagãos, como Ambrósio ou Santo Agostinho,

entraram na igreja. ("Neoplatonismo, pelo Rev. Dr. Charles Bigg.) Os Valentinianos, Basilidianos, Carpocratianos, Maniqueus, Marcionitas e outros eram Gnósticos Cristãos; mas Clemente, Orígenes e os grandes Alexandrinos e seus associados eram Cristãos Gnósticos. Na verdade, as teorias Gnósticas buscaram uma solução para o problema do mal; para responder à pergunta: “Pode o mundo como o conhecemos ter sido feito por Deus?” “Cessem”, diz Basilides, [6] “as especulações ociosas e curiosas, e vamos em vez disso discutir as opiniões que até os bárbaros têm mantido sobre o tema do bem e do mal. *** Direi qualquer coisa em vez de admitir que a Providência é perversa." Valentino declarou: "Não me atrevo a afirmar que Deus é o autor de tudo isso." Tertuliano diz que Marcião, como muitos homens do nosso tempo, e especialmente os hereges, "está perplexo com a questão do mal." A visão gnóstica geralmente aceita era que enquanto os bons ascenderiam na morte para habitar com o Pai, os ímpios passariam por transformações até serem purificados.

Diz o Prof. Allen: “O gnosticismo é uma conseqüência genuína e legítima do mesmo movimento geral de pensamento que moldou o dogma cristão. É bastante evidente que ele se considerava o verdadeiro intérprete do Evangelho”. Baur cita um escritor alemão que fez uma exposição completa de uma das últimas tentativas de “trazer de volta o gnosticismo a uma maior harmonia com o espírito do cristianismo”. Resumidamente, Sophia (sabedoria), como tipo de humanidade, cai, sobe e se une ao Bem eterno. Baur diz que o gnosticismo declara que “seja através da conversão e da emenda, ou através da aniquilação total, o mal desaparecerá, e o objetivo final de todo o processo mundial deverá ser alcançado, a saber, a purificação do universo de tudo o que é indigno”. e pervertido." Harnack diz que o gnosticismo "visava a conquista de uma religião mundial. Os gnósticos foram os teólogos do primeiro século; eles foram os primeiros a transformar o cristianismo em um sistema de doutrinas (dogmas). Eles

tentaram conquistar o cristianismo para cultura helênica e cultura helênica para o cristianismo." [7]

7.4 Fatos Notáveis.

Diferindo dos chamados cristãos “ortodoxos” em muitos pontos, as três grandes seitas gnósticas do século II estavam em pleno acordo com Clemente e Orígenes e com a escola Alexandrina, e provavelmente com a grande maioria dos cristãos, nas suas opiniões sobre o destino do ser humano. Eles ensinaram a suprema santidade e felicidade da família humana, e é digno de nota que embora todos os gnósticos defendessem a salvação final de todas as almas, e embora os pais ortodoxos os atacassem selvagemente em muitos pontos, eles nunca consideraram o seu *universalismo* como uma falha. Esta doutrina não era desagradável nem para os ortodoxos nem para os heterodoxos nos primeiros séculos.

Referências do capítulo 7:

[1] Vol. 271, 2.

[2] Hipp de Bunsen. e sua época, vol. 1, pág. 107.

[3] As autoridades padrão no assunto do Gnosticismo são Neander, Baur, Matter, Bigg, Mansel (Heresias Gnósticas).

[4] Baur, História da Igreja nos Primeiros Três Séculos, I, pág.184-200 Evangelhos perdidos e hostis de Baring Gould, p. 278.

[5] Mansel, Baur, etc.

[6] Irineu de Stieren V, 901-903. Clem. Strom. IV, 12.

[7] Esboços da Hist. do Dogma, pág.58-59

Capítulo 8. Os Oráculos Sibilinos.

O documento cristão mais antigo desde o Novo Testamento, que reconhece explicitamente a doutrina da restauração

universal, são os “Oráculos Sibilinos”. [1] Diferentes partes desta composição foram escritas em datas diferentes, de 181 a.C. a 267 d.C. A porção que expressa a salvação universal foi escrita por um cristão alexandrino, por volta de 80 d.C., e os "Oráculos" estiveram em circulação geral a partir de 100 d.C., e são mencionados com grande consideração por muitos séculos subsequentes.

8.1 Os Justos Oram pelos Iníquos.

Depois de descrever a destruição do mundo, que Sibila profetiza, e as entregas dos ímpios ao tormento de Aionion, como nosso Senhor ensina em Mateus. 25:46, os abençoados habitantes do céu são representados como sendo miseráveis pelo pensamento dos sofrimentos dos perdidos e suplicando a Deus com voz unida para libertá-los. Deus atende ao seu pedido, livra-os do tormento e concede-lhes felicidade. Os "Oráculos" declaram: "O Deus onipotente e incorruptível conferirá outro favor aos seus adoradores,

quando eles lhe pedirem. Ele salvará a humanidade do fogo pernicioso e das agonias imortais (athanaton). *** Tendo-os reunido e protegido com segurança *** ele os enviará, pelo bem de seu povo, para outra vida eônica com os imortais na planície Elísia, onde fluem perpetuamente as longas ondas escuras do profundo mar de Aqueronte. [2]

As punições dos ímpios são aqui descritas nos termos mais fortes possíveis; eles são "eternos" (aionion), "imortais" (athanaton), e ainda assim é declarado que, a pedido dos justos, Deus os livrará desses tormentos.

A Sibila antecipa o poeta Whittier:

"Ainda o teu amor, ó Cristo, surgiu,
Anseia por alcançar as almas que estão na prisão;
Através de todas as profundezas
do pecado e da perda
Deixa cair o prumo da tua cruz;
Nunca ainda o abismo foi encontrado
Mais profundo do que aquela cruz
poderia parecer;
Bem abaixo, bem acima

Varre o círculo do amor de Deus."

Holmes expressa o mesmo sentimento:

"E se (um) espírito redimido,
em meio ao exército de anjos cantando,
em alguma calmaria transitória do hino eterno
Ouve o grito da sua querida perdida. ***

Não demoraria muito para deixar
a felicidade do céu
Trazendo um pouco de água na mão,
Para umedecer aqueles pobres lábios
que imploram em vão

A ele chamamos de Pai Nosso?"

Este famoso documento foi citado por Atenágoras, Teófilo, Justino Mártir, Lactâncio, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Agostinho. Clemente chama a autora de "a profetisa".

Ainda na Idade Média, os "Oráculos" eram bem conhecidos e seu autor era classificado com David. Quando Tomás de Celano compôs o grande Hino do Juízo, ele disse:

"Morre Iræ, morre illa,
Solvet saeclum em favilla,
Teste David cum Sibylla,"--

"o terrível dia da ira dissolverá o mundo em cinzas, como testemunham Davi e a Sibila."

Os melhores estudiosos admitem o Universalismo dos “Oráculos”. Diz Musardus, [3] os “Oráculos” ensinam “que os condenados serão libertados depois de terem suportado punições infernais por muitas eras, *** o que foi um erro de Orígenes”. E Opsopoeus acrescenta [4] "que os 'Oráculos' ensinam que os ímpios que sofrem no inferno (Geena) após um certo período, e através de expiações de mágoas, seriam libertados dos castigos, o que era a opinião de Orígenes", etc. , e todas as coisas e pessoas são lançadas no fogo inextinguível para purificação; isto é, o fogo é inextinguível até que tenha cumprido o seu propósito de purificação. A própria Geena, como Orígenes insistiu posteriormente, purifica e entrega seus prisioneiros. Os ímpios sofrerão agonias

“imortais” e então serão salvos.

8.2 Os Oráculos são Clássicos Cristãos Primitivos.

Westcott comenta sobre os "Oráculos:" "Eles permanecem únicos como uma tentativa de abranger toda a história, até mesmo seus detalhes, em uma grande visão teocrática, e considerar os reinos do mundo como destinados a ser províncias em um futuro Reino de Deus."

Embora as visões de retribuição não sejam elevadas e representem a punição dos ímpios como no fogo literal, e não uma disciplina moral, como Orígenes ensinou, elas ensinam claramente a salvação universal além de todo sofrimento aeoniano, até mesmo athanaton. Um notável escritor [5] declara: “A doutrina do Universalismo é apresentada em mais de uma passagem desta peça;” embora em outros lugares o Dr. Deane distorça, de maneira bastante inconsistente, a linguagem da Sibila, assim: "Deus,

ouvindo as orações dos santos, salvará *alguns* das dores do inferno." Ele traduz erroneamente *antropois* como "alguns" em vez de "*humanidade*", o significado da palavra, a fim de mostrar que Sibila "não acredita, como Orígenes, na salvação universal". E, no entanto, ele é forçado a acrescentar: "Esta noção da salvação de qualquer pessoa se opõe ao sentimento expresso em outro lugar *** onde, ao retratar os tormentos do inferno, o escritor afirma que não há lugar para arrependimento ou qualquer misericórdia ou esperança". Mas o Dr. Deane esquece que os universalistas reconhecidos da igreja primitiva empregavam termos igualmente fortes em relação à duração da punição. O uso dos termos que significam tormento sem fim empregados pela Sibila, como por Orígenes e outros, não excluiu a ideia da salvação final daqueles assim punidos. Orígenes ensinou que os pecados mais persistentes serão "extinguidos" pelo "fogo eterno", assim como Sibila diz que os ímpios perecem no fogo "imortal" e são posteriormente salvos.

8.3 O erro de Sir John Floyer.

Em linha com as estranhas contradições de Deane pode ser mencionada outra das muitas curiosidades da crítica. Uma versão em prosa inglesa dos hexâmetros homéricos da Sibila foi feita em 1713 por Sir John Floyer. [6] Ele nega que os "Oráculos" ensinem a salvação universal, mas para sustentar sua posição ele omite a tradução de uma palavra e traduz incorretamente outra! Ele traduz toda a passagem assim: “O Deus Todo-poderoso e incorruptível concederá isto também aos justos quando eles orarem a ele; que ele os preservará (literalmente salvará a humanidade, antropois sosai) do fogo pernicioso e do ranger eterno de dentes; e isso ele fará quando reunir os fiéis do fogo eterno, colocando-os em outra região, ele os enviará por seus próprios anjos para outra vida, que será eterna para aqueles que são imortais, nos campos Elísios ", etc.

É somente traduzindo as palavras que denotam “salvar a humanidade”, “livrá-

la”, que ele defende seu ponto de vista. Uma tradução correta coincide com as declarações da maioria dos estudiosos de que a salvação universal é ensinada neste documento único.

A *Sibila* declara que os justos e os injustos passam pelo "fogo inextinguível" e que todas as coisas, até mesmo o Hades, devem ser purificadas pelo fogo divino. E depois que os injustos forem libertados do Hades, eles serão entregues à Gehenna e, então, pelo desejo dos justos, serão removidos de lá para "uma vida eterna para os imortais". (B. II, v.: 211-250-340).

Agostinho (De Civ. Dei. B., XVIII) citou o famoso acróstico do nome do Salvador como prova de que a Sibila predisse a vinda de Jesus. E é curioso notar que em sua “Cidade de Deus”, ao afirmar que certos “médicos misericordiosos” negavam a eternidade do castigo, ele dá as mesmas razões que eles atribuem para sua crença que a Sibila nomeia. Ele cita os “médicos misericordiosos” dizendo que os cristãos neste mundo possuem a

disposição de perdoar seus inimigos, eles não deixarão de lado essas características na morte, mas terão pena, perdoarão e orarão pelos ímpios. Os redimidos se unirão nesta oração e Deus não sentirá pena e responderá à oração na qual todos os salvos se unem? Agostinho apresenta essas objeções irrespondíveis e dedica muitas páginas a uma resposta muito débil a elas.

Os cristãos do primeiro século reconheceram tão plenamente os "oráculos" e apelaram para eles, que foram frequentemente denominados sibilistas. Celso aplicou a palavra a eles, e Orígenes, embora aceitasse os ensinamentos da Sibila sobre o destino, objetou que o termo não era aplicado de maneira justa. Isso ele faz em " *Contra Celso V. 61*. Clemente de Alexandria não apenas chama a Sibila de profetisa, mas seus "Oráculos" de hino salvador.

Lactâncio citou cinquenta passagens da Sibila em suas evidências do Cristianismo.

Nenhum livro, nem mesmo o Novo Testamento, exerceu uma influência mais ampla nos primeiros séculos da igreja do que os “Oráculos Sibilinos”.

Existe bastante literatura sobre o assunto nas publicações periódicas dos últimos anos, mas há muito poucas referências ao Universalismo dos “Oráculos”. A "Edinburgh Review" (julho de 1867) é uma exceção. Afirma que os “Oráculos” declaram “a crença origenista de uma restauração universal (V. 33) de todos os homens, até mesmo dos injustos, e dos próprios demônios”. Os “Oráculos” são especialmente valiosos para mostrar as opiniões dos primeiros cristãos depois dos apóstolos, e, como visam converter os pagãos a Cristo, e empregam esta doutrina como uma das armas, ela deve ter sido considerada naquela época um proeminente Princípio cristão, e o estudante sincero é forçado a concluir que eles expressam a opinião predominante daqueles dias sobre o destino humano.

O leitor não deve deixar de observar

que os “Oráculos Sibilinos” afirmam explicitamente a libertação dos condenados dos tormentos do inferno. Eles repetidamente chamam o sofrimento de eterno, até mesmo de “imortal”, mas declaram que ele terminará na restauração dos perdidos.

Referências do capítulo 8:

[1] σιβυλλιακοι χρησμοι

[2] B.VIII. ii, versículos 195-340 Ed. Opsopoei, Paris: 1667.

[3] Historia Deorum Fatidicorum, Vaturn Sibyllorum, etc., p. 184: (1675.) Dicit malnatos liberandos postquam poenas infernales per aliquot secula erunt perpessi, qui Origenis fuit error.

[4] Notas (p. 27) para Bib. Orac (Paris: 1607). "Impii gehennæ supplicio Addi post certi temporis metas et peccatorum per dolores expiationem, ex poenis liberentur. Quæ sententia fuit Origenis, etc."

[5] William J. Deane, Pseudepígrafe, p. 329.

[6] "Os Oráculos Sibilinos, Traduzidos das Melhores Cópias Gregas e Comparados com as Profecias Sagradas."

Capítulo 9. Pantænus e Clemente.

Não há nada conhecido da pena de Pantænus propriamente, mas aprendemos com Eusébio que seu ilustre estudioso e professor estava à frente da escola catequética em Alexandria já em 100-120 d.C. A tradição afirma que foi fundada pelos apóstolos. [1] Jerônimo diz, "que Marcos, o Evangelista, sempre foi um professor da igreja."("*um Marco Evangelista semper ecclesiastici fuere doctores*.") Até a época de Panteno era uma escola de prosélitos, mas ele fez dela um seminário teológico, e assim foi o verdadeiro fundador da instituição catequética. [2]

9.1 Pantænus, a "Abelha Siciliana".

Pantænus foi um convertido do estoicismo e é descrito por Clemente, Jerônimo e outros como um homem de aprendizado e habilidades superiores. Clemente o chama de "aquela abelha siciliana colhendo os despojos das flores do prado profético e apostólico"; "o gnóstico mais profundo", com o qual ele quer dizer "o filosofo cristão mais profundo, o homem que melhor compreendeu e praticou as Escrituras". Não poderia ser de outra forma senão que o professor de Clemente apreciava as visões religiosas com as quais seu grande discípulo foi formado, pois de Pantænus, Clemente diz: "Eu sei qual é a fraqueza dessas reflexões, se as comparo com os ensinamentos dotados e graciosos que tive o privilégio de ouvir." Alguns de seus escritos são mencionados, mas embora nada tenha restado, ainda assim, através de Clemente, que foi inspirado por ele, ele deixou à igreja um legado inestimável.

Em 189 d.C., Panteno fez uma viagem

missionária à Índia, e Eusébio diz que enquanto estava lá ele encontrou as sementes da fé cristã que haviam sido semeadas por missionários anteriores, e que trouxe para casa com ele o Evangelho de Mateus, em hebraico, que havia sido levado para a Índia por Bartolomeu. Não será que alguns dos preceitos do Budismo semelhantes aos de Cristo, que os melhores estudiosos orientais admitem serem de origem posterior à de Buda, foram extraídos dos ensinamentos dos primeiros missionários cristãos? Panteno foi martirizado em 216 d.C.

O Universalismo de Clemente, Orígenes e seus sucessores deve, sem dúvida, ter sido ensinado pelo seu grande antecessor, Panteno, e há todas as razões para acreditar que a escola Alexandrina nunca conheceu qualquer ensinamento contrário, desde a sua fundação.

9.2 A Escola Alexandrina, Alexandria e sua famosa escola.

Nessa época, Alexandria era a segunda cidade do mundo, com uma população de 600.000 habitantes; sua grande biblioteca continha de 400.000 a 700.000 volumes; diz-se que, ao mesmo tempo, 14.000 estudantes foram reunidos; e foi o centro da aprendizagem, da cultura e do pensamento do mundo; os buscadores da verdade e do conhecimento de todos os climas buscaram inspiração em seus santuários e, acima de tudo, era de seu interesse para nós, não apenas o centro radiante da influência cristã, mas seus professores e sua escola fizeram da salvação universal o tema do ensino cristão.

"Para aqueles velhos cristãos, um ser que não buscasse cada criatura e tentasse levantá-la, não poderia ser um ser de absoluta justiça, poder, amor; não poderia ser um ser digno de respeito ou admiração, ou até mesmo de especulação filosófica. Os cristãos alexandrinos expuseram e corroboraram o cristianismo, e o adaptaram a todas as classes e condições dos homens, e fizeram a

melhor, talvez a única, tentativa já feita pelo homem para proclamar uma verdadeira filosofia mundial. Abarcando todo o fenômeno humano, capaz de ser compreendida e apreciada por cada ser humano, do mais elevado ao mais baixo." O resultado foi que "eles foram capazes de produzir, na vida de milhões, geração após geração, um progresso moral mais imenso do que o mundo jamais havia visto antes. Seus discípulos realmente se tornaram homens justos e bons, na mesma proporção em que eram fiéis às lições que aprenderam. Durante séculos, eles operaram uma libertação distinta e palpável na terra. [3]

Alexandria foi fundada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., e rapidamente se tornou uma grande cidade. Depois de dois séculos, porém, declinou, até 30 a.C., quando Augusto declarou-a uma cidade imperial. Em 196 d.C. sua municipalidade, perdida há dois séculos, foi restaurada, a partir dessa época retomou sua antiga prosperidade, que continuou até que dissensões internas a enfraqueceram, e

em 640 d.C., após um cerco de quatorze meses, foi tomada pelos árabes sob Amru e, entre outros desastres, a grande biblioteca foi destruída. Esta biblioteca continha os preciosos manuscritos de Orígenes e muitos outros que poderiam lançar grande luz sobre o nosso tema. Abulpharagius relata que João, o Gramático, um famoso filósofo peripatético, implorou a Amru que lhe desse a biblioteca. Amru encaminhou o pedido a Omar, que respondeu que se os livros contivessem as mesmas doutrinas do Alcorão, eles não seriam necessários; se fossem contrários a isso, não deveriam ser preservados e, portanto, foram ordenados a serem queimados. Assim foram distribuídos entre os 4.000 banhos públicos da cidade, onde forneceram o combustível durante seis meses!

Alexandria continuou a declinar até que a descoberta da rota marítima para o Oriente em 1497 (por Vasco da Gama) arruinou o seu comércio e sua população afundou para 6.000 habitantes. Mas a abertura do canal Mahmoudiah em 1820

(N.T.) aumentou a sua prosperidade e é hoje uma das cidades mais importantes do mundo. Em 1871 tinha uma população de 219.602 habitantes. Na época de Cristo, e durante duzentos anos depois, Alexandria estava no auge de sua grandeza. Desde a época de Ptolomeu Soter (306-285 a.C.), os livros, os estudiosos e o aprendizado do mundo estavam centrados nesta grande cidade. As religiões e filosofias do mundo se reuniram aqui e criaram uma intensa vida de pensamento. Judeus, cristãos e pagãos foram reunidos e confrontados em conflitos intelectuais como em nenhum outro lugar. Foi aqui que Clemente, Orígenes e os seus seguidores exerceram a sua melhor influência e que o Cristianismo preservou a sua pureza durante séculos.

(N.T.) Canal de Mahmoudiah: Com 72km indo do rio Nilo à Alexandria, construído pelo império otomano para fornecer água para a cidade e para transito fluvial.

"O norte da África estava então repleto de cidades ricas e populosas, e formava

com o Egito o celeiro do mundo. *** Em nenhuma parte do império o Cristianismo criou raízes mais profundas e permanentes. *** África, em vez de Roma , foi o pai do cristianismo latino. Tertuliano foi neste período o principal representante do cristianismo africano *** ainda mais tarde Cipriano, e mais tarde ainda Agostinho. Para nós, preocupados com a insignificância moderna da cidade egípcia, é necessário um esforço mental para perceber que Alexandria já foi a segunda maior cidade do mundo e o segundo maior patriarcado da igreja, a igreja de Clemente, Orígenes, Atanásio e Cirilo. Dá-nos uma espécie de choque mental quando lembramos que a terra de Tertuliano, Cipriano e Agostinho é a moderna Túnis e Argel."

9.3 Alexandria, a metrópole cristã.

"A sede e centro do Cristianismo durante os primeiros três séculos foi Alexandria. A oeste de Alexandria, prevaleceu a influência dos latinos,

Tertuliano, Cipriano, Minúcio Félix e Agostinho, e seu tipo de Cristianismo foi distorcido e desenvolvido pela influência da lei romana. Maine diz que, indo do Oriente para o Ocidente, a especulação teológica passou da metafísica grega para o direito romano. O gênio de Agostinho, assim controlado, deu origem ao calvinismo. O sombrio e preciso Tertuliano, o vigoroso e austero Cipriano, bispo de Cartago, e Agostinho , o mais sombrio e mais materialista dos teólogos, que quase se pode dizer que inventou o inferno da Idade Média, contribuiu com as forças que mais tarde adulteraram a fé cristã genuína. Mesmo assim, a população grega da igreja oriental, que lia os Evangelhos gregos como lemos em inglês, são como os pais gregos dos primeiros tempos da igreja; eles nada sabem da doutrina inventada pelos teólogos latinos." (Igreja Oriental de Stanley, p.49.)

"Numa cidade como Alexandria – com o seu museu, as suas bibliotecas, as suas palestras, as suas escolas de filosofia, a sua esplêndida sinagoga, os seus ateus

declarados, os seus místicos orientais de pensamento profundo – o Evangelho teria sido impotente se tivesse sido incapazes de produzir professores que fossem capazes de enfrentar filósofos pagãos e filoístas judeus em seu próprio terreno. Tais pensadores recusariam sua atenção a homens que não pudessem compreender seus raciocínios, simpatizar com suas perplexidades, refutar seus argumentos fundamentais e enfrentá-los no espírito da cortesia cristã. [4] Diferentes instrumentos são necessários para diferentes fins. Onde Clemente de Roma poderia ter sido inútil, Clemente de Alexandria tornou-se profundamente influente. Onde um Tertuliano teria apenas despertado desprezo e indignação, um Orígenes venceu, levando os pagãos à fé de Cristo. De Alexandria veio a refutação de Celso; de Alexandria a derrota de Ário. Foi o berço da teologia cristã. [5] "Não pode haver dúvida de que o maravilhoso avanço do cristianismo entre os cultos, durante o Primeiro e o Segundo Séculos, foi feita pelos homens notáveis que fundaram e mantiveram a

escola Alexandrina de pensamento cristão. Enquanto as pessoas comuns ouviam com alegria a simples história do Evangelho, os estudiosos do mundo foram atraídos e conquistados pelo consumado aprendizado e gênio de Clemente e Orígenes, e seus coadjutores." "Os pensadores pagãos teriam prestado atenção a Clemente quando ele falou de Platão como verdadeiramente nobre e meio inspirado; teriam considerado o pai africano (Tertuliano) um insultador ignorante, que não tinha nada melhor a dizer de Sócrates do que que ele era "o bufão ático" de Aristóteles do que "miserum Aristotelem!" Argumentos como os de Tertuliano: É crível porque é absurdo, é verdade porque é impossível, teriam sido considerados piores do que inúteis no raciocínio com os filósofos. Os Universalistas Alexandrinos encontraram filósofos e estudiosos em seu próprio terreno e os conquistaram com suas próprias armas. Sob Deus, o agente que deu ao Cristianismo a sua posição e maravilhoso progresso durante os primeiros três séculos, foi a escola

catequética de Alexandria, e os santos eruditos e filósofos cristãos que imortalizaram a famosa cidade que foi palco dos seus trabalhos. Eles conheceram e superaram os apóstolos da cultura e provaram desde o início que o Cristianismo não é menos a religião dos sábios e eruditos do que dos iletrados e simples. A Igreja Universalista nunca recordou e celebrou suficientemente os grandes trabalhos e os maravilhosos sucessos dos progenitores nos primeiros anos do Cristianismo.

9.4 Os Professores Alexandrinos.

"Aqueles que são verdadeiramente chamados de pais e fundadores da igreja cristã não foram os pescadores simplórios da Galiléia, mas homens que receberam a mais alta educação que poderia ser obtida na época, isto é, a educação grega. *** Em Alexandria, em naquela época, o centro do mundo, tinha-se que vencer o mundo ou desaparecer. *** O cristianismo surgiu sem dúvida da pequena sala da casa de

Maria, onde muitos estavam reunidos em oração, mas já no Segundo Século, tornou-se um cristianismo muito diferente na escola catequética de Alexandria. *** O que mais importava para Clemente não era a letra, mas o espírito, não os acontecimentos históricos, mas o seu significado mais profundo na história universal. [6]

9.5 Palavras de Max Muller.

Muller aponta o fato de que a "corrente alexandrina de pensamento cristão nunca foi totalmente perdida, mas veio à tona repetidas vezes nos períodos mais críticos da história da religião cristã. Não controlada pelo Concílio de Nicéia, em 325 d.C., aquela antiga corrente de pensamento filosófico e religioso flui, e podemos ouvir os ecos distantes de Alexandria nos escritos de São Basílio (329-379 d.C.), Gregório de Nissa (332-395 d.C.), Gregório de Nazianzo (328-389 d.C.), bem como nas obras de Santo Agostinho (364-430 d.C.)."

O leitor da história daqueles tempos não pode deixar de deplorar as subseqüentes substituições do alexandrianismo grego pelo agostinianismo latino e sua longa série de erros e males, nem pode o estudante cristão evitar desejar que os cristãos alexandrinos pudessem ter sido autorizados a transmitir seus princípios benéficos não corrompidos. Quão diferente teria sido a Idade Média! Quão além da sua condição atual estaria a cristandade de hoje!

9.6 Clemente de Alexandria.

Tito Flávio Clemens, Clemente Alexandrino, ou Clemente de Alexandria – nascido em 150 d.C., morreu em 220 d.C. – foi criado no paganismo. Antes de sua conversão ao cristianismo, ele havia sido exaustivamente educado em literatura e filosofia helênica. Não se sabe se ele nasceu em Atenas ou Alexandria. Ele se tornou cristão no começo da idade adulta;

foi presbítero na igreja de Alexandria e, em 189, sucedeu a Panteno como presidente da célebre escola catequética de Alexandria. Durante a perseguição de Sétimo Severo em 202, ele fugiu e esteva em Jerusalém em 211. Ele nunca mais retornou a Alexandria, mas morreu por volta de 220. Isso é tudo o que se sabe de sua vida.

Ele foi o pai da Filosofia Cristã Alexandrina, ou antigo Cristianismo Filosófico. Muitas de suas obras morreram; os principais que sobreviveram são sua "Exortação aos Pagãos", o "Professor" ou "Pedagogo" e "Stromata" ou "Miscelâneas", literalmente "Tapeçarias" ou traduzido livremente como "Sacola de Tapete". [7]

É o veredicto dos estudiosos que o "Stromata" de Clemente é a maior de todas as Apologias Cristãs, exceto a de Orígenes. Começa “da afinidade essencial entre o homem e Deus, (e) prossegue mostrando como, no Cristianismo, temos a restauração completa da relação normal

entre a criatura e o Criador”.

A influência dos filósofos gregos, e especialmente de Platão, sobre os pais alexandrinos, é reconhecida. [8] Clemente sustentava que o verdadeiro gnóstico era o cristão perfeito. Os Pais alexandrinos não tinham hostilidade à palavra *gnóstico,* devidamente entendida; para eles significava o cristão que traz a razão e a filosofia para sustentar sua fé, em contraste com o crente ignorante. Irineu declarou que a "gnose genuína", ou gnosticismo, era "a doutrina dos apóstolos", insistindo no "uso plenário das Escrituras, não admitindo acréscimos nem restrições, e na leitura das Escrituras, e na pregação legítima e diligente, de acordo com a palavra de Deus." E Justino legou à escola Alexandrina a verdade central de que o Verbo Divino está no germe de cada ser humano. Este grande fato nunca foi perdido de vista, antes foi cada vez mais desenvolvido pelos três grandes mestres – Pantænus, Clemente e Orígenes.

9.7 Filosofia de Clemente

A filosofia materialista do epicurismo, de que a felicidade é o bem maior e pode ser melhor obtida através de um gozo bem regulado dos prazeres da vida; o sistema panteísta do estoicismo, segundo o qual se deve viver dentro de si mesmo, superior aos acidentes do tempo; o aristotelismo lógico e o platonismo que considerava o universo como obra de um Espírito Supremo, no qual o homem é uma individualidade permanente que possui uma centelha da divindade que acabaria por purificá-lo e elevá-lo a uma vida superior; e que a virtude aceleraria e o pecado retardaria seu progresso ascendente - todos esses diferentes sistemas tinham seus devotos, mas o mais nobre de todos, o platônico, foi mais influente entre os pais alexandrinos, embora, como Clemente, eles exercessem um ecletismo sábio e racional , na adoção das melhores características de cada sistema. Isto Clemente afirmou fazer, Ele diz: “E por filosofia não quero dizer o estóico, nem o platônico, nem o epicurista,

nem o de Aristóteles; mas tudo o que qualquer uma dessas seitas disse que era adequado e justo, que ensinava a justiça com um conhecimento divino e religioso, isso eu chamo de filosofia eclética." [9]

Questões de especulação ele resolveu pela filosofia, mas sua teologia ele derivou das Escrituras. Ele não foi, portanto, um mero filósofo, mas alguém que usou a filosofia como uma ajuda para a interpretação da religião de Cristo. Ele diz; “Não esperamos nenhum testemunho humano, mas trazemos provas do que afirmamos na Palavra do Senhor, que é a mais confiável, ou melhor, a única evidência”.

A mente totalmente grega de Clemente, com sua grande imaginação, vasto conhecimento e pesquisa, esplêndida habilidade e espírito divino, dificilmente poderia interpretar mal ou compreender mal as Escrituras do Novo Testamento, escritas como estavam em sua língua materna, e não é difícil acreditar com Bunsen, que nesta sede e centro da

cultura cristã e do aprendizado cristão, ele se tornou "o primeiro filósofo cristão da história da humanidade. Ele acreditava em um plano universal de uma educação divina da raça humana. *** Este é a grande posição ocupada por Clemente, o Alexandrino, na história da Igreja e da humanidade e a chave da sua doutrina sobre Deus e a sua palavra, Cristo e o seu espírito, Deus e o homem. *** Um profundo respeito pela piedade e pela santidade de Clemens é tão universal na igreja antiga quanto pela sua erudição e eloqüência. Alegro-me ao descobrir que Reinkins, um católico romano, expressou seu pesar, para não dizer indignação, que este homem santo e escritor, objeto da admiração absoluta dos antigos cristãos, tinha sido eliminado do catálogo dos santos por Bento XIV." [10]

9.8 Um Período de Transição.

Quando Clemente escreveu a doutrina cristã, estava passando da tradição oral para a definição escrita, e ele afirma, ao

expor a religião cristã, que está "reproduzindo uma tradição original e não escrita", que aprendeu com um discípulo dos apóstolos. Foi foi comunicado pelo Senhor aos apóstolos, Pedro, Tiago, João e Paulo, e transmitido de pai para filho, até que, por fim, Clemente expôs com precisão por escrito o que antes havia sido transmitido oralmente. Dificilmente podemos, portanto, esperar encontrar o cristianismo não adulterado em qualquer lugar fora do Novo Testamento, se não nos escritos de Clemente. Max Muller (Teosofia ou Religião Psicológica, Prefácio, p. xiv) declara que Clemente, tendo nascido em meados do século II, pode ter conhecido Pápias, ou alguns de seus amigos que conheciam os apóstolos, e portanto ele era mais competente para representar os ensinamentos de Cristo. Farrar escreve: "Não pode haver dúvida de que após a data dos Reconhecimentos Clementinos, e incessantemente durante o encerramento do terceiro e durante o quarto e séculos seguintes, a ideia abstrata de infinitude foi deliberadamente enfrentada, e por conhecimento

imperfeito do significado e história da palavra *aionios* foi usada por muitos escritores como se tivesse significado idêntico a *aidios* ou infinito. O que quer dizer que a ignorância do verdadeiro significado da palavra por parte daqueles que não estavam familiarizados com o grego subverteu a crença atual na restauração universal, acalentada, como mostraremos diretamente, por Clemente e pelos cristãos alexandrinos.

9.9 Linguagem de Clemente.

Passagens das obras de Clemente, das quais citamos apenas algumas, estabelecerão suficientemente o fato de que ele ensinou a restauração universal. "Pois todas as coisas são ordenadas universalmente e em particular pelo Senhor do universo, com vista à salvação do universo. *** Mas as correções necessárias, pela bondade do grande juiz supervisor, através dos anjos assistentes, através de vários julgamentos anteriores, através do julgamento final, obrigar até

mesmo aqueles que se tornaram mais insensíveis a se arrependerem." "Assim ele salva a todos; mas alguns ele converte por penalidades, outros que o seguem por sua própria vontade, e de acordo com o merecimento de sua honra, para que todo joelho seja dobrado diante dele das coisas celestiais, terrestres e infernais (Fp. 2:10), isto é, anjos, homens e almas que antes de seu advento migraram desta vida mortal. "Pois existem correções parciais (*padeiai*) que são chamadas de castigos (*kolasis*), nas quais incorremos muitos de nós que estivemos em transgressão ao nos afastarmos do povo do Senhor. Mas assim como as crianças são castigadas por seu professor, ou por seu pai, o mesmo ocorre conosco pela Providência. Mas Deus não pune (timoriaita) porque o castigo (timoria) é retaliação pelo mal. Ele castiga, porém, para o bem daqueles que são castigados coletiva e individualmente." [11]

Esta importante passagem é muito instrutiva pela luz que lança sobre o uso das palavras gregas. A palavra a partir da

qual “correções” é traduzida é a mesma de Hebreus 12:9,11 “correção”, “castigo”. "*castigo*" é melhor tradução de *kolasis*, que é traduzido como *punição* em Mateus. 25:46, e “punição” é boa tradução de *timoria*, com a qual Josefo definiu punição, mas uma palavra que nosso Senhor nunca emprega, e que Clemente declara que Deus nunca inflige. Isto concorda com a afirmação uniforme dos estudiosos universalistas.

(N.T.) paideia, παιδεια [G3809]; paideutas, παιδευτας [G3810]; timorias, τιμωριας [G5098]; kolasis, κολασιν [G2851];
O autor faz distinção entre *castigo* e *punição* (*“chastisement”* e *“punishment”)*. Castigo seria algo que visa a emenda enquanto punição é simples retaliação. Castigo se aplica a uma criança por um pai ou na escola pelos professores. Punição seria mais para inimigos de guerra, por exemplo, não visa a educação, apenas a intimidação ou até a vingança.

"A natureza divina não está irada, muito

longe disso, mas é um excelente artifício assustar para que não pequemos. *** Nada é odiado por Deus." [12] Assim, mesmo que *aionios* significasse duração infinita, Clemente argumentaria que era usado pedagogicamente – para restringir o pecador. Deve-se dizer, entretanto, que Clemente raramente usa o *aionion* em conexão com o sofrimento.

Clemente insiste que a punição no Hades é corretiva e restauradora, e que as almas punidas são purificadas pelo fogo. O fogo é espiritual, purificando [13] a alma. "As punições de Deus são salvadoras e disciplinares (no Hades), levando à conversão, e visando antes o arrependimento do que a morte do pecador, (Ezequiel 18:23,32; 33:11, etc.,) e especialmente porque as almas, embora escurecidos pelas paixões, quando liberados de seus corpos, são capazes de perceber com mais clareza por não serem mais obstruídos pela carne insignificante. [14]

Ele novamente define a importante

palavra *kolasis* que nosso Senhor usa em Mateus 25:46, e mostra como ela difere da palavra totalmente diferente *timoria* usada por Josefo e pelos escritores gregos que acreditavam no sofrimento irremediável. Ele diz: “Ele (Deus) castiga o desobediente, pois o castigo (kolasis) é para o bem e vantagem daquele que é punido, pois é a correção de quem resiste; não admitirei que ele deseje vingar-se. A vingança (timoria) é uma retribuição ao mal enviada para o interesse do vingador. Ele (Deus) não desejaria vingar-se de nós que nos ensina a orar por aqueles que nos usam maldosamente (Mateus 5:44). [15] *** Portanto, o bom Deus pune por estas três causas: Primeiro, para que aquele que é punido (paidenomenos) possa se tornar melhor do que era antes; depois, para que aqueles que são capazes de ser salvos por exemplos possam ser recuados, sendo admoestados ; e em terceiro lugar, que aquele que é ferido não pode ser facilmente desprezado e estar sujeito a receber danos. E há dois métodos de correção, o instrutivo e o punitivo, [16] que chamamos de disciplinar.”

O leitor inglês das traduções dos pais gregos é enganado pela tradução indiscriminada de diferentes palavras gregas como “punir”. *Timoria* deveria ser sempre traduzida como “vingança” ou “tormento”; *kolasis,* "punição" *epaideia* "castigo" ou "correção".

"Se nesta vida existem tantos caminhos para a purificação e o arrependimento, quantos mais deveriam haver após a morte! A purificação das almas, quando separadas do corpo, será mais fácil. Não podemos estabelecer limites para a atuação do Redentor ; redimir, resgatar, disciplinar, é o seu trabalho, e assim ele continuará a operar após esta vida." [17]

Clemente não considerou adequado expressar-se de forma mais completa e frequente a respeito deste ponto da doutrina, porque o considerava uma parte do conhecimento gnóstico ou esotérico que poderia não ser bom para os não iluminados ouvirem, para que não resultasse em prejuízo ao ignorante; por

isso ele diz: "Quanto ao resto fico em silêncio e louvo ao Senhor." Ele "teme escrever por escrito o que não se aventuraria a ler em voz alta". Ele acha que esse conhecimento não é útil para todos e que o medo do inferno pode afastar os pecadores do pecado. E ainda assim ele não pode resistir a declarar: “E como é ele Salvador e Senhor e não Salvador e Senhor de todos? Mas ele (Cristo) é o Salvador daqueles que creram, por causa de seu desejo de saber, e daqueles que não acreditaram que ele é o Senhor, até que, sendo levados a confessá-lo, recebam para si a bênção adequada e bem adaptada que vem por meio dele.

Esta extensão do dia da graça através da eternidade também é expressa na “Exortação aos pagãos” (ix): “Pois grande é a graça da sua promessa, 'se hoje ouvirmos a sua voz.' E que o hoje se prolonga dia a dia, enquanto é chamado hoje. E até o fim o hoje e a instrução continuam; e então o verdadeiro hoje, o dia sem fim de Deus, se estende pela

eternidade." Sua referência à ressurreição mostra que ele a considerava como uma libertação dos males deste estado de ser. Antes do estado final de perfeição, o fogo purificador que torna sábio separará os erros da alma; a punição purgante sarará e curará.

Alexandre, bispo de Jerusalém, escreveu a Orígenes sobre a morte de Clemente, diz Eusébio, "pois conhecemos esses pais abençoados que nos precederam e com quem estaremos em breve, quero dizer Pantænus, verdadeiramente abençoado e meu mestre; e o sagrado Clemente, que foi meu mestre e proveitoso para mim." Esta passagem indicaria a fraternidade de sentimentos entre os três e parece mostrar que não havia suspeita da heresia dos outros por parte de Alexandre.

9.10 Outras palavras de Clemente.

Clemente mostra claramente que a perversão da verdade ensinada por tanto

tempo, de que a vinda de Cristo *aplacou* o Pai, não tinha lugar no Cristianismo primitivo. Ele diz: Deus é bom por si mesmo, e justo também por nós, e ele é justo porque é bom, *** pois antes de se tornar Criador ele era Deus. Ele foi bom. E por isso quis ser Criador e Pai. E a natureza desse amor era a fonte da justiça; a causa também de seu brilho no sol e do envio de seu próprio filho. *** O sentimento de raiva (se for apropriado chamar sua admoestação de raiva) é cheio de amor ao homem, Deus condescendendo com a emoção por conta do homem, etc. (Paed. I, 10. Strom. I, 27.)

Ele ensina que Deus nunca fica irado; ele odeia o pecado com ódio ilimitado, mas ama o pecador com amor ilimitado. Sua onipotência é dirigida pela onisciência e pode e irá superar todo o mal e transformá-lo em bem. Suas ameaças e punições têm apenas um propósito: o bem dos punidos. No além, aqueles que aqui permaneceram obstinados serão castigados até se converterem. A liberdade do homem nunca será perdida e,

finalmente, será convertido o último e mais perverso pecador.

O fogo é um emblema dos castigos divinos que purificam os maus. [18] "A punição é, em sua operação, como um remédio; ela dissolve o coração duro, purifica a sujeira da impureza e reduz o inchaço do orgulho e da arrogância; restaurando assim seu sujeito a um estado são e saudável."

“O Senhor é a propiciação, não só pelos nossos pecados, isto é, dos fiéis, mas também pelo mundo inteiro (1 João 2:2); portanto, ele verdadeiramente salva a todos, convertendo alguns pelos castigos, e outros ganhando o seu livre arbítrio , para que ele tenha a grande honra de que diante dele todo joelho se dobre, anjos, homens e as almas daqueles que morreram antes de seu advento.

Que a passagem anterior de Clemente declara claramente os sentimentos sublimes que supomos que eles expressam, ficará evidente para aqueles

que fizeram o estudo mais cuidadoso de suas opiniões e cujas interpretações são imparciais e justas. Diz um dos melhores pensadores e escritores modernos, o cândido Hagenbach:

“As obras de Clemente, em particular, estão repletas de passagens referentes ao amor e à misericórdia de Deus. Ele ama os homens porque eles são parentes de Deus.

“As obras de Clemente, em particular, abundam com passagens referentes ao amor e à misericórdia de Deus. Ele ama os homens porque eles são parentes de Deus. O amor de Deus segue os homens, procura-os, como o pássaro ao filhote que caiu do ninho”. [19]

Clemente, como Tertuliano, negou a depravação original e sustentou que "o homem agora está na mesma relação com o tentador em que Adão estava antes da Queda". A doutrina da Ressurreição de Clemente era semelhante à de Paulo; não é uma mera ressurreição da morte, mas uma elevação, numa maior plenitude de

vida e numa vida melhor, como indica a palavra *anastasis* (ressurreição, levantar-se de novo, αναστασις [G0386]).

9.11 Declaração de Allen.

Allen, em sua valiosa obra, “Continuidade do Pensamento Cristão”, sintetiza os ensinamentos de Clemente em uma linguagem que descreve a afirmação universalista. “O julgamento não é concebido como a avaliação final do universo em algum futuro remoto, mas como um elemento presente e contínuo no processo de educação humana. O propósito do julgamento, como de todas as penalidades divinas, é sempre corretivo. entra na obra da redenção como um fator construtivo. Deus não ensina para finalmente julgar, mas julga para poder ensinar. As censuras, os castigos, os julgamentos de Deus são um elemento necessário do processo educacional na vida da humanidade, e o motivo que os fundamenta é a bondade e o amor. *** A ideia da vida como uma educação sob a

superintendência imediata de um instrutor Divino que é o próprio Deus habitando no mundo, constitui a verdade central na Teologia de Clemente. *** Não há necessidade de que Deus se reconcilie com a humanidade, pois não há cisma na natureza divina entre o amor e a justiça que precise ser superado antes que o amor possa se manifestar em perdão livre e completo. A ideia de que a justiça e o amor são atributos distintos de Deus, diferindo amplamente na sua operação, é considerada por Clemente como tendo origem numa concepção errada da sua natureza. Justiça e amor são na realidade o mesmo atributo, ou, falando do ponto de vista que os distingue, Deus é mais amoroso quando é mais justo, e mais justo quando é mais amoroso. *** Deus trabalha todas as coisas para o que é melhor. Clemente não toleraria a ideia de que qualquer alma continuaria para sempre a resistir à força do amor redentor. De alguma forma e em algum lugar no longo prazo, esse amor deve provar ser mais forte que o pecado e a morte, e justificar seu poder em um triunfo universal.”

9.12 Bigg em Clemente.

Uma das melhores declarações modernas dos pontos de vista dos Pais Alexandrinos é dada por Bigg em *Christian Platonists,* pág. 75, 89, 112: Clemente considerava o objetivo do *kolasis* como "tríplice; emenda, exemplo e proteção aos fracos. (Stromata i:26,168; iv:24,154; vi:12,99. A distinção entre *kolasis* e *timoria*, Strom. iv:14, 153; Paed. i:8, 70, a última (*timoria*) significa *o pagar o mal com o mal* e este não é o desejo de Deus. Tanto *kolasis* quanto *timoria* são mencionados em Strom. v:14, 90, mas a diferença entre essas palavras não deve ser exagerada, pois em Strom. vi:14, 109, a distinção entre as palavras são abandonadas e ambas significam castigo purgatorial. *** Ele lidou com o *medo* com um espírito verdadeiramente cristão. Não é o medo do escravo que odeia seu mestre; é a reverência de uma criança por seu pai, de um cidadão para o bom magistrado. Tertuliano, africano e

advogado, detém-se com feroz satisfação em terríveis visões de tormento. O grego culto recua não apenas diante da ideia de retribuição que isso implica. Ele nunca se cansa de repetir que justiça é apenas outro nome para misericórdia. O castigo não deve ser temido, mas sim abraçado." *** Aqui ou no futuro, o desejo de Deus não é vingança, mas correção. Embora a visão de Clemente sobre o destino do homem seja chamada de restauracionismo (*apokatastasis,* αποκαταστασις [G0600], [G0605]), ela "não era como a restituição daquilo que foi perdido na Queda, mas como a coroa e a consumação do destino do homem, levando a uma justiça que Adão nunca conheceu, e a alturas de glória e poder ainda não escaladas e nem sonhadas. *** Seus livros são, em muitos aspectos, o monumento mais valioso da igreja primitiva; o mais precioso para todos os estudantes inteligentes porque ele viveu, não como Orígenes, em pleno fluxo de eventos, mas em um remanso tranquilo onde pensamentos e hábitos primitivos perduraram por mais tempo do que em outros lugares. " "Clemente não

teve inimigos na vida ou na morte." O grande esforço de Clemente e Orígenes parece ter sido o de reconciliar a revelação de Deus em Cristo com a revelação mais antiga de Deus na natureza.

Diz De Pressensé: “O que nos impressiona em Clemente é a sua serenidade. Sentimos que ele próprio desfruta daquela paz profunda e duradoura que exorta os coríntios a procurarem. Está impresso em cada página que ele escreve, enquanto seus pensamentos fluem como um riacho amplo e tranquilo, nunca se transformando em uma maré impetuosa. *** Sentimos que este homem tem um grande amor por Jesus Cristo. Comparemos, ou melhor, contrastemos a sua serenidade e tranquilidade com a tempestuosidade trovejante de Tertuliano, o seu "realismo estreito e apaixonado", e veremos uma demonstração do poder e da beleza da fé Restauracionista.

9.13 Elogio de Frederick Denison Maurice.

Frederick Denison Maurice declara: [20] "Não sei onde procuraremos um homem mais puro ou mais verdadeiro do que este Clemens de Alexandria. *** Ele me parece um dos velhos pais a quem todos deveríamos ter reverenciado mais como professor e amado mais como amigo."

Observações de Baur; “Alexandria, o berço do gnosticismo, é também o berço da teologia cristã, que de fato, em suas primeiras formas, pretendia ser nada mais que um gnosticismo cristão. Entre os pais, Clemente de Alexandria e Orígenes estão mais próximos dos gnósticos. Eles valorizam gnosis (conhecimento) acima de pistis (fé), e colocam os dois em uma relação tão imanente um com o outro que nenhum pode existir sem o outro. Assim, eles adotam o mesmo ponto de vista dos gnósticos. É o seu objetivo, atraindo para dentro a seu serviço tudo o que a filosofia da época poderia contribuir, para interpretar o Cristianismo em sua conexão

histórica, e para incorporar seu tema em sua consciência pensante. [21]

Um historiador sincero observa: "Clemens pode, talvez, ser considerado o mais profundamente erudito dos pais da igreja. Um grande desejo de informação levou-o a explorar as regiões do conhecimento universal, a mergulhar nos mistérios do paganismo e a deter-se nas doutrinas obscuras das Escrituras Sagradas. Suas obras são ricamente armazenadas e variadas com ilustrações e trechos de poetas e filósofos cujos sentimentos ele conhecia familiarmente. Ele expõe as curiosidades da história, os segredos das superstições heterogêneas e os devaneios de andarilhos especulativos, ao mesmo tempo que desenvolve o elenco de opiniões e peculiaridades de disciplina que distinguiram os membros do Estado cristão". [22]

Daille escreve: "É manifesto em todas as suas obras que Clemente pensava que todos os castigos que Deus inflige aos homens são salutares. Orígenes, que em

todos os lugares ensina que todos os castigos dos que estão no inferno são purgatoriais, que não são infinitos, mas cessarão finalmente quando os condenados forem suficientemente purificados pelo fogo. [23]

Farrar apresenta a opinião de Clemente e mostra que o grande Alexandrino realmente antecipou substancialmente o pensamento pelo qual nossa igreja tem lutado durante um século:

"Há muito poucos pais cristãos cujas concepções fundamentais são mais adequadas para corrigir a estreiteza, a rigidez e o formalismo da teologia latina. *** É sua doutrina elevada e saudável que o homem é feito à imagem de Deus; a vontade do homem é livre; que ele é redimido do pecado por uma educação divina e uma disciplina corretiva; que o medo e a punição são apenas instrumentos corretivos no treinamento do homem; que a Justiça é apenas outro aspecto do Amor perfeito; que o mundo físico é bom e não mal; que Cristo é um

Cristo vivo, não um Cristo morto; que toda a humanidade tem uma grande fraternidade nele; que a salvação é um processo ético, não uma recompensa externa; que a expiação não foi a pacificação da ira, mas a revelação do eterno misericórdia. *** Que o julgamento é um processo contínuo, não uma única sentença; que Deus trabalha todas as coisas para o que é melhor; que as almas podem ser purificadas além da morte. "

Lamson diz que Clemente declara: "A punição, como Platão ensinou, é corretiva, e as almas são beneficiadas por ela ao serem corrigidas. Longe de ser incompatível com a bondade de Deus, é uma prova impressionante disso. Pois a punição é para o bem e benefício daquele que é punido. É trazer de volta à retidão aquilo que dela foi desviado." [24]

Pode-se afirmar que nem o pecado original, a depravação, a culpa e condenação infantil, a eleição, a expiação vicária e a punição sem fim como penalidade do pecado humano, na

verdade, “nenhuma das doutrinas ou princípios individuais que têm sido por tanto tempo objeto de antipatia e aversão à mente teológica moderna formaram qualquer parte constituinte da teologia grega.” [25] Eles eram abomináveis para Clemente, Orígenes e seus associados.

As opiniões sustentadas por Clemente e ensinadas por seu antecessor, Pantænus, e, como parece aparente, por Anátegoras e seus predecessores, acenam para os próprios apóstolos, e para seu sucessor Orígenes, e, como aparecerá nas páginas subsequentes por outros até Dídimo, (395 d.C.), o último presidente da maior escola teológica do segundo e terceiro séculos, eram substancialmente aqueles ensinados pela igreja universalista de hoje, na medida em que incluíam o caráter de Deus, a natureza e o destino final da humanidade, o efeito da ressurreição, o julgamento, a natureza e o fim da punição e outros temas cognatos. Na verdade, Clemente se posiciona sobre o propósito e plano de Deus, e sobre o destino final do homem, como substancialmente um

representante da igreja universalista do século XIX, bem como um tipo de erudição antiga.

Referências do capítulo 9:

[1] Robertson, Hist. Da Igreja., vol. 1, pág. 90. Bingham, vol. III, x, 5; Neander, Hist., cap. ii, 227; Mosheim Com. 1, pág. 263; Vidas dos Santos VII de Butler, pág. 55-59.

[2] Instituições semelhantes estavam em Antioquia, Atenas, Edessa, Nisibis e Cesaréia.

[3] Alexandria de Kingsley e suas escolas.

[4] Matter, Histoire de l’École d'Alexandrie; Kingsley, Alexandria e suas escolas.

[5] Vidas dos Pais de Farrar, I, pág. 262,263.

[6] Max Muller, Teosofia ou Religião Psicológica, Palestra XIII.

[7] A edição de Clemens utilizada na preparação desta obra é Bibliotheca Sacra Patrum Ecclesiæ Græcorum, Pars. III. Titi Flaui Clementis Alexandrini Ópera Omnia Tom. I, IV. Reconheça Reinholdus Klotz. Lipsiæ, Sumptibus, EB Schwickertl, I, 182. Também Patrólogo de Migne.

[8] Declaração de Razões de Norton, pág. 94, 95; Cudworth; Brucker.

Até que ponto os primeiros cristãos apelaram para as filosofias pagãs pode ser avaliado pelo fato de que em Orígenes são feitas trinta e cinco alusões aos estóicos, seis aos epicuristas, quinze aos platônicos e seis aos fitagóricos; são Tertuliano cinco para os estóicos e cinco para os epicuristas; em Clemente de Alexandria, repetidamente. O testemunho indireto de Huidekoper aos Evangelhos.

[9] Stromata. 1:7.

[10] Hip. e sua época, I.

[11] Stromata, VII, ii; Pedag. I, 8; em 1º

João 2:2; Comentários sobre *sed etiam pro toto mundo, etc. terrestrium et infernorum; hoc est angeli, homines, et animæ quæ ante adventum ejus de hac vita migravere temporali*.") Stromata VII, 16.

[12] Paed I, viii.

[13] Stromata VII, vi.

[14] VI, vi; VII, XVI; VI, XIV; VII, ii.

[15] Poedag. 1, viii.

[16] Strom. IV, XXIV.

[17] Citado por Neander.

[18] "δια πυρος καθαρσιν των κακως"

[19] Christian Doct., Período I, Sec. 39.

[20] Palestras sobre Ecc. História. do Primeiro e Segundo Séculos, pp. 230-239.

[21] História da Igreja. Primeiros três

séculos.

[22] Hist. Cristo. Igreja, Séculos Segundo e Terceiro, Jeremie, p. 38.

[23] Hom. VI., 4, em Êxodo. *Qui salvus fit per ignem salvus fit, ut, si quid forte de specie plumbi habuerit admixtum, id ignis decoquat et resolvat, ut efficiantur omnes aurum purum.*

[24] Igreja dos Três Primeiros Séculos, p. 158.

[25] Continuidade do Pensamento Cristão, pág. 19.

Capítulo 10. Orígenes.

10.1 Oposição inicial a Orígenes.

Orígenes Adamantius nasceu de pais cristãos, em Alexandria, em 185 d.C. Ele aprendeu a religião cristã desde cedo, e quando era apenas um menino, conseguia recitar longas passagens das Escrituras de

memória. Durante a perseguição de Sétimo Severo, em 202 d.C., seu pai, Leônidas, foi preso, e o filho escreveu-lhe para não negar a Cristo por ternura por sua família, e só foi impedido de se entregar ao martírio voluntário por sua mãe, que escondeu suas roupas. Leônidas morreu mártir. No ano 203, então com dezoito anos de idade, Orígenes foi nomeado para a presidência da escola teológica em Alexandria, cargo deixado vago pela fuga de Clemente da perseguição pagã. Tornou-se proficiente nos vários ramos do saber, viajou pelo Oriente e adquiriu a língua hebraica com o propósito de traduzir as Escrituras. Sua fama se estendeu em todas as direções. Ele conquistou eminentes pagãos para o cristianismo, e suas instruções foram procuradas por pessoas de todas as terras. Ele renunciou a tudo, exceto às necessidades mais básicas da vida, raramente comendo carne, nunca bebendo vinho, dormia no chão nu e dedicava a maior parte da noite à oração e ao estudo. Eusébio diz que não viveria da generosidade daqueles que teriam ficado

felizes em mantê-lo enquanto ele trabalhava para o bem do mundo, e por isso vendeu sua valiosa biblioteca por um preço que lhe permitisse a ninharia diária de quatro óbolos. ; e agiu rigidamente de acordo com o preceito de nosso Senhor de não ter "dois casacos, nem usar sapatos, e não ter ansiedade pelo amanhã". [1] Diz-se até que Orígenes se mutilou (embora isso seja contestado) a partir de uma construção errônea da ordem do Salvador (Mateus 19:12), e para se proteger da calúnia que poderia advir de sua associação com catecúmenos do sexo feminino. Este ato ele lamentou anos depois. Se feito, foi pelos motivos mais puros e foi um ato de grande auto-sacrifício, pois, como era proibido pela lei canônica, impedia-o de promoção clerical. Ele foi ordenado presbítero em 228 d.C., por dois bispos fora de sua diocese, e esse ato irregular cometido por outros que não o seu próprio diocesano deu motivos a Demétrio de Alexandria, em cuja jurisdição ele vivia, para manifestar a inveja que já sentia pela crescente reputação do jovem estudioso; e em dois

concílios compostos e controlados por Demétrio, em 231 e 232 d.C., Orígenes foi deposto. [2] Muitas das autoridades eclesiásticas condenaram a ação. Nesta perseguição, Orígenes provou ser tão grande em espírito como em mente. Aos seus amigos ele disse: “Devemos ter pena daqueles que os odeiam (seus inimigos), orar por eles em vez de amaldiçoá-los, pois fomos feitos para abençoar, não para amaldiçoar”. Orígenes foi para a Palestina em 230 d.C., abriu uma escola em Cesaréia e desfrutou de uma fama cada vez maior. As perseguições sob Maximino em 235 o afastaram. Ele foi para a Capadócia, depois para a Grécia e finalmente voltou para a Palestina. Difamado em casa, foi homenageado no exterior, mas foi finalmente chamado de volta a Alexandria, onde seu aluno Dionísio sucedeu a Demétrio como bispo. Mas logo depois, durante a perseguição sob Décio, ele foi torturado e condenado a morrer na fogueira, mas permaneceu, e por fim morreu de seus ferimentos e sofrimentos, um verdadeiro mártir, em Tiro, em 253 ou 254 d.C., com a idade de

sessenta e nove. Seu túmulo era conhecido desde a Idade Média.

10.2 Professor Schaff sobre Orígenes.

O historiador Schaff declara: “É impossível negar uma simpatia respeitosa a este homem extraordinário, que, com todos os seus talentos brilhantes e uma multidão de amigos e admiradores entusiasmados, foi expulso de seu país, despojado de seu ofício sagrado, excomungado de uma parte da igreja, depois jogado em uma masmorra, carregado com correntes, atormentado pela tortura, condenado a arrastar seu corpo envelhecido e seus membros deslocados pela dor e pela pobreza, e muito depois de sua morte ter sua memória marcada, seu nome anatematizado, e sua salvação foi negada; mas que, no entanto, fez mais do que todos os seus inimigos combinados para promover a causa do conhecimento sagrado, para refutar e converter pagãos e hereges, e para tornar a igreja

respeitada aos olhos do mundo *** Orígenes foi o o maior erudito de sua época e o mais erudito e genial de todos os pais pré-Nicenos. Até mesmo os pagãos e hereges admiravam ou temiam seus talentos brilhantes. Seu conhecimento abrangia todos os departamentos da filologia, filosofia e teologia de sua época. Com isso ele uniu pensamento profundo e fértil, penetração aguçada e imaginação brilhante. Como um verdadeiro teólogo, ele consagrou todos os seus estudos pela oração e os direcionou, de acordo com suas melhores convenções, ao serviço da verdade e da piedade." [3]

Enquanto estava acorrentado na prisão, com os pés no tronco, seu tema constante era: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece”. Seu último pensamento foi para seus irmãos. "Ele deixou a memória de um dos maiores teólogos e dos maiores santos que a Igreja já possuiu. Uma de suas próprias palavras atinge a nota-chave de sua vida: 'O amor', ele diz repetidas vezes, "é uma agonia, uma paixão;' 'Caritas est passio." Amar a verdade para

sofrer por ela no mundo e na Igreja; amar a humanidade com terna simpatia; estender cada vez mais os braços da compaixão, para ultrapassar todas as barreiras da diferença dogmática sob o impulso de longo alcance deste amor compassivo; perceber que a essência do amor é o sacrifício, e tornar-se a vítima sem reservas e voluntária, tal era o credo, tal era a vida de Orígenes." [4]

Ele descreveu em cartas agora perdidas os sofrimentos que suportou sem o martírio que tanto ansiava, e ainda assim em termos de paciência e perdão cristão. Perseguido por pagãos por sua fidelidade cristã, e por cristãos por heresia, expulso de casa e do país, e após sua morte sua moral foi questionada, sua memória marcada, seu nome anatematizado e até mesmo sua salvação negada. [5] Não há personagem nos anais da cristandade tratado de forma mais injusta.

Eusébio relata como Orígenes suportou na velhice, como na juventude, sofrimentos terríveis por sua fidelidade ao

seu Mestre, e carregou as cicatrizes da perseguição para o túmulo. Nenhum testemunho mais nobre da verdade é encontrado nos registros da fidelidade cristã. E, como se não bastassem as terríveis perseguições que sofreu durante a vida, durante mil e quinhentos anos ele suportou o descrédito, a reprovação e a denúncia de cristãos professos que eram indignos de afrouxar as fivelas dos sapatos. A maioria daqueles que o condenaram durante sua vida, e durante um século depois, eram homens cujo caráter era de qualidade inferior, e alguns de ordem muito baixa; mas o sincero Nicéforo, cento e cinquenta anos depois de sua morte, escreveu que ele era "tido em grande glória em todo o mundo".

Este maior de todos os apologistas e exegetas cristãos, e o primeiro homem na cristandade desde Paulo, foi um universalista distinto. Ele não poderia ter entendido mal ou deturpado os ensinamentos de seu Mestre. A língua do Novo Testamento era sua língua materna. Ele derivou os ensinamentos de Cristo do

próprio Cristo em linha direta através de seu professor Clemente; e ele colocou a defesa do Cristianismo em bases universalistas. Quando Celso, em seu “Discurso Verdadeiro”, o primeiro grande ataque ao Cristianismo, se opôs ao Cristianismo alegando que ele ensinava a punição pelo fogo, Orígenes respondeu que o fogo ameaçado possuía uma qualidade disciplinar e purificadora que consumiria no pecador qualquer coisa malígna que possa encontrar para consumir.

10.3 Gehenna denota um fogo purificador.

Orígenes declara que a Geena é análoga ao Vale de Hinom e denota um fogo purificador [6], mas sugere que não é prudente ir mais longe, mostrando que a ideia de "reserva" o impediu de dizer o que poderia não ser judicioso. Que o fogo de Deus não é material, mas remorso espiritual que termina em reforma, Orígenes ensina em muitas passagens. Ele repetidamente fala da punição como

aionion (erroneamente traduzido no Novo Testamento como "para sempre", "eterno") e depois declara e defende elaboradamente como doutrina cristã a salvação universal além de todo sofrimento e pecado de *aionion.* Diz o sincero historiador Robertson: “O grande objetivo deste eminente professor era harmonizar o Cristianismo com a filosofia. Ele procurou combinar num esquema cristão as verdades fragmentárias espalhadas por outros sistemas, para estabelecer o Evangelho numa forma que não deveria apresentar obstáculos à conversão de judeus, de gnósticos e de pagãos cultos; e seus erros surgiram de uma busca muito ansiosa por essa ideia. [7]"

O efeito de sua ampla fé em seu espírito e no tratamento dispensado aos outros contrasta fortemente com a disposição amarga e cruel demonstrada por alguns dos primeiros cristãos para com os hereges, como Tertuliano e Agostinho. Em resposta à acusação de que os cristãos de diferentes credos estavam em inimizade,

ele disse: “Aqueles de nós que seguimos as doutrinas de Jesus e nos esforçamos para nos conformarmos aos seus preceitos, em nossos pensamentos, palavras e ações; sendo injuriados, abençoamos ; sendo perseguidos, nós sofremos; sendo difamados. nós suplicamos. Nem dizemos coisas injuriosas daqueles que pensam diferente de nós. Aqueles que consideram as palavras de nosso Senhor, Bem-aventurados os pacíficos, e Bem-aventurados os mansos, não devem odiar aqueles que corrompem a religião cristã, não devem dar nomes injuriosos àqueles que estão no erro."

Quando um jovem professor seu zelo e firmeza justificaram seu nome Adamantius, homem de aço ou inflexível. Diz De Pressensé força para sustentar a coragem de seus discípulos. Ele podia ser visto constantemente na prisão dos piedosos cativos, levando-lhes o consolo de que necessitavam. Ele ficou ao lado deles até que o último momento de triunfo veio (martírio) e deu-lhes o beijo de

despedida da paz no limiar da arena ou ao pé da estaca." Um dia ele foi levado ao templo de Serápis, e palmas foram colocadas em suas mãos para serem colocadas no altar do deus egípcio. Brandindo os ramos, ele exclamou: “Aqui estão as palmas triunfais, não do ídolo, mas de Cristo”. Numa obra de Orígenes que agora só existe numa tradução latina está o pensamento característico: "Os campos dos anjos são os nossos corações; cada um deles, portanto, fora do campo que cultiva, oferece primícias a Deus. Se eu fosse capaz de produzir hoje alguma interpretação escolhida, digna de ser apresentada ao Supremo Sumo Sacerdote, de modo que de todos aqueles pensamentos que falamos e ensinamos, haja algo considerável que possa agradar ao grande Sumo Sacerdote, pode acontecer que o anjo que preside a igreja, dentre todas as nossas palavras, poderia escolher algo, e oferecê-lo como uma espécie de primícias ao Senhor, do pequeno campo do meu coração. Mas eu sei que não mereço isso; também tenho consciência de que por mim não será

descoberta qualquer interpretação que o anjo que nos cultiva deva julgar digna de oferecer ao Senhor, como primícias, ou primogênitos.” [8]

10.4 Seus críticos são seus elogiadores.

Os críticos de Orígenes são seus elogiadores. Gieseler observa: "À ampla influência de seus escritos deve-se atribuir que, em meio a essas furiosas controvérsias (no século V), permaneceu qualquer liberdade de especulação teológica." Bunsen: “A morte de Orígenes é o verdadeiro fim do cristianismo livre e, em particular, da teologia intelectual livre”. Schaff diz: “Orígenes é o pai da investigação científica e crítica das Escrituras”. Jerome diz que escreveu mais do que outros homens conseguem ler. Epifânio, um oponente, afirma que o número de suas obras é de seis mil. Seus livros que sobreviveram são em sua maioria em latim, mais ou menos mutilados por tradutores.

Eusébio diz que sua vida merece ser registrada desde “sua tenra infância”. Mesmo quando criança, "ele era totalmente arrebatado pelo desejo de se tornar um mártir", e ele demonstrou um espírito tão divino, e tal devoção à sua religião, mesmo quando criança, que seu pai, frequentemente, "quando estava de pé sobre seu menino adormecido, descobria seu peito e, como um santuário consagrado pelo Espírito Divino, beijava reverentemente o peito de seu filho favorito. *** Como sua doutrina, assim era sua vida; e como sua vida, assim também era sua doutrina. " Seu bispo, Demétrio, elogiou-o muito, até que "ao vê-lo bem, grande, ilustre e celebrado por todos, foi vencido pela enfermidade humana", e o traiu por toda a igreja.

Orígenes foi seguido como professor na escola Alexandrina por seu aluno Heraclas, que por sua vez foi sucedido por Dionísio, outro aluno, de modo que de Pantænus, a Clemens, Orígenes, Heraclas e Dionísio, a Dídimo, de, digamos, 160 d.C. a 390 d.C., por mais de dois séculos,

o ensino em Alexandria, o centro do aprendizado cristão, era universalista.

As lutas de tal espírito, estudioso, santo, filósofo, devem ter sido um martírio, e ilustram o poder de sua sublime fé, não apenas para sustentar nas terríveis provações pelas quais passou, mas para preservar o espírito que sempre manifestou - - semelhante àquele que clamou na cruz: “Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem”.

10.5 A Morte de Orígenes.

A morte de Orígenes marca uma época no Cristianismo e sinaliza o início de um período de decadência. O republicanismo do cristianismo começou a ceder diante das tendências monárquicas que amadureceram com Constantino (313 d.C.) e o Concílio de Nicéia (325 d.C.). Clemente e Orígenes representavam a liberdade de pensamento e um credo racional fundado na Bíblia, mas a mudança maligna que o Cristianismo logo

experimentaria foi claramente vista, diz Bunsen, na época da morte de Orígenes. "Orígenes, que fez uma última tentativa de preservar a liberdade de pensamento juntamente com uma crença racional em fatos históricos baseados em registros históricos, falhou em seus esforços gigantescos; ele morreu de um coração partido, e não das feridas infligidas por seus torturadores pagãos. Seus seguidores *** mantiveram apenas seu escolasticismo místico, sem possuir nem seu gênio nem seu amplo conhecimento, seu grande coração, ou seu espírito livre e que falava a verdade. Cada vez mais os professores se tornaram bispos, e os bispos governadores absolutos , a maioria dos quais se esforçou para estabelecer como lei as suas especulações sobre o Cristianismo.

Sua mente abrangente e vasta simpatia, e sua intensa tendência à generalização, fizeram com que Orígenes acolhesse em seu sistema filosófico muitas idéias que agora são vistas como inconsistentes e insustentáveis; mas a sua interpretação

fantástica e alegórica das Escrituras, os seus caprichos relativos à pré-existência e a sua disposição para incluir todos os temas e teorias no seu sistema não o desviaram das verdades e dos fatos da revelação cristã. Seus defeitos eram apenas manchas no sol. E seus caprichos não excediam de forma alguma os do teólogo médio de sua época.

10.6 Um filósofo cristão.

Orígenes considerava a filosofia tão necessária ao cristianismo quanto a geometria (lógica) à filosofia; mas que todas as coisas essenciais à salvação são claramente ensinadas nas Escrituras, dentro da compreensão da mente comum. "Orígenes *** era o príncipe dos escolásticos e eruditos, tão sutil quanto Aquino, tão erudito quanto Routh ou Tischendorf. Ele é um homem de um só livro, em certo sentido. A Bíblia, seu texto, sua exposição, forneceram-lhe o motivo para trabalho incessante." (Neoplatonismo, de C. Bigg, D.D.,

Londres, 1895, p. 163.) As verdades ensinadas na Bíblia podem ser transformadas por filósofos em temas sobre os quais a mente pode discorrer indefinidamente; e os competentes encontrarão significados interiores, espirituais e recônditos, não vistos na superfície. No entanto, ele ensinava constantemente "que existe tal afinidade e congruência entre o Cristianismo e a razão humana, que não apenas os fundamentos, mas também as formas, de todas as doutrinas cristãs podem ser explicadas pelos ditames da filosofia. *** Que é extremamente importante para a honra e a vantagem do Cristianismo que todas as suas doutrinas sejam rastreadas até as fontes de toda a verdade, ou sejam mostradas como fluindo dos princípios da filosofia; e, conseqüentemente, que um teólogo cristão deveria exercer sua engenhosidade e sua indústria principalmente para demonstrar a harmonia entre religião e razão, e para mostrar que não há nada ensinado nas Escrituras senão o que é fundado na razão".

10.7 Um Universalista Bíblico.

Ele manteve o "biblicismo mais escrupuloso e a consideração mais conscienciosa pela regra da fé, associada à filosofia da religião". *** Ele "foi o teólogo mais influente na igreja oriental, o pai da ciência teológica, o autor da dogmática eclesiástica. *** Um tradicionalista ortodoxo, um teólogo bíblico forte, um filósofo idealista perspicaz que traduziu o conteúdo da fé em idéias, completou a estrutura do mundo que está dentro e, finalmente, não deixou passar nada, exceto o conhecimento de Deus e de si mesmo, em união mais estreita, que nos exalta acima do mundo e nos conduz à edificação. *** A vida é uma disciplina, uma conflito sob a permissão e liderança de Deus, que terminará com a conquista e destruição do mal. *** De acordo com Orígenes, todos os espíritos serão, na forma de suas vidas individuais, finalmente resgatados e glorificados (apokatastasis)." [9] Mosheim

considerou estes erros fatais, embora devêssemos considerá-los como princípios valiosos. O famoso historiador assegura-nos que Orígenes ignorava totalmente a doutrina do sacrifício substitutivo de Cristo. Ele não tinha fé na ideia de que Cristo sofreu em lugar do homem, mas ensinou que morreu em favor do homem.

10.8 As Obras de Orígenes.

As obras conhecidas de Orígenes consistem em breves "Notas sobre as Escrituras", das quais restam apenas alguns fragmentos; seus “Comentários”, muitos dos quais estão na coleção de Migne; seu "Contra Celsum" ou "Contra Celso", que está completo e no original grego; "Stromata", dos quais apenas três fragmentos sobreviveram em uma tradução latina; um fragmento sobre a “Ressurreição”; práticos "Ensaios e Cartas", mas dois destes últimos permanecem, e "Dos Princípios", "De Principiis" ou περι αρχων. Quase todo o grego original desta grande obra pereceu.

A tradução latina de Rufinus é muito vaga e imprecisa. Freqüentemente é uma mera paráfrase. Jerônimo, cuja tradução é melhor que a de Rufino, acusa este último de infidelidade em sua tradução, e fez uma nova versão, da qual apenas pequenas porções chegaram aos tempos modernos, de modo que não podemos julgar com precisão o caráter desta grande obra. Uma comparação do "Contra Celso" em grego de Orígenes com a versão latina de Rufino apresenta grandes discrepâncias. Na verdade, Rufino confessa que ele "suavizou e corrigiu" de tal forma que não deixou "nada que pudesse parecer discordante de nossa crença". Ele alegou, no entanto, que tinha feito isso porque "seus livros (de Orígenes) haviam sido corrompidos por hereges e pessoas malévolas" e, conseqüentemente, ele havia suprimido ou ampliado o texto para o que ele achava que Orígenes deveria ter dito! E tendo reconhecido tanto, ele conjura todos pela sua "crença no reino vindouro, pelo mistério da ressurreição dos mortos e pelo fogo eterno preparado para o diabo e seus

anjos” a não fazerem mais alterações! Ele reitera sua confissão em outro lugar e diz que não traduziu nada que lhe parecesse contradizer as outras opiniões de Orígenes, e que descartou muitas passagens, considerando-as "interpolações e forjações". Por uma questão de “brevidade”, ele diz que às vezes “reduziu” (o texto).

Diz De Pressensé: “Celso reuniu em sua aljava todas as objeções possíveis de serem feitas, e dificilmente falta uma de todas as flechas que em tempos subsequentes foram apontadas contra o sobrenatural no Cristianismo”. A cada ponto levantado por Celso, Orígenes deu uma resposta triunfante, antecipando, de fato, as objeções modernas, e "deu à antiguidade cristã sua mais completa apologia. *** Muitos séculos se passariam antes que a igreja pudesse apresentar ao mundo qualquer outra defesa de sua fé comparável a este nobre livro." "Continua sendo a obra-prima da apologia antiga, pela solidez de base, vigor de argumento e amplitude de exposição eloqüente. Os

apologistas de todas as épocas encontrariam nele uma mina inesgotável, bem como um modelo incomparável daquele método moral real inaugurado por São Paulo e São João."

Uma ilustração de sua atitude pode ser dada em sua referência ao ataque de Celso aos milagres de Cristo. Celso não ousa negá-los, apenas cem anos depois de Cristo, e diz: “Seja assim, aceitamos os fatos como genuínos”, e então passa a classificá-los entre os truques dos feiticeiros egípcios, e pergunta: “Alguém já considerou aqueles impostores como divinamente ajudados, que por dinheiro curavam os enfermos e realizavam obras maravilhosas?" Se Jesus fez milagres, foi por meio de feitiçaria e merece, portanto, maior desprezo." Em resposta, Origem insiste nos milagres, mas coloca a evidência mais elevada do Cristianismo em uma base moral. Ele diz: "Mostre-me o mágico que exorta os espectadores de seus prodígios a reformar suas vidas, ou que ensina a seus admiradores o temor de Deus, e procura persuadi-los a agir como

aqueles que devem comparecer diante dele como seu juiz. Os mágicos não fazem nada disso, ou porque são incapazes de fazê-lo, ou porque não têm esse desejo. Eles próprios acusados dos crimes mais vergonhosos e infames, como deveriam tentar reformar a moral dos outros? Os milagres de Cristo, pelo contrário, trazem todos a marca da sua própria santidade, e ele sempre os usa como meio de ganhar para a causa da bondade e da verdade aqueles que os testemunham. Assim, ele apresentou a sua própria vida como modelo perfeito, não apenas aos seus discípulos imediatos, mas a todos os homens. Ele ensinou seus discípulos a dar a conhecer aos que os ouviam a perfeita vontade de Deus; e ele revelou à humanidade, muito mais por sua vida e obras do que por seus milagres, o segredo daquela santidade pela qual é possível agradar a Deus em todas as coisas. Se tal foi a vida de Jesus, como ele pode ser comparado a meros charlatões, e por que não podemos acreditar que ele era de fato Deus manifestado em carne para a salvação de nossa raça?” [10]

O historiador Cave diz: "Celso foi um filósofo epicurista contemporâneo de Luciano, o ateu espirituoso, *** um homem de inteligência e talento, e tinha todas as vantagens que o aprendizado, a filosofia e a eloqüência poderiam acrescentar a ele; mas um severo e inimigo incurável da religião cristã, contra a qual escreveu um livro intitulado, “αλητης λογος” ou 'O verdadeiro discurso', no qual diminuiu o cristianismo com todas as artes da insinuação, todas as reflexões perversas, calúnias virulentas, razões plausíveis, às quais um homem de artes e a malícia foi capaz de atacá-lo. A isto Orígenes retorna uma resposta completa e sólida, em oito livros; em que, como ele tinha a melhor causa, ele a administrou com aquela força de razão, clareza de argumento e evidência convincente da verdade, que se não houvesse mais nada para testemunhar as habilidades deste grande homem, este livro por si só seria suficiente para fazer isto."

10.9 A resposta final ao ceticismo.

Eusébio declarou que Orígenes "não apenas respondeu a todas as objeções que já foram apresentadas, mas forneceu antecipadamente respostas a tudo o que poderia ser apresentado contra o Cristianismo". Celso, o mais hábil de todos os agressores do Cristianismo, escreveu seu “Discurso Verdadeiro” cerca de um século antes da época de Orígenes. É a fonte de onde os inimigos do Cristianismo obtiveram os materiais para os seus ataques à religião Cristã. Em textos distorcidos, confunde as diferentes heresias com a forma aceita de cristianismo, e emprega a lógica mais aguçada, o sarcasmo mais amargo e todas as armas da controvérsia mais consumada e inescrupulosa, e esgota o conhecimento, o argumento, a ironia, a calúnia e todos os recursos qualificados de um dos homens mais capazes em seu ataque à nova religião. A resposta de Orígenes, escrita em 249 d.C., baseia-se no terreno já estabelecido por Clemente: a relação essencial entre Deus e o homem; a

operação universal da graça de Deus; a preparação para o Evangelho pelo Paganismo; a residência do gênio da divindade em cada alma humana; a ressurreição da alma e não do corpo, e o poder curativo de todos os castigos divinos. Ele triunfantemente enfrenta Celso em todos os pontos, argumento com argumento, invectiva com invectiva, sátira com sátira, e através de tudo respira um espírito sublime e elevado, incomensuravelmente superior ao de seu oponente. Ele não deixa nada sem resposta ao grande cético.

Entre os pontos levantados por Celso e exaustivamente eliminados por Orígenes estavam alguns que foram apresentados nos últimos anos: que não há nada de novo no ensino cristão; que os pretensos milagres não ocorreram pelo ato sobrenatural de Deus; que as profecias foram mal aplicadas e não cumpridas; que Cristo emprestou de Platão, etc.

10.10 O primeiro dos teólogos cristãos.

O primeiro sistema de teologia cristã já formulado - que nunca seja esquecido - foi publicado por Orígenes, em 230 d.C., e declarou a restauração universal como uma questão do governo divino; de modo que este eminente universalista tem a grande preeminência de ser não apenas o fundador da teologia científica cristã, mas também o primeiro grande defensor da religião cristã contra os seus agressores. "De Principiis" é um livro profundo, cujo elemento fundamental e essencial é a doutrina da restauração universal de todos os seres caídos à sua santidade original e à união com Deus.

A produção mais erudita de Orígenes foi a "Hexapla". Ele esteve vinte e oito anos nesta grande obra bíblica. A primeira forma foi a "Tetrapla", contendo em quatro colunas a "Septuaginta" e os textos de Áquila, Símaco e Teodotion. Ele ampliou-o para "Hexapla" com o texto hebraico em letras hebraicas e gregas. Muitos dos livros da Bíblia tinham duas

colunas adicionais e alguns uma sétima versão grega. Este foi o "Octapla". Este imenso monumento de aprendizagem e indústria consistia em cinquenta volumes. Nunca foi transcrito e pereceu, provavelmente destruído pelos árabes na destruição da Biblioteca Alexandrina. [11]

Orígenes era de estatura mediana, mas com tal vigor e resistência física que adquiriu o título de Adamantius, o homem de aço, ou inflexível. Mas ele constantemente exibia uma atitude de benignidade e majestade, de bondade e santidade, que conquistava todos com quem entrava em contato.

10.11 Citações da Linguagem de Orígenes.

As seguintes declarações da pena de Orígenes e resumos de seus pontos de vista feitos por eminentes autores de diferentes credos mostrarão as idéias do grande erudito sobre o destino humano. Poderiam ser apresentados muito mais do

que os aqui apresentados, mas são citações suficientes para demonstrar, sem qualquer risco, que o grande filósofo e teólogo, o igualmente grande erudito e santo, era um universalista. Não há pouca dificuldade em chegar às opiniões de Orígenes sobre alguns tópicos - felizmente não sobre o destino final do homem - em consequência da maioria das suas obras existirem apenas em traduções latinas confessadamente imprecisas. Ele reclamou de perversões enquanto vivia e alertou contra a má interpretação. [12] Mas nenhum crente no castigo sem fim pode reivindicar a sanção do seu grande nome.

10.12 Palavras exatas de Orígenes.

Ele escreve: "O fim do mundo, então, e a consumação final ocorrerão quando todos forem submetidos ao castigo por seus pecados; um tempo que só Deus conhece, quando ele concederá a cada um o que merece. Pensamos, de fato, que a bondade de Deus, através de seu Cristo,

possa convocar todas as suas criaturas para um fim, até mesmo seus inimigos sendo conquistados e subjugados. Pois assim diz a Sagrada Escritura: 'O Senhor disse ao meu Senhor, sente-se à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos o escabelo dos teus pés.' E se o que o profeta quis dizer não está claro, podemos averiguar através do apóstolo Paulo, que fala mais abertamente, assim: 'Porque é necessário que Cristo reine até que tenha colocado todos os inimigos debaixo dos seus pés.' (N.T.)

(N.T.)Salmos 108:13;Sal 110:1;Mat 22:44;Mar 12:36;Lucas 20:43;Atos 2:35; 1ºCoríntios 15:25;Hebreus 1:13;Hebreus 10:13;

Mas mesmo que essa declaração sem reservas do apóstolo não nos informe suficientemente o que significa 'inimigos sendo colocados sob seus pés', ouça o que ele diz nas seguintes palavras: "Porque todas as coisas devem ser submetidas a ele". O que é, então, esta “sujeição” pela qual todas as coisas devem ser sujeitas a Cristo? Sou de opinião que é esta mesma

sujeição pela qual nós também devemos estar sujeitos a ele, pela qual também estavam sujeitos os apóstolos, e todos os santos que foram seguidores de Cristo. Pois a palavra 'sujeição', pela qual estamos sujeitos a Cristo, indica que a salvação que dele procede pertence aos seus súditos, de acordo com a declaração de Davi: 'Não estará minha alma sujeita a Deus? Dele vem a minha salvação.'" *** "Vendo, então, que tal é o fim, quando todos os inimigos serão subjugados a Cristo, quando a morte - o último inimigo - for destruída, e quando o reino for entregue por Cristo (a quem todas as coisas estão sujeitas) a Deus Pai; vamos, digo, a partir de um fim como este, contemplar o início das coisas." *** "O ensinamento apostólico é que a alma, tendo uma substância e vida próprias, deverá, após sua partida do mundo, ser recompensada de acordo com seus merecimentos, ser destinada a obter uma herança de vida eterna e bem-aventurança, se suas ações o tiverem proporcionado, ou a ser entregue ao fogo eterno e aos castigos, se a culpa de seus

crimes tiver levado a isso." (*De Principiis* I, vi: 1, 2.)

Inquestionavelmente, Orígenes, no original grego do qual só existe a tradução latina, usou aqui "aionion" (traduzido incorretamente como eterno e para sempre no Novo Testamento) no sentido de duração limitada; e fogo, como emblema de purificação, pois diz:

"Quando você ouvir falar da ira de Deus, não acredite que essa ira e indignação sejam paixões de Deus; elas são condescendências de linguagem destinadas a converter e melhorar a criança. *** Portanto, Deus é descrito como irado e diz que ele está indignado, para que você possa se converter e melhorar, quando na verdade ele não está zangado.” [13]

Orígenes condena severamente aqueles que nutrem pensamentos indignos de Deus, considerando-o, diz ele, como possuidor de uma disposição que seria uma calúnia contra um selvagem

perverso. Ele insiste que o propósito de toda punição, por um Deus bom, deve ser medicinal. [14]

10.13 Significado de Aionios

Ao argumentar que *aionios* aplicado à punição não significa infinito, ele diz que o pecado que não é perdoado no æon ou no æon vindouro, seria em algum dos æons seguintes. Seu argumento de que a era (sem dúvida aion no original, do qual, infelizmente, só temos a tradução latina) é limitada, é bastante completo em “De Principiis”. Este mundo é uma era (*saeculum, aion*) e uma conclusão de muitas eras (*seculorum*). Ele conclui seu argumento referindo-se ao tempo em que, além de “uma era e eras, talvez até mais do que eras de eras”, esse período chegará, a saber, quando todas as coisas não estiverem mais em uma era, mas quando Deus for tudo em tudo [15] (N.T.: ou tudo em *todos, τα παντα εν πασιν*).

Ele cita a frase bíblica "Para todo o

sempre e além" (Êxodo 15:18) (in saeculum et in saeculum et edhuc, para sempre e mais além), e insiste que o mal, sendo uma negação, não pode ser eterno.

Bigg resume as opiniões de Orígenes: "Lentamente, mas certamente, a abençoada mudança deve ocorrer, o fogo purificador deve devorar a escória e deixar o ouro puro. *** Um por um entraremos no descanso, para nunca mais nos desviarmos. Então quando a morte, o último inimigo, for destruída, quando a história de seus filhos estiver completa, Cristo 'beberá vinho no reino de seu Pai'. Este é o fim, quando ‘todos serão um, como Cristo e o Pai são um’, quando ‘Deus será tudo em todos’”.

Orígenes nunca dogmatiza; baseia-se em grande parte em princípios gerais; diz que “a justiça e a bondade são idênticas em suas manifestações mais elevadas; que Deus não pune, mas fez o homem para que somente na virtude ele possa encontrar a paz e a felicidade, porque o tornou semelhante a si mesmo; que o

sofrimento não é um imposto sobre pecado, mas a reação saudável pela qual a alma doente luta para expulsar o veneno de sua doença; que, portanto, se fizemos algo errado, é bom sofrer, porque a angústia de recuperar a saúde cessará quando a saúde for restaurada, e não pode cessar até então. Ainda, que o mal é contra o plano de Deus, é criado não por ele, mas por nós mesmos; é, portanto, propriamente falando, uma negação e, como tal, não pode ser eterno. Estes são, em sua maioria, pensamentos gregos, sua fonte principal é o Górgias de Platão; mas seu apelo final é sempre às Escrituras."

Huet cita Leôncio dizendo que Orígenes argumentou a partir do fato de que aionion significa duração finita, a duração limitada da punição futura. O argumento de Orígenes a favor da terminabilidade da punição baseava-se no significado da palavra *aionios*. [16] Certamente ele, um platônico em seu conhecimento do grego, deveria saber seu significado. [17]

10.14 Orígenes sobre o Fogo Purificador.

Sobre 1ºCor. 3:13-15, ele diz (*Contra Celso V. xv.*): O fogo que consumirá o mundo no último dia é um fogo purificador, pelo qual todos devem passar, embora não cause dor aos bons. Ao expressar a eternidade, Orígenes não depende de aion, mas qualifica a palavra com um adjetivo, assim: --- *ton apeiron aiona*. Barnabé, Hermas, "Oráculos Sibilinos", Justino Mártir, Policarpo, Teófilo e Irineu aplicam a palavra *aionios* à punição, mas dois deles ensinavam a aniquilação e um a salvação universal depois da punição *aionion*.

(N.T.) 1Co 3:13 - A obra de cada um se manifestará; porque o dia a declarará, porquanto pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. [3:14] Se a obra de alguém, que edificou sobre ele, permanecer, esse receberá galardão. [3:15] Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; porém o tal será salvo, todavia como pelo fogo.

2ºPedro 3:7 – Mas os céus e a terra que agora são pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios.

2ºTessalonicenses 1:8; Hebreus 1:7; Hebreus 10:27; Hebreus 12:29; Tiago 5:3; 1ºPedro 1:7;

Deus é um “Fogo Consumidor”, pensa Orígenes, porque ele “de fato consome e destrói totalmente; que ele consome maus pensamentos, ações perversas e desejos pecaminosos quando eles encontram seu caminho nas mentes dos crentes”. Ele ensina que “o fogo consumidor de Deus atua tanto com os bons como com os maus, aniquilando aquilo que prejudica seus filhos. Esse fogo é aquele que cada um acende; o combustível e o alimento são os pecados de cada um”. [18] "Qual é o significado do fogo eterno?" ele pergunta: “Quando a alma reuniu uma multidão de más obras e uma abundância de pecados contra si mesma, em um momento adequado toda essa assembléia

de males se transforma em punição e é incendiada para castigo”, etc. como os médicos empregam drogas, e às vezes "o mal tem que ser queimado pelo fogo, quanto mais se deve entender que Deus, nosso Médico, desejando remover os defeitos de nossas almas, deveria aplicar a punição do fogo". *** "Nosso Deus é um 'fogo consumidor' (Heb.12:29) no sentido em que tomamos a palavra; e assim ele entra como um 'fogo refinador' para refinar a natureza racional, que foi preenchida com o chumbo da maldade, e libertá-la de outros materiais impuros que adulteram o ouro ou a prata natural, por assim dizer, da alma." Perto da conclusão de sua resposta a Celso, Orígenes tem a seguinte passagem: "Os estóicos, de fato, sustentam que quando o mais forte dos elementos prevalecer, todas as coisas serão transformadas em fogo. Mas nossa crença é que a Palavra prevalecerá sobre toda a criação racional e transformará cada alma em sua própria perfeição; estado em que cada um, pelo mero exercício de seu poder, escolherá o que deseja e obterá o que deseja. Pois embora,

nas doenças e feridas do corpo, existam algumas que nenhuma habilidade médica pode curar, mas sustentamos que na mente não há mal tão forte que não possa ser superado pela Palavra Suprema e por Deus. Pois mais forte do que todos os males na alma é a Palavra, e o poder de cura que habita nela; e essa cura ele aplica, de acordo com a vontade de Deus, a todo homem. A consumação de todas as coisas é a destruição do mal, embora quanto à questão de saber se será destruído de tal forma que nunca poderá em qualquer lugar surgir novamente, está além do nosso propósito atual dizer. Muitas coisas são ditas obscuramente nas profecias sobre a destruição total do mal e a restauração da justiça de cada alma; mas será suficiente para o nosso presente propósito citar a seguinte passagem de Sofonias", etc. *Contra Celso VIII. Lxxii.*

Assim, Orígenes interpreta o "fogo" na Bíblia não apenas como um símbolo do sofrimento do pecador, mas também da sua purificação. O "fogo consumidor" é o "fogo refinador". Consome os pecados,

refina e purifica o pecador. Queima as obras do pecador, “feno e restolho”, que resultam da maldade. A tortura é real, a purificação é certa; o fogo é um símbolo do serviço de Deus, da disciplina certa, mas salutar. A “ira” de Deus é aparente, não real. Não há paixão da parte dele. O que chamamos de ira é outro nome para seu processo disciplinar. Deus não nos diria para deixarmos de lado a raiva, a ira (diz Orígenes) e então ser culpado do que ele nos proíbe. Ele declara que o castigo que se diz ser pelo fogo é entendido como aplicado com o objetivo de curar, conforme ensinado por Isaías, etc. (13:16; 47:14,15; 10: 17). O “fogo eterno” é curativo.

10.15 Orígenes sobre Geena

A Geena e seus fogos têm o mesmo significado: “Notamos que o que foi denominado 'Geena' ou 'Vale de Ennom' foi incluído no lote da tribo de Benjamim, na qual Jerusalém também estava situada. E procurando averiguar qual poderia ser a

inferência da Jerusalém celestial pertencente à sorte de Benjamim e do Vale de Ennom, encontramos uma certa confirmação do que é dito a respeito do local de punição, destinado à purificação de almas como devem ser purificados por tormentos, de acordo com o mesmo, - 'o Senhor vem como o fogo do fundidor e como o sabão do lavandeiro; e ele se assentará como fundidor e purificador de prata e de ouro.' " *Contra Celso, VI. xxvi.*

(N.T.) Malaquias 3:2 “Mas quem suportará o dia da sua vinda? e quem subsistirá, quando ele aparecer? porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. (3:3) E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purgará os filhos de Levi, e os afinará como ouro e como prata: então ao Senhor trarão oferta em justiça.

10.16 Visões de “cristãos tolos” em chamas.

Em resposta à acusação de Celso de

que os cristãos ensinam que os pecadores serão queimados pelo fogo do julgamento, Orígenes responde que tais pensamentos foram nutridos por certos cristãos tolos, que foram incapazes de ver claramente o sentido de cada passagem em particular, ou relutantes em dedicar o trabalho necessário à investigação das Escrituras. *** E talvez, como é apropriado às crianças que algumas coisas lhes sejam dirigidas de uma maneira condizente com a sua condição infantil, para convertê-las, *** também são ensinadas ideias como as que Celso se refere. "aqueles que exigem a administração do castigo pelo fogo" experimentam-no "com vista a um fim que seja adequado para Deus trazer sobre aqueles que foram criados à sua imagem." Em resposta à acusação de Celso de que os cristãos ensinam que Deus desempenhará o papel de cozinheiro na queima de homens, diz Orígenes, – "não como um cozinheiro, mas como um Deus que é um benfeitor daqueles que necessitam da disciplina do fogo." V. xv, xvi.

Orígenes declara que os pecadores “incuráveis” são convertidos pela ameaça de punição. "Quanto às punições ameaçadas contra os ímpios, estas virão sobre eles depois de terem recusado todos os remédios e terem sido, como podemos dizer, atacados por uma doença incurável de pecaminosidade. Tal é a nossa doutrina de punição; e a inculcação desta doutrina afasta muitos dos seus pecados." [19]

Pânfilo e Eusébio, em sua “Apologia a Orígenes”, citam estas palavras dele: “Devemos compreender que Deus, nosso médico, a fim de remover aquelas desordens que nossas almas contraem devido a vários pecados e abominações, usa esse modo doloroso de cura, e traz aqueles tormentos de fogo sobre aqueles que perderam a saúde da alma, assim como um médico terreno, em casos extremos, submete seus pacientes ao cautério.

Mas Orígenes sempre faz a salvação depender da vontade consentida; portanto, ele diz (De Prin. II, i: 2), "Deus, o

Pai de todas as coisas, a fim de garantir a salvação de todas as suas criaturas através do plano inefável de sua Palavra e sabedoria, organizou cada uma delas de modo que todo espírito, seja alma ou existência racional, como quer que seja chamado, não deve ser compelido pela força, contra a liberdade de sua própria vontade, a qualquer outro caminho que não aquele ao qual os motivos de sua própria mente o levaram."

Orígenes ensina que no estado final da felicidade humana universal haverá diferentes graus de bem-aventurança. Depois de citar 1ª Tessalonicenses. 4:15-17, ele diz: "Uma diversidade de tradução e uma glória diferente será dada a cada um de acordo com os méritos de suas ações; e cada um estará na ordem que os méritos de seu trabalho lhe proporcionaram. "

10.17 Mosheim e Robertson.

Mosheim expressa assim a opinião de

Orígenes: “Assim como todos os castigos divinos são salutares e úteis, também aquilo que a justiça divina infligiu às almas viciadas, embora seja um grande mal, é, no entanto, salutar em sua tendência e deve conduzi-las à bem-aventurança. Porque o cansativo conflito de propensões opostas, o início das paixões, as dores e tristezas e outros males decorrentes da conexão da mente com o corpo e com uma alma senciente, podem e devem excitar a alma cativa a ansiar pela recuperação de sua felicidade perdida, e levá-la a concentrar todas as suas energias para escapar de sua miséria. Pois Deus age como um médico, que emprega remédios duros e amargos, não apenas para curar os enfermos, mas também para induzi-los a preservar sua saúde e evitar tudo o que possa prejudicá-lo." [20]

O sincero historiador Robertson dá uma declaração precisa da escatologia de Orígenes, com referências às suas obras, como segue: “Toda punição, ele sustenta, é meramente corretiva e educativa, sendo

ordenada para que todas as criaturas possam ser restauradas à sua perfeição original. Após a ressurreição, toda a humanidade terá que passar por um fogo; os espíritos purificados entrarão no Paraíso, local de treinamento para a consumação; os ímpios permanecerão no 'fogo', que, no entanto, não é descrito como material, mas como uma miséria mental e espiritual. A matéria e o alimento disso, diz ele, são nossos pecados, que, quando inchados ao máximo, são inflamados para se tornarem nosso castigo; e as trevas exteriores são as trevas da ignorância. Mas a condição destes espíritos não é sem esperança, embora possam decorrer milhares de anos antes que o seu sofrimento tenha exercido sobre eles o devido efeito. Por outro lado, aqueles que são admitidos no Paraíso podem abusar do seu livre arbítrio, como no início, e podem, conseqüentemente, ser condenados a uma renovação da sua permanência na carne. Toda criatura razoável – até mesmo o próprio Satanás – pode ser desviada do mal para o bem, para não ser excluída da salvação.” [21]

Apesar da dúvida de Robertson, expressa em outras partes de sua história, se Orígenes ensinou a salvação dos “demônios”, a linguagem de Orígenes é clara. Ele diz: “Mas se alguma dessas ordens que agem sob o governo do Diabo *** será convertida em justiça *** num mundo futuro, ou se a maldade persistente e inveterada pode ser transformada em natureza pelo poder do hábito, é um resultado que você mesmo, leitor, pode aprovar;" mas ele prossegue dizendo que nos mundos eterno e invisível, “todos esses seres estão dispostos de acordo com um plano regular, na ordem e no grau de seus méritos; de modo que alguns deles no primeiro, outros no segundo, alguns mesmo nos últimos tempos, depois de ter sofrido punições mais pesadas e severas, suportado por um período prolongado, e por muitas eras, por assim dizer, melhorado por este método severo de treinamento, e restaurado inicialmente pela instrução dos anjos, e posteriormente pelos poderes de um grau superior e,

assim, avançando através de cada estágio para uma condição melhor, alcançando até mesmo aquilo que é invisível e eterno, tendo percorrido, por uma espécie de treinamento, cada ofício dos poderes celestiais. Disso penso, parecerá seguir-se como uma inferência de que toda natureza racional pode, ao passar de uma ordem para outra, passar por cada uma para todas, e avançar de todas para cada uma, enquanto é sujeita a vários graus de proficiência e fracasso de acordo com suas próprias ações e esforços, exercidos no gozo de seu poder de liberdade de vontade". [22]

10.18 O "Dicionário de Biografias Cristãs".

Diz o "Dicionário de Biografias Cristãs": Orígenes "proclama abertamente sua crença de que a bondade de Deus, quando cada pecador tiver recebido a penalidade de seus pecados, conduzirá, através de Cristo, todo o universo a um fim." "Ele é

levado a examinar a natureza do fogo que põe à prova a obra de cada homem e é a penalidade do mal, e ele o encontra na própria mente – na memória do mal. A vida do pecador está diante dele como um pergaminho, e ele o olha com vergonha e angústia indescritíveis. O Médico de nossas almas pode usar seus próprios processos de cura. As 'trevas exteriores' e o Paraíso são apenas estágios diferentes na educação da grande escola de almas, e sua ascensão e o progresso futuro depende de sua pureza e amor à verdade. Aquele que é salvo é salvo como pelo fogo, para que, se tiver em si qualquer mistura de chumbo, o fogo possa derretê-lo, para que tudo possa ser feito como o ouro puro. Quanto mais chumbo, maior será a queima, de modo que mesmo que haja pouco ouro, esse pouco será purificado. (N.T.) *** O fogo do último dia será, pode ser, ao mesmo tempo um castigo e um remédio, queimando a madeira, o feno, o restolho, de acordo com os méritos de

cada homem, mas todos trabalhando com o fim destinado de restaurar o homem à imagem de Deus, embora, por enquanto, os homens devam ser tratados como crianças, e os terrores do julgamento, e não a restauração final, deve ser apresentado àqueles que só podem ser convertidos por medos e ameaças. *** Gehenna representa os tormentos que purificam a alma, mas para muitos que são dificilmente contidos pelos medos dos tormentos eternos, não é conveniente ir muito longe nesse assunto, dificilmente, de fato, comprometer nossos pensamentos por escrito, mas insistir na retribuição certa e inevitável para todos os males. *** Deus é de fato um fogo consumidor, mas o que ele consome é o mal que está nas almas dos homens, não nas próprias almas." (Dr. A. W. W. Dale.)

(N.T.) Desde a antiguidade o método de purificação do ouro e da prata consiste em derreter o metal, porque

na fase líquida as impurezas flutuam, porque estes metais são muito pesados. Na superfície as impurezas são retiradas. (purificação vem de *puri [πυρι, G4442]* que significa *fogo* em grego)

10.19 Tradução da Linguagem de Orígenes sobre a Restauração Universal.

A tradução de Crombie (Biblioteca Ante-Nicene, Edimburgo, 1872) traduz Orígenes assim: "Mas como é em zombaria que Celso diz que falamos de 'Deus descendo como um torturador carregando fogo' e assim nos obriga inoportunamente a investigar palavras de significado mais profundo , faremos algumas observações: *** A Palavra divina diz que nosso 'Deus é um fogo consumidor' e que 'Ele atrai rios de fogo diante de si;' não, que ele até entra como "fogo de refinador e como erva de

lavandeiro" para purificar seu próprio povo. (Malaquias 3:2; Hebreus 12:29; Êxodo 24:17; Isaías 29:6; Isaías 30:27; Isaías 30:30; Isaías 33:14;) Mas quando se diz que ele é um "fogo consumidor", perguntamos quais são as coisas que são apropriadas para serem consumidas por Deus. E afirmamos que elas são a maldade e as obras que dela resultam, e que, sendo figurativamente chamadas de 'madeira, feno e restolho', Deus consome como um fogo. Diz-se que o homem ímpio, portanto, constrói 'madeira, feno e restolho' sobre o fundamento previamente estabelecido da razão. Se, então, alguém puder mostrar que essas palavras foram entendidas de maneira diferente pelo escritor, e puder provar que o homem ímpio *literalmente* acumula 'madeira, ou feno, ou restolho', é evidente que o fogo deve ser entendido como algo material, e um objeto dos sentidos. Mas se, pelo contrário, as obras do homem ímpio são faladas *figurativamente*, sob os nomes de

'madeira, ou feno, ou restolho', por que não ocorre imediatamente (pergunta-se) em que *sentido* a palavra 'fogo' deve ser tomada, de modo que 'madeira' de tal espécie seja consumida? Pois a Escritura diz: "O fogo provará de que espécie é a obra de cada homem. Se permanecer a obra que alguém edificou sobre ela, ele receberá uma recompensa. Se a obra de alguém for queimada, ele sofrerá prejuízo.' Mas que obra pode ser chamada de 'queimada' com essas palavras, exceto todas as que resultam da maldade? " *Contra Celso: IV. xiii; xciv.*

(N.T.)

1ºCoríntios 3:12-15

E, se alguém sobre este fundamento edificar ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, (3:13) A obra de cada um se manifestará; porque o dia a declarará, porquanto pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual

seja a obra de cada um. (3:14) Se a obra de alguém, que edificou sobre ele, permanecer, esse receberá galardão. (3:15) Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; porém o tal será salvo, todavia como pelo fogo.

Um dos mistérios inexplicáveis do pensamento religioso é que todos os cristãos não tivessem concordado com Orígenes neste ponto. "Deus é amor;" amor, que por sua natureza só pode consumir aquilo que é inimigo de seu objeto – o homem, e não o próprio homem.

Novamente: “Se então é boa e salutar aquela sujeição pela qual se diz que o Filho está sujeito ao Pai, é uma inferência extremamente racional e lógica deduzir que a sujeição também de inimigos que se diz ser feita ao Filho de Deus, deve ser entendida como sendo também salutar e útil; como se, quando se diz que o Filho

está sujeito ao Pai, significa a restauração perfeita de toda a criação, assim também, quando se diz que os inimigos estão sujeitos ao Pai, Filho de Deus, a salvação dos conquistados e a restauração dos perdidos está naquilo que se entende consistir. Essa sujeição, entretanto, será realizada de certas maneiras, e após certo treinamento, e em certos momentos; pois não deve ser imaginado que a sujeição será provocada pela pressão da necessidade (para que o mundo inteiro não parecesse subjugado a Deus pela força), mas pela palavra, razão e doutrina; por um chamado para um melhor curso das coisas; pelos melhores sistemas de treinamento; pelo emprego também de ameaças adequadas e apropriadas, que justamente impenderão sobre aqueles que desprezam qualquer cuidado ou atenção à sua salvação e utilidade. *De Prin. III, v.* "Sou de opinião que a expressão pela qual se diz que Deus é 'tudo em todos' significa que ele é 'tudo' em cada pessoa individual.

Agora ele será 'tudo' em cada indivíduo desta forma : quando tudo o que qualquer entendimento racional limpo da escória de todo tipo de vício, e com toda nuvem de maldade completamente varrida, puder sentir, ou compreender, ou pensar, será totalmente Deus; e quando não mais contemplar ou reterá qualquer outra coisa além de Deus, mas quando Deus for a medida e o padrão de todos os seus movimentos, e assim Deus será 'tudo', pois não haverá mais qualquer distinção entre o bem e o mal, visto que o mal não existe em lugar nenhum; pois Deus é todas as coisas, e para ele nenhum mal está próximo. *** Assim, então, quando o fim tiver sido restaurado ao início, e o término das coisas comparado com seu começo, aquela condição de coisas será restabelecida em que a natureza racional foi estabelecida, quando não tinha necessidade de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal; de modo que, quando todo sentimento de maldade

tiver sido removido, e o indivíduo tiver sido purificado e limpo, aquele que é o único Deus bom se torna para ele 'tudo', e isso não no caso de alguns indivíduos, ou de um número considerável, mas ele próprio é 'tudo em todos'. E quando a morte não existir mais em parte alguma, nem o aguilhão da morte, nem qualquer mal algum, então verdadeiramente Deus será 'tudo em todos'." Assim, a restauração final do universo moral não deve ser realizada em violação da vontade da criatura: o trabalho de “transformar e restaurar todas as coisas, de qualquer maneira que sejam feitas, para algum objetivo útil e para a vantagem comum de todos”, nenhuma “alma ou existência racional é compelida pela força contra a liberdade de sua própria vontade." *De Princ. III,vi.*

Novamente: “Vejamos agora qual é a liberdade da criatura, ou o fim de sua escravidão. Quando Cristo tiver entregue

o reino a Deus, o Pai, então também aqueles seres vivos, quando primeiro tiverem sido feitos reino de Cristo, será entregue, juntamente com todo esse reino, ao governo do Pai, para que quando Deus for tudo em todos, eles também, visto que são parte de todas as coisas, possam ter Deus em si mesmos , como ele é em todas as coisas." Orígenes considerou a aplicação à punição da palavra *aionios*, mal traduzida como eterna, como em perfeita harmonia com essa visão, dizendo que a punição do pecado, "embora 'aionion', não é infinita". Ele observa ainda: “Além disso, o último inimigo, que é chamado de morte, é dito por esse motivo (que todos podem ser um, sem diversidade) para ser destruído, para que não possa sobrar nada de um tipo triste, quando a morte não existe, nem nada que seja adverso quando não há inimigo. A destruição do último inimigo, de fato, deve ser entendida não como se sua substância, que foi formada por Deus, fosse perecer, mas porque sua mente e vontade hostil, que não veio de Deus, mas de si mesmo, deve ser destruído. Sua destruição,

portanto, não será sua inexistência, mas sua cessação de ser um inimigo e (de ser) morte. E esse resultado deve ser entendido como sendo provocado não repentinamente, mas lenta e gradualmente, visto que o processo de emenda e correção ocorrerá imperceptivelmente nos casos individuais durante o lapso de incontáveis e incomensuráveis eras, algumas superando outras, e tendendo por um curso mais rápido em direção à perfeição, enquanto outros seguem de perto, e alguns ainda muito atrás; e assim, através das numerosas e incontáveis ordens de seres em progresso que vão se reconciliando com Deus a partir de um estado de inimizade, chega-se finalmente ao último inimigo, que se chama morte, para que também ele seja destruído e não seja mais inimigo. Quando, portanto, todas as almas racionais tiverem sido restauradas a uma condição deste tipo, então a natureza deste nosso corpo sofrerá uma mudança para a glória do corpo espiritual."

Em "*Contra Celsum*" (B.VIII.), Orígenes

diz: "Afirmamos que o Verbo, que é a Sabedoria de Deus, reunirá todas as criaturas inteligentes e as converterá em sua própria perfeição, através da instrumentalidade de seu livre arbítrio e por seus próprios esforços. A Palavra é mais poderosa do que todas as doenças da alma, e ele aplica seus remédios a cada um de acordo com o prazer de Deus - pois o nome de Deus deve ser invocado por todos, para que todos o servirão com um consentimento."

10.20 Misericórdia e Justiça não se opõem.

A heresia que causou tantos danos à teologia moderna, de que a justiça e a bondade em Deus são atributos diferentes e hostis, foi defendida, diz Orígenes, por "alguns" em sua época, e ele a enfrenta admiravelmente (*De Prin. II, v: 1-4*), mostrando que os dois atributos são idênticos em sua finalidade. “Justiça é bondade”, declara ele. “Deus confere benefícios com justiça e pune com

bondade, pois nem a bondade sem justiça, nem a justiça sem bondade podem manifestar a dignidade da natureza divina”.

10.21 A Grande Declaração de Orígenes.

Orígenes argumenta que Deus deve ser impassível porque imutável. Ira, ódio, arrependimento são atribuídos a ele na Bíblia porque as enfermidades humanas exigem tal apresentação. A punição resulta do pecado como uma consequência legítima e não é obra direta de Deus. *** Na Restituição não se falará da ira de Deus. Deus realmente tem apenas uma paixão – Amor. Tudo o que ele faz ilustra alguma fase dessa emoção divina. Ele declara que para Deus o único ponto fixo é o Fim, quando Deus será tudo em todos. Todo trabalho inteligente tem um final perfeito. De Colossenses 1:20 e Heb. 2:19, ele diz: Cristo é “o Grande Sumo Sacerdote, não apenas para o homem, mas para toda criatura racional”. Em suas *Homilias sobre Ezequiel*, ele diz:

“Se não tivesse sido propício à conversão dos pecadores empregar o sofrimento, nunca um Deus compassivo e benevolente teria infligido punição”. O amor, que “nunca falha”, preservará toda a criação de qualquer possibilidade de queda adicional; e “Deus será tudo em todos” para sempre.

Nota. - Celso parece ter sido o primeiro autor pagão a nomear os livros cristãos, de modo que eles eram bem conhecidos um século após a morte de nosso Senhor. Nós, sem dúvida, temos todas as objeções apresentadas por ele contra o Cristianismo, preservadas na resposta de Orígenes. Ele não apenas ataca nossa fé em pontos menores, mas seus principais ataques são direcionados para mostrar que a nova religião não é uma revelação especial; que as suas doutrinas não são novas; que não é superior a outras religiões; que as suas doutrinas não são razoáveis; que se Deus realmente falasse aos homens, não seria a uma pequena nação, num canto obscuro; que os milagres (embora ocorrências reais) não foram

realizados pelo poder divino; que Jesus não era divino e não ressuscitou dos mortos; que o Cristianismo é uma evolução. Ele tinha a mesma opinião de Renan, Strauss e dos modernos "racionalistas", atribuindo o suposto aparecimento de Jesus após a sua crucificação à imaginação de "uma mulher distraída" ou às ilusões daqueles que imaginavam o que desejavam ver.

Celso às vezes selecionava os pontos de vista de cristãos não autorizados, como quando acusou que eles adorassem a Cristo como Deus. A resposta de Orígenes prova que Cristo era considerado divino, mas não uma divindade. Ele diz: “Concedido que pode haver alguns indivíduos entre a multidão de crentes que não estão de pleno acordo conosco, e que incautamente afirmam que o Salvador é o Deus Altíssimo; nós não concordamos com eles, mas antes acreditamos nele quando ele diz: “O Pai que me enviou é maior do que eu.” Se os cristãos considerassem Cristo como Deus, ele

não poderia ter dito isso.

Celso foi o pai do "Racionalismo" e Orígenes o expoente de uma crença cristã reverente e racional.

[1] Eusébio Ecl. História. VI. Vidas dos Santos de Butler, vol. IV, pág. 224-231, contém um esboço bastante completo da vida de Orígenes, embora, como ele não foi canonizado, esteja apenas embalsamado em uma nota de rodapé.

[2] Demétrio tem direito a um parágrafo para mostrar o tipo de homem que às vezes controlava os estudos e as opiniões da época. Quando o patriarca Juliano estava morrendo, sonhou que seu sucessor viria no dia seguinte e lhe traria um cacho de uvas. No dia seguinte veio esse Demétrio com seu cacho de uvas, um rústico ignorante, e logo depois estava sentado na cadeira episcopal. Foi esse ignorante que assumiu tiranicamente o controle dos assuntos eclesiásticos, censurou Orígenes e obrigou os bispos por

ele mesmo nomeados a proferir uma sentença de degradação sobre Orígenes, que os presbíteros legítimos haviam recusado.

[3] Hist. Igreja Cristã, I, pág.54-55.

[4] Mártires e Apologistas II de De Pressensé, pág. 340.

[5] Bayle, Dicionário de História da Arte. Orígenes.

[6] Contra Celso VI. 25.

[7] Consulte também Mosheim, Dorner e De Pressensé.

[8] Homilia XI em Números, in Migne.

[9] Esboços de Harnack, pág.150-154.

[10] Uhlhorn (B, II, c. ii) diz que no ataque de Celso "podem ser encontrados todos os argumentos que foram apresentados contra o Cristianismo até os dias atuais." "A Verdadeira Palavra de Celso *** pode

ser encontrada quase inteira no tratado que Orígenes escreveu em resposta." Neoplatonismo, por C. Bigg, D.D.

[11] Kitto Ciclo; Crítica Bíblica de Davidson, Vol. I.

[12] *De Principiis*, Tradução de Crombie. Epist. ad Amicos.

[13] Em Jeremias Hom. XVIII: 6, *Contra Celso 4. XXII*.

[14] Selecta em Êxodo: εκαστος ουν συνειδως αμαρτιας εαυτω ευχεσθω κολασθηναι. Além disso, *De Prin. I, vi: 3.*

[15] *De Prin. II. iii: 5.*

[16] Cônego Farrar diz em Misericórdia e Julgamento, pág. 409, "Para um tratamento exaustivo desta palavra aionios, veja Aion Aionios de Hanson."

[17] Alguns dos textos que Orígenes cita como prova da salvação universal: Lucas 3:16; 1º Cor. 3:15; Isaías 16:4; 12:1;

24:22; 46:14,15; Miquéias 7:9; Ezequel 16:53,55; Jeremias 25:15,16; Mateus 18h30; João 10:16; Rom. 11:25,26; Rom. 11:32; 1º Pedro 3:18-21, etc.

[18] *De Prin. II, x: 3, 4. I, I. Contra Celso iv, 13*.

[19] *Contra Celso VIII. xxxix. Xl.*

[20] Com.II, 194.195.

[21] Hist. Igreja Cristã, I, pág. 114.

[22] Orígenes sustentou que isso significava duração limitada e, conseqüentemente, deve significar limitado. Veja *De Prin. I, vi: 3.*

Capítulo 11. Orígenes – Continuação.

Os estudantes, biógrafos e críticos de Orígenes de todas as escolas de pensamento e teologia concordam principalmente em representá-lo como um

promulgador explícito do Universalismo. O Cônego Westcott o considera o grande corretor daquele africanismo que desde Agostinho dominou a teologia ocidental. Ele assim define seus pontos de vista: “Todas as punições futuras respondem exatamente à pecaminosidade individual e, como as punições na terra, são direcionadas para a correção dos sofredores. Ofensas mais leves podem ser punidas na terra; as mais pesadas ainda serão visitados posteriormente. Em todos os casos, o último centavo deve ser pago, embora a libertação final seja prometida.

11.1 Blunt sobre Orígenes.

Blunt, em seu excelente trabalho, descreve as misturas e corrupções pagãs nos modos, costumes, hábitos, conduta e vida que começaram a prevalecer durante a última parte do século III, à medida que a influência dos grandes pais alexandrinos diminuía e a latinização da igreja começou a se afirmar. [1]

(N.T.) Muito provavelmente John Henry Blunt (1823-1884), autor de vários livros sobre história do Cristianismo.

11.2 Dr. Bigg em Orígenes.

"Chegará um tempo em que o homem, completamente sujeito a Cristo pela operação do Espírito Santo", diz Bigg, resumindo Orígenes, "será em Cristo completamente sujeito ao Pai. Mas agora", acrescenta ele, "o fim é sempre como o começo. A multiforme diversidade do mundo deve se fechar na unidade, deve então ter surgido da unidade. Sua expansão desta teoria é na verdade um comentário elaborado sobre o oitavo capítulo da Epístola aos Romanos e o décimo quinto capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios. Essas, ele sentia, eram as duas chaves, uma para a eternidade antes e outra para a eternidade depois. O que a igreja não pode perdoar, Deus pode. O pecado que não tem perdão neste éon (æon ou aion) ou o éon que está por vir, pode ser

expiado em algum dos incontáveis éons da vasta vida futura." Esta exegese serve para nos mostrar como a igreja primitiva tratava os “pecados imperdoáveis”. (Mat. 12:32.) O pecado contra o Espírito Santo “não será perdoado neste mundo (aion, era) nem no mundo (aion, era) vindouro”. De acordo com Orígenes, pode ocorrer em “algum dos incontáveis éons da vasta vida futura”.

O historiador Schaff admite que entre aqueles que foram estimulados e inspirados a seguir Orígenes estavam Pânfilo, Eusébio de Cesaréia, Dídimo de Alexandria, Atanásio, Basílio, o Grande, Gregório de Nazianzum e Gregório de Nissa; e entre os pais latinos, Hilary e Jerome. E ele se sente obrigado a acrescentar: “Gregório de Nissa e talvez também Dídimo, até aderiram à doutrina de Orígenes da salvação final de todas as inteligências criadas”. [2]

11.3 Bunsen sobre Orígenes.

Bunsen declara que Orígenes apresenta em “De Principiis”, em favor da “universalidade da salvação final”, os argumentos de “quase todos os “pais Ante-Nicenos antes dele”. E Bunsen prossegue mostrando que a convicção de que uma fé tão ampla não permitiria aos hierarcas controlar o povo, inclinou os seus adversários a recorrer aos terrores de um tempo indefinido, e assim, à sua apreensão, ao castigo infinito e eterno, que tem a vingança e não a emenda como seu fim. “Fora Orígenes! O que será da virtude, do céu e do poder clerical, se o medo do castigo eterno não for mantido para sempre diante dos olhos dos homens como o suporte da autoridade humana e divina?" Assim pensava Demétrio, bispo de Alexandria em 230. Bunsen acrescenta que Orígenes ensinou que “a alma, tendo substância e vida próprias, receberá sua recompensa, de acordo com seus méritos, seja obtendo a herança da vida eterna e da bem-aventurança, ou sendo entregue à morte e aos tormentos eternos”, após que vem a ressurreição, a anástase, a ascensão à incorrupção e à glória, quando

“finalmente, no fim dos tempos, Deus será tudo em todos; não pela destruição da criatura, mas pela sua elevação gradual ao seu ser divino. Esta é a vida eterna, de acordo com o próprio ensinamento de Cristo." Sobre a grande fé na redenção universal, o Prof. Plumptre diz: "Tem sido, e é, o credo dos grandes poetas que aceitamos como porta-vozes dos pensamentos de uma nação. "[3]

11.4 Orígenes tratado cruelmente.

O tratamento vivido por Orígenes é uma das anomalias da história. Admite-se que a primeira hostilidade contra ele, seguida de sua deposição e excomunhão, em 232 d.C., foi consequência de sua oposição às tendências episcopais do bispo Demétrio e da inveja do bispo. Seu universalismo não estava em questão. Lardner diz que “não foi expulso de Alexandria por heresia, mas por inveja”. Bunsen diz: "Demétrio induziu um numeroso sínodo de bispos egípcios a condenar como herética * * * a opinião de Orígenes a respeito da universalidade da

salvação final." Mas Bunsen parece contradizer as suas próprias palavras ao acrescentar: “Esta opinião ele certamente declarou de modo a apresentar uma perspectiva da conversão do próprio Satanás pelo poder irresistível do amor do Todo-Poderoso”, mas ele foi condenado “' não', como diz São Jerônimo, que não era amigo de sua teologia, 'por causa da novidade da doutrina - não por heresia - mas porque eles não podiam suportar a glória de seu conhecimento e eloqüência.' Orígenes parece ter causado a raiva mesquinha de Demétrio, porque este ficou indignado depois que Orígenes, um leigo, proferiu discursos na presença de bispos (Alexandre e Teoctisto), embora a pedido deles, e porque foi ordenado fora de sua diocese. Demétrio continuou suas perseguições até rebaixar Orígenes do cargo de presbítero, embora todas as autoridades eclesiásticas na Palestina se recusassem a reconhecer a validade da sentença. Sua excomunhão, porém, foi desconsiderada pelos bispos da Palestina, Arábia e Grécia. Indo de Alexandria para a Grécia e Palestina, Orígenes fez amizade

com o bispo Firmiliano na Capadócia por dois anos; e também foi acolhido em Nicomédia e Atenas. [4]

Huet diz: “Todos, quase sem exceção, aderiram a Orígenes”. E Doucin: "Desde que Orígenes estivesse ao seu lado, ele acreditava ter a verdade."

11.5 Teologia de Orígenes geralmente aceita.

Que as suas opiniões não eram detestadas é provado pelo fato de a maioria dos seus amigos e seguidores terem sido encarregados das igrejas mais importantes. Diz De Pressensé: “A Igreja Oriental do Terceiro Século cancelou, de fato, a sentença proferida sobre Orígenes sob a influência do partido hierárquico. Na própria Alexandria, seus discípulos mantiveram a preeminência, e com a morte de Demétrio, Heraclas, que havia sido o amigo mais íntimo e discípulo de confiança de Orígenes, foi elevado à dignidade episcopal pela livre escolha dos

mais velhos. *** Heraclas morreu em 249 d.C. e foi sucedido por outro discípulo de Orígenes, *** Dionísio de Alexandria. *** Ele foi um discípulo assíduo de Orígenes, e com sua morte os dias tranquilos da escola de Alexandria terminaram. Dionísio foi o último de seus grandes mestres. É deplorável que não se saiba da existência de nenhum dos escritos de Dionísio.

Teofilato, bispo de Cesaréia, expressou a mais ardente amizade por Orígenes e ofereceu-lhe refúgio em Cesaréia e um cargo de professor. Firmiliano, bispo de Cesaréia na Capadócia, recebeu Orígenes durante a perseguição de Maximino (M. Trácio, Imperador de 235 a 238) e sempre foi um amigo rápido. A maioria dos bispos palestinos eram amigáveis. Jerônimo menciona Trifão como discípulo de Orígenes. Ele foi autor de vários comentários sobre o Antigo Testamento. Hipólito é mencionado como "um discípulo de Orígenes e Dionísio de Alexandria, chamado de 'o Orígenes do Ocidente'" *** atraído por Orígenes "por todas as afinidades do coração e da mente".

11.6 Seu universalismo nunca foi condenado.

O estado de opinião sobre o tema da salvação universal é demonstrado pelo fato de que Inácio, Irineu, Hipólito e outros escreveram contra as heresias predominantes em seus tempos, mas o Universalismo nunca é mencionado entre elas. Alguns dos alegados erros de Orígenes foram condenados, mas a sua doutrina da salvação universal, nunca. Metódio, que escreveu em 300 d.C.; Pânfilo e Eusébio, 310 d.C.; Eustáquio, 380 d.C.; Epifânio, 376 e 394 d.C.; Teófilo, 400-404 d.C., e Jerônimo, 400 d.C.; todos fornecem listas dos erros de Orígenes, mas nenhum cita seu Universalismo entre eles. Além disso, alguns dos que condenaram os seus erros eram universalistas, como a escola de Antioquia. E muitos que eram oponentes do Origenismo foram mencionados com honra pelos inimigos de Orígenes, apesar de serem universalistas, como Clemente

de Alexandria e Gregório de Nissa.

Pânfilo e Eusébio, 307-310 d.C., escreveram conjuntamente uma Apologia para Orígenes que continha declarações dos antigos pais endossando seus pontos de vista sobre a Restituição. Este trabalho, se tivesse sobrevivido, seria sem dúvida um repositório inestimável de evidências para mostrar a prevalência geral de seus pontos de vista por parte daqueles cujos escritos não foram preservados. Todos os cristãos devem lamentar com Lardner a perda de uma obra que nos teria contado tanto sobre o grande Alexandrino. Parece ter sido moda entre os antigos teólogos latinos queimar os livros que não podiam refutar.

Farrar nomeia os eminentes antigos que mencionam Orígenes com maior honra e respeito. Alguns, como Agostinho, não aceitam seus pontos de vista, mas todos proferem palavras elogiosas, muitos adotam seus sentimentos, e Eusébio acrescentou um sexto livro à produção de Pânfilo, em consequência das críticas

contra Orígenes. Embora ele tivesse seus oponentes e difamadores, os melhores e a maioria de seus contemporâneos e sucessores imediatos aceitaram suas doutrinas ou elogiaram sua bondade e grandeza.

Orígenes lamentou amargamente a deturpação de seus pontos de vista, mesmo durante sua vida. Quanto mais ele poderia ter dito se tivesse previsto o que seria dito dele após sua morte.

Pânfilo, que foi martirizado em 294 d.C., e Eusébio, em sua Apologia perdida a Orígenes, mencionada por pelo menos dois escritores que a viram, deram muitos testemunhos de pais anteriores a Orígenes, favorecendo o universalismo, [5] e Domiciano, bispo de Ancyra reclama que aqueles que condenam o restauracionismo de Orígenes “anatematizam todos os santos que o precederam e seguiram”, implicando a prevalência geral do Universalismo antes e depois dos dias de Orígenes.

11.7 Contemporâneos de Orígenes.

Entre os célebres contemporâneos e sucessores imediatos de Orígenes, cujos escritos sobre a questão do destino final do homem não sobreviveram, mas que, pelas relações que mantiveram com este maior dos Pais na restauração universal, podem ser mencionados Alexandre, bispo de Jerusalém (216 d.C.), um colega estudante; Teocisto, bispo de Cesaréia (240-260 d.C.); Heraclas, bispo de Alexandria (200-248 d.C.); Ambrósio (200-230 d.C.); Firmiliano, bispo de Cesaréia (200-270 d.C.); Atenodoro, seu irmão (210-270 d.C.); todos os amigos e adeptos de Orígenes. Eles devem ter acalentado o que era na altura o sentimento predominante entre os cristãos orientais – uma crença na restauração universal – embora não tenhamos testemunhos deles.

Na declaração não apoiada de Jerônimo, declara-se que Orígenes protestou contra sua ortodoxia ao Papa reinante, Fabiano, em 246 d.C., e solicitou a readmissão à comunhão da igreja. Diz-se

que ele atribuiu a culpa da publicação de alguns de seus sentimentos heterodoxos à pressa de seu amigo Ambrósio. Mas como Orígenes continuou a ensinar o Universalismo durante todo o resto da sua vida, a afirmação de Jerónimo deve ser rejeitada, ou a restauração universal não estava entre as doutrinas heterodoxas. Na época em que Orígenes teria escrito a carta, seu aluno e amigo, Dionísio, era Patriarca de Alexandria, e ele escreveu ao Papa Fabiano e a outros bispos, é provável, para efetuar uma reconciliação, à qual Dionísio e a maioria dos os bispos seriam favoráveis. Além disso, está registrado que Orígenes classificou todos os bispos como de igual eminência, exceto porque a bondade lhes deu uma posição superior, de modo que ele não poderia ter considerado Fabiano como papa. Que o sentimento geral durante a época de Orígenes e por algum tempo depois era universalista fica assim aparente. [6]

11.8 Antigas Escolas Universalistas.

Testemunho do Dr. Beecher.

Beecher diz: “Dois grandes fatos se destacam nas páginas da história eclesiástica. Um, que o primeiro sistema de teologia cristã foi composto e publicado por Orígenes no ano 230 depois de Cristo, do qual um elemento fundamental e essencial foi a doutrina da restauração universal de todos os seres caídos à sua santidade original e união com Deus. A segunda é que, após um lapso de pouco mais de três séculos, no ano 544, esta doutrina foi pela primeira vez condenada e anatematizada como herética. *** A partir deste ponto (553 d.C.) a doutrina da punição eterna reinou com influência indiscutível durante a Idade Média que precedeu a Reforma. *** Qual era, então, o estado dos fatos quanto às principais escolas teológicas de o mundo cristão, na era de Orígenes, e alguns séculos depois? Foi resumidamente isto: Havia pelo menos seis escolas teológicas na igreja em geral. Destas seis escolas, uma, e apenas uma, estava decidida e sinceramente em favor da doutrina do castigo eterno futuro. Uma

era a favor da aniquilação dos ímpios, duas eram a favor da doutrina da restauração universal segundo os princípios de Orígenes, e duas eram a favor da restauração universal segundo os princípios de Teodoro de Mopsuéstia. Também é verdade que os proeminentes defensores da doutrina da restauração universal eram crentes convictos na divindade de Cristo, na Trindade, na encarnação e expiação, e na grande doutrina cristã da regeneração; e eram em piedade, devoção, atividade cristã e empreendimento missionário, bem como em aprendizado, poder e realizações intelectuais, inferiores a ninguém nas melhores épocas da igreja, e eram muito superiores àqueles por quem, em eras posteriores, eles foram condenados e anatematizados. De duas escolas teológicas surgiu uma oposição à doutrina do castigo eterno, que se baseava num interesse cristão mais profundo; na medida em que a doutrina de uma restauração universal estava intimamente ligada a todos os sistemas dogmáticos de ambas as escolas, nomeadamente a de

Orígenes (Alexandrina) e a escola de Antioquia. Pelo menos três das maiores e mais antigas escolas de teologia cristã– as escolas de Alexandria, Antioquia e Cesaréia – apoiaram-se neste assunto nas opiniões de Orígenes, não em seus detalhes, mas em sua esperança geral. *** O fato de que mesmo esses pais origenistas foram capazes, com perfeita honestidade, de usar a fraseologia atual, mostra que tal fraseologia era pelo menos capaz de uma interpretação diferente daquela (agora) comumente atribuída a ela." A escola no norte da África favorecia a doutrina do castigo sem fim; a da Ásia Menor a aniquilação. As duas em Alexandria e Cesaréia eram universalistas da escola de Orígenes; os de Antioquia e Edessa eram universalistas da escola de Teodoro de Mopsuéstia e Diodoro de Tarso. Sem dúvida nenhuma as mentes mais poderosas (300 a 400 d.C.) adotaram a doutrina da restauração universal, e aqueles que não a adotaram não entraram em controvérsia sobre ela com aqueles que a adotaram. Na escola africana tudo isto se inverteu. Desde o início eles

defenderam firmemente a doutrina do castigo eterno, como parte essencial de um grande sistema de leis do qual Deus era o centro.” [7]

Deve-se notar, entretanto, que as escolas na Ásia Menor e no Norte da África, onde se ensinava a aniquilação e o castigo sem fim, não eram estritamente escolas de teologia, mas meros seminários.

A única escola entre as seis da cristandade que ensinava o castigo sem fim estava na África, e a doutrina foi derivada pelos latinos da compreensão errada de uma língua estrangeira, através de traduções incorretas das Escrituras Gregas originais, e foi obtida pela infusão do vírus do secularismo romano na simplicidade do cristianismo. Maine, em sua "Lei Antiga", atribui a esta causa a diferença entre a teologia oriental e ocidental. O estudante do Cristianismo primitivo verá que Tertuliano, Cipriano, Minúcio Félix, até Agostinho, foram influenciados por essas causas e criaram a

farsa teológica que governou o mundo cristão durante séculos sombrios e dolorosos.

Sobre este ponto (que as opiniões de Orígenes eram gerais) Neale observa: "Ao ler as obras de Orígenes, não devemos considerar os seus princípios e opiniões como os de um doutor isolado; a escola catequética de Alexandria. E esta escola foi o tipo, ou modelo, segundo o qual a mente da igreja Alexandrina foi moldada; a filosofia de Pantænus desceu a Clemens, - e dele foi capturada por Orígenes. [8]

11.9 Orígenes deturpado.

A partir destes fatos é facilmente visto que as heresias das quais Orígenes foi acusado não tocaram a doutrina da restauração universal. Eles eram a favor de ensinar a desigualdade entre as pessoas da Trindade, a pré-existência da alma humana, negar a ressurreição do corpo, afirmar que os anjos maus não sofrerão punição sem fim, e que todas as

almas serão absorvidas pela Fonte Infinita de onde elas sairam, como gotas caindo no mar. Esta última acusação foi uma perversão do seu ensino de que Deus será “tudo em todos”. Algumas dessas doutrinas só são encontradas em supostas citações nas obras de seus oponentes, como Jerônimo e outros que escreveram contra ele. Sua linguagem às vezes era mal compreendida e, mais frequentemente, pervertida de maneira ignorante ou proposital. Muitas citações são de obras suas que não existem. Interpolações e alterações foram feitas por seus inimigos em suas obras ainda durante sua vida, conforme ele reclamava. Epifânio "atacou Orígenes em Jerusalém depois que ele estava morto e tentou fazer o bispo João denunciá-lo. Falhando aqui, ele tentou obrigar Jerônimo, por medo de sua reputação de ortodoxia, a fazer o mesmo, e conseguiu desonrar Jerônimo para sempre por sua maldade, covardia e jogo duplo. Teófilo, bispo de Alexandria, veio em seu auxílio ao anatematizar Orígenes. Ele convocou um sínodo em 399 d.C., no qual condenou Orígenes e

anatematizou todos os que deveriam ler suas obras. "Depois disso, Epifânio morreu. Mas seus seguidores prosseguiram a mesma obra em seu espírito, até que Orígenes foi condenado novamente por Justiniano;" desta vez pelo seu universalismo, mas, como será visto mais adiante, a igreja não sustentou o ataque de Justiniano. [9]

11.10 A deturpação de Orígenes pelo Dr. Pond.

As práticas repreensíveis às quais o *odium theologicum* impeliu os bons homens são ilustradas pelo Dr. Enoch Pond, professor no Seminário Teológico de Bangor. Descontente com as declarações maravilhosamente sinceras do Dr. Edward Beecher, em seus artigos em "The Christian Union", posteriormente contidos em "History of the Doctrine of Future Retribution", ele revisou os artigos no mesmo jornal, e para condenar o Dr. Beecher de imprecisão, o Dr. Pond cita a tradução de Crombie da versão latina de

Rufino em vez da tradução de Crombie do verdadeiro grego de Orígenes, e isso também, quando Rufino não apenas confessa que alterou o sentido, mas no próprio livro (III) do qual o Dr. Pond cita é a tradução do grego de Crombie, e a seguinte nota de Crombie está no início do capítulo: "Todo este capítulo foi preservado no grego original, que é traduzido literalmente em porções correspondentes em cada página, de modo que as diferenças entre as próprias palavras de Orígenes e as amplificações e alterações da paráfrase de Rufino possam ser imediatamente patentes para o leitor. Quase parece que existe uma fatalidade presente em todos os críticos hostis que lidam com Orígenes. A injustiça que recebeu em vida parece ter perseguido seu nome em todas as épocas.

A maneira pela qual as questões teológicas foram resolvidas e os credos estabelecidos naqueles dias é mostrada por Atanásio. Ele diz que quando o imperador Constâncio (filho de Constantino I), no concílio de Milão, em

355 d.C., ordenou aos bispos que subscrevessem contra Atanásio e eles responderam que não havia cânone eclesiástico para esse efeito, o imperador disse: "O que quer que eu queira, que isso seja considerado um cânone."

11.11 Universalismo com boa reputação no século V.

402 d.C., quando Epifânio veio de Chipre para Constantinopla com um decreto sinodal condenando os livros de Orígenes sem excomungar Orígenes, ele recusou o convite de Crisóstomo para se hospedar no palácio episcopal, já que Crisóstomo era favorável a e defensor de Orígenes. Ele instou o clero da cidade a assinar o decreto, mas, diz Sócrates (Sócrates de Constantinopla), "muitos recusaram, entre eles Teotino, bispo da Cítia, que disse: 'Eu escolho não, Epifânio, insultar a memória de alguém que terminou sua vida piedosamente há muito tempo; não ouso ser culpado de um ato tão ímpio como o de condenar o que

nossos predecessores de forma alguma rejeitaram; e especialmente quando não conheço nenhuma doutrina maligna contida nos livros de Orígenes. * * * Aqueles que tentam afixar um estigma nesses escritos estão inconscientemente lançando uma desonra sobre o volume sagrado de onde seus princípios foram extraídos.' Tal foi a resposta que Teotinus, um prelado, eminente pela sua piedade e retidão de vida, deu a Epifânio." No próximo capítulo (xiii), Sócrates afirma que apenas personagens inúteis criticaram Orígenes. Entre eles ele menciona Metódio, Eustácio, Apolinário e Teófilo, como "quatro injuriadores", cuja "censura era seu elogio". Sócrates nasceu por volta de 380 d.C., e seu livro continua a história de Eusébio até 445 d.C., e ele registra o que recebeu daqueles que conheciam os fatos. Isso deixa claro que, embora as opiniões de Orígenes tenham sido rejeitadas por alguns, elas gozavam de boa reputação entre a maioria e os melhores, duzentos anos após sua morte.

Até mesmo Agostinho admite que

“alguns, ou melhor, muitos” (*nonnulli, quam plurimi*), por pena, por sentimento humano, não acreditam no castigo eterno dos condenados.” [10] O tipo de pessoas que assim acreditam são descritos por Doederlein: "Quanto mais distinto na antiguidade cristã alguém era pelo conhecimento, tanto mais ele valorizava e defendia a esperança de que os tormentos futuros terminassem em algum momento."

11.12 Diferentes opiniões sobre o destino humano.

Antes de 200 d.C., três opiniões diferentes eram sustentadas entre os cristãos – punição sem fim, aniquilação e salvação universal; mas, até onde mostra a literatura da época, o assunto nunca foi controverso, e a última doutrina citada prevaleceu mais, se as afirmações dela na literatura servirem de teste para sua aceitação pelo povo. Durante cento e cinquenta anos, de 250 a 400 d.C., embora Orígenes e as suas heresias em muitos pontos sejam frequentemente atacados e

condenadas, quase não há um sussurro registado contra o seu Universalismo. Por outro lado, ser chamado de origenista era uma grande honra, de 260 a 290. A partir de 300 d.C., a doutrina da punição sem fim começou a ser declarada mais explicitamente, notadamente por Arnóbio e Lactâncio. E daí em diante, até 370, enquanto alguns dos pais ensinavam o castigo sem fim, e outros a aniquilação, a doutrina da maioria não é declarada. Um fato, contudo, é notável: embora todos os tipos de heresia tenham sido atacados, o Universalismo não foi considerado suficientemente herético para lhe dar direito à censura. [11]

[1] Copiosas referências já foram feitas sobre este ponto.

[2] "A teologia da cristandade e seu caráter durante os primeiros três séculos foram moldados por cinco homens. Inácio, Irineu e Cipriano deram sua organização; Clemente e Orígenes sua forma de pensamento religioso." Revista Trimestral Britânica, 1879.

[3] Espíritos em Prisão, p. 13. Dr. Ballou em sua História Antiga do Universalismo, p. 95, nota, fornece extensas referências às passagens da edição de Orígenes de Delarue nas quais a doutrina da salvação universal é expressa nas próprias palavras de Orígenes.

[4] De Pressensé atribui a aspereza de Demétrio à oposição de Orígenes às invasões do Episcopado e à sua desaprovação da ambição da hierarquia. Mártires e Apologistas, p. 332.

[5] Routh, *Reliquiæ Sacræ, iii,* p. 498.

[6] "No final do século II, a igreja em Alexandria era rica e numerosa. Demétrio, o bispo, deu o golpe final ao congregacionalismo da igreja ao censurar Orígenes e ao nomear bispos sufragâneos a quem ele persuadiu a proferir uma sentença sobre Orígenes que os presbíteros se recusaram a sancionar." Redepenning, conforme citado por Bigg.

[7] Hist. Doutor. Fut. Ret.

[8] Igreja Oriental de Holv. pág. 37.

[9] Sócrates, o historiador eclesiástico, defende Orígenes dos ataques de seus inimigos, e achando-o sólido na co-eternidade de Cristo com Deus, não ouvirá falar de qualquer heresia nele. Ecl. Hist., b. vi, cap. xiii.

[10] Enchirid. CH. 112.

[11] De acordo com Reuss "A doutrina de uma restauração geral de todas as criaturas racionais foi recomendada por muitos dos maiores pensadores da igreja antiga e dos tempos modernos.

Capítulo 12. Os Eulogistas de Orígenes.

Este principal universalista dos séculos que sucederam imediatamente aos apóstolos foi, por consenso geral, o mais erudito e santo de todos os pais cristãos.

Historiadores, estudiosos, críticos, homens de todos os matizes de pensamento e opinião imitam uns aos outros ao exaltar seu nome e elogiar seu caráter. Este volume poderia ser preenchido com seus elogios. Diz um dos historiadores mais criteriosos: “Se alguém merece ocupar o primeiro lugar no catálogo de santos e mártires, e ser anualmente apresentado como exemplo para os cristãos, esse é o homem, pois exceto os apóstolos de Jesus Cristo, e seus companheiros, não conheço nenhum entre todos os inscritos e honrados como santos que o supere em virtude e santidade." [1] Um crítico criterioso declara: "Seu trabalho apenas com base no texto das Escrituras daria a Orígenes o direito à gratidão eterna. Não houve nenhum homem verdadeiramente grande na igreja que não o amasse um pouco." [2] Bunsen observa: “A morte de Orígenes é o verdadeiro fim do cristianismo livre e, em particular, da teologia intelectual livre”. [3]

12.1 As homenagens dos estudiosos.

O erudito autor de “Os Mártires e Apologistas” observa com veracidade: “Orígenes nunca se desviou desta magnanimidade cristã e continua a ser o modelo do teólogo perseguido pela intolerância arrogante. Gentil como Fenelon sob anátemas hierárquicos, ele manteve suas convicções sem vacilar, e nem se retraiu nem se rebelou. Podemos muito bem dizer com o sincero Tillemont que, embora tal homem pudesse ter opiniões heréticas, ele não poderia ser um herege, uma vez que estava totalmente livre daquele espírito que constitui a culpa da heresia. [4] O Cônego Westcott escreve: "Ele examina com uma reverência, uma perspicácia, uma grandeza de sentimento nunca superada, as questões da inspiração e da interpretação da Bíblia. O valor intelectual da obra pode ser melhor caracterizado por um fato: uma única frase extraída dele foi citada por Butler como contendo o germe de sua 'Analogia'. Depois de mil e seiscentos anos, ainda não cumprimos as

posições que ele definiu como pertencentes ao domínio da filosofia cristã. *** Toda a sua vida foi “uma oração ininterrupta”, para usar a sua própria linguagem sobre o que deveria ser uma vida ideal. " [5] O sóbrio historiador Lardner registra apenas uma apreciação sincera do homem quando diz: "Ele teve a felicidade de unir diferentes realizações, sendo ao mesmo tempo o maior pregador e o escritor mais erudito e volumoso da época; nem é fácil dizer o que é mais admirável, a sua erudição ou a sua virtude." [6] Plumptre compete com outros elogios de Orígenes, e Farrar, em todos os seus livros notáveis, nunca pode dizer o suficiente em seus elogios. Um breve extrato dele será suficiente: “O maior de todos os pais, o homem mais apostólico desde os dias dos apóstolos, o pai que em todos os ramos de estudo prestou à igreja os serviços mais profundos e mais amplos – o imortal Orígenes. *** O primeiro escritor, o pensador mais profundo, o maior educador, o crítico mais laborioso, o pregador mais honrado, o confessor mais

santo de sua época. Não conhecemos nenhum homem em toda a era cristã, exceto São Paulo, que trabalhou tanto incessantemente, e prestou à igreja serviços tão inestimáveis. Não conhecemos nenhum homem, exceto São Paulo, que teve que sofrer de tão negra e amarga ingratidão. Ele, o conversor dos pagãos, o fortalecedor dos mártires, o mais profundo dos Professores cristãos, o maior e mais erudito dos intérpretes das Escrituras - aquele a quem reis, bispos e filósofos tinham orgulho de ouvir - aquele que refutou o mais hábil de todos os agressores do Cristianismo. - aquele que fundou o primeira escola de exegese bíblica e filologia bíblica - aquele que fez mais pela honra e pelo conhecimento dos Oráculos de Deus não apenas do que todos os seus agressores (pois isso não quer dizer muito), mas do que todos os então bispos e escritores de a igreja reunida - aquele que conhecia as Escrituras desde a infância, que em vão tentou agarrar na infância a coroa do martírio, que foi o honrado professor dos santos, que durante toda a sua vida foi um

confessor - ele em cujos próprios erros de vida foram mais nobres do que em toda a vida de seus agressores - que viveram uma vida mais apostólica, que fizeram mais e sofreram mais pela verdade de Cristo do que qualquer homem depois do primeiro século de nossa era , e cujos serviços precisamente mensuráveis permanecem praticamente inacessíveis por todos os séculos - eu, por exemplo, nunca mencionarei o nome de Orígenes sem o amor, a admiração e a reverência devida a um dos maiores e um dos melhores dos santos de Deus."

12.2 Um elogio católico.

Até mesmo os católicos modernos – apesar da proibição do Papa e do Concílio – juntam-se ao grande exército de elogios de Orígenes. Diz o “Mundo Católico:” "Alexandria, o berço do gênio oriental naquela época, tornou-se a Termópila cristã, e Orígenes, o Leônidas cristão. Foi ele quem chefiou as forças e, pelo esplendor de seu gênio, preparou em suas

ilustrações escolares homens para liderar a vanguarda. Ele reivindicou a verdade da calúnia, apoiou-a em fatos, libertou-a dos sofismas em que os inimigos a haviam obscurecido e apresentou-a à vista em toda a sua beleza e atração natural. *** Os pagãos ficaram encantados com sua linguagem, cheia de unção e encanto, e os literatos da época, que se perderam nas complexidades de Aristóteles, nas obscuridades de Platão e nos absurdos de Epicuro, maravilharam-se com o jovem filósofo cristão. [7]

Referindo-se às palavras duras que a maioria dos defensores da redenção universal que já passaram da meia-idade recebeu, Rev. Edward Beecher, D.D., declara, em sua "História da Doutrina da Retribuição Futura": "Um espírito maligno foi desenvolvido naquela época para derrubar Orígenes, o qual desde então envenenou a igreja de todas as denominações. Tem sido como uma lepra em toda a cristandade. E isto não é tudo: foram então utilizadas medidas para a “supressão do erro” que exercia uma

hostilidade mortal contra toda investigação livre, de cuja influência a igreja universal ainda não se recuperou."

A Enciclopédia Britânica, artigo Orígenes, (Prof. Adolf Harnack), expressa as conclusões do mundo acadêmico:

"De todos os teólogos da igreja antiga, com a possível exceção de Agostinho, Orígenes é o mais ilustre e o mais influente. Ele é o pai da ciência da igreja; ele é o fundador de uma teologia que foi levada à perfeição no Séculos IV e V, e que ainda manteve a marca de seu gênio quando no século VI renegou seu autor. Foi Orígenes quem criou a dogmática da igreja e lançou as bases da crítica científica do Antigo e do Novo Testamento. Ele não poderia ter sido o que foi se a duas gerações antes dele não tivessem trabalhado no problema de encontrar uma expressão intelectual e uma base filosófica para o Cristianismo: (Justino, Taciano, Atenágoras, Panteno, Clemente.) Mas as tentativas deles, em comparação com as de Orígenes, são como os ensaios de um estudante ao lado

da obra acabada de um mestre. *** Ao proclamar a reconciliação da ciência com a fé cristã, da cultura mais elevada com o Evangelho, Orígenes fez mais do que qualquer outro homem para conquistar o Velho Mundo para a religião cristã. Mas ele não assumiu nenhuma acomodação diplomática; era sua convicção mais profunda e solene que os oráculos sagrados da cristandade abrangiam todos os ideais da antiguidade. Seu caráter era tão transparente quanto sua vida era inocente; há poucos pais da igreja cuja biografia deixa uma impressão tão pura no leitor. A atmosfera ao seu redor era perigosa para um filósofo e teólogo respirar, mas ele manteve sua saúde espiritual intacta e até mesmo seu senso de verdade sofreu menos danos do que foi o caso da maioria de seus contemporâneos. *** A teologia ortodoxa nunca, em nenhuma dessas confissões, se aventurou além do círculo que a mente de Orígenes primeiro mediu."

12.3 Cristãos Ideais Universalistas do Quarto Século.

Concluímos estes elogios, que poderiam ser multiplicados indefinidamente, atribuindo a alta autoridade de Max Muller: "Orígenes era tão honesto como cristão como era como filósofo, e foi esta honestidade que tornou o Cristianismo vitorioso no Terceiro Século, e o tornará novamente vitorioso sempre que encontrar apoiadores determinados a não sacrificar as suas convicções filosóficas à sua fé religiosa ou a sua fé religiosa às suas convicções filosóficas. *** Se considerarmos o tempo em que ele viveu, e estudarmos o testemunho que os seus contemporâneos deram do seu caráter, podemos muito bem afirmar dele, como de outros, que foram mal julgados pela posteridade:

> 'Denn wer den Besten seiner Zeit genug gelebt,
> Der hat genug gelebt fur alle Zeiten.' " [8]

(N.T.)(Johann Christoph Friedrich Schiller (1759 - 1805))

Se algum homem, desde a morte de Paulo, deveria ser considerado o santo padroeiro da igreja universalista, esse homem seria o maior e melhor de todos os pais antigos, Orígenes Adamantius.

Observação. - Foi afirmado que Orígenes não ensinou realmente a salvação final de todas as almas, porque ele insistiu que a vontade humana é eternamente livre e, portanto, argumenta-se que ele deve ter sustentado que as almas podem se arrepender e ser salvas, e pecar e cair para sempre. Mas isto não é verdade, pois Orígenes ensinou que em algum momento no futuro, o amor e a santidade serão tão absorvidos por todas as almas que, embora, teoricamente, sejam livres, o serão de tal forma que o lapso será impossível. Jerônimo, Justiniano, Dr. Pond e outros são explicitamente refutados pelo grande erudito e santo. Nos seus comentários sobre Romanos 6:9,10, ele diz: “O apóstolo

decide, por uma decisão absoluta, que agora Cristo não morre mais, para que aqueles que vivem com ele possam estar seguros da infinitude da sua vida. *** O livre arbítrio realmente permanece, mas o poder da cruz é suficiente para todas as ordens e todas as eras, passadas e futuras. E que o livre arbítrio não levará ao pecado, é claro, porque o amor nunca falha, e quando Deus é amado de todo o coração, e alma, e mente, e força, e nosso próximo como a nós mesmos, onde está o lugar para o pecado?" Em sua grande obra “De Principiis”, ele declara: “A natureza deste nosso corpo será transformada na glória do corpo espiritual, estado em que devemos acreditar que ele permanecerá sempre e imutavelmente pela vontade do Criador”, etc. Embora Orígenes insistisse que a vontade humana deveria ser livre para sempre, ele não admitia que a alma pudesse abusar de sua liberdade continuando a cair para sempre no pecado.

[1] Mosheim, Hist. Com. em Cristo, antes de Constantino, ii, p. 149.

[2] Cristo. Plat. de Alex., pág. 303.

[3] Hip. e sua época, pp. 285, 286.

[4] Bunsen, pág. 326-327.

[5] Ensaios, pág. 236-252.

[6] Cred. Gos. Hist., Vol. II, pág. 486.

[7] Abril de 1874.

[8] Teos. ou Psico. Rel. Palestra. XIII.

Capítulo 13. Um Grupo do Terceiro Século.

Embora lamentemos que reste tão pouco da literatura dos primórdios da nossa religião, o surpreendente é que tenhamos tanto, em vez de tão pouco. As perseguições de Décio e Diocleciano –

especialmente deste último – foram implacáveis contra os livros cristãos. [1] "Os volumes que escaparam dos perigos daqueles dias eram como tições arrancados do fogo." "Um pouco de pó - precioso, na verdade, como ouro - em algumas urnas sepulcrais, é tudo o que resta agora." E mais tarde, o incêndio da biblioteca alexandrina pelos árabes, as perseguições destrutivas aos hereges, a proibição do concílio e a maldição do papa e do padre, no longo eclipse da Igreja, destruíram inúmeros volumes, de modo que há amplas razões para acreditar que, se pudéssemos inspecionar tudo o que Clemente, Orígenes e outros escreveram, no original grego, sem qualquer alteração, teríamos páginas onde agora temos sentenças confessando o Universalismo. Ocasionalmente ainda é encontrado um volume antigo, enterrado acidentalmente, como foi o Philosophumena de Hipólito, outrora atribuído a Orígenes, descoberto por um erudito grego num mosteiro no Monte Athos, no ano de 1842. Dos dez livros contidos no volume, o segundo, o terceiro e o início do quarto

desapareceram.

13.1 Hipólito.

Hipólito (cerca de 220 d.C.) enumera e comenta trinta e duas heresias, mas a restauração universal não é citada entre elas. [2] E, no entanto, Clemente de Alexandria e Orígenes - então vivos - eram considerados em todos os lugares como os grandes mestres da igreja, e a sua visão do destino futuro do homem era geralmente predominante, de acordo com Agostinho, Jerônimo e outros. Não poderia então ter sido considerado uma “heresia” ou Hipólito o teria nomeado. Que força existe, de fato, que nenhum daqueles que escreveram contra as heresias de sua época jamais nomeou a salvação universal como uma delas! Hipólito menciona trinta e duas. Epifânio escreveu seu Panarion e o sintetiza em sua Anacefalose ou Recapitulação, mas nenhum dos caçadores de heresia inclui nossa fé em suas maldições. Pode haver evidência mais forte do que este fato de que a

doutrina não era então herética?

13.2 Erro do Reitor Wordsworth.

É curioso notar como a mente de um teólogo pode ser preconceituosa. O Reitor Wordsworth, em sua tradução de Hipólito, fornece a linguagem daquele contemporâneo de Orígenes, para mostrar que o primeiro não tinha simpatia pela ampla fé deste último. Ele cita Hipólito assim: "A maldição vindoura do julgamento do fogo, e o aspecto escuro e sem raios do tártaro, não irradiado pela voz da Palavra, e a onda do lago sempre fluindo, gerando fogo, e o olho da vingança tártara anjos sempre fixados na maldição", etc. O Reitor injustificadamente, porque incorretamente, traduz *kolaston* como "vingança", um significado que não possui. É punido, castigado, corrigido, mas nunca carrega o sentimento de vingança. Além disso, desconsiderando o fato de que os Pais Universalistas reconhecidos denunciam o pecador com palavras tão

intensas quanto a linguagem acima, que podem ser literalmente cumpridas e ainda assim a restauração ocorrer depois de tudo, o Reitor traduz o próximo parágrafo assim: "Você terá seu corpo imortal (αθανατον) e incorruptível (αφθαρτον), junto com sua alma" (ψυχη, vida). Ora, se Hipólito pretendesse ensinar a duração absolutamente interminável do “fogo tártaro”, não teria ele usado estes termos mais fortes, aphtharton e athanaton, que nunca são empregados no Novo Testamento para ensinar duração limitada, e não é o fato de que ele usou a palavra mais fraca para descrever punição, evidência de que nesta passagem do “Philosophumena” Hipólito não pretendia ensinar o tormento sem fim do pecador?

Não menos surpreendente é a linguagem do Reitor Wordsworth, e sua leitura equivocada dos fatos da história, quando comenta o tom áspero e amargo de Hipólito, no tratamento dos hereges, no "Philosophumena". Contrastando o temperamento acre de Hipólito com a

doçura de Orígenes, o Reitor Wordsworth diz:

"A opinião de Orígenes com relação às punições futuras é bem conhecida. Os mesmos sentimentos que o induziram a atenuar os erros dos hereges, induziram-no a exercer sua engenhosidade em adulterar as declarações das Escrituras a respeito da duração eterna da punição futura do pecado. ... Assim, a falsa caridade o traiu e o levou à heresia. [3]

Esta é uma triste inversão de causa e efeito. Por que não dizer que o fato sublime da bondade de Deus resultando na salvação universal, criou no coração de Orígenes aquela caridade generosa e doçura divina que o levou a olhar com piedade e não com raiva para o erro humano, em imitação do Deus que ele adorava?

13.3 Teófilo.

Teófilo de Antioquia, que escreveu por volta de 180 d.C. e foi bispo de Antioquia,

fala de tormentos aionianos e de fogo aioniano, mas deve ter usado os termos como fizeram Orígenes e os outros antigos universalistas, pois ele diz: "Pois assim como um vaso que, depois de feito, apresenta alguma falha, é refeito ou remodelado, para que se torne novo e brilhante, por isso chega ao homem pela morte. Pois de uma forma ou de outra ele está quebrado, para que possa surgir na ressurreição inteiro, quero dizer imaculado, justo e imortal”. [4]

13.4 Tertuliano.

Tertuliano (Quintus Septimius Florens Tertullianus) nasceu em Cartago, África, por volta de 160 d.C., e morreu em 220 d.C. Ele teve uma excelente educação pagã em direito romano e retórica, mas viveu como pagão até a idade adulta, e confessa que sua vida foi uma de vício e licenciosidade. [5] Convertido ao cristianismo, ele se tornou presbítero anos depois. Viveu uma vida moral e religiosa após sua conversão, mas as doutrinas

pagãs que manteve tornaram seu espírito duro e amargo. Por volta de 202 d.C. ele se juntou aos montanistas, uma seita cismática e ascética. Aqueles que simpatizavam com ele eram conhecidos como Tertulianistas ainda no século V. Suas habilidades eram excelentes, mas, como diz Schaff, ele era o oposto do igualmente genial, menos vigoroso, mas mais erudito e abrangente Orígenes.

13.5 Defende o Tormento Sem Fim.

Tertuliano foi o primeiro dos escritores afro-latinos que conquistou o ouvido público, e há fortes motivos para supor que, uma vez que Tertuliano cita os escritos sagrados perpetuamente e copiosamente, a mais antiga das muitas versões latinas usadas por Agostinho e nas quais Jerônimo baseou sua vulgata, eram africanas. *** "A África, e não Roma, deu origem ao cristianismo latino." Um escritor erudito afirma: “Sua própria autoridade é pequena, ele não era um teólogo sólido, tornou-se heterodoxo e

caiu em uma das heresias de sua época”. [6] A fonte do paganismo no coração de Tertuliano despejou suas águas nocivas no reservatório maior do poderoso cérebro de Agostinho, e daí, no século VI, submergiu a cristandade com um dilúvio que durou mil anos, - agora felizmente diminuindo, para dar lugar àquelas verdades cristãs primordiais que estavam nos corações de Clemente e Orígenes. Tertuliano e Orígenes eram tão diferentes quanto as igrejas que representam – a latina e a grega. Estreito, pagão, cruel, não-cristão, o caminho sombrio do cristianismo do tipo Tertuliano-Agostinho através dos séculos está repleto de destroços de ignorância e tristeza. Ele manteve suas noções pagãs e deu-lhes um rótulo cristão. Ele faz o submundo, como o pagão, dividido em duas partes por um abismo intransponível. A morada dos justos é sinus Abrahae, a dos ímpios ignis ou inferi. Tertuliano foi provavelmente o primeiro dos pais a afirmar que os tormentos dos perdidos terão a mesma duração que a felicidade dos salvos. "Deus recompensará seus adoradores com a vida

eterna; e lançará o profano no fogo igualmente perpétuo e ininterrupto." [7]

Na Apologia de Tertuliano há cinquenta argumentos a favor da religião cristã, mas nem uma vez ele afirma que o castigo sem fim era uma das doutrinas da igreja. Ele parece estar meio inclinado à verdade, pois fala do pecador como sendo capaz, após a morte, de pagar "o máximo de um centavo".

Tertuliano ilustra o efeito da doutrina que ele defendeu em suas exultações quase infernais sobre os futuros tormentos dos inimigos da Igreja. “Como admirarei, como rirei, como exultarei”, ele exclama com alegria diabólica, “ao ver os tormentos dos ímpios”. *** "Terei então uma chance melhor de ouvir os trágicos gritarem mais alto em sua própria angústia; de ver os atores mais vivos na chama que se dissolve; de ver o cocheiro brilhando em sua carruagem de fogo; de ver seus lutadores se debatendo em ondas de fogo em vez de em seu ginásio ", etc. [8] Referindo-se aos "espetáculos" que ele

antecipa, ele diz: "A fé nos permite apreciá-los mesmo agora, por viva antecipação; mas qual será a realidade daquelas coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem entrou no coração do homem conceber? Eles podem muito bem compensar, certamente, o circo e os anfiteatros e todos os espetáculos que o mundo pode oferecer. Não é de admirar que De Pressensé diga: "Esta alegria na antecipação da destruição dos inimigos de Cristo é totalmente estranha ao espírito do Evangelho; aquela risada zombeteira, ressoando através do abismo que se abre para engolir os perseguidores", etc. "alienígena", se um Deus de amor ordenou, e o gentil Cristo executa, a terrível condenação? Não estava Tertuliano mais próximo do estado de espírito que um cristão deveria cultivar do que aqueles que ficam chocados com a sua descrição, se for verdade? Max Muller chama a atenção para o fato de que Tertuliano e os Pais Latinos foram obrigados a paralisar o pensamento cristão grego por serem destituídos até mesmo de palavras para expressá-lo. Eles

tem que usar duas palavras, *verbum* e *ratio,* para expressar *Logos.* “Não tendo ferramentas gregas para trabalhar”, diz ele, “sua imagem verbal muitas vezes fica confusa”.

Hase diz que Tertuliano foi um "personagem sombrio e impetuoso, que conquistou para o cristianismo, a partir do latim púnico, uma literatura em que a retórica engenhosa, uma imaginação selvagem, uma percepção grosseira e sensual do ideal, um sentimento profundo e uma compreensão jurídica lutaram um com o outro."

13.6 Ambrósio de Alexandria.

Ambrósio de Alexandria, 180-250 d.C., pertencia a uma família nobre e rica. Conhecendo Orígenes, ele aceitou o cristianismo ensinado pelo magister orientis, e incentivou e estimulou seu grande professor a escrever seus muitos livros, e usou sua fortuna para promovê-los. Assim, dizem que geralmente

devemos quase todas as obras exegéticas de Orígenes à influência e ao dinheiro de Ambrósio; e especialmente seu comentário sobre São João. Foi também a seu pedido que Orígenes compôs sua maior obra, a resposta a Celso. Ele não deixou escritos de sua autoria, exceto algumas cartas, mas sua devoção a Orígenes e sua atuação na promoção da publicação de suas obras deveriam nos convencer de que as opiniões de Orígenes são substancialmente suas. [9]

13.7 Os Maniqueístas.

Os Maniqueus, seguidores de Mani, eram uma seita considerável que teve seguidores em grande parte da cristandade de 277 a 500 d.C. Eusébio é muito amargo ao descrever a seita e seu fundador. "Ele era um louco", e seu "ismo, remendado de muitas falhas e heresias ímpias, há muito extinto". Sócrates de Constantinopla chama o Maniqueismo de “uma espécie de Cristianismo pagão” e diz que é composto de uma união do

Cristianismo com as doutrinas de Empédocles e Pitágoras. Lardner cita as evidentes deturpações de Eusébio e Sócrates e expõe suas imprecisões.

Uma grande quantidade de literatura foi gasta em algumas de suas doutrinas, mas não na negação do tormento sem fim. Na verdade, Dídimo, o Cego, assim como Agostinho, parecem ter se oposto aos seus erros, embora o "médico misericordioso" (Dídimo?) não lhes dê, como diz Lardner, "nenhum nome difícil", enquanto o pai do calvinismo (Agostinho) os trata com a severidade característica, ignorando o que ele próprio reconhece noutro lugar, é que durante oito ou nove anos aceitou os seus princípios. Referindo-se às vis práticas e doutrinas de que são acusados, Lardner diz: “A coisa é totalmente incrível, especialmente quando se trata de pessoas que por profissão eram cristãs; que acreditavam que Jesus Cristo era um modelo perfeito de todas as virtudes; que reconheciam a razoabilidade e excelência dos preceitos do Evangelho, e que a essência da religião reside em obedecê-

los”. O consenso das autoridades antigas prova que os maniqueístas eram uma seita cristã impopular, mas respeitável.

13.8 Doutrinas Maniqueístas.

Mani era persa, erudito e cristão. Iniciando seu debate com Arquelau, ele diz: “Eu, irmãos, sou discípulo e apóstolo de Jesus Cristo”; e ele e seus seguidores em todos os lugares afirmam ser discípulos de nosso Senhor. Entre os seus dogmas, havia um que negava a existência infinita ao diabo, que era então considerado quase a quarta pessoa na divindade popular - eles repudiavam a ressurreição do corpo e ensinavam claramente a restauração universal. Lardner cita Mani em sua disputa com Arquelau, dizendo: "Todos os tipos de almas serão salvas e as ovelhas perdidas serão trazidas de volta ao rebanho." E depois de citar seus adversários afirmando que os maniqueístas ensinavam a eternidade dos tormentos do inferno, Lardner diz, citando Beausobre: "Tudo o

que significa nada mais é do que uma privação de felicidade, ou um trabalho e tarefa, em vez de um castigo. Na verdade, é razoável pensar que os maniqueístas pareciam crer que muito poucas almas, se é que alguma, se perdessem e perecessem para sempre. Isso não poderia ser considerado honroso para a Divindade, considerando como as almas foram enviadas para a matéria. [10] Lardner certamente está dentro dos limites quando diz: "Mas é duvidoso que eles acreditassem na eternidade dos tormentos do inferno."

13.9 Imprecisão histórica do Prof. Shedd.

A maneira surpreendente como é escrita, como disse uma vez Wendell Phillips, “o que se passa por história”, pode ser vista na “História da Doutrina Cristã”, do professor William G. T. Shedd. Ele diz: “O castigo infligido aos perdidos era considerado pelos pais da igreja antiga, com muito poucas exceções, como interminável. *** A única exceção à crença

na eternidade do castigo futuro na igreja antiga aparece no Escola Alexandrina. Sua negação da doutrina surgiu logicamente de sua antropologia. Clemente de Alexandria e Orígenes, como vimos, afirmaram com grande seriedade o princípio de um poder pleno e inalienável na vontade humana para superar o pecado. O destino da alma é assim colocado na própria alma. O poder do livre arbítrio não pode ser perdido e, se não for exercido neste mundo, ainda poderá sê-lo no próximo; e sob a plena luz do mundo eterno; e sob o estímulo do sofrimento ali experimentado, nada é mais provável do que ser exercido. As opiniões de Orígenes estavam quase totalmente confinadas a esta escola. Traços fracos de uma crença na remissão de punições no mundo futuro são visíveis nos escritos de Dídimo de Alexandria, e em Gregório de Nissa. *** Com essas exceções, a igreja antiga sustentava que o destino eterno da alma humana é decidido neste estado terreno." [11] O leitor que se voltar para os esboços de Dídimo e Gregório descobrirá o que o Prof. Shedd denomina "traços fracos", e

nas inúmeras citações de outros pais que não eram da escola alexandrina, ele verá quão totalmente impreciso é esse historiador religioso. Numerosas citações contradizem categoricamente sua afirmação. A semelhança verbal da linguagem do Dr. Shedd com o de Hagenbach, não pode ser inteiramente devido a um acidente.[12]

O professor Shedd, entretanto, contradiz o que Schaff e Hagenbach declaram ser a verdade da história. Ele diz que a escola Alexandrina foi a única exceção a uma crença universal na punição sem fim, exceto os tênues traços em Gregório de Nissa; enquanto Hagenbach insiste que Gregório é mais explícito, e Neander afirma que a escola de Antioquia, bem como a de Alexandria, eram universalistas. Além disso, o Prof. Shedd não parece ter se lembrado das palavras que escreveu com sua própria caneta em sua tradução da História da Igreja de Guerike: [13] "É notável que a escola exegético-gramatical de Antioquia, bem como a alegorização Alexandrina , adotou

e manteve a doutrina da restauração." Diz Hagenbach: “Alguns traços tênues de uma crença na remissão final das punições no mundo vindouro podem ser encontrados nos escritos de Dídimo de Alexandria, que ainda existem. *** Gregório de Nissa fala mais claramente sobre este ponto, apontando o projeto *corretivo* das punições infligidas aos ímpios." Hagenbach coloca expressamente Gregory e Didymus como diferentes, enquanto Shedd os faz concordar. Mas Neander declara: “De duas escolas teológicas surgiu uma oposição à doutrina do castigo eterno, que tinha a sua base num interesse cristão mais profundo; na medida em que a doutrina de uma restauração universal estava intimamente ligada a todos os sistemas dogmáticos de ambas as escolas, a saber, a de Orígenes e a escola de Antioquia”. [14]

[1] São Hipólito e a Igreja de Roma de Wordsworth, p. 144.

[2] Philosophumena ou Refutação da Heresia.

[3] Hipólito seguiu em Roma a doutrina Alexandrina e a posição de Pantænus e Clemens, e foi o antecessor de Orígenes, etc. Bunsen.

[4] Ad Autolicum, lib. II, cap. 26, vol. VI, Patrologia de Migne.

[5] De ressur. carn., cap. 59. "Ego me scio neque alia carne adulteria commisso, neque nunc alia carne ad continentian eniti."

[6] *Oxford Tracts for the Times*, No.17

[7] Apol., cap. 18.

[8] Quid admirador? Quid Rideam? ubi gaudeam, ubi exsultem, spectans tot et tantos, etc. De Spectaculis, xxx.

[9] Eusébio. História. Ecl. B.vi.

[10] Beausobre, Hist. de Manich. I, 9, cap. 7-9. Veja as notáveis citações sobre Mani em Lardner Vol. III.

[11] Vol. 414-416.

[12] Hist. Doutor. II, Seç. 142. Édin. Ed. 1884.

[13] P. 349, nota.

[14] Vol. II, pág. 676.

Capítulo 14. Autoridades Menores.

14.1 Vários Pais.

Entre os célebres Pais que não deixaram registro de suas opiniões sobre o destino humano, mas que, pelas suas posições e pelas relações que mantiveram, devem, sem sombra de dúvida racional, ter sido universalistas, pode ser mencionado Atenodoro, que foi aluno de Orígenes e um bispo no Ponto; Heraclas, um convertido de Orígenes, seu assistente e sucessor na escola de Alexandria e bispo de Alexandria; Firmiliano, estudioso de

Orígenes e bispo de Cesaréia; e Palladius, bispo na Ásia Menor.

Firmiliano, embora tenha escrito pouco e, portanto, não seja muito conhecido, certamente se destacou em sua época. Sua teologia pode ser avaliada pelo fato de que “ele tinha Orígenes em tão alta honra que às vezes o convidava para ir ao seu próprio distrito para o benefício das igrejas, e até mesmo viajava para a Judéia para visitá-lo, passando longos períodos de tempo com ele a fim de melhorar seus conhecimentos de teologia”. [1] Ele era um amigo caloroso de Dionísio, Cipriano e Gregório Taumaturgo, e foi escolhido presidente do Concílio de Antioquia.

Dionísio – denominado por Eusébio “o grande bispo de Alexandria”. nascido em 195 d.C. - morreu em 265 d.C. - tornou-se o chefe da escola catequética em Alexandria em 231 d.C., e sucedeu a Heraclas como bispo de Alexandria, em 248 d.C. Ele era um amigo constante de Orígenes, e depois que a oposição a ele começou, Dionísio dirigiu-se a ele “Sobre

a perseguição”, — 259 d.C. — e escreveu uma carta em seu louvor após sua morte, a Teotecnus, bispo de Cesaréia, em 265 d.C. Neale diz: “A perda dos escritos de Dionísio é uma das maiores que já foram sofridas. pela história eclesiástica." [2]

Teognosto e Piério eram catequistas alexandrinos após a morte de Dionísio. O fato de Photius reprovar a doutrina, enquanto elogia a eloqüência, de Teognosto, assim como Atanásio, indica que esses eminentes estudiosos eram da fé de seu mestre. Pierius, na verdade, deve ter sido, pois ele foi chamado de "Segundo Orígenes" (Orígenes Júnior).

Gregório Taumaturgo – 210-270 d.C. – em seu panegírico sobre Orígenes, atribui seu próprio nascimento e vida intelectual e religiosa ao seu mestre, e dá a melhor descrição existente dos métodos e habilidades do mais eminente de todos os professores e pais cristãos. Seu respeito mútuo é demonstrado pelas cartas sobreviventes de ambos. Se nada existisse de Gregório que expressasse seus

sentimentos universalistas, o fato de ele ter sido aluno de Orígenes por cinco anos e ter feito seu famoso elogio a seu professor ajudaria muito a estabelecer sua aceitação da doutrina. Ele diz: “Meu anjo da guarda, ao chegarmos a Cesaréia, entregou-nos aos cuidados e ensinamentos de Orígenes, aquele líder de todos, que sussurra aos queridos profetas de Deus, e sugere-lhes todas as suas profecias e suas palavras místicas e divinas, honrou tanto este homem Orígenes como amigo, a ponto de nomeá-lo para ser seu intérprete." Enquanto falava Orígenes, Gregório nos diz que despertou em meu coração um amor que eu não conhecia antes. Esse amor me induziu a renunciar à pátria e aos amigos, aos objetivos que me propunha, ao estudo do direito do qual me orgulhava. ... Eu tinha apenas uma paixão, uma filosofia, e o homem divino que me orientou em sua busca. Ele se tornou bispo de Cesaréia e foi considerado a encarnação da ortodoxia de sua época. Quase nada de seus escritos sobreviveu, mas Rufino, o apologista e defensor de Orígenes, fornece uma passagem, diz

Allin, mostrando que ele ensinou a verdade divina que aprendeu com seu mestre.

Pânfilo, 250-309 d.C., foi um dos maiores estudiosos de sua época. Ele fundou a famosa biblioteca de Cesaréia, que continha alguns dos códices mais antigos do Novo Testamento, e também os livros de Orígenes em seu original grego. Pânfilo escreveu uma "Apologia" e defesa de Orígenes, por quem tinha total simpatia. Eusébio escreveu a biografia de Pânfilo em três livros. Infelizmente, foi perdida, de modo que nada sobreviveu das obras deste eminente escritor e estudioso cristão. A estima que Eusébio tinha por ele pode ser avaliada pelo fato de que, após sua morte, Eusébio, "o pai da história eclesiástica", mudou seu próprio nome para "Eusébio de Pânfilo". A "Apologia" continha "muitos testemunhos de pais anteriores a Orígenes em favor da restituição" (restauração universal). [3] Quão lamentável é que estes “testemunhos” se tenham perdido! Que luz eles lançariam sobre as primeiras

opiniões sobre o grande tema deste livro. Como Orígenes nasceu cerca de noventa anos após a morte de São João, esses numerosos “testemunhos” levariam essas doutrinas muito perto, ou completamente, à era apostólica.

"Com Pânfilo termina a era da teologia cristã livre da Igreja Oriental." Pânfilo, de acordo com Eusébio, foi "um homem que se destacou em todas as virtudes durante toda a sua vida, seja pela renúncia e desprezo pelo mundo, pela distribuição de seus bens entre os necessitados, ou pelo desprezo às expectativas mundanas, e por uma conduta filosófica e de auto-negação. Mas ele se destacou principalmente acima de todos nós por sua devoção sincera às Sagradas Escrituras, e por uma indústria incansável naquilo que ele se propôs a realizar, por sua grande bondade e entusiasmo em servir todos os seus parentes, e todos que se aproximaram dele." Ele copiou, para a grande biblioteca de Cesaréia, a maioria dos manuscritos de Orígenes, com suas próprias mãos.

Eusébio provavelmente nasceu em Cesaréia. Ele era amigo de Orígenes e colega professor dele na escola cesariana, e publicou com Pânfilo uma defesa brilhante de Orígenes em seis livros, dos quais cinco estão perdidos. Ele também copiou e editou muitas de suas obras. O Dr. Beecher, em sua "História da Retribuição Futura", afirma o Universalismo de Eusébio, embora o Dr. Ballou, em sua "História Antiga" não os cite.

Sobre 1ºCor.15:28, Eusébio diz: “Se a sujeição do Filho ao Pai significa união com ele, então a sujeição de todos ao Filho significa união com ele. *** Cristo deve sujeitar todas as coisas a si mesmo. conceba isso como uma sujeição tão salutar como aquela pela qual o Filho estará sujeito àquele que lhe sujeita tudo”. [4] Novamente no segundo salmo: “O Filho quebrando em pedaços seus inimigos para remodelá-los como um oleiro, sua própria obra, como Jeremias 18:6, é restaurá-los mais uma vez ao seu estado anterior”. Jerônimo diz claramente

sobre Eusébio: “Ele, da maneira mais evidente, concordou com os princípios de Orígenes”. Sua compreensão dos termos é vista onde ele chama duas vezes de inextinguível o fogo que consumiu dois mártires" (*amianto puri*). Eusébio é tão severo ao descrever as desgraças do pecador quanto o próprio Agostinho. Ele diz: "Quem eram aqueles (cujo verme não morre) ele mostrou no início da profecia: 'Eu alimentei e criei filhos e eles me desprezaram.' Ele falou sombriamente sobre aqueles judeus que desprezaram a graça salvadora. Qual fim dos ímpios nosso próprio Salvador também indica no Evangelho, dizendo àqueles que permanecerem à esquerda: 'Ide para o fogo *aioniano*, preparado para o diabo e seus anjos.' Como então se diz que o fogo é *aionion,* veja aqui 'inextinguível', uma e a mesma substância que os envolve de acordo com as Escrituras."

Com um conhecimento variado e extenso, como teólogo e escritor, e acima de tudo como historiador, Eusébio estava muito à frente da maioria dos de sua

época; e embora desfrutasse de grande consideração por parte do imperador, Constantino, ele não fez com que sua influência contribuísse para seu engrandecimento pessoal. Ele era tão gentil com os arianos, com os quais não concordava, que foi acusado de arianismo por aqueles que não conseguiam ver como alguém poderia diferir do outro sem odiá-lo. A maioria de seus escritos pereceram. É claro que seu nome é imortalizado principalmente por sua “História Eclesiástica”.

Atanásio (296-373 d.C.). Este grande homem foi aluno de Orígenes e fala dele com favor, defende-o como ortodoxo e cita-o como autoridade. Ele defende a possibilidade e o perdão até mesmo do pecado contra o Espírito Santo. Ele diz: “Cristo capturou novamente as almas capturadas pelo diabo, por isso prometeu ao dizer: 'Eu, se for exaltado, atrairei todos os homens a mim.'” No Sal. 68:18: "Quando, então, toda a criação encontrar o Filho nas nuvens, e lhe estiver sujeita, então, também, o próprio Filho estará

sujeito ao Pai, como sendo um Apóstolo fiel e Sumo Sacerdote de toda a criação, para que Deus seja tudo em todos". [5] Atanásio nomeou Dídimo, o Cego, como presidente da Escola Catequética de Alexandria, onde presidiu por sessenta anos, um reconhecido universalista, o que certamente é uma evidência das simpatias, se não das verdadeiras opiniões de Atanásio. Ele chamou Orígenes de "homem maravilhoso e muito laborioso" e não condena sua escatologia.

Dídimo, o Cego, "o ilustre", nasceu, supostamente, em Alexandria, em 309 d.C. Ele ficou totalmente cego aos quatro anos de idade e aprendeu a escrever usando tábuas de madeira. Conhecia as Escrituras de cor, ouvindo-as lidas. Morreu, universalmente estimado, em 395 d.C. Ele era considerado estritamente ortodoxo, embora fosse conhecido por valorizar as opiniões de Orígenes sobre a restauração universal. Após sua morte, nos concílios de 553, 680 e 787 d.C., ele foi anatematizado por defender a "Abominável doutrina da transmigração

das almas” de Orígenes, mas nada é dito em condenação ao seu pronunciado universalismo.

Sobre a descida de Cristo ao Hades, ele diz, - conforme traduzido por Ambrósio: "Na libertação de todos ninguém permanece cativo; no momento da paixão do Senhor, só ele (o diabo) foi ferido, que perdeu todos os cativos que ele mantinha." [6] Dídimo argumenta a remissão final da punição e a salvação universal, em comentários sobre 1 Timóteo e 1 Pedro. Ele foi condenado nominalmente no concílio de Constantinopla e suas obras foram destruídas. Se existissem, sem dúvida, muitos extratos poderiam ser fornecidos. Jerônimo e Rufino afirmam que ele era um defensor da restauração universal. No entanto, ele foi homenageado pelos melhores cristãos de sua época. Schaff diz: “Mesmo homens como Jerônimo, Rufino, Paládio e Isadore sentaram-se a seus pés com admiração”. Depois que Jerônimo se voltou contra Orígenes (ver esboço de Jerônimo), ele declara que

Dídimo defendeu as palavras de Orígenes como piedosas e católicas, palavras que "todas as igrejas condenam". E acrescenta: “Em Dídimo exaltamos seu grande poder de memória e sua pureza de fé na Trindade, mas em outros pontos, nos quais ele confiou indevidamente em Orígenes, nos afastamos dele”. Schaff declara que ele foi um fiel seguidor de Orígenes. Sócrates o chama de "o grande baluarte da verdadeira fé" e cita Antônio dizendo: "Dídimo, não deixe que a perda de seus olhos corporais o perturbe; pois embora você esteja privado de órgãos que conferem uma faculdade de percepção comum aos mosquitos e moscas, você deveria antes se alegrar por ter olhos como os dos anjos, pelos quais a própria Divindade é discernida e sua luz compreendida. De acordo com o grande Jerônimo, ele “superou todos os seus dias no conhecimento das Escrituras”. Ele escreveu volumosamente, mas muito pouco resta.

Ele diz: “Pois embora o Juiz às vezes inflija torturas e angústias àqueles que as

merecem, ainda assim aquele que examina mais profundamente as razões das coisas, percebendo o propósito de sua bondade, que deseja corrigir o pecador, confessa-o como bom."

Ele diz também: “Assim como os homens, ao renunciarem aos seus pecados, ficam sujeitos a ele (Cristo), assim também as inteligências superiores, libertadas pela correção de seus pecados intencionais, ficam sujeitas a ele, no término da dispensação ordenada para a salvação de todos. Deus deseja destruir o mal, portanto o mal é (uma) daquelas coisas passíveis de destruição. Agora, aquilo que é dessas coisas passíveis de destruição será destruído. " Basnage diz que ele defendeu a salvação universal.

São amostras de um grande número de excertos que se podem fazer dos mais célebres da escola alexandrina, representativos do tipo de teologia que prevaleceu no Oriente, durante quase quatrocentos anos. Não provêm de algumas autoridades isoladas, mas das

mais eminentes da Igreja e daqueles que deram tom ao pensamento teológico e moldaram e deram expressão à opinião pública. Não pode haver dúvida de que eles são verdadeiros expoentes das doutrinas de sua época, e que a libertação universal do homem do pecado era a visão geralmente aceita do destino humano, prevalecente na Igreja Alexandrina desde a morte dos apóstolos até o final do Século IV (~400 d.C.). E neste contexto pode-se repetir que a escola catequética em Alexandria foi ensinada por Anaxágoras, Pantænus, Orígenes, Clemente, Heraclas, Dionísio, Piério, Teognosto, Pedro Mártir, Ário e Dídimo, todos universalistas, até onde se sabe. O último professor da escola Alexandrina foi Dídimo. Depois de seu dia, foi transferido para Sida, na Panfília, e logo depois deixou de existir. [7]

O historiador Gieseler registra que "a crença na capacidade inalienável de melhoria em todos os seres racionais, e na duração limitada da punição futura, era tão geral, mesmo no Ocidente, e entre os oponentes de Orígenes que, o que quer

que se possa dizer sobre não ter surgido sob a influência da escola de Orígenes, torna-se inteiramente irrelevante para a doutrina em questão". Portanto, pode-se dizer que essa doutrina prevaleceu em toda a cristandade, no Oriente e no Ocidente, tanto entre os “ortodoxos” como entre os heterodoxos.

Epifânio, um homem tacanho, crédulo, de temperamento violento, mas sincero, 310-404 d.C., foi bispo de Constantia em Chipre, em 367 d.C. sugere que suas opiniões sobre a restauração eram questionáveis para ele mesmo, ou para a igreja, na época em que escreveu. Ele "deu início àquelas miseráveis controvérsias origenistas nas quais o fanatismo monástico se combinou com ódios e invejas pessoais para estigmatizar com heresia o maior teólogo da igreja primitiva". [8] Ao seu ódio e amargura pessoais se deve grande parte, senão a maior parte, da oposição ao Origenismo que começou na última parte do século IV (~380 d.C.). Num documento de dezoito acusações, publicada em 380 d.C.,

encontramos o que possivelmente pode ter sido a primeira censura pretendida ao Universalismo registada, embora se observe que o seu ânimo não é contra a salvação de toda a humanidade, mas contra a salvabilidade de espíritos malignos. Epifânio diz: “Daquilo que ele se esforçou para estabelecer, não sei se devo rir ou lamentar. Orígenes, o renomado médico, ousou ensinar que o diabo deve novamente se tornar o que era originalmente – retornar à sua antiga dignidade. Oh maldade! Quem é tão louco e estúpido a ponto de acreditar que o santo João Batista, e Pedro, e João Apóstolo e Evangelista, e que também Isaías e Jeremias, e o resto dos profetas, se tornarão co-herdeiros do diabo no reino dos céus!" [9] O leitor pode ver aqui a possível origem deste argumento familiar nos tempos atuais.

No seu livro contra as heresias, “O Panarion”, este “martelo dos hereges” nomeia oitenta; mas a salvação universal não está entre eles. O sexagésimo quarto é “Origenismo”, mas, como é visto em

outras partes deste volume, se opõem à outros dogmas de Orígenes e não ao seu Universalismo.

Metódio, bispo de Tiro (293 d.C.). Seus escritos, como muitas das obras dos primeiros pais, foram perdidos, mas Epifânio e Fócio preservaram trechos de seu trabalho sobre a ressurreição. Ele diz: “Deus, por esta causa, declarou-o (o homem) mortal, e vestiu-o com mortalidade, para que o homem não fosse um mal imorredouro, a fim de que, pela dissolução do corpo, o pecado pudesse ser destruído, raiz e ramo, desde baixo, para que não fique nem a menor partícula de raiz, da qual possam brotar novos brotos de pecado." Ainda Metódio, "Cristo foi crucificado para que pudesse ser adorado por todas as coisas criadas igualmente, pois 'a ele todo joelho se dobrará'", etc. Ainda: " As Escrituras geralmente chamam de 'destruição' a mudança para melhor em algum tempo futuro. " Novamente: “O mundo será incendiado para purificação e renovação”. [10]

A tendência geral, bem como as declarações definitivas das autoridades menores citadas neste capítulo, mostram o sentimento dominante da época.

[1] Eusébio, VI:26.

[2] Santa Igreja Oriental, I:84. Eusébio fala repetidamente dele nos termos mais elevados.

[3] Routh, Rel. Sac., III, pág. 498. Oxford ed., 1846.

[4] De Ecl. Theol., Migne, Vol. XXIV, pp.

[5] Sermão maior de fide. Migne, vol. XXVI, pp.

[6] De Spir. Sant., cap. 44.

[7] Neander, Hist. Cristo. Dogmas, I, pág. 265 (Londres, 1866), que cita Nieder (Kirchengeschichte), para uma descrição completa das diferentes escolas teológicas.

[8] Ditado. Cristo. Biog., II, pág. 150.

[9] Epífase. Epist. ad Johan. entre Hieron. Op. IV, parte. ii, em Anc de Ballou. História, pág. 194.

[10] De Resurr., VIII.

Capítulo 15. Gregório Nazianzeno.

15.1 Bispo de Constantinopla.

Gregório de Nazianzo, nascido em 330 d.C., foi um dos maiores oradores da igreja antiga. Gibbon diz sarcasticamente: “O título de Santo foi acrescentado ao seu nome, mas a ternura de seu coração e a elegância de seu gênio refletem um brilho mais agradável na memória de Gregório Nazianzeno”. Filho de mãe cristã, Nonna, foi instruído na juventude nos elementos da religião. Ele conheceu Basílio desde cedo e, em Alexandria, com Atanásio. Sua amizade com Basílio era tão forte que Gregório diz que era apenas uma alma em dois corpos. Em 361 d.C., ele se tornou

presbítero e, em 379, foi chamado para cuidar da pequena e dividida igreja ortodoxa em Constantinopla, que havia sido quase aniquilada pela prevalência do arianismo. Ele a fortaleceu e aumentou tanto que a pequena capela se tornou a esplêndida "Igreja da Ressurreição". Em 380 d.C., o imperador Teodósio depôs o bispo ariano e transferiu a catedral para Gregório. Ele foi eleito bispo de Constantinopla em maio de 381, e foi presidente do conselho ecumênico em Constantinopla, enquanto Gregório Nyssa acrescentou as cláusulas ao credo niceno. Renunciou devido à hostilidade de outros bispos e passou os dias restantes em atividades religiosas e literárias. Morreu em 390 ou 391 d.C. Ele foi o segundo depois de Crisóstomo como orador na igreja grega. Mais do que isso, ele foi um dos homens mais puros e melhores, e foi um dos cinco ou seis maiores nomes nos primeiros quinhentos anos da igreja. O professor Schaff o chama de "um dos campeões da Ortodoxia".

Gregório diz: "Deus traz os mortos à

vida como participantes do fogo ou da luz. Mas se todos no futuro participarão de Deus, isso será discutido em outro lugar”. Novamente ele diz: “Eu também conheço um fogo que não purifica (καθαρτηριον), mas castiga (καλαστηριον), ***, a menos que alguém decida, mesmo neste caso, considerá-lo de forma mais humana e digna de crédito para o Castigador”. Este é um exemplo notável do esotérico, e diz muito bem Petavius: "É manifesto que neste lugar São Gregório está falando dos castigos dos condenados, e duvidava se eles seriam eternos, ou melhor, seriam de acordo com com a bondade de Deus, para que em algum momento sejam terminados." E Farrar observa bem: “Se esta última frase não tivesse sido acrescentada, a passagem teria sido sempre citada como a prova mais decisiva de que este eminentemente grande pai e teólogo sustentava, sem qualquer modificação, a forma mais severa da doutrina dos tormentos sem fim”.

15.2 As Penalidades do Pecado.

Gregório nos diz: "Quando você lê nas Escrituras que Deus está irado ou ameaçando com uma espada contra os ímpios *** entenda isso corretamente, e não erroneamente *** como então essas metáforas são usadas? Figurativamente. De que maneira? Com um vista a mentes aterrorizáveis do tipo mais simples."

Ele escreve novamente: “Algumas gotas de sangue renovam o mundo inteiro e tornam-se para todos os homens aquilo que o coalho é para o leite, unindo-nos e reunindo-nos num só”. Cristo é “como fermento para toda a massa e, tendo feito um só consigo mesmo o que foi condenado, liberta o todo da condenação”. E, no entanto, Gregório descreve as penalidades do pecado em uma linguagem tão terrível, como se ele não ensinasse a restauração além dela. Ele diz: “Aquela sentença após a qual não há recurso, nem juiz superior, nem defesa através de trabalho subseqüente, nem óleo das virgens sábias ou daqueles que vendem,

para as lâmpadas fracassadas; *** mas um último julgamento terrível, ainda mais apenas do que formidável, sim, ainda mais formidável porque também é justo; quando os tronos são postos e o Ancião dos Dias se assenta, e os livros são abertos, e uma torrente de fogo varre *** e aqueles que fizeram o mal para a ressurreição de julgamento *** (onde) estará o tormento, com o resto, ou melhor, acima de todo o resto, para ser afastado de Deus, e aquela vergonha na consciência que não tem fim. [1]

O personagem de Gregório nos mostra o tipo de mente que se inclina para a esperança maior, ou, talvez, a disposição que a esperança maior produz. Diz Farrar: "Poeta, orador, teólogo; um homem tão grande teologicamente quanto pessoalmente ganhando [2] *** o único homem a quem a igreja sofreu para compartilhar esse título (Teólogo) com o Evangelista São João, *** o bispo mais erudito e mais eloquente de uma das épocas mais eruditas da igreja, a quem São Basílio chamou de 'um vaso de

eleição, um poço profundo, uma boca de Cristo'; a quem Rudinus chama de “incomparável em vida e doutrina”. Gregório de Nazianzo mereceu a honra da santidade, se é que algum homem já o fez, sendo como ele foi, um dos homens mais corajosos numa era de confessores, um dos homens mais santos numa época de santos." *** "Em questões de escatologia, ele parece ter compartilhado mais ou menos, embora com linguagem vacilante, alguns dos pontos de vista de Orígenes, que a igreja adotou parcialmente e parcialmente não condenou - a visão, especialmente, de que haverá no futuro um fogo probatório e purificador, e que possamos ter esperança na possível cessação, para muitos, senão para todos, dos castigos que aguardam o pecado além da morte. Na verdade, ele fala muito menos abertamente do que Gregório de Nissa, de uma crença na restauração final de todas as coisas, mas mesmo essa crença está envolvida em suas observações sobre a profecia de São Paulo, a respeito do dia em que 'Deus será tudo em todos .'"

15.3 Espírito de Gregório.

Quando Gregório e sua congregação foram atacados em sua igreja, enquanto celebravam o batismo de nosso Senhor, pela turba ariana de Constantinopla, em consequência do relato de que eram triteístas, Gregório ouviu que Teodoro estava prestes a apelar para Teodósio por punição, ao que o bom homem escreveu que embora a punição pudesse prevenir a recorrência de tal conduta, era melhor dar um exemplo de longanimidade. "Vamos", disse ele, "vencê-los pela gentileza e conquistá-los pela piedade; que seu castigo seja encontrado em suas próprias consciências, não em nosso ressentimento. Não seque a figueira que ainda pode dar frutos." O Sétimo Conselho Geral o chamou de “Pai dos Pais”.

Que ele considerava a punição após a morte como limitada, é suficientemente evidente em sua referência aos heréticos novacianos: "Que eles, se quiserem,

andem no nosso caminho e no de Cristo. Se não, deixem-nos andar no seu próprio caminho. Talvez aí eles serão batizados com fogo, com aquele último, aquele batismo mais trabalhoso e mais longo, que devora a substância como o feno, e consome a leveza de todo mal." [3]

Neander diz: “Gregório de Nazianzeno não se aventurou a expressar sua própria doutrina tão abertamente (como Gregório Nyssen), mas às vezes permite que ela escape quando fala do castigo eterno. seus próprios pensamentos e exames das Escrituras. Eles consideravam a dupla divisão do desenvolvimento da criatura como uma lei geral do universo. Isso levou ao resultado final da participação universal na vida divina imutável. Portanto, o foi ensinado por Diodoro de Tarso, em seu tratado sobre a Encarnação de Deus, e também por Teodoro. Ele aplicou Mateus 5:26, para provar uma regra de proporção e o fim da punição. Deus não chamaria os ímpios a se levantarem novamente se eles devem suportar punição sem emenda." [4]

Mat 5:26 Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil. (pequena fração de dinheiro)

[1] Orato. xl, Carm. xxi, Orat. xlii; Migne, Vols. XXXVI, XXI.

[2] Veja Hist. de Newman. Ensaios, vol. III.

[3] Bíblia Assemani. Orientar. Tom. III, pág. 323.

[4] Hist. Cristo. Dogmas, Vol. II. Hagenbach testemunha o mesmo. Dogmas, Vol.I.

Capítulo 16. Teodoro de Mopsuéstia e os Nestorianos.

Teodoro de Mopsuéstia nasceu em Antioquia, em 350 d.C., e morreu em 428 ou 429. Ele pode ser considerado o segundo na estima da igreja antiga logo

após Orígenes. Por quase cinquenta anos ele defendeu a causa da igreja em controvérsia com diversas classes de agressores, e ao longo de sua vida sua ortodoxia foi considerada incontestável. Ele foi bispo por trinta e seis anos e morreu cheio de honras; mas depois de cento e vinte e cinco anos de sepultura, a igreja tornou-se tão corrompida pelo paganismo que o condenou por heresia. Ele foi anatematizado pelo Nestorianismo, mas seu Universalismo não foi estigmatizado. Seu grande renome e popularidade devem ter feito com que suas exaltadas visões do caráter de Deus e do destino do homem prevalecessem mais extensivamente entre as massas do que aparece na literatura sobrevivente de sua época.

Suas próprias palavras são: “Os ímpios que cometeram o mal durante todo o período de suas vidas serão punidos até que aprendam que, ao continuarem no pecado, apenas continuarão na miséria. E quando por esse meio eles forem trazidos a temer a Deus, e considerá-lo com boa

vontade, eles obterão o gozo de sua graça. Pois ele nunca teria dito, 'até que você pague o último centavo', a menos que possamos ser libertados do sofrimento depois de termos sofrido adequadamente pelo pecado. ; nem ele teria dito: ‘ele será açoitado com muitos açoites’, e novamente, ‘ele será açoitado com poucos açoites’, a menos que o castigo a ser suportado pelo pecado tenha um fim”. [1]

16.1 Visões definidas por grandes estudiosos.

O professor E. H. Plumptre escreve: “Teodoro de Mopsuéstia ensina que no mundo vindouro aqueles que praticaram o mal durante toda a vida serão tornados dignos da doçura da beleza divina”. E no decorrer de uma declaração da doutrina de Teodoro, o Prof. Swete observa [2] que Teodoro ensina que "as punições dos condenados serão de fato eternas em sua natureza, sendo aquelas que pertencem à eternidade e não ao tempo, mas tanto a razão e as Escrituras nos levam à

conclusão de que eles serão remissíveis após o arrependimento. 'Onde', ele pergunta, 'estaria o benefício de uma ressurreição para tais pessoas, se elas fossem ressuscitadas apenas para serem punidas sem fim?' Além disso, a concepção fundamental de Teodoro sobre a missão e a pessoa de Cristo diz-lhe para acreditar que haverá uma restauração final de toda a criação." [3] Teodoro escreve em Rom. 6:6: "Todos têm a esperança de ressuscitar com Cristo, de modo que o corpo, tendo obtido a imortalidade, daí em diante a tendência para o mal seja removida. Deus recapitulou todas as coisas em Cristo *** como se estivesse fazendo uma renovação e restauração compendiosa do toda a criação para ele. Agora, isso acontecerá em uma era futura, quando toda a humanidade e todos os poderes dotados de razão olharem para ele como é certo e obterem concórdia mútua e paz firme. [4]

16.2 Autor das Declarações Nestorianas.

Diz-se que Teodoro introduziu a restauração universal na liturgia dos Nestorianos, grupo que ele foi um dos fundadores. Suas palavras foram traduzidas para o siríaco e constituíram o ofício de devoção entre aquele povo notável durante séculos. Suas obras circularam por toda a Ásia Oriental, através da qual, diz Neander, os Nestorianos difundiram o Cristianismo. Este grande grupo de cristãos exerceu uma influência poderosa até ser quase aniquilado pelo impiedoso Tamerlão. Ele ainda é venerado entre os Nestorianos como o “Intérprete”.

Na confissão de fé de Teodoro, ele diz, depois de afirmar que Adão iniciou o primeiro e mortal estado: "Mas Cristo, o Senhor, iniciou o segundo estado. Ele, no futuro, revelado do céu, restaurará a todos nós na comunhão consigo mesmo. Para o apóstolo diz: 'O primeiro homem era da terra terrena, o segundo homem é o Senhor do céu', isto é, que deve aparecer daqui em diante, para que ele possa restaurar todos à semelhança de si

mesmo. [5]

16.3 Dorner em Teodoro.

O moderado e evangélico Dorner torna-se elogioso ao se referir a este eminente universalista: "Teodoro de Mopsuéstia foi a coroa e o clímax da escola de Antioquia. A bússola de seu aprendizado, sua agudeza e, como devemos supor também, a força de seu caráter pessoal personagem, aliado ao seu trabalho de muitos anos como professor de igrejas e de discípulos jovens e talentosos, e como escritor prolífico, ganhou para ele o título de Magister Orientis. [6] Ele "era considerado com uma apreciação ainda mais ampla por ter sido o primeiro teólogo oriental de seu tempo". Teodoro sustentava que o mal foi permitido pelo Criador, para que pudesse se tornar a fonte do bem para todos e cada um. Ele diz:

"Deus sabia que os homens pecariam de todas as maneiras, mas permitiu que esse

resultado acontecesse, sabendo que, em última análise, seria vantajoso para eles. Pois, visto que Deus criou o homem quando ele não existia, e o fez governante de um sistema tão extenso , e ofereceu tão grandes bênçãos para seu desfrute, seria impossível que ele não tivesse evitado a entrada do pecado, se não soubesse que isso seria, em última análise, para sua vantagem. Ele também diz que Deus demonstrou que "o mesmo resultado (que é visto no exemplo de Cristo) será efetuado em todas as suas criaturas". *** Deus determinou "que haveria primeiro uma dispensação incluindo os males, e que então eles seriam removidos e o bem universal tomaria o seu lugar". Ele ensinou que Cristo é uma ilustração da humanidade universal, que acabará por alcançar o seu estatuto.

16.4 Unidade na Diversidade.

Pode-se mencionar que embora Orígenes e Teodoro fossem universalistas, eles chegaram às suas conclusões por

processos diferentes. Orígenes exaltou a liberdade da vontade (livre arbítrio) e ensinou que ela nunca poderia ser restringida, de modo que a reforma nunca poderia ser excluída de nenhuma alma. Ele defendeu a pré-existência do homem e que sua pecaminosidade nativa resultou de má conduta em um estado anterior de ser. Ele também era extremamente místico e alegorizou e espiritualizou as Escrituras. Seu significado literal era, aos seus olhos, um relato secundário. Teodoro, por outro lado, desenvolveu o significado gramatical e histórico da Palavra, e descartou o misticismo e a alegorização de Orígenes, e sua doutrina da pré-existência do homem, e em vez de considerar o homem como absolutamente livre, considerou-o como parte de um plano divino a ser finalmente guiado por Deus para a santidade. Ambos eram universalistas, mas seguiram caminhos diferentes para o mesmo objetivo divino. É interessante notar a ênfase que os primeiros universalistas colocaram em diferentes pontos. Os gnósticos defendiam a salvação universal pelo processo

disciplinar da transmigração; os Oráculos Sibilinos, das orações dos bons que não podiam tolerar os sofrimentos dos condenados; Clemens Alexandrinus provou isso pela influência corretiva de todos os castigos de Deus; Orígenes insistiu no que precede, mas acrescentou a liberdade da vontade, que acabaria por abranger o bem; Diodoro afirmou que a misericórdia de Deus excede todo o deserto do pecado; Teodoro de Mopsuéstia, que o pecado é uma parte incidental da educação humana, etc.

Após a condenação de Orígenes, Teodoro e Gregório, a maioria de suas obras foi destruída por seus inimigos fanáticos. A perda para o mundo pela destruição dos seus escritos é irreparável. Acredita-se que algumas das obras de Teodoro existam em siríaco, na literatura nestoriana. O futuro poderá recuperar alguns deles, assim como o passado recente resgatou o códice Sinaítico, o “Livro de Enoque” e outros manuscritos antigos.

As liturgias dos Nestorianos, compostas em grande parte por Teodoro, respiram o espírito do Evangelho universal. Na liturgia sacramental ele introduz Colossenses 1:19,20, para sustentar a ideia da restauração universal: “Porque aprouve ao Pai que nele habitasse toda a plenitude, e, tendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por ele reconciliar consigo todas as coisas; por ele digo, quer sejam coisas na terra, quer sejam coisas no céu." [7]

16.5 Os Nestorianos.

O credo dos Nestorianos nunca continha, e não contém nos tempos modernos, qualquer reconhecimento de punição sem fim. Mosheim diz: “É para honra desta denominação que, de todos os residentes cristãos do Oriente, eles tenham se preservado livres das inúmeras superstições que atingiram às igrejas gregas e latinas”.

Em 431 d.C., Nestório e seus

seguidores foram excomungados da igreja ortodoxa por sustentarem que Cristo existia em duas pessoas em vez de duas naturezas. Eles negaram a acusação, mas seus inimigos prevaleceram. Nestório recusou-se a chamar Maria de "Mãe de Deus", mas estava disposto a fazer concessões entre aqueles que a consideravam assim e aqueles que a consideravam "Mãe do homem", chamando-a de "Mãe de Cristo". [8] A maravilhosa preservação e zelo cristão dos Nestorianos sob o jugo do Islã é uma das maravilhas da história.

16.6 As Liturgias Nestorianas.

O pior que o credo atanasiano pagão não está contido em nenhum ritual nestoriano. Nem o chamado credo dos apóstolos. Mas o Niceno é reconhecido. Entre os imortalizados no "Gezza" estão Gregório, Basílio, Teodoro ou Mopsuéstia e Diodoro, todos universalistas. Na liturgia, dita pelo próprio Nestório, mas na qual Teodoro provavelmente teve uma

participação, ocorre esta linguagem: "Todos os mortos dormiram na esperança de Ti, que por tua gloriosa ressurreição Tu os ressuscitarias em glória." [9]

Mãos subsequentes corromperam a fé de Nestório e Teodoro. Por exemplo, a “Jóia”, escrita por Mar Abd Yeshua, em 1298 d.C., diz que os ímpios “permanecerão na terra” após a ressurreição dos justos, e “serão consumidos pelo fogo do remorso *** isto é o verdadeiro Inferno cujo fogo não se apaga e cujo verme não morre." Mas a fé anterior não continha estas ideias. A ladainha do Khudra, para a véspera da Páscoa, tem estas palavras: "Ó Tu, Vivo, que desceste à morada dos mortos e pregaste uma boa esperança às almas que estavam detidas no Sheol, rogamos-te, ó Senhor, que tenhas misericórdia de nós." "Bem-aventurado o rei que desceu ao Sheol e nos ressuscitou, e que, por sua ressurreição, deu a promessa de regeneração à raça humana."

16.7 Dr. Beecher sobre Theodore.

Depois de dar numerosos testemunhos sobre o zelo educacional, missionário e cristão dos Nestorianos e outros seguidores de Teodoro, Beecher diz que estes defensores do antigo Restauracionismo eram "em todos os outros aspectos Ortodoxos", e que os seus pontos de vista não os impediram "de estabelecer amplos sistemas de educação, de iluminar os árabes e, através deles, as igrejas sombrias que haviam afundado na escuridão da meia-noite." O universalismo de Teodoro foi salutar nos seus efeitos sobre ele e seus seguidores. Isso não "cortou os nervos do empreendimento missionário".

16.8 Fatos Instrutivos.

É então evidente nos escritos dos Pais, durante os primeiros séculos da Era Cristã, que quaisquer que fossem as opiniões que eles tinham sobre o destino humano - quer inculcassem o castigo sem

fim, a aniquilação dos ímpios, ou a salvação universal - eles usaram o palavra *aionios* para descrever a duração da punição, mostrando que durante meio milênio de anos a palavra não possuía o sentido de infinitude. E é notável que não há controvérsia sobre a aparente diferença de opinião entre eles sobre o destino do homem. E é provável que muitos dos escritores que não dizem nada explícito, se apeguem à doutrina da restauração universal, visto que se vê que, assim que um autor aceita inequivocamente o castigo sem fim, ele o defende calorosamente.

16.9 Caráter dos primeiros universalistas.

E seria sem importância, que enquanto Tertuliano e outros defensores proeminentes da doutrina do castigo sem fim foram criados como pagãos, e até confessam ter vivido vidas corruptas e viciosas em sua juventude, Orígenes, os Gregórios, Basílio, o Grande, Dídimo, Teodoro, Teodoro e outros não foram

apenas os maiores entre os santos em sua maturidade, mas foram criados desde o nascimento por pais cristãos e cresceram "na natureza e na admoestação do Senhor?"

O Dr. Beecher presta este notável testemunho: “Não conheço nenhum personagem indigno, baixo ou mesquinho em qualquer Restauracionista proeminente, aberto e declarado daquela era de liberdade de investigação que foi inaugurada pela escola Alexandrina e defendida por Orígenes. Mas, além disso, é verdade *** que esses antigos crentes na restauração final viveram, trabalharam e sofreram, numa atmosfera de alegria e esperança, e não foram sobrecarregados com um fardo doloroso e esmagador de tristeza, em vista da miséria sem fim de inumeráveis multidões. *** Pode não ser verdade que esses resultados se devessem principalmente à doutrina da restauração universal. Pode ser que suas visões de Cristo e do Evangelho, que eram decididamente ortodoxas, exercessem o poder principal para produzir esses

resultados. Mas uma coisa é verdade: a doutrina da restauração universal não os impediu. Se não, então surgirá a pergunta: Por que deveria fazê-lo agora? "Naquela famosa época da história da Igreja, o período que abrange o quarto e os primeiros anos do quinto século, o universalismo parece ter sido o credo da maioria dos cristãos no Oriente e no Ocidente; talvez até de uma grande maioria *** e no rol de seus professores *** estavam *** a maioria dos maiores nomes da maior era do cristianismo primitivo. *** E este ensino, note-se, é mais forte onde a língua do Novo Testamento era uma língua viva; isto é, nos grandes pais gregos; é mais forte na maior era da igreja, e declina à medida que o conhecimento e a pureza diminuem. Por outro lado, a penalidade sem fim é ensinada com mais força precisamente naqueles lugares onde o Novo Testamento era menos lido no original, e também nas eras mais corruptas da igreja". [10]

[1] Assemani Bib. Orient. Tom. III.

[2] Dict. Crist. Biog. II, pág. 194.

[3] Ibidem. IV, pág. 946.

[4] "Omnia *** recapitulavit in Christo quasi quandam compendio-sam renovationem et adintegrationem totius faciens creaturæ per eum * * * hoc autem in futuro sæculo erit. quando homines cuncti necnon et rationabiles virtutes ad illum inspiciant, ut fas exigit, et condordiam inter se pacemque firmam obtineant"

[5] "A doutrina da restauração universal nas igrejas Nestorianas desapareceu devido ao extermínio quase universal dessas igrejas." Beecher, Hist. Doct. Fut. Ret., pág. 290.

[6] Doct. e Per. de Cristo., Div. II, vol. 1, pág. 50.

[7] Liturgias Orientais de Renaudot, Vol. II, pág. 610.

[8] Teodoreto, Hist. da Igreja., pág. 2-3

Teodoro escreveu duas obras sobre Heresias nas quais professa condenar todas as heresias de sua época, mas não menciona o Universalismo.

[9] Badger, Nestorianos e seus Rituais, Vol. II.; Gibbon, Cap. XLVII. Draper, Hist. Internacional Dev. Europa; Nínive de Layard.

[10] Universalismo Afirmado, p. 148.

Observação. – Olshausen declara que a oposição à doutrina da punição sem fim e à defesa da restauração universal sempre foi encontrada na igreja e que tem “uma raiz profunda nas mentes nobres”. Sua linguagem é (Com. I., em Mateus 12:32.)

Capítulo 17. Uma Família Notável.

O grupo familiar do qual eram membros Basílio, o Grande, Macrina, a Abençoada, o ilustre bispo de Nissa, Gregório, e o menos conhecido Pedro de Sebaste, merece um volume em vez das poucas

páginas sob nosso comando. Três dos quatro foram bispos ao mesmo tempo. Macrina, seu pai e sua mãe, sua avó Macrina e três de seus irmãos foram todos canonizados como santos na antiga igreja. Não nos surpreende que Butler, em sua “Vida dos Pais”, tenha dito: “Admiramos ver toda uma família de santos. Santa Macrina, que teve essa influência e efeito maravilhosos. [1]

17.1 "Macrina, a Abençoada."

Macrina nasceu em 327 d.C. Por sua habilidade intelectual, força de caráter e sincera piedade, ela se tornou a verdadeira chefe da família e moldou em grande parte a vida de seus ilustres irmãos. Ela logo adicionou o nome Tecla ao seu nome de batismo, em homenagem à protomártir entre as mulheres cristãs. Ela foi educada com muito cuidado por sua mãe, sob cuja direção ela memorizou grandes porções da Bíblia, incluindo todos os Salmos.

Sua rara beleza pessoal, grandes realizações e grande fortuna atraíram muitos pretendentes; Gregory diz que ela superou em beleza todos de sua idade e país. Ela estava noiva de um jovem advogado, que foi inspirado e estimulado por sua ambição e zelo, mas foi interrompido por uma morte prematura. A partir de então, ela se considerou uma esposa aos olhos de Deus e, confiante em um reencontro no futuro, recusou-se a ouvir ofertas de casamento, dizendo que seu noivo estava vivendo em um reino distante e que a ressurreição os reuniria.

17.2 Uma Mulher Santa.

Em 349 d.C., quando Macrina tinha trinta e dois anos, seu pai morreu, e a partir de então ela se dedicou aos cuidados de sua mãe viúva e da família de nove filhos, e de grandes propriedades espalhadas por três províncias. Sua rara capacidade executiva e devoção pessoal à mãe e aos irmãos e irmãs eram fenomenais, chegando aos mais

minuciosos escritórios domésticos.

Após a morte de seu pai e de seu irmão Naucratius, em 357 d.C., ela nunca mais saiu de casa, um lindo lugar em Annesi, perto de Neo-Cæsarea.

Em 355 d.C., no regresso de Atenas do seu irmão Basílio, cheio de vaidade e ambição inspirada pela sua aprendizagem secular, Macrina encheu-lhe a mente e o coração com o amor por uma vida de serviço cristão que a animava, e ele se localizou perto de sua irmã. Em 355, ela estabeleceu uma irmandade religiosa com sua mãe e consagrou sua vida ao retiro e à meditação religiosa, a pensamentos e exercícios sagrados – como ela disse, “para alcançar a vida angelical”. A comunidade consistia nela mesma, sua mãe, suas servas e escravas, e logo mulheres devotas de posição social se juntaram a eles, e a comunidade tornou-se muito próspera.

Pedro foi nomeado presbítero em 371 d.C. Sua mãe morreu em 373 e seu ilustre

irmão em 379. Sua própria saúde havia piorado quando, alguns meses após a morte de Basílio, seu irmão Gregório a visitou. [2] Ele a encontrou com uma febre incurável, esticada sobre tábuas no chão e, segundo as idéias ascéticas que então começavam a prevalecer, as tábuas mal cobertas com saco. Gregory relata o que se seguiu com grande minúcia. Ele ficou impressionado com a tristeza pela morte de Basílio. Macrina o confortou e até o repreendeu por chorar como um pagão quando possuía a esperança cristã. Ele descreveu as perseguições que havia sofrido, e ela o repreendeu e lembrou-lhe que ele deveria antes agradecer a seus pais que o qualificaram para ser digno de tais experiências. Gregory relata que ela controlava todas as evidências de sofrimento e que seu semblante exibia continuamente um sorriso seráfico.

17.3 Sentimentos religiosos de Macrina.

Ela provavelmente nos dá seus sentimentos exatos em sua própria

linguagem sobre a restauração universal, na qual ela se eleva a uma grande descrição dos efeitos purificadores de todas as punições futuras, e da separação, assim, do mal do bem no homem, e da destruição total de todo mal. Suas palavras nos revelam suas opiniões mútuas. Sobre o “tudo em tudo” [3] de Paulo ela diz:

"A Palavra parece-me estabelecer a doutrina da perfeita obliteração da maldade, pois se Deus estiver em todas as coisas que existem, obviamente a maldade não estará nelas." "Pois é necessário que em algum momento o mal seja removido total e inteiramente do reino do ser. *** Pois como, por sua própria natureza, o mal não pode existir sem o livre arbítrio, quando todo o livre arbítrio se torna no poder de Deus, não avançará o mal para a aniquilação total, de modo que não restará nenhum receptáculo para ele?"

Nesta conversa em que a irmã sustenta de longe o protagonismo, a ressurreição (anastasis, αναστασις) e a restauração

(apokatastasis, αποκαταστασις) são consideradas sinônimas, como quando Macrina declara que “a ressurreição é apenas a restauração da natureza humana para seu estado original." [4]

Sobre Fil. 2:10, declara Macrina. "Quando o mal tiver sido extirpado nos longos ciclos dos æons, nada será deixado fora dos limites do bem, mas mesmo deles será proferida unanimemente a confissão do Senhorio de Cristo." [5]

Ela disse: “O processo de cura será proporcional à medida do mal em cada um de nós, e quando o mal for purificado e apagado, em cada lugar virá a imortalidade, a vida e a honra”.

17.4 Seus últimos dias.

Vendo o cansaço do irmão, ela pediu-lhe que descansasse. Ao visitá-la novamente no final do dia, ela revisou com gratidão sua vida passada e se alegrou por nunca em sua vida ter recusado alguém que lhe

tivesse pedido uma caridade, e nunca ter sido obrigada a pedir uma caridade para si mesma.

Na manhã seguinte, diz Gregory, ela o consolou e aplaudiu enquanto pôde falar, e quando sua voz falhou, ela conversou com as mãos e os lábios silenciosos. Repetindo o sinal da cruz até o último momento ela encerrou sua vida e suas orações juntas. Suas últimas palavras foram em defesa da doutrina da salvação universal, da qual os escritos de Gregório estão repletos. [6]

Foi sepultada pelo irmão no túmulo dos pais, na Capela dos “Quarenta Mártires”.

17.5 Macrina, uma representante universalista.

Temos aqui uma imagem muito sugestiva para contemplar. Macrina, à frente de uma irmandade, consistia em várias centenas de mulheres de todas as classes, desde sua própria posição até as

escravas. Seu único objetivo era o cultivo da vida religiosa. Poderia ser de outra forma senão que as opiniões sobre o destino humano que ela defendia foram abordadas por ela nos exercícios religiosos da instituição, e não teriam sido geralmente aceitas pelas devotas internas? E podemos duvidar que aqueles que aqui se retiraram do mundo para cultivar a sua natureza religiosa eram representativos nas suas opiniões sobre o destino humano da comunidade cristã em geral? O fato de Macrina e os seus irmãos, altos funcionários da Igreja, expressarem o Universalismo, não de forma polêmica ou controversa, mas como uma questão incontestada, deveria persuadir-nos de que esse era o sentimento incontestado da época.

Curiosamente, Cave, em suas “Vidas dos Pais”, questiona o universalismo de Macrina. Em sua vida de Gregório, ele diz, depois de esboçar a vida de Macrina: "Alguns dizem que ela foi infectada pelas opiniões de Orígenes, mas ao descobrir que isso foi relatado por ninguém menos

que Nicéforo, suponho que ele a confundiu com sua avó, Macrina, auditora de São Gregório, que teve Orígenes como tutor.” Este é um exemplo típico da maneira como os historiadores leram a história através de espetáculos teológicos e escreveram a história com tinta extraída de seus credos.

Não há dúvida de que a Macrina mais velha tinha a mesma fé de sua neta, pois era discípula de Gregório Taumaturgo, que idolatrava Orígenes. Segundo o testemunho de Gregório de Nissa, “a bem-aventurada Macrina” viveu uma vida santa e morreu como uma cristã perfeita, moldada, guiada e sustentada pela influência e poder do Universalismo. E o leitor atento da história daqueles primeiros dias só pode sentir que ela representa a fé religiosa predominante dos três primeiros e dos três melhores séculos da igreja.

17.6 Basílio, o Grande.

Basílio, o Grande, nasceu em Cesaréia, em 329 d.C. Sua família era formada por cristãos ricos. O dito acima mostra que sua avó Macrina e sua mãe, Emmelia, foram canonizadas. Seus irmãos, Gregório de Nissa e Pedro de Sebaste, e sua irmã Macrina são todos santos nas igrejas grega e romana. Ele era um espírito muito amável e amoroso. Suas obras são abundantes em descrições das belezas da natureza, o que é algo raro na literatura antiga, fora da Bíblia. Residiu por muitos anos em uma localidade romântica, com sua mãe e irmã. Em 364 d.C., contra sua vontade, foi feito presbítero e em 370 foi eleito bispo de Cesaréia. Morreu em 379 d.C. Dedicou-se aos enfermos e fundou o esplêndido hospital Basilias, para leprosos, dos quais cuidou, nem sequer deixando de beijá-los, desafiando o contágio. Ele está no mais alto grupo de oradores de púlpito, teólogos, pastores e governantes, e dos escritores mais eminentes e homens nobres dos primeiros quinhentos anos da igreja.

17.7 Linguagem de Basílio.

Basílio diz: "A paz do Senhor é coextensiva a todos os tempos. Pois todas as coisas estarão sujeitas a ele, e todas as coisas reconhecerão seu império; e quando Deus for tudo em todos, aqueles que agora provocam discórdia por meio de revoltas estarão pacificados, louvarão a Deus em pacífica concórdia”. *** Sobre as palavras de Isaías 1:24: "A minha ira não cessará, eu os queimarei", ele diz: "E por que isso acontece? Para que eu possa me purificar."

Basílio foi "o vigoroso defensor da ortodoxia no Oriente, o restaurador da união da igreja oriental dividida e o promotor da unidade entre o Oriente e o Ocidente". Teodoreto o chama de "uma das luzes do mundo". [7]

Entre outras passagens citáveis está esta: “Pois frequentemente observamos que são os pecados que são consumidos, e não as próprias pessoas a quem os pecados recaíram”. Mas há passagens em

Basílio suscetíveis de sustentar a doutrina da punição interminável. Este grande teólogo foi infectado pela ideia miserável predominante em sua época, de que os sábios poderiam aceitar verdades que não deveriam ser ensinadas à multidão. Mas o irmão e colaborador de Gregório de Nissa e da "Bem-aventurada Macrina", ele não poderia evitar de simpatizar com a fé sublime deles.

17.8 O Erro de Cave.

Cave raramente alude às opiniões de Basílio sobre o destino, mas sugere vagamente a verdade quando diz: "Pois embora seus inimigos, para servir aos seus próprios fins, destruindo sua reputação, às vezes o acusassem de corromper a doutrina cristã e de nutrir sentimentos ímpios e pouco ortodoxos, e isso também em alguns dos artigos maiores, mas a objeção, quando examinada, desapareceu rapidamente, ele mesmo professando solenemente nesta ocasião, que embora em outros aspectos

ele tivesse o suficiente pelo que responder, ainda assim esta era sua glória e triunfo, que ele nunca nutriu falsas noções de Deus, mas manteve constantemente a fé pura e inviolável, tal como a recebeu de seus ancestrais”.

Recordando a sua santa avó, Macrina, e os seus pais espirituais, Orígenes e Clemente Alexandrino, podemos compreender a sua renúncia. [8]

Apesar da provável crença de Basílio na restauração final, ele emprega uma linguagem tão severa em referência aos sofrimentos do pecador quanto qualquer um dos pais que não deixaram nenhum registro sobre o assunto do destino final do homem. Ele diz: “Com que corpo suportará aqueles flagelos intermináveis e insuportáveis, onde está o fogo inextinguível e o verme punindo imortalmente, e o escuro e horrível abismo do inferno, e os gemidos amargos, e o lamento veemente, e o pranto e ranger de dentes, onde os males não têm fim." [9]

17.9 Elogios de Basílio.

Diz-se que ele teve o conhecimento mais amplo, eloquência do mais alto nível, poderes forenses insuperáveis, habilidade literária inigualável, "um estilo de escrita admirável, quase inimitável, adequado, perspicaz, significativo, suave e fácil, e ainda assim persuasivo e poderoso;" tão sábio como filósofo, quanto talentoso como teólogo. Erasmo dá-lhe preeminência acima de Péricles, Isócrates e Demóstenes, e o classifica acima de Atanásio, Nazianzeno (de Nazianzo), Nisseno (de Nissa) e Crisóstomo. E Cave esgota o elogio e o panegírico ao descrever suas “realizações morais e divinas”, e encerra seu relato dizendo: “Talvez seja um exemplo dificilmente comparável em qualquer época, o fato de três irmãos, todos homens notáveis e eminentes, serem bispos ao mesmo tempo." [10] Ele poderia ter acrescentado - e com uma irmã totalmente igual.

O grande espírito de Basílio pode ser visto em sua resposta ao imperador,

quando este o ameaçou, caso ele não obedecesse à ordem do soberano. Sua nobre resposta obrigou o imperador a renunciar ao seu propósito. Basílio disse que não temia as ameaças do imperador; o confisco não poderia prejudicar quem possuísse apenas um terno à paisana e alguns livros; ele não poderia ser banido porque não conseguia encontrar um lar em lugar nenhum, pois a terra era de Deus e ele próprio era um estranho em todos os lugares; seu corpo frágil suportaria poucas torturas, e a morte seria um favor, pois apenas o conduziria a Deus, seu lar eterno.

17.10 A Maioria dos Cristãos era Universalista.

Basílio diz em certo lugar, numa obra que lhe é atribuída: “A massa dos homens (cristãos) diz que deve haver um fim do castigo para aqueles que são punidos”. [11] Se a obra não for de Basílio, o testemunho sobre a situação da opinião naquele momento não é menos valioso: “A

massa dos homens diz que deve haver um fim para o castigo”.

17.11 Gregório de Nissa (Nisseno).

Ele nasceu por volta de 335 d.C. e morreu em 390. Foi nomeado bispo em 372. Desde os trinta e cinco anos até sua morte, ele, Dídimo e Diodoro de Tarso, foram os defensores sem oposição da redenção universal. A mais singular e valiosa de todas as suas obras foi a biografia de sua irmã, descrita em nosso esboço de Macrina. Suas descrições de sua vida, conversas e morte são joias da literatura patrística. Eles transbordam de declarações de salvação universal.

Gregório foi dedicado à memória de Orígenes como seu padrinho espiritual e professor, assim como seus irmãos e irmãs santos. Ele tem sido chamado de “a flor da ortodoxia”. Ele declarou que Cristo “liberta a humanidade de sua maldade, curando o próprio inventor da maldade”. Ele pergunta: “Qual é então o escopo do

argumento de São Paulo neste lugar? Que a natureza do mal um dia será totalmente exterminada, e a bondade divina e imortal abraçará dentro de si todas as naturezas inteligentes; de modo que dos que foram feitos por Deus, nenhum será exilado do seu reino; quando toda a liga do mal que, como uma matéria corrupta, está misturada nas coisas, for dissolvida e consumida na fornalha de fogo purificador, e tudo o que teve sua origem em Deus será restaurado ao seu estado original de pureza." “Este é o fim da nossa esperança, que nada restará contrário ao bem, mas que a vida divina, penetrando todas as coisas, destruirá absolutamente a morte das coisas existentes, tendo o pecado sido previamente destruído”, etc. Pois é evidente que Deus estará na verdade “em todos” quando não existir nenhum mal, quando todo ser criado estiver em harmonia consigo mesmo, e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor; quando toda criatura tiver sido feita um só corpo. Agora, o corpo de Cristo, como tenho dito muitas vezes, é toda a humanidade." [13] Nos Salmos:

"Nem o pecado existe desde a eternidade, nem durará até a eternidade. Pois aquilo que nem sempre existiu não durará para sempre."

Sua linguagem demonstra o fato de que a palavra *aionios* não tinha em sua época o significado de duração infinita. Ele diz claramente: "Quem considera o poder divino perceberá claramente que ele é capaz de restaurar, por meio da purgação aionion e dos sofrimentos expiatórios, aqueles que chegaram até este extremo da maldade". Assim, o castigo "eterno" terminará em salvação, segundo um dos maiores pais do século IV.

17.12 Linguagem de Gregório.

Em seu *"Sermo Catecheticus Magnus"*, uma obra de quarenta capítulos, para o ensino de estudantes de teologia, escrita para mostrar a harmonia do Cristianismo com os instintos do coração humano, ele afirma "a aniquilação do mal, a restituição de todas as coisas, e a restauração final

dos homens maus e dos espíritos malignos à bem-aventurança da união com Deus, para que ele possa ser 'tudo em todos', abrangendo todas as coisas dotadas de sentido e razão" - doutrinas derivadas por ele de Orígenes. Para salvar o crédito de um doutor da igreja de ortodoxia reconhecida, tem sido afirmado desde a época de Germano de Constantinopla que estas passagens foram impingidas por escritores heréticos. Mas não há fundamento para esta hipótese, e podemos dizer com segurança que “o desejo é o pai do pensamento”, e que a restituição final de todas as coisas foi claramente sustentada e ensinada por ele em seus escritos.

Ele ensina que “quando a morte se aproxima da vida, e as trevas da luz, e o corruptível do incorruptível, o inferior é eliminado e reduzido à inexistência, e a coisa purificada é beneficiada, assim como o ouro é purificado da escória pelo fogo. *** Da mesma forma, nos longos circuitos do tempo, quando o mal da natureza que agora está misturado e implantado neles

for removido, sempre que a restauração (αποκαταστασις) ao seu estado antigo das coisas que agora jazem na maldade, haverá uma ação de graças unânime de toda a criação, tanto daqueles que foram punidos (κεκολαμμενων) na purificação (καθαρσει) quanto daqueles que não necessitaram de purificação (καθαρσεως).

"Acredito que o castigo será administrado na proporção da corrupção de cada um. *** Portanto a quem há muita corrupção ligada, com ele é necessário que o tempo do purgatório que vai consumi-lo seja grande e de longa duração; mas para aquele em quem a disposição perversa já foi parcialmente submetida, um grau proporcional daquela punição mais severa e veemente será aplicada. Todo mal, entretanto, deve finalmente ser totalmente removido de tudo, para que não exista mais. ... Sendo a natureza do pecado tal que ele não pode existir sem um motivo corrupto, ele deve, é claro, ser perfeitamente dissolvido e totalmente destruído, de modo que nada possa permanecer como receptáculo dele,

quando todo motivo e influência brotarão somente de Deus," etc.

17.13 Perversão dos Historiadores.

A maneira pela qual os historiadores e biógrafos foram culpados de *supressio veri* (supressão da verdade) por seus preconceitos ou obtusidade aos fatos, é ilustrada por Cave em suas "Vidas dos Pais", quando, falando deste universalista mais declarado, ele diz, que por ocasião da morte de sua irmã Macrina, "ele escreveu seu excelente livro ('Vida e Ressurreição'), onde se alguma mão posterior intercalou alguns dogmas origenianos, não é mais do que o que eles fizeram a alguns outros de seus tratados, para dar vazão aos seus pensamentos sobre esses nobres argumentos." As mãos "posteriores" foram impelidas por "dogmas" totalmente diferentes e suprimiram ou modificaram as doutrinas de Orígenes, como confessou Rufino, em vez de inseri-las nas obras de seus predecessores. Se Gregório sofreu nas

mãos de mutiladores, foi por aqueles que minimizaram e não por aqueles que ampliaram o seu universalismo. Mas esta calúnia originou-se com Germano, bispo de Constantinopla (730 d.C.), em harmonia com um modo favorito de oposição ao Universalismo. No *Antapodotikos* de Germano, ele se esforçou para mostrar que todas as passagens de Gregório que tratam da *apokatástase* foram interpoladas por hereges. [14] Esta acusação tem sido frequentemente repetida desde então. Mas o preconceituoso Daille chama isso de "o último recurso daqueles que, com uma pertinácia estúpida e absurda, pretendem que os antigos não escreveram nada diferente da fé atualmente recebida; pois todos os discursos de Gregório de Nissa estão tão profundamente imbuídos da doutrina pestilenta em questão, do que não pode ter sido inserido por ninguém além do próprio autor." [15] A conduta dos historiadores, não apenas daqueles que foram teologicamente distorcidos, mas daqueles que procuraram ser imparciais nas opiniões dos primeiros cristãos sobre

o destino final do homem, é algo fenomenal. Até mesmo Lecky escreve: “Orígenes e seu discípulo Gregório de Nissa, de uma maneira um tanto hesitante, divergiram da opinião predominante (tormentos eternos) e inclinaram-se fortemente *** à crença na salvação final de todos. sua opinião. Com essas duas exceções, todos os pais proclamaram a eternidade dos tormentos." [16] É mostrado neste volume que não apenas Diodoro, Teodoro e outros da escola de Antioquia eram universalistas, mas que durante séculos quatro escolas teológicas ensinaram a doutrina. Um fato muito singular neste contexto é que o Prof. Shedd, em outra parte deste livro, nega sua própria afirmação semelhante à de Lecky, conforme mostrado na página anterior. Este é o testemunho do Dr. Schaff em sua valiosa história:

"Gregório adota a doutrina da restauração final de todas as coisas. O plano de redenção é, a seu ver, absolutamente universal e abrange todos

os seres espirituais. O bem é a única realidade positiva; o mal é o negativo, o inexistente, e deve finalmente abolir a si mesmo, porque não é de Deus. Os incrédulos devem, de fato, passar por uma segunda morte, para serem purificados da imundície da carne. Mas Deus não os abandona, pois eles são sua propriedade, naturezas espirituais aliadas a ele ... Seu amor, que atrai para si almas puras com facilidade e sem dor, torna-se um fogo purificador para todos os que se apegam ao terreno, até que o elemento impuro seja expulso. Assim como tudo provém de Deus, todos devem finalmente retornar a ele. ." "A salvação universal (incluindo Satanás) foi claramente ensinada por Gregório de Nissa, um pensador profundo da escola de Orígenes."

Em seus comentários sobre os Salmos, Gregório diz: “Pelo qual Deus mostra que nem o pecado existe desde a eternidade, nem durará até a eternidade. Sendo a maldade assim destruída, e sua marca não sendo deixada em ninguém, todos serão moldados segundo Cristo, e em tudo

brilhará aquele caráter que originalmente foi impresso em nossa natureza. "Pecado, *** cujo fim é a extinção e uma mudança para o nada *** do mal para um estado de bem-aventurança." Sobre o Sal. 57:1: “O pecado *** é como uma planta no topo de uma casa, não enraizada, não semeada, não arada *** na restauração da bondade de todas as coisas, ele passa e desaparece. De modo que nem um traço do mal que agora abunda em nós permanecerá, etc." Se o pecado não for curado aqui, sua cura será efetuada no futuro. E as ameaças de Deus são que “através do medo podemos ser treinados para evitar o mal; mas por aqueles que são mais inteligentes, acredita-se que (o julgamento) seja um remédio”, etc. “O próprio Deus não é realmente visto em ira”. “A alma que está unida ao pecado deve ser incendiada, para que aquilo que é antinatural e vil seja removido, consumido pelo fogo aionion.” [17] Assim, o fogo (aionion) foi considerado por Gregório como purificador. "Se ela (a alma) permanecer (na vida presente) a cura será realizada na vida além." (ει δε

αθεραπευτος μενει εν τω μετα ταυτα βιω ταμιευται η θεραπεια, Orat. Catequese.)

Farrar nos diz: “Não há nenhum estudioso de qualquer peso em qualquer escola de teologia que não admita agora que pelo menos dois dos três grandes Capadócios acreditavam na restauração final e universal das almas humanas. *** E o fato notável é que Gregório desenvolveu essas opiniões sem de modo algum pôr em perigo a sua reputação de ortodoxia, e sem a menor preocupação de que ele estava se desviando dos caminhos mais rígidos da opinião católica." O Professor Plumptre diz com sinceridade: “Seu Universalismo é tão amplo e ilimitado quanto o do Bispo Newton de Bristol”.

17.14 Opiniões no Século IV.

O Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., que aperfeiçoou o Credo Niceno, contou com a participação dos dois Gregórios; Gregório Nazianzeno presidiu e Gregório de Nissa acrescentou as

cláusulas ao Credo Niceno que estão em itálico numa página anterior deste volume. Ambos eram universalistas. Será que algum concílio, nos tempos antigos ou modernos, composto por crentes no castigo sem fim, selecionaria um universalista declarado para presidir às suas deliberações e orientar as suas "transações doutrinárias"? E pode alguém pensar consistentemente que o Universalismo de Gregório era inaceitável para o grande concílio que ele presidiu?" Algumas das declarações mais fortes dos pontos de vista de Gregório serão encontradas nos seus entusiásticos relatos das conversas de Macrina, relacionadas no capítulo anterior, com as quais, cada leitor verá, ele tinha a maior simpatia. Além das obras de Gregório mencionadas acima, passagens expressivas da salvação universal podem ser encontradas em *"Oratio de Mortuis"*, *"De Perfectione Christiani"*, etc.

"Na época de Gregório de Nissa, o (Universalismo), auxiliado pelo conhecimento, gênio e piedade

incomparáveis de Orígenes, havia prevalecido e conseguido fermentar, não apenas o Oriente, mas grande parte do Ocidente. Enquanto a doutrina da aniquilação praticamente desapareceu, o universalismo se estabeleceu, tornou-se a opinião predominante, mesmo em áreas antagônicas à escola de Alexandria. *** A igreja do Norte da África, na pessoa de Agostinho, entra em campo. A língua grega logo se torna desconhecida no Ocidente, e os pais gregos esquecidos. *** No trono dAquele cujo nome é Amor está agora sentado um Juiz severo (uma espécie de governador romano). O Pai está perdido no Magistrado. [18]

Dean Stanley atribui abertamente a Gregory "a bendita esperança de que a justiça e a misericórdia de Deus não são controladas pelo poder do mal, que o pecado não é eterno e que no mundo vindouro o castigo será corretivo e não final, e será ordenado por um amor e uma justiça, cuja altura e profundidade não podemos aqui sondar ou compreender." [19]

[1] Os materiais deste esboço e do artigo sobre Gregory de Nissa foram adquiridos principalmente de "Nosso Santo Pai Gregório, Bispo de Nissa, Pensamentos sobre a Vida da Abençoada Macrina, sua Irmã, ao Monge Olímpo (Olympius);" e “Diálogo sobre Vida e Ressurreição, com as Opiniões de sua Irmã Macrina”; Leipsic, 1858. A obra está em grego e alemão. Também de Patrologiæ de Migne, vol. XLVI.

[2] Ditado. Cristo. Biog. III, pág. 780.

[3] ("todas as coisas em todos os homens.")

[4] pág. 154. Edição de Oehler. Vida e Ressurreição.

[5] Vida e Ressurreição, p. 68. Nesta passagem Macrina emprega a palavra *aionion* no seu sentido próprio de eras. A versão alemã traduz *séculos* (jahrhunderte).

[6] Butler, "Vidas dos Santos", Vol. VII. pág. 260.261. Esta obra católica não faz a menor alusão ao universalismo de Macrina. E mesmo o nosso Dr. Ballou, na sua valiosa História Antiga, enquanto menciona a avó, ignora a neta muito mais eminente.

[7] História da Igreja, pág. 176.

[8] Vidas dos Pais, II, p. 451.

[9] Ep. XLVI, Classe I, ad virginem.

[10] Caverna, Vidas dos Pais, II, 397.

[11] De Ascetas.

[12] Vida e Ressurreição e Carta ao Monge Olímpio.

[13] Gato. Orato. CH. 26, Migne, Tratado. Filius subjicietur, - em I Cor. xv:28 – pasa he anthropine phusis, “Toda a humanidade”.

[14] Fócio, Cod., 233.

[15] De Usu Patrum, lib. II, cap. 4.

[16] Racionalismo na Europa de Lecky, I, p. 316.

[17] Sobre os Salmos.

[18] Allin, Univ. Afirmado, pág. 169.

[19] Ensaios sobre Igreja e Estado.

Capítulo 18. Autoridades Adicionais.

Voltando um pouco, encontramos vários autores cujas obras escaparam em parte à devastação do tempo e à hostilidade destrutiva dos oponentes. Desejámo-nos centenas de vezes, ao prosseguirmos nestas investigações, que a literatura dos primeiros cinco séculos pudesse ter sido impressa e espalhada pelos confins do mundo, em vez de ter sido limitada, como foi, claro, antes da invenção da impressão, até alguns manuscritos tão facilmente

destruídos pelos fanáticos oponentes da nossa fé, em cujas mãos caíram. Deveríamos ter muito mais testemunhos do que os que sobreviveram para contar a história da crença primitiva.

Marcelo de Ancira, 315 d.C., citado por Eusébio, diz: “Pois o que mais significam as palavras, ‘até os tempos da restituição’ (Atos, 3:21), senão que o apóstolo pretendia apontar aquele tempo em que todas as coisas participam dessa restauração perfeita”.

Tito de Bostra, 338-378 d.C. O editor de suas obras diz que Tito foi “o mais erudito entre os bispos de sua época e o mais famoso defensor da verdade”. Tillemont admite a contragosto que “ele parece ter seguido o erro perigoso atribuído a Orígenes, de que as dores dos condenados, e mesmo as dos próprios demônios, não serão eternas”. [1] Certamente a própria linguagem de Tito justifica esta excelente suspeita. Ele diz:

18.1 Palavras de Tito de Bostra.

“Assim, o mistério foi completado pelo Salvador, a fim de que, sendo a perfeição completada em todas as coisas e em todas as coisas, por Cristo, todos universalmente serão feitos um por meio de Cristo e em Cristo”. Ele diz novamente: “O próprio abismo do tormento é de fato o lugar do castigo, mas não é eterno (*aionion*) nem existia na constituição original da natureza. E os castigos são santos, pois são corretivos e salutares em seu efeito sobre os transgressores; pois são infligidos, não para preservá-los em sua maldade, mas para fazê-los cessar sua maldade. A angústia de seu sofrimento os obriga a romper seus vícios. *** Se a morte fosse um mal, a culpa recairia legitimamente sobre quem a designou. [2]

18.2 Ambrósio de Milão.

Ambrósio de Milão, 340-398 d.C., diz: “O que então nos impede de acreditar que aquele que é reduzido a pó não é

aniquilado, mas mudado para melhor; de modo que, em vez de um homem terreno, ele se torna um homem espiritual, e nossa crença de que aquele que é destruído, é tão destruído que toda mácula é removida, e resta apenas o que é puro e limpo. E nas palavras de Deus sobre os adversários de Jerusalém: 'Eles serão como se não fossem ”, você deve entender que eles existirão substancialmente e como convertidos, mas não existirão como inimigos. *** Deus deu a morte, não como pena, mas como remédio; a morte foi dada como remédio como o fim dos males." *** "Como existirá o pecador no futuro, visto que o lugar do pecado não pode durar muito?" [3] *** Porque a imagem de Deus é a de o único Deus, como Ele, começa no um e se difunde até o infinito. E, mais uma vez, de um número infinito todas as coisas retornam a uma só como ao seu fim, porque Deus é ao mesmo tempo o princípio e o fim de todas as coisas. [4] *** Como então (todas as coisas) estarão sujeitas a Cristo? Exatamente desta maneira que o próprio Senhor disse: "Tomai sobre vós o meu jugo", pois não

são os indomados que carregam o jugo, mas os humildes e gentis, *** para que em nome de Jesus todo joelho se dobre. *** Esta sujeição de Cristo não está completa? De jeito nenhum. Porque a sujeição de Cristo não consiste em poucos, mas em todos. *** Cristo estará sujeito a Deus em nós por meio da obediência de todos; *** quando os vícios forem abandonados e o pecado reduzido à submissão, um espírito de todas as pessoas, em um sentimento, começar de comum acordo a se apegar a Deus, então Deus será tudo em todos, *** quando todos então tiverem acreditado e feito a vontade de Deus, Cristo será tudo e em todos; e quando Cristo for tudo em todos, Deus será tudo em todos. [5] *** Atualmente ele está sobre todos pelo seu poder, mas é necessário que ele esteja em todos pelo seu livre arbítrio: [6] *** Assim o Filho do homem veio para salvar o que estava perdido, para que é, tudo, pois, 'Assim como em Adão todos morreram, assim também em Cristo todos serão vivificados.'" [7] "Pois, se morrerem os culpados, que não quiseram abandonar o caminho do pecado, mesmo contra a sua

vontade, ainda ganharão, não de natureza, mas de culpa, para que não possam mais pecar." *** "A morte não é amarga; mas para o pecador é amarga, e ainda assim a vida é mais amarga, pois é mais mortal viver no pecado do que morrer no pecado, porque o pecador, enquanto viver, aumenta em pecar, mas se morrer, deixa de pecar." [8]

Cave diz que Ambrósio cita e adapta muitos dos escritos dos Pais Gregos, particularmente Orígenes; e Jerônimo declara que Ambrósio estava em dívida com Dídimo pela maior parte de seu *de Spiritu Sanctu*. Ambos, note-se, eram universalistas. Agostinho nos conta que todos os dias, após suas devoções matinais, Ambrósio estudava as Escrituras, principalmente com a ajuda dos comentaristas gregos, e especialmente de Orígenes e Hipólito, e de Dídimo e Basílio. [9] Pelo menos três deles eram universalistas. "Talvez seu livro mais original seja *'Sobre a Bênção da Morte'*, no qual ele tem uma visão singularmente branda da punição dos

ímpios, expressa sua crença em um fogo purificador e argumenta que qualquer que seja a punição, é um estado claramente preferível a uma vida pecaminosa. Sua escatologia foi profundamente influenciada pelas esperanças maiores de Orígenes." [10]

A linguagem de Ambrósio em seus comentários ao Sal. 118, é o seguinte: “Mergulha no Evangelho, embora pecador, é pressionado pelas agonias penais, para que possa escapar o mais cedo”. [11] *** Novamente: “Aqueles que não vierem para a primeira, mas forem reservados para a segunda ressurreição, serão queimados até preencherem os tempos entre a primeira e a segunda ressurreição, se não fisessem isso, permaneceriam mais tempo na punição."

O *Ambrosiaster* é de um autor desconhecido, antigamente erroneamente considerado Ambrósio, pois estava encadernado com as obras deste pai. Sobre 1ºCor.15:28, o Ambrosiaster diz: “Isso está implícito na sujeição do

Salvador ao Pai; isso está envolvido no fato de Deus ser tudo em todos, ou seja, quando toda criatura pensa uma e a mesma coisa, de modo que toda língua dos celestiais, terrestres e infernais confessarão a Deus como o Grande de quem todas as coisas derivam". Esse sentimento ele confessa em outras passagens.

Serapião, o companheiro de Atanásio, em 346 d.C., diz sobre o mal: "Ele não é nada por si só, nem pode existir por si só, ou existir sempre; mas está em processo de desaparecimento e, ao desaparecer, provou ser incapaz de existir. " [12]

Macário Magnes, 370 d.C., diz que a morte foi ordenada no início, "para que, pela dissolução do corpo, todo o pecado proveniente da conexão (da alma e do corpo) fosse totalmente destruído". [13]

Marius Victorinus, 360 d.C., nasceu na África e foi um famoso retórico, cujos escritos estão repletos de expressões da fé do Universalismo. Sobre 1ºCor.15:28, ele

diz: "Todas as coisas se tornarão espirituais na consumação do mundo. Na consumação, todas as coisas serão uma. [14] *** Portanto, todas as coisas convertidas a ele se tornarão uma, ou seja, espirituais; através do Filho todas as coisas serão feitas uma, porque todas as coisas são por ele, porque todas as coisas que existem são uma, embora sejam diferentes. Pois o corpo de todo o universo não é como um mero amontoado, que se torna um corpo, apenas pelo contato de suas partículas; mas é um corpo principalmente em suas diversas partes estando intimamente e mutuamente ligadas entre si - forma uma cadeia contínua. Pois a cadeia é esta, Deus: Jesus: o Espírito: o intelecto: a alma: a hoste angélica: e por último, todas as existências corporais subordinadas." Em Efésios capítulos 1 e 4: "O mistério foi completado pelo Salvador para que, tendo a perfeição sido completada em todas as coisas, e em todas as coisas por Cristo, todos universalmente fossem feitos um por meio de Cristo e em Cristo. *** E porque ele (Cristo) é a vida, ele é aquele

por quem todas as coisas foram feitas, pois todas as coisas purificadas por ele retornam à vida eterna.”

18.3 Hilário.

Jerônimo diz que Hilário, bispo de Poictiers (falecido em 368 d.C.), traduziu quase 40.000 linhas de Orígenes. Em Lucas 15:4, ele diz: “Esta ovelha (perdida) é o homem, e por um homem toda a raça deve ser entendida; as noventa e nove são os anjos celestiais *** e por nós (humanidade) que somos todos um, o número da igreja celestial deve ser preenchido. E é por isso que toda criatura aguarda a revelação dos filhos de Deus. No Salmo 69:32,33: “Até a morada do inferno é para louvar a Deus”. Além disso, "'Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que ele desse a vida eterna a todo o que lhe deste', *** assim o Pai deu todas as coisas, e o Filho aceitou todas as coisas, *** e honrado pelo Pai era honrar o Pai e empregar o poder recebido para dar eternidade de vida a toda carne. ***

Agora, esta é a vida eterna para que eles possam te conhecer. [15]

João Cassiano, 390-440 d.C. Este célebre homem foi educado no mosteiro de Belém e foi o fundador de dois mosteiros em Marselha. Ele escreveu muito e atraiu o fogo de Agostinho, cujas doutrinas ele atacou vigorosamente. Neander declara sobre ele que suas visões do amor divino se estendiam a todos os homens, "que deseja a salvação de todos, e refere tudo a isso; subordinando até mesmo a punição dos ímpios a este fim simples. [16] Ueberweg diz Cassiano " não poderia admitir que Deus salvaria apenas uma parte da raça humana, e que Cristo morreu apenas pelos eleitos." Hagenbach afirma que a ideia errônea de que Deus "salvaria apenas alguns" é na opinião de Cassiano *ingene sacrilegium*, um grande sacrilégio ou blasfêmia. Neander, em sua “História dos Dogmas”, observa: “O praticamente cristão o guiou no tratamento das doutrinas da fé; ele não admitiu nada que não fosse adequado para satisfazer completamente as

necessidades religiosas dos homens. *** A ideia da justiça divina na determinação da sorte do homem após a primeira transgressão não preponderou nos escritos de Cassiano ao contrário dos de Agostinho, mas a ideia de um amor divino disciplinar, por cuja orientação os homens devem ser levados ao arrependimento. Ele apela também para o mistério dos caminhos de Deus, não no que diz respeito à predestinação, mas à variedade de orientações pelas quais Deus conduz diferentes indivíduos à salvação. Em nenhum caso, porém, a graça divina pode operar independentemente da livre autodeterminação do homem; assim como o lavrador deve fazer a sua parte, mas tudo isso não adianta nada sem a bênção divina, assim o homem deve fazer a sua parte, mas isso não beneficia nada sem a graça divina." Ao que T. B. Thayer, D.D., acrescenta no "Universalist Quarterly": " É um fato digno de nota neste contexto, que Cassiano foi para Constantinopla em 403 d.C., onde ouviu o célebre Crisóstomo, por quem foi ordenado diácono. Falando de Crisóstomo, Neandro

diz que, se não fosse pela necessidade de se opor àqueles que menosprezavam o pecado e suas retribuições e que de bom grado rejeitariam a doutrina do castigo eterno, “seu espírito brando e amável não poderia, de outra forma, ser totalmente indiferente à doutrina da restauração universal, com a qual ele deve ter se familiarizado em um período anterior, por ser discípulo de Diodoro de Tarso.' *** Isso justifica a observação de Neandro de que talvez possamos 'discernir nessas características de Cassiano o espírito do grande Crisóstomo, com quem viveu por muito tempo na qualidade de diácono, e cujo discípulo ele teve prazer em chamar a si mesmo.'"

18.4 Teodoreto, o Abençoado.

Teodoreto, o Abençoado, nasceu em 387 d.C. e morreu em 458. Foi ordenado bispo de Ciro na Síria, em 420. Foi aluno de Teodoro de Mopsuéstia e também aluno da eloqüência e da literatura sagrada de Crisóstomo. Dr. Schaff chama

sua continuação da História Eclesiástica de Eusébio de muito valiosa. Neander, Murdoch e Mosheim o classificam em alto nível de conhecimento, eloquência e bondade. Ele ilustra uma das muitas contradições das afirmações de estudiosos meramente sectários. Embora o Dr. Shedd diga que "a única exceção à crença na eternidade do castigo futuro na igreja antiga aparece na escola Alexandrina", ainda assim, Teodoreto, Teodoro, Diodoro e outros eram todos da escola Antiocana. Orello Cone primeiro chamou a atenção de nossa igreja para este pai, que nem sequer é mencionado pelo Dr. Ballou, em sua "História Antiga do Universalismo", e citamos seu artigo, copiado em parte do "The New York Christian Ambassador" no "The Universalist Quarterly", abril de 1866 (revistas). O Dr. Cone diz que Teodoreto considerava a ressurreição como a elevação e a aceleração de toda a natureza do homem. "Ele dá esta visão espiritual mais elevada da ressurreição (anastasis) em seu comentário sobre Efésios 1:10, 'Pois através da dispensação ou encarnação de Cristo a natureza dos

homens surge', anista, ou é ressuscitado, 'e se reveste de incorrupção'. .' Ele não diz os corpos dos homens, mas a natureza (phusis) é ressuscitada."

Teodoreto diz, em “Reunindo todas as coisas em Cristo:” “E a criação visível será libertada da corrupção e alcançará a incorrupção, e os habitantes dos mundos invisíveis viverão em alegria perpétua, pois a dor, a tristeza e os gemidos já não estarão presentes (N.T. ou já não serão mais necessários)." *** Sobre a expiação universal: - "Ensinando que ele libertaria do poder da morte não apenas seu próprio corpo, mas ao mesmo tempo toda a natureza da raça humana, ele acrescenta: 'E eu, se eu for levantado da terra atrairei todos a mim;' Pois não sofrerei o que empreendi apenas para ressuscitar o corpo, mas realizarei plenamente a ressurreição de todos. *** Ele pagou a dívida por nós e apagou a escrita que havia contra nós, *** e tendo feito essas coisas, ele vivificou consigo toda a natureza dos homens”.

Ele formou seu sistema cristão com base no de Teodoro e no de Diodoro de Tarso, ambos universalistas. Allin diz que ele "foi talvez o professor mais famoso e certamente o mais erudito de sua época; unindo a um intelecto nobre um caráter e realizações igualmente nobres". Publicou uma defesa de Diodoro e Teodoro, infelizmente perdida. Sobre 1ºCor.15:28, Teodoreto diz: “Mas na vida futura cessando a corrupção e sendo conferida a imortalidade, as paixões não têm lugar, e sendo estas removidas, nenhum tipo de pecado é cometido. Então, daquele tempo em diante Deus é tudo em todos, quando todos, libertado do pecado e voltado para ele, não terá inclinação para o mal." Em Efésios 1:23, ele diz: "Na vida presente Deus está em todos, pois sua natureza não tem limites, mas não é tudo em tudo. Mas na vida futura, quando a mortalidade chegar ao fim e a imortalidade for concedida, e o pecado tiver não mais em lugar algum, Deus será tudo em todos. [17] Pois o Senhor, que ama o homem, pune medicinalmente, para que ele possa conter o curso da impiedade.

18:5 Obras de Teodoreto.

Gregório, o Grande, diz que a igreja romana recusou-se a reconhecer a História de Teodoreto porque ele elogiou Teodoro de Mopsuéstia e insistiu que ele era um grande médico na igreja. Teodoreto diz que Teodoro era “o professor de todas as igrejas e o oponente de todas as seitas da heresia”, de modo que, em sua opinião, o universalismo não era herético.

18.6 Evagrio Pôntico.

Evagrius Ponticus, 390 d.C. As obras deste eminente santo e estudioso foram destruídas pelo Quinto Concílio Geral que o condenou - embora não como universalista - cento e cinquenta anos após sua morte. O conselho o anatematizou com Dídimo. É mais evidente que a grande multidão de cristãos deve ter aceitado pontos de vista que foram geralmente defendidos e

incontestados durante aqueles primeiros anos, pelos melhores e maiores dos pais. Jerônimo diz que Evagrio, em sua epístola a Ctesifonte contra os pelagrianos, foi um origenista. Ele escreveu três livros, o “Santo” ou “Gnóstico”, o “Monge” e a “Refutação”.

Cirilo de Alexandria (412 d.C.) diz: “Atravessando os recessos mais profundos das regiões infernais, depois que ele (Cristo) pregou aos espíritos de lá, ele conduziu os cativos em sua força”. [18] “Agora, quando o pecado foi destruído, como deveria ser senão que a morte também perecesse completamente?” *** "Por meio de Cristo foi salva a santa multidão dos pais, ou melhor, toda a raça humana, que foi anterior no tempo (à morte de Cristo), pois ele morreu por todos, e a morte de todos foi aniquilada nele ." [19]

Rufino, 345-410 d.C., escreveu uma elaborada defesa de Orígenes, e no prefácio de *"De Principiis"* ele declara que extirpou daquela obra de Orígenes tudo o

que era "discordante de nossa crença (a cristã aceita)". Como a obra ainda está repleta de expressões do universalismo, não só a sua simpatia por essa crença, mas também o fato de ser então a crença cristã predominante não pode ser questionada. Huet diz que ensinou a duração temporária da punição. [20]

Ballou cita Domiciano, bispo da Galácia, como provavelmente um universalista (546 d.C.), que Facundus relata ter escrito um livro no qual declara que aqueles que condenaram Orígenes "condenaram todos os santos que existiram antes dele, e que os que vieram depois dele." [21]

18.7 Diodoro de Tarso.

Diodoro, bispo de Tarso, de 378 a 394 d.C., era da escola antioquiana ou síria. Ele se opôs a Orígenes em alguns assuntos, mas concordou com seu Universalismo. Ele diz: “Para os ímpios há punições, não perpétuas, porém, para que a imortalidade preparada para eles não

seja uma desvantagem, mas eles devem ser purificados por um breve período de acordo com a quantidade de malícia em suas obras. Eles sofrerão punição por um curto espaço de tempo, mas a bem-aventurança imortal sem fim os espera *** as penalidades a serem infligidas por seus muitos e graves pecados são muito superadas pela magnitude da misericórdia a ser mostrada a eles. A ressurreição, portanto, é considerada uma bênção não apenas para os bons, mas também para os maus." [22] A mesma autoridade afirma que muitos bispos nestorianos ensinaram a mesma doutrina. O "Dicionário de Biografia Cristã" observa: "Diodoro de Tarso ensinou que a pena do pecado não é perpétua, mas resulta na bem-aventurança da imortalidade, e (ele) foi seguido por Estéfano, bispo de Edessa, e Salomo de Bassora, e Isaque de Nínive." “Mesmo aqueles que são torturados na Geena estão sob a disciplina da caridade divina”. "E eles foram seguidos por sua vez por Georgius de Arbela e Ebed Jesu de Soba."Diodoro argumentou que a misericórdia de Deus puniria os ímpios

menos do que seus pecados mereciam, na medida em que sua misericórdia dava aos bons mais do que eles mereciam. Ele negou que a Divindade concederia a imortalidade com o propósito de prolongar e perpetuar o sofrimento. Diodoro e Teodoro, o primeiro, professor de Crisóstomo, e o segundo, seu colega, foram realmente os pioneiros no ensino das Escrituras com a ajuda da história, da crítica e da filologia. [23] Eles podem ser considerados os precursores da interpretação moderna. Como tantos outros escritos antigos, as obras de Diodoro pereceram, e temos apenas algumas citações delas, contidas nas obras de outros. Mas temos o suficiente para qualificá-lo a ocupar um lugar de honra entre os universalistas do século IV.

Até o Dr. Pusey é obrigado a admitir o universalismo de Diodoro de Tarso e de Teodoro de Mopsuéstia. Ele diz, citando Salomo de Bassora, 1222, cerca de oitocentos anos após sua morte: "Os dois escritores usam argumentos diferentes e têm teorias diferentes. Teodoro baseia a

sua na Sagrada Escritura: 'Até que pagues o último centavo' e ' os muitos e poucos açoites', e atribui a correção daqueles que fizeram mal durante toda a vida à descoberta de seu erro. Diodoro diz que o castigo não deve ser perpétuo, para que a imortalidade preparada para eles não lhes seja inútil; ele repete duas vezes que a punição, embora variasse de acordo com seus méritos, seria por um curto período de tempo. Sua base era sua convicção de que, uma vez que as recompensas de Deus excedem em muito os méritos dos bons, a mesma misericórdia seria mostrada aos maus. [24]

Embora um pouco posterior aos limites projetados para este trabalho, dois ou três autores podem ser citados.

Evágrio diz que Macário foi expulso de sua sé, em 552 d.C., por manter as opiniões de Orígenes. Se a restituição universal estava entre elas é incerto.

18.8 Crisólogo.

Pedro Crisólogo, bispo de Ravenna, 433 d.C., num sermão sobre o Bom Pastor, diz que a ovelha perdida representa “toda a raça humana perdida em *Adão*”, e que Cristo “seguiu aquele um, procurou aquele *um*, para que no *um* ele possa restaurar todos."

Stephan Bar-sudaili, Abade de Edessa, na Mesopotâmia, no final do século V, ensinou o Universalismo – o fim de todas as punições no mundo futuro e seu caráter purificador. Os anjos caídos receberão misericórdia e todas as coisas serão restauradas, para que Deus seja tudo em todos. [25] Ele estava à frente de um mosteiro. Atacado como herege, deixou Edessa e dirigiu-se para a Palestina, que naquela época parece ter sido o refúgio daqueles que desejavam a liberdade de opinião. Não se sabe quantos poderiam ter simpatizado com ele na Mesopotâmia ou na Palestina.

18.9 Máximo. (580-662).

Máximo, o Confessor. Ainda no século 7, apesar do poder da tirania romana e do erro pagão, a verdade sobreviveu. Máximo – 580-662 d.C. – foi secretário do imperador Heráclio e amigo confidente do papa Martinho I. Ele se opôs ao imperador Constante II, em suas tentativas de controlar as convicções religiosas de seus súditos, e foi banido em 653 d.C. e morreu devido a maus tratos. Ele era estudioso e santo. Neander diz:

"As idéias fundamentais de Máximo parecem levar à doutrina de uma restauração universal final, que na verdade está intimamente ligada também ao sistema de Gregório de Nissa, ao qual ele aderiu mais estreitamente. No entanto, ele estava muito preso ao sistema da doutrina distintamente da igreja para expressar qualquer coisa do tipo". Neander acrescenta que em seus aforismos "a reunião de todas as essências racionais com Deus é estabelecida como o fim último". "Aquele que une totalmente

todas as coisas no fim dos tempos, ou na eternidade." Ueberweg afirma que “Máximo ensinou que Deus se revelou através da natureza e pela sua Palavra. A encarnação de Deus em Cristo foi o culminar da revelação e, portanto, teria ocorrido mesmo que o homem não tivesse caído. O Universo terminará na união de todas as coisas com Deus."

[1] Tillemont, pág. 671. Citado por Lardner. Vol. III, pág. 273.

[2] Migne, Vol. XVIII, pág. 1118. Observe aqui que *aionios* é usado no sentido de infinito; também que a palavra traduzida como “abismo” é a palavra traduzida como “bottomless pit”, (poço sem fundo” no inglês KJV) no Apocalipse (αβυσσος, αβυσσον, αβυσσου, G0012 ; το φρεαρ της αβυσσου, poço do abismo (em português Almeida1911), Apoc.9:2).

[3] No Salmo xxxvii.

[4] Epis. Lib. I.

[5] De Fide.

[6] No Salmo LXII.

[7] Em Lucas 15:3.

[8] Bênção da Morte, cap. vii.

[9] Conf. vi, 3, Ep. xlvii, 1.

[10] Farrar: Vidas dos Pais, II, p. 144.

[11] Ideo Dives ille in Evangelio, licet peccator, poenalibus torquetur aerumnis, ut citicus possit evadere.

[12] Av. Cara., cap. 4.

[13] Não. e Frag., xix.

[14] Av. Ário, lib. I: 25; Migne, viii, pág. 1059.

[15] De Trin. biblioteca. IX.

[16] Hist. Cristo cap., ii: 628. História. Cristo. Dogmas, ii: 377.

[17] Migne, lxxxii, p. 360.

[18] Homília. Páscoa. xx. Migne, lxxvii.

[19] Glaph. no Ex., lib. II.

[20] Orígenes. II, pág. 160.

[21] Anc. História. Universidade, pág. 265.

[22] Babete Assemani. Orientalis, III, pág. 324.

[23] Robertson, Hist. Da Igreja Cristã I pág. 455.

[24] O que é da fé, p. 231.

[25] Assemani. Bibl. Orient., II, pág. 291.

Capítulo 19. A Deterioração do Pensamento Cristão.

19.1 Transição do Cristianismo.

Pode-se dizer que a grande transição do Cristianismo dos Apóstolos para o pseudo-Cristianismo dos patriarcas e imperadores – a transformação do Cristianismo em Igrejanismo – começou com Constantino, no início do século IV. Suas relações com o poder temporal sofreram uma mudança completa. O paganismo se rendeu a ele. Assim como as pedras dos templos pagãos foram reconstruídas em igrejas cristãs, os princípios pagãos defendidos pelas massas modificaram e corromperam a religião de Cristo; enquanto o mundanismo dos interesses seculares derivados da união da Igreja e do Estado exerceu uma influência degradante, e o Cristianismo das Catacumbas e de Orígenes tornou-se a Igreja dos papas, da Inquisição e da Idade Média.

"Os escritores do século IV geralmente contradizem os do segundo, que foram em parte testemunhas, ou relataram evidências credíveis e tradições plausíveis, ao passo que esses pais

posteriores foram apenas críticos, e a maioria deles muito indiferentes e tendenciosos. Pois eles frequentemente procedem de sistemas, históricos e doutrinários, que prejudicam fortemente suas qualificações para serem juízes”. Parece haver uma mudança completa na igreja após o Concílio de Nicéia. "A era Ante-Nicena foi o Mundo contra a Igreja; a era Pós-Nicena é a história do Mundo na Igreja. Como antagonista, o Mundo era impotente; como aliado, tornou-se perigoso e a sua influência desastrosa." [1]

“Desde a época de Constantino”, diz Schaff, “a disciplina eclesial declina; todo o mundo romano tornou-se nominalmente cristão e a hoste de professores hipócritas se multiplicou além de qualquer controle”. Foi durante o reinado de Constantino que, entre outras corrupções exógenas, o monaquismo entrou no Cristianismo, a partir das religiões hindus e de outras fontes, e deu origem àquelas organizações ascéticas tão estranhas ao espírito do autor da nossa religião, e tão produtivas

de erros e mal. Talvez a deterioração da doutrina e da vida cristã possa ser datada do edito de Milão (313 d.C.), quando "infelizmente, a igreja também iniciou uma carreira totalmente nova - a do patrocínio e da proteção do Estado. Aquilo que estava prestes a ganhar em poder material perderia em força moral e independência." É provável que o início da vida conventual das mulheres, a partir da qual cresceram os conventos e mosteiros que cobriram a cristandade nos séculos seguintes, tenha sido com Helena, a mãe do imperador Constantino, que em 331 d.C. encerrou uma vida piedosa aos oitenta anos de idade. Ela costumava reunir as virgens da igreja para as refeições, servindo-as com as próprias mãos à mesa e rezando na companhia delas.

Robertson diz: "Teófilo sucedeu Timóteo em Alexandria em 385 d.C., e ocupou a sé até 412. Ele era capaz, ousado, astuto, inescrupuloso, corrupto, voraz, dominador. Na primeira controvérsia entre Jerônimo e Rufino, ele

atuou como parte confiável de um mediador. Suas próprias inclinações eram, sem dúvida, a favor de Orígenes; ele até depôs um bispo chamado Paulo por sua hostilidade a esse professor, mas agora achou conveniente adotar uma linha de conduta diferente. Jerônimo e Teófilo posteriormente deram as mãos e se uniram em uma guerra amarga e implacável contra o grande Alexandrino. Parece ter havido muito pouco sinceridade no curso que seguiram.

19.2 Jerônimo – 331-420.

Jerônimo (Hierônimo) – 331-420 d.C. – foi um dos pais mais capazes do século em que viveu – “o mais erudito, exceto Orígenes”, até sua época. Escreveu em latim e foi contemporâneo de Agostinho, mas não aceitou todo o paganismo do grande corruptor do cristianismo. Ele estava alinhado com seus antecessores orientais (gregos). No início, ele foi um partidário entusiasta de Orígenes, mas mais tarde, quando se instalou a oposição

ao grande Alexandrino, tornou-se um componente igualmente violento. Schaff diz que ele era um grande aparador e servidor de tempo, e por fim pareceu concordar com a crescente influência do agostinianismo. Jerônimo "pertenceu originalmente, como o amigo de sua juventude, Rufino, e João, bispo de Jerusalém, aos mais calorosos admiradores do grande pai alexandrino (Orígenes). [2] Mas atacado como estava agora, com protestos de diferentes lados, ele começou, por ansiedade por sua própria reputação de ortodoxia, a separar-se com o máximo cuidado das heresias das quais foi acusado." Uma das obras de Orígenes, com a caligrafia de Pânfilo, chegou à posse de Jerônimo, que diz, possuindo-a, "possui a riqueza de Creso; está assinada, por assim dizer, com o próprio sangue do mártir".

Jerônimo traduziu quatorze homilias de Orígenes sobre Jeremias e quatorze sobre Ezequiel, e cita Dídimo dizendo que Orígenes foi o maior professor da igreja desde São Paulo. Durante sua residência

em Roma, Jerônimo elogiou muito Orígenes, mas logo depois, quando se viu acusado de heresia por fazê-lo, declarou que apenas o havia lido como havia lido outros hereges. Numa carta a Vigilantius ele diz: "Eu o elogio como intérprete, não como professor dogmático; por seu gênio, não por sua fé; como filósofo, não como apóstolo. *** Se você acredita em mim, eu nunca fui um Origenista; se você não acredita em mim, agora deixei de ser um." [3] Mas quando esteve em Cesaréia ele pegou emprestado o manuscrito da Hexapla de Orígenes e o comparou, e em Alexandria ele passou um mês com o grande universalista, o cego Dídimo.

É curioso notar, contudo, que Jerônimo não se opõe à restauração universal de Orígenes, mas o acusa erroneamente de defender a igualdade universal dos restaurados - de sustentar que Gabriel e o diabo, Paulo e Caifás, a virgem e a prostituta, irão ser iguais no mundo imortal. A ideia da restauração universal da humanidade, despojada da pré-existência, da igualdade universal, da

salvação dos espíritos malignos, etc., não parece ter sido muito contestada nos dias de Jerônimo, mesmo por aqueles que não a aceitaram.

19.3 Curso Político de Jerônimo.

A linguagem posterior de Jerônimo é: "E embora Orígenes declare que nenhum ser racional será perdido, e dê penitência ao maligno, o que isso significa para nós que acreditamos que o maligno e seus satélites, e todos os ímpios perecerão eternamente, e que os cristãos, *se tiverem sido cortados no pecado, serão salvos após o castigo*". Isto, no entanto, ocorreu depois que o cauteloso e político clérigo começou a se proteger, a fim de conciliar a crescente influência do agostinianismo. E as palavras em *itálico* acima mostram que seu castigo sem fim foi muito elástico.

Jerônimo usa a palavra tornada eterna na Bíblia (*aionios*) no sentido de duração limitada, já que Jerusalém foi queimada com fogo *aioniano* por Adriano; que Israel

experimentou a desgraça de *Aionion*, etc. Em seu comentário sobre Isaías, sua linguagem é:

"Aqueles que pensam que o castigo dos ímpios um dia, depois de muitas eras, terá um fim, confiam nestes testemunhos: Romanos 11:25; (Gálatas 3:22 ?) Miquéias 7:9; Isaias 12:1; (Sal. 30:20 ? ou 31:22 ?)", que ele cita, e acrescenta: "E isto devemos deixar somente ao conhecimento de Deus, cujos tormentos, não menos que sua compaixão, são na devida medida, e quem sabe como e por quanto tempo para punir. Isto apenas digamos como adequado à nossa fragilidade humana: "Senhor, não me repreenda em tua fúria, não me castigue com tua ira."

[N.T.] Romanos 11:25-26 Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. (v26) E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará

de Jacob as impiedades.

Miqueias 7:9 Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele, até que julgue a minha causa, e execute o meu direito: ele tirar-me-á à luz, verei satisfeito a sua justiça.

Isaías 12:1 E dirás naquele dia: Graças te dou, ó Senhor, de que, ainda que te iraste contra mim, contudo a tua ira se retirou, e tu me consolas.

Comentando Isaías 24, ele diz: "Isso parece favorecer aqueles meus amigos que concedem a graça do arrependimento ao diabo e aos demônios depois de muitas eras, para que eles também sejam visitados depois de um tempo. *** A fragilidade humana não pode conhecer o julgamento de Deus, nem se aventurar a formar uma opinião sobre a grandeza e a medida de seu castigo". Jerônimo freqüentemente expõe sua simpatia pela doutrina da restauração, como quando diz: "Israel e todos os hereges, porque tiveram as obras de Sodoma e Gomorra,

são derrubados como Sodoma e Gomorra, para que possam ser libertados como um tição arrancado do incêndio. E este é o significado das palavras do profeta: 'Sodoma será restaurada como antigamente', para que aquele que por seu vício é como um habitante de Sodoma, depois que as obras de Sodoma foram queimadas nele, possa ser restaurado ao seu antigo estado." [5]

Ao citar este pai, Allin diz, em *Universalismo Afirmado*: [N.T.] "Nem são estes exemplos isolados; encontrei quase cem passagens em suas obras (e há sem dúvida outras) indicando a simpatia de Jerônimo pelo Universalismo. Além disso devemos observar que por volta do ano 400 d.C., Jerônimo participou com Epifânio e o vergonhoso Teófilo contra Orígenes (a quem ele havia até então elogiado extravagantemente), ele, como Huet aponta, manteve um silêncio significativo sobre a questão da restauração humana. diz Huet, seiscentos testemunhos, você apenas prova que ele mudou de opinião.' Mas ele alguma vez

mudou de opinião? E se sim, até que ponto? Assim, em sua "Epis. ad Avit.', onde ele aborda detalhadamente os erros de Orígenes, ele não diz nada sobre a esperança maior; e quando acusado de Origenismo ele se refere aos seus comentários sobre Efésios, que ensinam o Universalismo mais franco. Como exemplo de seu elogio a Orígenes, ele diz, em uma carta a Paula, que Orígenes foi culpado, "não pela novidade de suas doutrinas, não por um relato de heresia, como agora fingem os cães loucos, mas por ciúme". de modo que chamar Orígenes de herege é parte de um cachorro louco! Observe isto, do mais ortodoxo Jerônimo."

.

[N.T.] *Universalismo Afirmado*, Thomas Allin pode ser encontrado em português e em PDF fazendo uma pesquisa na internet.

19.4 Uma história miserável.

Traduzindo as “Homilias” de Orígenes, que afirmam continuamente o

Universalismo, ele disse em seu prefácio que Orígenes era apenas inferior aos Apóstolos – *“alterum post apostolum ecclesiarum magistrum”*. A maneira como ele retratou esses sentimentos e se tornou o detrator e inimigo do homem para com quem admitiu sua dívida é vergonhosa para sua memória. Farrar chama com precisão o registro de seu comportamento de "uma história miserável". O pavor mórbido de Jerônimo de ser considerado herético levou-o, teme-se, a negar algumas de suas opiniões reais e a atacar violentamente aqueles que as sustentavam, a fim de desviar a atenção de si mesmo. [6]

Algumas de suas expressões são aqui apresentadas dentre as muitas citáveis. Em Ef. 4:16: "No final das coisas, todo o corpo que foi dissipado e dilacerado em diversas partes será restaurado. Vamos entender todo o número de criaturas racionais sob a figura de um único animal racional. Vamos imaginar este animal ser rasgado de modo que nenhum osso adira a osso, nem nervo a nervo.*** Na restituição

de todas as coisas, quando Cristo, o verdadeiro médico, tiver vindo para curar o corpo da igreja universal *** cada um *** deverá receberá seu devido lugar. *** O que quero dizer é que o anjo caído começará a ser aquilo que foi criado, e o homem que foi expulso do Paraíso será mais uma vez restaurado ao cultivo do Paraíso. *** Essas coisas então ocorrerão universalmente." *** Sobre Miqueias 5:8: “A morte virá como uma visita aos ímpios; não será perpétua; não os aniquilará; mas prolongará a sua visita até que a impiedade que há neles seja consumida”. *** Em Ef. 4:13, ele diz: “Deve surgir a questão de quem são aqueles de quem ele diz que todos entrarão na unidade da fé? Ele se refere a todos os homens, ou a todos os santos, ou a todos os seres racionais? que eu esteja falando de todos os homens." Em João 17:21: "No final e na consumação do Universo, todos serão restaurados ao seu estado harmonioso original, e todos seremos feitos um corpo e seremos unidos mais uma vez em um homem perfeito, e a oração de nosso Salvador será cumprida para que todos

possam ser um." Em sua homilia sobre Jonas, ele diz: “A maioria das pessoas (*plerique*, muitas) considera a história de Jonas como um ensinamento do perdão final de todas as criaturas racionais, até mesmo do diabo”. Isso nos mostra a prevalência da doutrina no século IV. Suas palavras são: “Os anjos apóstatas, e o príncipe deste mundo, e Lúcifer, a estrela da manhã, embora agora ingovernáveis, vagando licenciosamente e mergulhando nas profundezas do pecado, no final abraçarão o domínio feliz do Cristo e seus santos." Gieseler cita a seguinte frase dos comentários de Jerome sobre Gal. 5:22: “Nenhuma criatura racional diante de Deus perecerá para sempre”, e a partir desta linguagem o historiador não apenas classifica Jerônimo como um Universalista, mas considera isso uma prova de que a doutrina era então predominante no Ocidente. "O erudito, o famoso Jerônimo (380-390 d.C.), era nessa época um universalista da escola de Orígenes. Ele era, de fato, um escritor latino; mas pode ser mais apropriado apresentá-lo entre os pais gregos, já que

ele completou sua educação teológica no Oriente, e lá passou a maior parte de sua idade adulta e velhice. Um seguidor de Orígenes, de cujas obras ele tomou emprestado sem reservas, ele, no entanto, modificou seu esquema de salvação universal com poucas alterações. *** Em um período posterior ele foi levado, por uma disputa teológica e pessoal, a tomar partido contra esta doutrina." [7]

João Crisóstomo, 347-407 d.C., nasceu de ascendência cristã em Antioquia e tornou-se o orador de "boca de ouro" (significado de Crisóstomo) e um dos pais mais célebres. Ele era amigo íntimo de Teodoro de Mopsuéstia e de Diodoro de Tarso, e aluno deste último por seis anos. Ele não era polêmico, suas obras são principalmente expositivas e exortativas. O seu elogio aos seus amigos universalistas, Teodoro e Diodoro, deveria predispor-nos a considerá-lo como alguém que aprecia a visão deles sobre o destino humano, apesar das suas descrições sinistras dos horrores dos tormentos futuros.

19.5 Opiniões de Crisóstomo.

Em resposta à pergunta: “Se o fogo do inferno tem algum fim”, Crisóstomo diz: “Cristo declara que não tem fim. Bem”, acrescenta ele, “sei que um arrepio toma conta de você ao ouvir essas coisas, mas o que estou dizendo, mas o que posso fazer? Esta é a ordem do próprio Deus, *** que não tem fim, Cristo o declarou. Paulo também diz, ao apontar a eternidade do castigo, que o pecador pagará a penalidade da destruição, e isso para sempre. [8] À razoabilidade da pena aparentemente desproporcional, ele argumenta fracamente. Um exemplo da total inadequação de seu argumento é visto onde ele comenta a linguagem: “Se a obra de alguém for queimada, ele sofrerá perda, mas ele mesmo será salvo, ainda que pelo fogo”. Ele diz que significa “que enquanto as obras do pecador perecerem, ele será preservado no fogo para fins de tormento”. E ele dá os detalhes: "Um rio de fogo, e um verme venenoso, e trevas

intermináveis, e torturas imortais." [9] E, no entanto, ele pergunta com uma ênfase significativa que parece impedir a ideia do sofrimento irremediável do pecador: "Diga-me por que motivo você chora por aquele que partiu? É porque ele era mau? Mas por essa mesma razão você deve dar graças, porque suas más obras foram interrompidas. "Deus deve ser igualmente louvado quando castiga e quando liberta do castigo. Pois ambos brotam da bondade. *** É correto, então, louvá-lo igualmente por colocar Adão no Paraíso e por expulsá-lo; e para dar graças não apenas pelo reino, mas também pela Geenna. *** Cristo foi para a porção totalmente negra e triste do Hades, e transformou-a no céu, transferindo toda a sua riqueza, a raça do homem, para o seu tesouro real." [10]

19.6 Neander e Schaff.

Dr. Schaff nos informa que "Nitzsch inclui Gregório Nazianzeno e possivelmente Crisóstomo entre os

Universalistas, e diz que Crisóstomo elogiou Orígenes e Diodoro, e que seus comentários sobre 1ºCor. 15:28, pareciam uma *apokatástase*." (restauração)

Dr. Beecher o classifica entre os “crentes esotéricos”. Neander pensa que acreditava no universalismo, mas sentiu que a doutrina oposta era necessária para alarmar a multidão. Sobre as palavras: “Ao nome de Jesus todo joelho se dobrará”, Crisóstomo diz: “O que isso significa de 'coisas no céu, na terra e debaixo da terra?' Significa o mundo inteiro, e anjos, e homens, e demônios. Ou significa tanto os santos quanto os pecadores. Aluno de Diodoro, de Tarso, por seis anos, e colega de Teodoro de Mopsuéstia, ambos universalistas, ele não pode ser considerado de outra forma senão simpatizante deles neste importante tema. Ele deve ter sido um daqueles crentes esotéricos descritos em outros lugares, pois diz, de acordo com Neander, que encontrou a doutrina da punição sem fim necessária ao bem-estar dos pecadores e, por esse motivo, a pregou. A

influência dos Alexandrinos estava diminuindo, e o ambiente pagão fermentava o Cristianismo, que logo assumiu uma fase totalmente estranha à sua pureza primordial.

[1] Hipp. e sua época.

[2] Cônego Freemantle em *Dicionário de Biografias Cristãs* Vol. III., 1 arte. Jerônimo.

[3] Epist. xxxiii. Migne Vol. XXII.

[4] Plumptre, *Dicionário de Biografias Cristãs* II, art. “Escatologia”.

[5] Com. em Amós.

[6] Ele chama Orígenes de "aquele intelecto imortal".

[7] Univ. Quar. maio de 1838.

[8] Hom. IX sobre 1ºCor. 3:12-16.

[9] Hom. XI sobre 1ºCor. 4:3.

[10] Sermão xxxiv; sobre Salmos 148; Ser. xxx.

Capítulo 20. Agostinho – A Deterioração Continua.

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, Numídia, em 13 de novembro de 354, e morreu em 420. Ele foi a grande fonte de erro destinada a adulterar o Cristianismo e mudar seu caráter por longos séculos. Em disposição e espírito ele era totalmente diferente dos pais amáveis e eruditos que proclamaram uma fé anterior e mais pura. Ele desenvolveu plenamente aquela mudança de opinião que estava destinada a influenciar o Cristianismo por muitos séculos. Ele mesmo nos informa que passou a juventude nos bordéis de Cartago, depois de uma infância mesquinha e ladra. [1] Ele rejeitou a mãe de seu filho ilegítimo, Adeodato, com quem deveria ter se casado, como sua santa mãe, Mônica, o exortou a fazer. É

uma indicação interessante do tipo de piedade latina saber que sua mãe lhe permitiu viver em casa durante sua vida vergonhosa, mas que quando ele adotou a heresia maniqueísta ela lhe proibiu sua casa. E depois, quando ele se tornou "ortodoxo", embora ainda vivesse imoralmente, ela o recebeu em sua casa. A sua vida foi destituída das reivindicações daquela relação paterna em que assenta a sociedade, e que nosso Senhor faz do fato fundamental da sua religião, a Paternidade. Ele transferiu para Deus as características dos reis semipagãos, e sua teologia foi um híbrido nascido do Código de Direito Romano e da Mitologia Pagã.

20.1 Agostinho e Orígenes contrastados.

O contraste entre o sistema de Orígenes e o de Agostinho é semelhante ao da luz e das trevas; com o primeiro, Paternidade, Amor, Esperança, Alegria, Salvação; com o outro, Vingança, Castigo, Pecado, Desespero Eterno. Com Orígenes, Deus triunfa e há uma unidade final; com

Agostinho o homem continua em rebelião sem fim, e Deus é derrotado, e um dualismo eterno prevalece. E o efeito sobre o crente foi, num caso, um amor compassivo e caridade que produziu um coração comovido que não suportava pensar nem mesmo no diabo não salvo, e que antecedeu a oração do poeta:

"Oh, você deveria pensar e se emendar?"

e que acreditava que a oração seria respondida; e no outro, uma indiferença insensível à miséria da humanidade, que ele chamava de "um lote maldito e uma massa de perdição". [2]

20.2 Reconhecimento de Agostinho.

Agostinho trouxe consigo sua teologia do maniqueísmo quando se tornou cristão, mas acrescentou perpetuidade ao dualismo que Mani tornou temporal. "A doutrina do castigo sem fim assumiu nos escritos de Agostinho uma proeminência e uma rigidez que não tinham paralelo na

história anterior da teologia *** e que lembra mais o ensinamento de Maomé do que o de Cristo. [3] Até ele, mesmo no Ocidente, era uma questão em aberto se o castigo futuro do pecado sem arrependimento e não abandonado seria infinito. Agostinho mesmo informou o fato de que alguns, na verdade muitos, ainda recorriam à misericórdia e ao amor de Deus como um terreno de esperança para a restauração final da humanidade [4] *** ele é o primeiro escritor a empreender uma longa e elaborada defesa da doutrina da punição sem fim, e a travar uma polêmica contra seus impugnadores. *** Ele reúne os ' cristãos de coração terno,' como ele os chama, que não podem aceitar isso." Por volta de 420 ele fala de seus "irmãos misericordiosos", [5] ou partido de piedade, entre os cristãos ortodoxos, que defendem a salvação de todos, e os desafia, como Orígenes, a defender também a redenção do diabo e de seus anjos. Assim sabemos que, embora o vírus do Paganismo Romano estivesse se espalhando, a verdade do Evangelho ainda era amplamente

mantida. E foi o imenso poder que Agostinho passou a exercer que dominou de tal forma a igreja que mais tarde eliminou a doutrina da salvação universal.

20.3 Críticas e erros de Agostinho.

Agostinho presumiu e insistiu que as palavras que definem a duração da punição, no Novo Testamento, ensinam sua infinitude, e a afirmação apresentada por Agostinho é a que ainda é defendida pelos defensores da "crença moribunda", de que aeternus em latim, e aionios no original grego significa duração interminável. Parece que um presbítero espanhol, Orosius, visitou Agostinho no ano 413 e pediu-lhe argumentos para enfrentar a posição de que a punição não seria sem fim, porque aionios não denota eternidade, mas duração limitada. Agostinho respondeu que embora *aion* significasse duração limitada e também infinita, os gregos só usavam *aionios* para infinita, e ele originou o argumento ao qual tanto se recorreu até agora, com

base no fato de que em Mateus 25:46, a mesma palavra é aplicada à “vida” e ao “castigo”.

[N.T.] Mateus 25:46
και απελευσονται ουτοι εις κολασιν αιωνιον οι δε δικαιοι εις ζωην αιωνιον
E estes irão para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.

20.4 A ignorância de Agostinho.

O estudante de grego não precisa ser informado de que o argumento de Agostinho está incorreto, e nem precisa ser assegurado de que Agostinho não sabia grego. Isso ele confessa. Ele diz que “detesta o grego” e o “aprendizado gramatical dos gregos”. [6] é anômalo na história da crítica que gerações de estudiosos se baseiem em uma questão de definição grega de alguém que admite que "não aprendeu quase nada de grego" e "não era competente para ler e compreender" a língua e rejeitar a posição

daqueles que nasceram gregos! Que tal homem contradiga e subverta os ensinamentos de homens como Clemente, Orígenes, os Gregórios e outros cuja língua materna era o grego, é extremamente estranho. Mas sua poderosa influência, auxiliada pelo braço civil, estabeleceu sua doutrina até que ela governasse os séculos. Agostinho sempre cita o Novo Testamento da antiga versão latina, a Itala, da qual a Vulgata foi formada, em vez do grego original. Veja o Prefácio de “Confissões”. Parece que a doutrina de Orígenes prevalecia no Nordeste da Espanha nesta época, e que a tradução de Jerônimo dos "Principiis" de Orígenes havia circulado com bons resultados, e que Agostinho, para neutralizar a influência do livro de Orígenes, escreveu em 415, uma pequena obra, "Contra os Priscilianistas e Origenistas." Por volta dessa época começaram os esforços de Agostinho e seus seguidores que posteriormente mudaram completamente o caráter da teologia cristã.

20.5 Milman sobre o agostinianismo.

Diz Milman: “A teologia agostiniana coincidiu com as tendências da época para o crescimento do forte sistema sacerdotal; e o sistema sacerdotal reconciliou a cristandade com a teologia agostiniana”. E foi na época de Agostinho, na maturidade dos seus poderes, que a igreja latina desenvolveu o seu sistema teológico, “diferindo em todos os pontos da teologia grega anterior, partindo de premissas diferentes, e totalmente acionada por outro motivo” [7] e desde então, por quase quinze séculos, ela dominou, e por mais de mil anos o sentimento da cristandade foi pouco mais ou menos que o eco da voz de Agostinho. "Quando Agostinho apareceu, a língua grega estava morrendo, o espírito grego estava diminuindo, o paganismo de Roma e seu gênio civil foram combinados, e um imperador romano usurpou o trono do Deus do amor." [8]

Agostinho declarou que Deus não tinha nenhum propósito bondoso em punir; que não seria injusto atormentar todas as

almas para sempre; alguns são salvos para ilustrar a misericórdia de Deus. A maioria “está predestinada ao fogo eterno com o diabo”. Ele sustentou, no entanto, que todas as punições além-túmulo não são infinitas. Ele diz: *“Non autem omnes veniunt in sempiternas poenas, quæ post illud judicium sunt futuræ, qui post mortem sustinent temporales”*. [9]

20.6 Agostinho é menos severo que a ortodoxia moderna.

Agostinho, no entanto, considerou as penalidades do pecado de uma forma muito mais branda do que os seus degenerados descendentes teológicos nos tempos modernos. Ele ensina que os perdidos ainda retêm a bondade – valiosa demais para ser destruída, e por isso os piores não estão no mal absoluto, mas apenas em um grau inferior de bem. “A tristeza pelo bem perdido em estado de punição é um testemunho de uma boa natureza. Pois aquele que sofre pela paz perdida por sua natureza, sofre por ela

por meio de alguns restos de paz, o que faz com que a natureza seja amigável consigo mesma." Ele ensinou que embora as crianças não batizadas serão condenadas numa Gehenna de fogo, seus tormentos seriam leves (*levissima*) comparados com o tormento de outros pecadores, e que sua condição seria muito preferível à inexistência, e portanto uma bênção. Num *limbus infantum*, eles receberiam apenas uma *mitissima damnatio* (brandíssima condenação). Ele também ensinou que a morte não necessariamente pôs fim à provação, como é demonstrado plenamente em “A Descida de Cristo ao Hades”. A ideia de Agostinho foi reduzida a poesia no século 16 pelo Rev. Michael Wigglesworth, de Malden, Massachusetts, que era o pastor puritano da igreja daquele lugar. Um fato curioso na história da paróquia é este: a igreja onde estes sentimentos ridículos foram expressos tornou-se Universalista em 1828, por voto da paróquia, e é agora a igreja Universalista em Malden. O poema representa Deus dizendo às crianças não eleitas:

"Vocês são pecadores, e tal parte
Como os pecadores podem esperar,
Tal você terá, pois eu salvo ninguém,
Exceto meus próprios eleitos.

No entanto, para comparar o seu pecado com o deles
Que viveram mais tempo,
Eu confesso que o seu é muito menor
Embora todo pecado seja um crime.

É um crime, portanto, você pode não ter
Esperança de morar em êxtase,
Mas para você eu permitirei
O quarto mais fácil do inferno!"

Agostinho pensava que o fogo purificador poderia queimar os pecados veniais entre a morte e a ressurreição. Ele diz: “Não refuto isso, porque talvez seja verdade”; [10] e que os pecados dos bons podem ser erradicados por um processo semelhante.

Ele foi certamente um exemplo que poderia ter sido copiado com vantagem

pelos oponentes do Universalismo em anos muito recentes. Embora tenha dito que a Igreja "detestava" isso, Agostinho gentilmente acrescentou: "Aqueles que acreditam nisso, e ainda assim são católicos, parecem-me enganados por uma certa ternura humana", e instou Jerônimo a continuar a traduzir Orígenes para o benefício da igreja africana! [11]

20.7 Decadência e Deterioração.

Sob tais influências malignas, porém, a teologia ampla e generosa do Oriente logo desapareceu; a língua em que foi expressa – a língua de Clemente, Orígenes, Basílio, dos Gregórios, tornou-se desconhecida entre os cristãos do Ocidente; as doutrinas cruéis de Agostinho harmonizaram-se com a crueldade dos bárbaros e do paganismo romano amalgamadas, e assim a África sufocou o espírito mais brando da cristandade, e Agostinho prendeu os grilhões que algemariam a igreja por mais de dez longos séculos. “O triunfo da teologia

latina foi a morte da exegese racional."

Mas antes que esta influência maligna prevalecesse, alguns dos grandes pais latinos rivalizaram com os líderes imortais da igreja oriental. Entre estes estava Ambrósio, de quem Jerônimo diz, "quase todos os seus livros estão cheios de Origenismo", o que Huet repete, enquanto o "Dicionário de Biografia Cristã" nos diz que ele ensina que "até para os ímpios a morte é um ganho". Assim, o pensamento genial de Orígenes ainda era potente, mesmo no Ocidente, embora uma teologia mais dura o estivesse superando.

Diz Hagenbach: "Em proporção ao desenvolvimento da ortodoxia eclesiástica em uma forma fixa e sistemática, houve a perda da liberdade individual no que diz respeito à formulação de doutrinas, e o risco crescente de se tornar herético. A tendencia mais liberal de teólogos como Orígenes não podia mais ser tolerada e foi finalmente condenada. Mas, apesar dessa condenação externa, o espírito de Orígenes continuou a animar os principais

teólogos do Oriente, embora tenha sido mantido dentro de limites mais estreitos. As obras deste grande mestre também foram divulgadas no Ocidente por Jerônimo e Rufino, e exerceu influência até mesmo sobre seus oponentes." Depois de Justiniano, o império e a influência gregos contraíram-se e o poder latino e romano expandiu-se. O latim tornou-se a língua do cristianismo, e o sistema e os seguidores de Agostinho usaram-no como instrumento para moldar o cristianismo num paganismo africo-romano. Os credos dos Apóstolos e Nicenos foram desconsiderados, e o Arianismo, o Origenismo, o Pelagianismo, o Maniqueísmo e outras chamadas heresias foram quase ou totalmente obliterados, e as invenções agostinianas de depravação original e herdada, predestinação e tormentos infernais sem fim, tornaram-se a teologia de Cristandade.

20.8 Cristianismo Paganizado.

Assim, diz Schaff, “o estado romano,

com suas leis, instituições e costumes, ainda estava profundamente enraizado no paganismo. A cristianização do estado equivalia, portanto, a uma paganização e secularização da igreja. O mundo venceu a igreja tanto quanto a igreja venceu o mundo, e o ganho temporal do Cristianismo foi em muitos aspectos cancelado pela perda espiritual. A massa do Império Romano foi batizada apenas com água, não com o espírito e fogo do Evangelho, e contrabandeou práticas e costumes pagãos para o santuário com um novo nome." A ampla fé dos cristãos primitivos empalideceu e desapareceu diante dos terrores sinistros do agostinianismo. Desapareceu no século VI, “esmagado”, diz Bigg, “pela tirania e pela ignorância de chumbo da época”. Permaneceu no Oriente por algum tempo, foi "amplamente difundido entre os mosteiros do Egito e da Palestina" e só cessou quando o agostinianismo, o catolicismo e o poder de Roma inauguraram e promoveram a escuridão da Idade das Trevas. Diz um escritor preciso: “Se Agostinho não tivesse nascido

africano e sido educado como maniqueu, ou melhor, se ele apenas tivesse se dado ao trabalho de aprender grego – um trabalho ao qual ele confessa ter se esquivado – o que flui da teologia cristã poderia ter sido mais puro e mais doce."

20.9 Agostinianismo Cruel.

Em nenhum outro aspecto Agostinho diferia mais amplamente de Orígenes e dos Alexandrinos do que em seu espírito intolerante. Até Tertuliano concedeu a todos o direito de opinião. Gregório de Nazianzo, Ambrósio, Atanásio e o próprio Agostinho, em seus primeiros dias, registraram a tolerância que o Cristianismo exige. Mas depois ele passou a defender a perseguição de oponentes religiosos. Milman observa: “Com vergonha e horror ouvimos do próprio Agostinho aquele axioma fatal que impiedosamente vestiu a crueldade sob o manto da caridade cristã”. [12] Ele foi o primeiro na longa linhagem de perseguidores cristãos e ilustra o caráter

da teologia que o influenciou no espírito perverso que o impeliu a defender o direito de perseguir os cristãos que diferem daqueles que estão no poder. As páginas sombrias que trazem o registro dos séculos subsequentes são um testemunho contundente do espírito cruel que acionou os cristãos e da teologia cruel que o impulsionou. Agostinho "foi o primeiro e mais hábil afirmador do princípio que levou às cruzadas albigenses, às armadas espanholas, às carnificinas da Holanda, aos massacres de São Bartolomeu, às malditas infâmias da Inquisição, à vil espionagem, aos hediondos incêndios em fardos de Sevilha e Smithfield, às torturas , as forcas, os parafusos de dedo, as câmaras de tortura subterrâneas usadas pelos torturadores da igreja." [13] E George Sand diz bem que a Igreja Romana cometeu suicídio no dia em que inventou um Deus implacável e uma condenação eterna. [14]

[1] Confissões, III, Cap. e-iii.

[2] *Conspersio Damnata, massa*

perditionis.

[3] Allen, Cont. Pensamento Cristão..

[4] Enchiridion cxii: "*Frustra itaque nonulli, imo quam plurimi, æternam Damatorum poenam et cruciatus sine intermissione perpetuos humano miserantur effectu, atque ita futurum esse non credunt."*

[5] *Misericordibus nostris*. De Civ. Dei., xxi: 17.

[6] *Græcæ autem linguæ non sit nobis tantus habitus, ut talium rerum libris legendis et intelligendis ullo modo reperiamur idonei, (De Trin. lib III); e, et ego quidem gæcæ linguæ perparum assecutus sum, et prope nihil. (Contra litteras Petiliani, lib II, xxxviii, 91. Migne, Vol. XLIII.) Quid autem erat causæ cur gæcas liteiras oderam quibus puerulus imbuebar ne nunc quidem mihi satis exploratum est:* "Mas qual foi a causa da minha antipatia pela literatura grega , que estudei desde a infância, ainda não

consigo entender." Conf. I:13. Esta ignorância das Escrituras originais foi um equipamento pobre para fornecer aos críticos ortodoxos durante mil anos. Veja Rosenmuller, Hist. Interp., III, 40.

[7] Cristo latino. I.

[8] Allen, cont. Pensamento de Cristo, pág. 156.

[9] *De Civ. Dei.*

[10] *De Civ. Dei. "non redarguo, quia forsitan verum est.*"

[11] Ep. 8.

[12] Cristianismo Latino, I, 127.

[13] *Vidas dos Pais* de Farrar.

[14] "L'Eglise Romaine s'est porte le dernier coup: elle a consomme son suicidale le jour on elle a fait Dieu implacable et la danation eternelle." Espirídio.

Capítulo 21. Tentativas malsucedidas de suprimir o universalismo.

Historiadores e escritores sobre o estado de opinião na igreja primitiva erraram muitas vezes ao declarar que um concílio eclesiástico declarou herética a doutrina da salvação universal, já no século VI. Mesmo um escritor tão erudito e preciso como o nosso Dr. Ballou, caiu neste erro, embora seu editor, o Rev. A. St. John Chambre, D. D., posteriormente corrigiu o erro em uma breve nota.

Em 399 d.C., um concílio em Jerusalém condenou os Origenistas, e todos os que defendiam com eles, que o Filho estava de alguma forma subordinado ao Pai. Em 401, um concílio em Alexandria anatematizou os escritos de Orígenes, presumivelmente pela mesma razão acima. Certamente as suas opiniões sobre o destino humano não foram mencionadas.

Em 544-6, uma condenação das opiniões de Orígenes sobre a salvação humana foi tentada a ser extorquida de um pequeno concílio local em Constantinopla, pelo imperador Justiniano, mas seu edito não foi obedecido pelo concílio. Ele emitiu um édito a Mennas, patriarca de Constantinopla, exigindo-lhe que reunisse os bispos residentes, ou ali presentes casualmente, para condenar a doutrina da restauração universal. Fulminando dez anátemas, ele instou especialmente Mennas a anatematizar a doutrina "de que os homens ímpios e os demônios serão finalmente libertados de seus tormentos e restabelecidos em seu estado original". [1] Ele escreveu a Mennas exigindo que ele elaborasse um cânone com estas palavras:

"Quem diz ou pensa que os tormentos dos demônios e dos homens ímpios são temporais, de modo que finalmente chegarão ao fim, ou quem defende a restauração dos demônios ou dos ímpios, seja anátema."

21.1 Opiniões de Justiniano.

Admite-se que o imperador meio pagão se apegou à ideia de miséria sem fim, pois ele passa não apenas a defender, mas a definir a doutrina. [2] Ele não diz apenas: "Acreditamos em aionion kolasin", pois isso foi exatamente o que o próprio Orígenes ensinou. Ele também não diz "a palavra aionion foi mal compreendida; ela denota duração infinita", como ele teria dito, se houvesse tal desacordo. Mas, escrevendo em grego, com todas as palavras daquela copiosa língua à sua escolha, ele diz: "A santa igreja de Cristo ensina uma vida eterna (*ateleutetos aionios*) sem fim aos justos, e uma punição sem fim (ateleutetos) aos ímpios.[N.T.]" Se ele supusesse que *aionios* denotasse duração infinita, ele não teria acrescentado a palavra mais forte a ela. O fato de ele tê-la qualificado por ateleutetos demonstrou que, ainda no século VI, a primeira palavra (*aionios*) não significava duração infinita.

[N.T.] ateleutetos => a+teleutetos

=> a = sem + tele = fim, completo, morto; τελευτα (G5053))

Justiniano só precisou consultar seu contemporâneo, Olimpiodoro, que escreveu sobre esse mesmo assunto, para justificar sua linguagem. Em seu comentário sobre a Meteorologia de Aristóteles, [3] ele diz: "Não suponha que a alma seja punida por eras infinitas (απειρους αιωνας) no Tártaro. Muito apropriadamente, a alma não é punida para gratificar a vingança da divindade, mas por uma questão de cura. Mas dizemos que a alma é punida por um período aeoniano, chamando sua vida, e seu período de punição atribuído, de seu aeon. Notar-se-á que ele não apenas nega a punição sem fim, mas nega que a doutrina possa ser expressa por *aionios*, declara que a punição é temporária e resulta na melhoria do pecador. Justiniano não apenas admite que *aionios* requer uma palavra que denote infinitude para dar-lhe o sentido de duração ilimitada, mas insiste que o concílio elabore um cânone contendo uma palavra que

indiscutivelmente expresse a doutrina da miséria sem fim, ao mesmo tempo que condenará aqueles que defendem salvação universal. Agora, embora o imperador tenha exercido sua grande influência para impor sua doutrina pagã aos cânones da Igreja, ele falhou; pois nada parecido com isso aparece nos cânones promulgados pelo concílio sinodal.

O sínodo votou quinze cânones, nenhum dos quais condena a restauração universal.

21.2 Cânones do Sínodo Doméstico.

O primeiro cânone diz assim: “Se alguém afirma a fabulosa pré-existência das almas e a monstruosa restauração* que dela se segue, seja anátema”.

*(N.T.) restauração: provavelmente a palavra original era *apokatastasis.*

Esta condenação, como se verá facilmente, não é de salvação universal, mas de uma restituição ou restauração

“monstruosa” baseada na pré-existência da alma. Que esta visão está correta aparece no décimo quarto anátema:

“Se alguém disser que haverá uma unidade única de todos os seres racionais, sendo as suas substâncias e individualidades retiradas juntamente com os seus corpos, e também que haverá uma identidade de cognição como também de pessoas, e que na fabulosa restituição eles só estará nu mesmo quando eles existiram naquela pré-existência que eles insanamente introduziram, que ele seja anátema."

O leitor perceberá imediatamente que esses cânones não descrevem nenhuma forma genuína de nossa fé, mas apenas uma caricatura distorcida que, sem dúvida, foi considerada representativa da doutrina a que se opunham. Mas nenhum dos nove anátemas ordenados por Justiniano foi sancionado pelo concílio. Eles foram apresentados ao Sínodo Doméstico, mas o Sínodo não os endossou. Quinze cânones foram aprovados, mas o

Sínodo recusou-se a reprovar a salvação universal. Justiniano não conseguiu obrigar os bispos sob seu controle a condenar a doutrina que ele odiava, mas que eles devem ter favorecido. A teoria aqui condenada não é a da salvação universal, mas a “fabulosa pré-existência de almas e a monstruosa restituição que dela resulta”. [4]

Os bispos, diz Landon, declararam que aderiram às doutrinas de Atanásio, Basílio e dos Gregórios. A doutrina de Teodoro sobre a filiação de Cristo foi condenada, assim como os ensinamentos de Teodoreto. "Orígenes não foi condenado." [5]

21.3 O Conselho recusou-se a condenar o universalismo.

Mesmo a influência de Justiniano e do seu bispo obsequioso, e da sua rainha de má reputação, não conseguiu forçar a medida. A ação deste Sínodo local foi

incorretamente atribuída ao Quinto Concílio Ecumênico, nove anos depois, que também foi erroneamente suposto ter condenado o Universalismo, quando apenas repreendeu alguns dos caprichos do "Origenismo" - doutrinas que até o próprio Orígenes nunca aceitou, mas que lhe foram falsamente atribuídas por oponentes ignorantes ou maliciosos; doutrinas que não se assemelham mais à restauração universal, tal como ensinada pelos Pais Alexandrinos, do que à Teosofia ou ao Budismo. De modo que, embora o Sínodo Doméstico tenha sido convocado pelo Imperador Justiniano expressamente para condenar o Universalismo, e tenha sido ordenado pelo edito imperial a anatematizá-lo, e embora tenha formulado quinze cânones, recusou-se a obedecer ao Imperador, e não disse uma palavra contra o doutrina que o Imperador desejava anatematizar. O conselho local não chegou a nenhuma decisão. Justiniano acabara de condenar arbitrariamente os escritos de Teodoro de Mopsuéstia e de Teodoreto, e uma terrível controvérsia e divisão se seguiu, e Teodoro, de Cesaréia,

declarou que tanto ele quanto Pelágio, que havia buscado a condenação de Orígenes, deveriam ser queimados vivos por sua conduta. [6]

No Quinto Concílio Geral de 553 o nome de Orígenes aparece com outros no cânon 11, mas os melhores estudiosos pensam que a inserção de seu nome é uma falsificação.

Quer seja assim ou não, não há uma palavra que se refira às suas opiniões sobre o destino humano. Seu nome só aparece entre os nomes dos hereges, como "Ário, Eunômio, Macedônio, Apolinário, Eutiques, Orígenes e outros homens ímpios, e todos os outros hereges que são condenados e anatematizados pela Igreja Católica e Apostólica, etc." [7] O Quinto Concílio Ecumênico, que foi realizado nove anos depois do local, não condenou Orígenes nominalmente, nem anatematizou seu Universalismo. O objetivo deste concílio era condenar certas doutrinas nestorianas; e Gregório de Nissa, o mais explícito dos

universalistas, é referido com honra pelo concílio, e como a negação da punição sem fim por Orígenes e sua defesa do universalismo não são mencionadas, não podemos evitar a convicção de que o concílio era controlado por aqueles que defendiam, ou pelo menos não repudiavam, o universalismo.

Existe grande confusão entre as autoridades neste assunto. O conselho local foi confundido com o geral. Hefele desemaranhou as perplexidades.

Não foi ainda naquele dia - três séculos após a sua morte - o universalismo de Orígenes que causou o ódio dos seus oponentes, mas a sua oposição à política episcopizante da Igreja, a sua insistência no triplo sentido da Palavra, etc., e a forma peculiar de uma doutrina distorcida da restauração. [8]

21.4 Universalismo não condenado há cinco séculos.

Agora, lembre-se o leitor de que durante mais de quinhentos anos, durante os quais o universalismo prevaleceu, não se sabe que tenha sido escrito um único tratado contra ele. E com exceção de Agostinho, nenhuma oposição parece ter sido levantada contra ele por parte de qualquer escritor cristão eminente. E não só isso, mas em 381 d.C., no primeiro grande Concílio Ecuménico de Constantinopla, o líder intelectual foi Gregório de Nissa, que ficou atrás apenas de Orígenes como defensor da restauração universal. Assim, não só os seus seguidores, mas também os seus oponentes em outros temas, aceitaram a grande verdade do Evangelho. Como observa claramente o Dr. Beecher: "É também um fato surpreendente que, enquanto Orígenes jaz sob o peso do ódio como herege, Gregório de Nissa, que ensinou a doutrina da restauração de todas as coisas de forma mais completa até mesmo do que Orígenes, foi canonizado. , e está no topo da lista de santos eminentes, mesmo na Igreja Católica Romana ortodoxa." A conclusão

de Beecher é: "Que as visões ortodoxas modernas quanto à doutrina da punição eterna, em oposição à restauração final, não foram totalmente desenvolvidas e estabelecidas até meados do século VI, e que então não foram estabelecidas por argumentos completos, mas pela autoridade imperial." Mas o fato é que eles ainda não estavam maduros e estabelecidos.

O erudito Professor Plumptre diz no “Dicionário de Biografias Cristãs”: “Não temos nenhuma evidência de que a crença na doutrina, que prevaleceu nos séculos IV e V, tenha sido definitivamente condenada por qualquer concílio da Igreja, e na medida em que Orígenes foi nomeado como sujeito à censura da Igreja, era mais como se estivesse envolvido na sentença geral proferida contra os líderes do Nestorianismo, do que apontado por erros especiais e característicos. Assim, o Concílio de Constantinopla, o chamado Quinto Concílio Geral, 553 d.C., condena Ário, Eunômio, Macedônio, Apolinário,

Nestório, Eutiques e Orígenes de uma só vez, mas não especifica os erros dos últimos mencionados, como se eles diferissem em espécie dos deles, e não foi até o concílio de Constantinopla, conhecido como Trullo (696 d.C.) que encontramos um anátema que especifica um tanto nebulosamente a culpa de Teodoro de Mopsuéstia, e Orígenes, e Dídimo, e Evágrio, que consiste em "inventar uma mitologia à maneira dos gregos, e inventar mudanças e migrações para nossas almas e corpos, e proferindo impiamente delírios bêbados sobre a vida futura dos mortos.' Merece ser notado que este anátema ambíguo pronunciado por um concílio sem autoridade, sob o fraco e cruel Imperador Justiniano II, é a única abordagem para uma condenação da escatologia de Orígenes que os anais dos concílios da igreja apresentam. [9]

21.5 Fatos e Conclusões Significativos.

Agora deixe o leitor recapitular: 1) Orígenes durante sua vida nunca niguém

se opôs ao seu universalismo; 2) após a sua morte, Metódio, por volta de 300 d.C., atacou os seus pontos de vista sobre a ressurreição, a criação e a pré-existência, mas não disse uma palavra contra o seu universalismo; 3) dez anos mais tarde, Pânfilo e Eusébio (310 d.C.) defenderam-no contra nove acusações que foram feitas contra os seus pontos de vista, mas o seu universalismo não estava entre elas; 4) em 330, Marcelo de Ancira, um universalista, opôs-se a ele por suas opiniões sobre a Trindade, e 5) Eustáquio por seus ensinamentos sobre a Bruxa de Endor (1ºSamuel 28:7), mas limitou sua acusação a esses itens; 6) em 376 Epifânio atacou suas heresias, mas não nomeou o Universalismo como uma delas, e em 394 condenou a doutrina de Orígenes da salvação do Diabo, mas não de toda a humanidade; 7) em 399 e 401, as suas opiniões sobre a morte de Cristo para salvar o Diabo foram atacadas por Epifânio, Jerónimo e Teófilo, e a sua defesa da subordinação de Cristo a Deus foi condenada, mas não os seus ensinamentos sobre a salvação universal

do homem; e 8) foi somente em 544 e novamente em 553 que seus inimigos formularam ataques a essa doutrina e transformaram um imperador meio pagão em uma pata de gato, e mesmo então, embora este último tenha elaborado um cânone para o sínodo, este nunca foi adotado, e o concílio foi encerrado -, deve ter sido devido ao sentimento universalista nele contido - sem uma palavra de condenação do universalismo de Orígenes. Com exceção de Agostinho, a doutrina que tinha sido constantemente defendida, muitas vezes pelos mais eminentes, não suscitou uma expressão de oposição por parte de qualquer estudioso ou santo eminente.

21.6 Os Antigos Concílios.

O caráter desses antigos sínodos e concílios é bem descrito por Gregório Nazianzeno, 382 d.C., em uma carta a Procópio: "Estou determinado a evitar qualquer assembleia de bispos. Nunca vi um único caso em que um sínodo tenha

feito algum bem. A luta e a ambição os dominam em um grau incrível. *** Dos concílios e sínodos me manterei distante, pois experimentei que a maioria deles, para falar com moderação, não vale muito. *** Não vou sentar-me na sede dos sínodos, enquanto gansos e grous confusos discutem. A discórdia está lá, e coisas vergonhosas, antes escondidas, são reunidas em um ponto de encontro de rivais. Milman nos diz: “Em nenhum lugar o Cristianismo é menos atraente, e se olharmos para o tom e caráter comuns dos procedimentos, menos inspiradores do que nos Concílios da Igreja. É em geral uma colisão feroz de facções rivais, nenhuma delas quer ceder, cada um das quais é solenemente empenhada contra a convicção. Intriga, injustiça, violência, decisões baseadas apenas na autoridade, e as vezes a autoridade de uma maioria turbulenta, decisões por aclamação selvagem e não após investigação sóbria, diminuem a reverência e impugnam os julgamentos, pelo menos dos concílios posteriores. O encerramento é quase invariavelmente um terrível anátema, no

qual é impossível não discernir os tons do ódio humano, do triunfo arrogante, da alegria pela condenação imprecatada contra o adversário humilhado." [10] Cenas de conflitos e até assassinatos relacionados aos antigos concílios eclesiásticos não eram incomuns.

Não há qualquer evidência que mostre que não era inteiramente permitido, durante quinhentos anos depois de Cristo, nutrir a crença na salvação universal. Além disso, o Concílio de Nicéia, de 325 d.C., teve, como membro ativo, Eusébio, apologista de Orígenes, um universalista pronunciado; o Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., teve como membros ativos os dois Gregórios, Nazianzo e Nissa, este último um universalista tão declarado quanto o próprio Orígenes; o Concílio de Éfeso, em 431 d.C., declarou que os escritos de Gregório de Nissa eram o grande baluarte contra a heresia. O fato de a doutrina era e permanecer durante séculos predominante, demonstra que ela deve ter sido considerada uma doutrina cristã

pelos membros desses grandes concílios, ou eles teriam fulminado contra ela.

Quão absurda é a ideia de que o sentimento predominante da cristandade era adverso à doutrina da restauração universal, mesmo em meados do século VI, quando estes grandes grupos caçadores de heresias se reuniram e se dispersaram sem condená-lo, mesmo sob o ditado de um imperador tirânico, que exigiu expressamente a sua condenação.

1. Neander e Gieseler dizem que o nome de Orígenes foi introduzido na declaração do Quinto Concílio por falsificação numa data posterior. 2. Mas se a condenação foi realmente adotada, foi do “Origenismo”, que era sinônimo de outras opiniões. 3. “Origenismo” não poderia significar Universalismo, pois vários dos líderes do concílio que condenou o Origenismo promulgavam a restituição universal. 4. Além disso, o concílio referiu-se de forma elogiosa aos Gregórios (Nazianzeno e Nisseno), que eram universalistas tão explícitos quanto

Orígenes. Manifestamente, se o Concílio tivesse significado Universalismo por “Origenismo”, não teria condenado como uma heresia mortal em Orígenes o que Gregório de Nissa defendeu, e anatematizou um, e glorificou o outro.

21.7 A supressão da verdade por Justiniano.

Justiniano não só ordenou ao concílio que suprimisse o Universalismo, mas também fechou arbitrariamente as escolas em Atenas, Alexandria e Antioquia, e expulsou os grandes centros eclesiásticos daquela ciência teológica que tinha sido a sua glória. Ele "colocou todo o império sob seu domínio e desejava, da mesma maneira, estabelecer finalmente a lei e a dogmática do império". Para realizar esta obra maligna, ele encontrou ajuda em Roma, num "Papa sem caráter (Vigilius) que, ao agradar o imperador, cobriu-se de desgraça e pôs em risco a sua posição no Ocidente". Mas ele conseguiu inaugurar medidas que extinguiram a ampla fé dos

maiores pais da igreja. “Doravante”, diz Harnack, “não havia mais uma ciência teológica que voltasse aos primeiros princípios”. [11]

Os historiadores nos informam que Justiniano, o grande oponente do universalismo, era positivo, irritável, propenso a mudar de opinião e acessível às lisonjas e influências daqueles que o cercavam, mas, além disso, muito teimoso ao insistir em qualquer ponto de vista que ele tivesse na época e preparado para impor o cumprimento pelo livre emprego de seu poder despótico", um "papa temporal". [12] O corrupto Bispo Teófilo, a vil Eudóxia e a igualmente desonrosa, embora bela, astuta e inescrupulosa Teodora, exerceram uma influência maligna sobre Justiniano, o Imperador, e, assim, foi ditada a ação do conselho descrita acima.

21.8 Justiniano e sua época.

Milman declara: “O Imperador Justiniano

une em si os vícios mais opostos – rapacidade insaciável e prodigalidade pródiga, orgulho intenso e fraqueza desprezível, ambição desmedida e ignóbil covardia. Ele é o escravo uxório de sua Imperatriz, a quem, depois de ter ministrado aos prazeres licenciosos da população como cortesã e como atriz nas exibições mais imodestas, desafiando a decência, a honra, os protestos de seus amigos, e da religião, ele fez a parceira de seu trono. O Imperador Cristão parecia enfrentar os crimes daqueles que conquistaram ou asseguraram o seu império através do assassinato de todos os que temiam, da paixão pelas diversões públicas sem as realizações de Nero, da força bruta de Cómodo ou da senilidade de Cláudio." E ele foi o campeão do castigo sem fim (inferno infinito) no século VI!

Justiniano é descrito como um asceta, um escolástico e um pedante, "nem amado em vida, nem lamentado por sua morte".

A época de Justiniano, diz Lecky, que

condenou Orígenes, é considerada a mais vil dos séculos cristãos. A doutrina de um inferno de fogo literal e de duração infinita começou a ser um motor de tirania nas mãos de um sacerdócio inescrupuloso e de um imperador tirânico, e a degradação moral acompanhou a declinação teológica. “O veredicto universal da história é que ela constitui, sem uma única exceção, a forma mais vil e desprezível que a civilização já assumiu.” Em contraste com a era de Orígenes, era como a noite para o dia. E as pessoas que foram mais ativas e proeminentes na condenação do grande Alexandrino foram instrumentos adequados para a tarefa. Neste ponto, a linguagem de Farrar em “Misericórdia e Julgamento” é precisa: “Cada novo estudo das autoridades originais apenas deixa na minha mente uma impressão mais profunda de que mesmo no século V o universalismo no que diz respeito à humanidade era considerado uma opinião perfeitamente sustentável. "

21.9 A Luz Divina eclipsou.

Assim, o registro da época mostra, e o testemunho dos estudiosos que fizeram do assunto um estudo cuidadoso admite, que embora tenha havido ataques esporádicos à doutrina da restituição universal nos séculos IV e V; eles não tiveram sucesso em proibir um único conselho; mesmo até meados do século VI. Na medida em que a história mostra o fato sublime que os grandes alexandrinos deram destaque:

"Um evento divino para o qual toda a criação se move",

isso nunca tinha sido estigmatizado por qualquer parte considerável da igreja cristã durante pelo menos o primeiro meio milênio de anos.

A história subsequente do Cristianismo mostra claramente que a influência contínua da lei romana e da teologia pagã, encarnada no poderoso cérebro de Agostinho, veio a dominar o mundo cristão e, por fim, quase aniquilou a fé que uma vez foi entregue aos santos - a fé que

exerceu uma influência tão vasta nos primeiros e melhores séculos da igreja - e espalhou o manto de trevas sobre a cristandade, de modo que a luz do fato central do Evangelho dificilmente foi vista durante séculos tristes e cruéis.

[1] Nicéforo, Eccle. Hist., xvii: 27. Hefele, iv: 220.

[2] Mosheim I de Murdock, pp. Gieseler, Hist. vi, pág. 478. Também Hagenbach e Neander. História Literária de Cave.

[3] Vol. 1, pág. 282. Edição de Ideler.

[4] Mansi IX, pág. 395; Hefele, iv: 336.

[5] Landon, pp.

[6] Landon, Manual dos Concílhos, Londres, 1846, p. 174.

[7] O cânon diz: *"Si quis non anathematizat Arium, Eunomium, Macedonium, Apollinarium, Nestorium, Eutychen, Origenem cum impiis eorum*

conscriptis, et aliios omnes hæreticos, qui condenati et anathematizati sunt a Catholica et Apostolica Ecclesia", etc.

[8] Dietelmaier declara que muitos dos doutores da igreja concordaram com Orígenes em defender a salvabilidade do diabo.

[9] Artigo Escatologia p. 194; também Espíritos na Prisão, p. 41.

[10] Cristianismo latino. I, pág. 227.

[11] Esboços Hist. Dog., pág. 204, 208, 320, 323.

[12] Sozomen, História da Igreja; Gibão, Declínio e Queda.

Capítulo 22. O Eclipse do Universalismo.

A submersão do universalismo cristão nas águas escuras do cristo-paganismo

agostiniano, depois de ter sido a teologia predominante da cristandade durante séculos, é um dos fenômenos estranhos na história do pensamento religioso. Este volume explica, em parte, este fenômeno obscuro. A história testemunha que no final do que Hagenbach chama de segundo período, de 254 d.C. a 730 d.C., a opinião a favor da punição sem fim tornou-se "mais geral". Apenas alguns pertencentes à "humanidade origenista *** ainda ousavam expressar um vislumbre de esperança em favor dos condenados *** a doutrina da restituição de todas as coisas compartilhou o destino do Origenismo, e só apareceu nas eras posteriores em conexão com outras noções heréticas."

22.1 Desaparecimento da Verdade.

Kingsley atribui a decadência e deterioração da Escola Alexandrina e das suas doutrinas e métodos, ao abandono da sua intensa actividade, ao abandono do grande entusiasmo pela humanidade que

caracterizou Clemente, Orígenes e os seus colaboradores. Ele diz: “Não tendo mais pagãos com quem lutar, eles começaram a lutar entre si; *** eles se tornaram dogmáticos *** eles perderam o conhecimento de Deus, da justiça, do amor e da paz. Aquele *Logos Divino* e a teologia como um todo recuou cada vez mais para alturas abismais, à medida que se tornou um mero sistema sombrio de termos científicos mortos, sem qualquer influência prática em seus corações e vidas. Numa palavra, o seu abandono dos princípios de Clemente e da sua escola deixou o campo aberto às teorias mais práticas, diretas e metódicas, embora degradadas e corruptas, de Agostinho e seus associados. Este processo continuou até meados do século VII, quando, como observa Kingsley: “No ano de 640, os alexandrinos que se despedaçavam uns aos outros por causa de alguma controvérsia jacobita e melquita, para mim incompreensível no meio dessas controvérsias e motins jacobitas e melquitas, apareceram diante da cidade (de Alexandria) os exércitos de certas

tribos árabes selvagens e iletradas. Seguiu-se uma luta curta e infrutífera; e é estranho dizer, em poucos meses varridos da face da terra, não apenas a riqueza , o comércio, os castelos e a liberdade, mas a filosofia e o cristianismo de Alexandria; reduzido a pó, por um golpe terrível, tudo o que havia sido construído por Alexandre e os Ptolomeus, por Clemente e os filósofos, e anulado , ao que tudo indica, novecentos anos de trabalho humano. O povo, não tendo nenhum controle real sobre seu credo hereditário, aceitou, às dezenas de milhares, o dos invasores muçulmanos. O remanescente cristão tornou-se tributário, e Alexandria diminuiu a partir daquele momento. em uma pequena cidade portuária." [1]

O “Quadrimestral Universalista”, de janeiro de 1878, atribui o declínio e desaparecimento do Universalismo a uma total ausência de polêmica por parte de seus defensores; e considerar a doutrina como esotérica, em vez de para todos; por outras palavras, os métodos antidemocráticos daqueles que o

aceitaram. Estes fatores, sem dúvida, contribuíram, mas não são por si só suficientes para explicar o seu desaparecimento. [2]

22.2 Eclipse do Cristianismo.

Não faz parte do plano deste trabalho seguir seu destino após seu quase total desaparecimento durante séculos. Os esforços combinados de Agostinho e seus coadjutores e sucessores, ou papas e imperadores, do paganismo e do secularismo latino, de hordas ignorantes e meio convertidas de bárbaros pagãos, e de uma hierarquia que não poderia empregá-lo em seus esquemas ambiciosos, finalmente cristalizaram-se em o pseudocristianismo que reinou como um pesadelo sobre a cristandade, do século VII ao XV. A ignorância, a crueldade, a opressão eram quase universais, e a condição da humanidade refletia as opiniões defendidas pela igreja, sobre o caráter de Deus e do homem, do tempo e da eternidade, do céu e do inferno. Talvez

a hora mais sombria da noite de todos os tempos tenha sido pouco antes do alvorecer da Reforma. O pensamento cristão predominante foi representado na literatura e na arte, e os seus melhores expoentes do sentimento de mil anos são as obras do grande artista Miguel Ângelo e do igualmente grande poeta Dante. Eles concordam em espírito, e preto e branco, trevas e luz, verdade e falsidade não são mais antípodas do que a teologia de Dante e Angelo contrastada com a simplicidade alegre, a pureza divina da fé cristã primitiva. "Essa foi uma noite escura que caiu sobre o Cristianismo quando seu pensamento foi latinizado. Quando o Cristianismo passou a ser interpretado pela mente legal prosaica e não espiritual de Roma, o Evangelho entrou em um terrível eclipse. Quando o pensamento grego de Cristo deu lugar ao Latino uma noite chegou ao mundo cristão que se estende até os dias atuais. Então nasceram todas aquelas meias visões, visões distorcidas e falsas visões da doutrina cristã e da vida cristã que perverteram o Evangelho, confundiram o

intelecto humano e entristeceram o coração humano durante todos os longos séculos desde aquele dia até hoje.” [3]

22.3 As Caricaturas de Dante e Angelo.

Dois grandes homens de gênio de primeira ordem, o maravilhoso artista Miguel Ângelo e o igualmente grande poeta Dante, na tela e no verso, reuniram em seu ápice o pesadelo da descrença que havia obscurecido os séculos anteriores. Em Dante estão "heróis cristãos aparecendo em aspecto pagão, e poetas e pensadores pagãos meio aquecidos pela luz do Cristianismo", uma feliz caracterização do produto híbrido de verdade e erro que Dante descreve, e que passou pelo Cristianismo durante o século 16, e com modificações, prevaleceu desde então. O “Juízo Final” de Miguel Ângelo harmoniza-se com o pensamento do grande poeta. É uma reminiscência pagã – um sonho pagão hediondo. O manso e humilde Homem de Nazaré, que não quis quebrar a cana quebrada, foi travestido

por uma caricatura monstruosa. “Um herói nu, de ombros largos, com braços erguidos que poderiam derrubar um Hércules, distribuindo bênçãos e maldições, seus cabelos esvoaçando como chamas que a tempestade sopra de volta, e seu semblante irado olhando para o condenado com olhos assustadores, como se ele quisesse apressar a destruição em que sua palavra os mergulhou *** toda a figura lembra as palavras de Dante, nas quais ele chama Cristo de 'Sommo Giove', - o altíssimo Júpiter. Assim é ele ali representado; não o Filho do Homem sofredor, gentil como a lua, mais silencioso do que falador, com o pressentimento de seu destino escrito em seus olhos tristes. No entanto, se um Juízo Final fosse pintado, com condenação eterna, e Cristo como o juiz que pronuncia isso, como ele poderia aparecer de outra forma senão em tal terribilidade? *** Tal é o Juízo Final de Miguel Ângelo. Embora nutrimos o sentimento de que naquele dia, sempre que ocorrer, o amor de Deus perdoará todos os pecados como erro terreno, o romano vê apenas a raiva e a

vingança como procedentes do Ser Supremo, quando ele entra em contato com a humanidade pela última vez. Pois o pecador será condenado para sempre. É um eco da velha ideia, frequentemente recorrente no Antigo Testamento, de que o Ser Divino é um poder irado e temeroso, que deve ser apaziguado, em vez da Fonte do bem apenas, abolindo finalmente todo o mal como uma influência que enganou a humanidade. *** Ao olharmos, porém, para o Juízo Final na parede da Capela Sistina, ele não é mais uma semelhança conosco, mas um monumento do espírito imaginativo de uma época passada e de um povo estranho, cujas ideias não são mais nossas. Dante criou um novo mundo para as nações românicas, remodelando as formas da antiguidade pagã para sua mitologia cristã." [4] Materialista, grosseiro, foi o tipo de cristianismo que governou e oprimiu a humanidade por quase mil anos, e isso está refletido nas páginas de Dante, e na tela de Angelo, e reverbera com ecos cada vez menores - graças a Deus! - nos credos subsequentes da cristandade. Quase o único raio de luz,

que aliviou enquanto intensificava a escuridão das trevas da cristandade. durante aqueles séculos terríveis foi a adoração de Maria.

22.4 Renascimento do Universalismo.

A ressurreição do Universalismo após um eclipse de um milênio de anos é tão notável como foi o seu estranho desaparecimento. Não se pode encontrar melhor ilustração do que a história da nossa fé, da tenacidade da vida, da imortalidade, da verdade. Isso lembra a linguagem do sábio alemão Schopenhauer: "Sem dúvida, o erro pode desempenhar o seu papel, como as corujas à noite. Mas deveríamos antes esperar que as corujas fizessem com que o sol aterrorizado se retirasse para o Leste, do que ver a verdade, uma vez proclamada, ser tão reprimida que o erro antigo possa recuperar o terreno perdido e ali se restabelecer em paz. À verdade pertencem os "anos eternos de Deus", e seu surgimento após um desaparecimento

tão longo é uma ilustração de sua vitalidade imortal. “Esmagada na terra”, ela “ressuscitou” e está sendo rapidamente aceita por uma cristandade regenerada.

22.5 O Amanhecer da Verdade.

Com a invenção da imprensa, o alvorecer da luz na Reforma, [5] e o aumento da inteligência, a nossa forma distintiva de fé não só cresceu e se expandiu, mas o seu poder fermentador modificou os credos da cristandade, suavizando todas as teorias duras, e desdobrando uma "rosa da aurora" em todas as terras cristãs. Embora, como seu autor e revelador, parecesse morrer, deveria, como ele, surgir para uma nova e gloriosa ressurreição, pois as opiniões defendidas pelos grandes santos e estudiosos nos primeiros séculos do Cristianismo eram substancialmente aquelas que são ensinados pela Igreja Universalista para o século atual, na medida em que incluem o caráter de

Deus, a natureza e o destino final da humanidade, a ressurreição, o julgamento, o propósito e o fim da punição e outros temas cognatos. Sobre estes assuntos, os grandes Pais da Igreja posicionam-se como representantes do universalismo de hoje, de modo que o progresso das ideias cristãs que o final do presente século está a testemunhar não é, como muitos pensam, no sentido de algo novo, mas é no sentido da posição dos primeiros cristãos há mil e setecentos anos. É um renascimento, uma restauração do Cristianismo à sua pureza primitiva. Como Max Muller escreveu recentemente: "Se quisermos ser cristãos verdadeiros e honestos, devemos voltar às primeiras autoridades pré-Nicenas, os verdadeiros pais da igreja". [6] Isto está sendo feito por cristãos em todos os ramos da igreja. A Bíblia, que as mãos da ignorância transformaram num hediondo palimpsesto [N.T.], está sendo lida com algo do seu significado divino, e à medida que a luz aumenta sobre a página sagrada, mais e mais homens estão aprendendo a soletrar corretamente suas benditas mensagens, à

maneira como foram falados ou escritos no início - como os pais pré-Nicenos os leram - em harmonia com a natureza intelectual, moral e afetiva do homem, e com o caráter e atributos do Pai Universal.

[N.T.] Palimpsesto: Pergaminho cujo texto foi apagado para ser reutilizado, reescrito.

[1] Alexandria e suas escolas.

[2] Rev. S.S. Hebberd

[3] Rev. S. Crane, D.D., em *The Universalist.*

[4] Michael Angelo de Grimm.

[5] "Só na Alemanha, em seis anos desde a promulgação das noventa e cinco teses em Wittenberg, o número de publicações anuais aumentou doze vezes." Rev. W. W. Ramsay, Metodismo e Literatura, p. 232.

[6] Artigo lido no Parlamento Mundial das

Religiões, Chicago, setembro de 1893.

Capítulo 23. Resumo das Conclusões.

Alguns dos muitos pontos estabelecidos nas páginas anteriores podem ser aqui mencionados:

(1) Durante o Primeiro Século, os cristãos primitivos não se debruçaram sobre questões de escatologia, mas dedicaram a sua atenção à apologética; eles estavam principalmente ansiosos por estabelecer o fato do advento de Cristo e de suas bênçãos para o mundo. Possivelmente a questão do destino era uma questão em aberto, até que o paganismo e o judaísmo introduziram ideias errôneas, então a doutrina da *apokatástase* do Novo Testamento foi afirmada, e a restauração universal tornou-se uma crença aceita, como declarado mais tarde por Clemente e Orígenes, 180-230 d.C.

(2) As Catacumbas nos dão a visão dos iletrados, como Clemente e Orígenes declaram a doutrina dos estudiosos e professores. Não se encontra uma sílaba que indique os horrores do agostinianismo, mas a inscrição em cada monumento harmoniza-se com o universalismo dos primeiros pais.

(3) Clemente declara que toda punição, por mais severa que seja, é purificatória; que mesmo os “tormentos dos condenados” são curativos. Orígenes explica até mesmo a Geena como significando punição limitada e curativa, e ambos, como todos os outros antigos universalistas, declaram que a punição "eterna" (aionion) está em consonância com a salvação universal. De modo que não há prova de que outros cristãos primitivos, menos explícitos quanto ao resultado final, ensinassem punições sem fim quando empregavam os mesmos termos.

(4) Tal como nosso Senhor e os seus apóstolos, os cristãos primitivos evitavam

as palavras com as quais os pagãos e judeus definiam o castigo sem fim aidios ou adialeipton timoria (tormento sem fim), uma doutrina em que estes últimos acreditavam e sabiam descrever; mas eles, os primeiros cristãos, chamavam a punição, assim como nosso Senhor, de kolasis aionios, disciplina, castigo, de duração indefinida e limitada.

(5) Os primeiros cristãos ensinavam que Cristo pregou o Evangelho aos mortos e, para esse propósito, desceu ao Hades. Muitos sustentaram que ele libertou todos os que estavam sob custódia. Isto mostra que o arrependimento além-túmulo, a provação perpétua, foi então aceita, o que exclui o erro moderno de que o destino da alma é decidido na morte.

(6) As orações pelos mortos eram universais na igreja primitiva, o que seria absurdo, se a sua condição fosse inalteravelmente fixada no túmulo.

(7) A ideia de que falsas ameaças eram necessárias para manter as pessoas

comuns sob controle, e que a verdade poderia ser mantida esotericamente, prevaleceu entre os primeiros cristãos, de modo que não pode haver dúvida de que muitos que parecem ensinar punição sem fim, realmente defendiam pontos de vista mais amplos, como sabemos que a maioria fazia, e pregavam terrores pedagogicamente.

(8) A primeira declaração sistemática comparativamente completa da doutrina cristã já dada ao mundo foi feita por Clemente de Alexandria, em 180 d.C., e a salvação universal era um dos princípios.

(9) A primeira apresentação completa do Cristianismo como um sistema foi feita por Orígenes (220 d.C.) e a salvação universal estava explicitamente contida nela.

(10) A salvação universal foi a doutrina predominante na cristandade enquanto o grego, a língua do Novo Testamento, era a língua da cristandade.

(11) O universalismo foi geralmente acreditado nos melhores séculos, os três primeiros, quando os cristãos eram mais notáveis pela simplicidade, bondade e zelo missionário.

(12) Quando o grego, a língua do Novo Testamento, era menos conhecido, o universalismo era menos conhecido. O latim era a língua da igreja nas suas eras mais sombrias, mais ignorantes e corruptas.

(13) Nenhum escritor entre aqueles que descrevem as heresias dos primeiros trezentos anos sugere que o Universalismo era então uma heresia, embora fosse acreditado por muitos, se não pela maioria, e certamente pelo maior dos pais.

(14) Nem um único credo durante quinhentos anos expressou qualquer ideia contrária à restauração universal, ou a favor do castigo sem fim.

(15) Com exceção dos argumentos de

Agostinho (420 d.C.), não há nenhum argumento conhecido que tenha sido formulado contra o Universalismo durante pelo menos quatrocentos anos depois de Cristo, por qualquer um dos antigos pais.

(16) Enquanto os concílios que se reuniram em várias partes da cristandade anatematizaram todo tipo de doutrina supostamente herética, nenhum concílio ecumênico, por mais de quinhentos anos, condenou o universalismo, embora ele tenha sido defendido em todos os séculos pelos principais estudiosos. e santos mais reverenciados.

(17) Ainda em 400 d.C., Jerônimo dizia “a maioria das pessoas” (plerique). e Agostinho, "muitos" (quam plurimi), acreditava no universalismo, apesar de a tremenda influência de Agostinho e o grande poder do braço secular semipagão estarem reunidos contra ele.

(18) Os principais universalistas antigos nasceram e foram criados como cristãos e estavam entre os mais eruditos e santos

de todos os santos antigos.

(19) Os mais célebres dos primeiros defensores do castigo sem fim nasceram pagãos e levaram vidas corruptas na juventude. Tertuliano, um dos primeiros, e Agostinho, o maior deles, confessam ter estado entre os mais vis.

(20) Os primeiros defensores da punição sem fim, Minúcio Félix, Tertuliano e Agostinho, eram latinos, ignorantes do grego e menos competentes para interpretar o significado das Escrituras Gregas do que os estudiosos gregos.

(21) Os primeiros defensores do universalismo, depois dos apóstolos, foram os gregos, em cuja língua materna foi escrito o Novo Testamento. Eles encontraram seu Universalismo na Bíblia Grega. Quem deveria estar correto, eles ou os latinos?

(22) Os Pais Gregos anunciaram a grande verdade da restauração universal numa era de trevas, pecado e corrupção.

Não havia nada que lhes sugerisse isso na literatura ou religião mundial. Era totalmente contrário a tudo ao seu redor. Onde mais poderiam tê-lo encontrado, senão onde dizem que o encontraram, no Evangelho?

(23) Todos os historiadores eclesiásticos e os melhores críticos e estudiosos da Bíblia concordam com a prevalência do Universalismo nos primeiros séculos.

(24) Desde os dias de Clemente de Alexandria até os de Gregório de Nissa e Teodoro de Mopsuéstia (180-428 d.C.), os grandes teólogos e professores, quase sem exceção, foram universalistas. Nenhum número igual nos mesmos séculos foi comparável a eles em termos de conhecimento e bondade.

(25) A primeira escola teológica da cristandade, a de Alexandria, ensinou o universalismo por mais de duzentos anos.

(26) Em toda a cristandade, de 170 a

430 d.C., havia seis escolas cristãs. Destas quatro, as únicas escolas estritamente teológicas, ensinavam o Universalismo, e apenas uma a punição sem fim.

(27) As três primeiras seitas gnósticas, os Basilidianos, os Carpocratianos e os Valentinianos (117-132 d.C.) são condenadas por escritores cristãos, e suas heresias apontadas, mas embora ensinassem o Universalismo, essa doutrina nunca é condenada por aqueles que se opõem. eles. Irineu condenou os erros dos Carpocratianos, mas não repreende o seu Universalismo, embora atribua a eles a doutrina.

(28) A primeira defesa do Cristianismo contra a Infidelidade (Orígenes contra Celso) coloca a defesa em bases universalistas. Celso acusou o Deus dos cristãos de crueldade, porque puniu com fogo. Orígenes respondeu que o fogo de Deus é curativo; que ele é um "Fogo Consumidor", porque consome o pecado e não o pecador.

(29) Orígenes, o principal representante do Universalismo nos séculos antigos, foi duramente combatido e condenado por várias heresias por fanáticos ignorantes e cruéis. Ele foi acusado de se opor ao Episcopado, de acreditar na pré-existência, etc., mas nunca foi condenado por seu Universalismo. O próprio concílio que anatematizou o "Origenismo" elogiou Gregório de Nissa, que era explicitamente universalista, assim como Orígenes. Listas de seus erros são fornecidas por Metódio, Pânfilo e Eusébio, Marcelo, Eustáquio e Jerônimo, mas o Universalismo não é mencionado por nenhum de seus oponentes. Imagine uma lista dos erros de Ballou e do seu Universalismo omitido (Ballou é o autor de “História Antiga do Universalismo” disponível em PDF em porguês); Hipólito (320 d.C.) cita trinta e duas heresias conhecidas, mas o universalismo não é mencionado entre elas. Epifânio, “o martelo dos hereges”, descreve oitenta heresias, mas não menciona a salvação universal, embora Gregório de Nissa, um universalista declarado, fosse, na época em que

escreveu, a figura mais conspícua da cristandade.

(30) Justiniano, um imperador meio pagão, que tentou condenar oficialmente o universalismo, viveu na época mais corrupta dos séculos cristãos. Fechou as escolas teológicas e exigiu a condenação do Universalismo por lei; mas a doutrina era tão predominante na igreja que o concílio recusou-se a obedecer ao seu decreto para suprimi-la. Lecky diz que a era de Justiniano foi “a pior forma que a civilização assumiu”.

(31) A primeira declaração clara e definida do destino humano por qualquer escritor cristão depois dos dias dos Apóstolos inclui a restauração universal, e essa doutrina foi defendida pela maioria dos maiores e melhores Pais Cristãos durante os primeiros quinhentos anos da Era Cristã.

Em uma palavra, um estudo cuidadoso da história inicial da religião cristã mostrará que a doutrina da restauração

universal foi menos prevalente nos séculos mais sombrios e prevaleceu mais nos mais esclarecidos dos primeiros séculos - que foi a doutrina predominante na Igreja Cristã Primitiva.

FIM

Para mais livros em PDF sobre Universalismo Cristão e sobre o Sadhu Sundar Singh, visite:
https://independent.academia.edu/MaxwellBorges1

https://archive.org/details/@maxborges